

WALDO VIEIRA



**PROJEÇÕES
DA
CONSCIÊNCIA**

DIÁRIO DE
EXPERIÊNCIAS FORA
DO CORPO FÍSICO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

WALDO VIEIRA

PROJEÇÕES DA CONSCIÊNCIA

Diário de Experiências Fora do Corpo Físico

NÚCLEO ESPÍRITA CAMINHEIROS DO BEM

DEPARTAMENTO EDITORIAL

LAKE — Livraria Allan Kardec Editora

R- Monsenhor Anacleto, 199 — Brás

Fones: 229-1227, 229-0526 e 229-0935

Cep 03003 - Cx. Postal n.º 15.190 - São Paulo - Brasil

Conteúdo

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>5</u>
<u>GLOSSÁRIO.....</u>	<u>11</u>
<u>1 - AS TRANSFIGURAÇÕES.....</u>	<u>12</u>
<u>2 - FORMAS-PENSAMENTOS.....</u>	<u>12</u>
<u>3 - O EDUCANDÁRIO SINGULAR.....</u>	<u>13</u>
<u>4 - A JANELA ABERTA.....</u>	<u>14</u>
<u>5 - ASSISTÊNCIA IDEAL.....</u>	<u>15</u>
<u>6 - NO ATOL DAS ROCAS.....</u>	<u>16</u>
<u>7 - PANTOMIMAS EXTRAFÍSICAS.....</u>	<u>17</u>
<u>8 - ENCONTRO INESPERADO.....</u>	<u>18</u>
<u>9 - DEBATES TRANSMENTAIS.....</u>	<u>19</u>
<u>10 - ANTE FORMAS EFÊMERAS.....</u>	<u>20</u>
<u>11 - ACUIDADE VISUAL.....</u>	<u>20</u>
<u>12 - JAVRUS E ORCO.....</u>	<u>21</u>
<u>13 - ENERGIAS E PERCEPÇÕES.....</u>	<u>22</u>
<u>14 - VISITA FRUSTRADA.....</u>	<u>23</u>
<u>15 - PROJEÇÃO-DESOBSESSÃO.....</u>	<u>25</u>
<u>16 - RECEPÇÃO SOCIAL.....</u>	<u>25</u>
<u>17 - LÁPIDES LUMINOSAS.....</u>	<u>26</u>
<u>18 - OPERAÇÃO INTERCÂMBIO.....</u>	<u>26</u>
<u>19 - O RECÊM-DESENCARNADO.....</u>	<u>28</u>
<u>20 - TEMPESTADE HIDROMAGNÉTICA.....</u>	<u>29</u>
<u>21 - A MADONA E O MENINO.....</u>	<u>30</u>
<u>22 - A MENSAGEM-ORAÇÃO-IRRADIAÇÃO.....</u>	<u>31</u>
<u>23 - AUTO-ANAMNESE ESPIRITUAL.....</u>	<u>32</u>
<u>24 - NUM DISTRITO DE TRANSIÇÃO.....</u>	<u>32</u>
<u>25 - PROJEÇÕES CONSECUTIVAS.....</u>	<u>34</u>
<u>26 - SUGESTÕES DE INVESTIMENTO.....</u>	<u>35</u>
<u>27 - A PACIENTE DO PSICÓLOGO.....</u>	<u>36</u>

<i>28 - ADVERTÊNCIA OPORTUNA.....</i>	<i>37</i>
<i>29 - MANIFESTAÇÃO PÚBLICA EXTRAFÍSICA.....</i>	<i>37</i>
<i>30 - CONFIGURAÇÃO DE FANTASMA.....</i>	<i>38</i>
<i>31 - PROJEÇÃO RECORRENTE.....</i>	<i>40</i>
<i>32 - PROJEÇÕES COM TESTEMUNHAS.....</i>	<i>40</i>
<i>33 - AS DOADORAS DA VIDA.....</i>	<i>41</i>
<i>34 - INFLUÊNCIA DE ENCARNADO.....</i>	<i>43</i>
<i>35 - AUTOMATISMO MENTAL.....</i>	<i>44</i>
<i>36 - A CARAVANA ALADA.....</i>	<i>44</i>
<i>37 - A VOZ RESSOANTE.....</i>	<i>45</i>
<i>38 - ASSISTÊNCIA INSPIRACIONAL.....</i>	<i>46</i>
<i>39 - JORNADA INSTRUTIVA.....</i>	<i>47</i>
<i>40 - EVOLUÇÃO GRUPAL.....</i>	<i>48</i>
<i>41 - PROJEÇÕES COMANDADAS.....</i>	<i>50</i>
<i>42 - PROJEÇÃO DIURNA.....</i>	<i>51</i>
<i>43 - MÚSICA EXTRAFÍSICA.....</i>	<i>52</i>
<i>44 - SONÂMBULOS EXTRAFÍSICOS.....</i>	<i>53</i>
<i>45 - INTERFERÊNCIAS DO PASSADO.....</i>	<i>54</i>
<i>46 - UMA REAÇÃO COMPULSIVA.....</i>	<i>55</i>
<i>47 - PROJEÇÃO — TESTE.....</i>	<i>56</i>
<i>48 - O ESPELHO E O TEMPO.....</i>	<i>57</i>
<i>49 - EQUILÍBRIO MENTAL.....</i>	<i>57</i>
<i>50 - A RESPIRAÇÃO NA DECOLAGEM.....</i>	<i>58</i>
<i>51 - OS JIRAUS DA VOLITAÇÃO.....</i>	<i>60</i>
<i>52 - ATMOSFERA GELADA.....</i>	<i>63</i>
<i>53 - VOGANDO PELO CÉU.....</i>	<i>64</i>
<i>54 - SENTADO NO AR.....</i>	<i>65</i>
<i>55 - OS CALIDOSCÓPIOS DOS DESEJOS.....</i>	<i>66</i>
<i>56 - A PROVA DO CORPO MENTAL.....</i>	<i>67</i>
<i>57 - LIÇÃO DE FRATERNIDADE.....</i>	<i>67</i>

<i>58 - COMBATE NO ESBARRANCADO.....</i>	<i>68</i>
<i>59 - UMA PERGUNTA PERTINENTE.....</i>	<i>69</i>
<i>60 - O ESPÍRITO PURO.....</i>	<i>72</i>
<i>OBRAS PSICOGRAFADAS PELO AUTOR.....</i>	<i>74</i>
<i>OUTRAS.....</i>	<i>75</i>

INTRODUÇÃO

Quando da elaboração das diretrizes deste livro, deparei com três opções: primeira, escrever apenas o que se ajustasse às normas aceitáveis pela Ciência atual, em particular a Parapsicologia, sonhando certas informações quanto à realidade extrafísica, como diversos autores o fizeram em obras que circulam por aí, enquadrando-me à minha formação médica; segunda, restringir-me e adaptar-me ao condicionamento religioso naquilo que é tido como ponto pacífico presentemente, sem dizer nada de novo, alinhando-me à minha vida mediúnica; terceira, soltar-me, totalmente desprogramado, para pôr no papel o que experimentasse e presenciasse, sem nenhuma repressão, barreira ou prevenção, usando de toda a franqueza, sem ser rude, conforme é do meu temperamento e de acordo com o clima que encontro nos distritos melhores do Plano Extrafísico.

Obviamente, não tendo nada para esconder, optei pela última alternativa, com o beneplácito dos Amparadores que me apresentaram sugestões irresistíveis: obter informes, transmitir conclusões, grafar tudo o que pensasse, sentisse, visse, o que recordasse das excursões instrutivas fora do corpo físico, que receberia assistência nos registros. Para isso deveria usar disciplina no pensamento com o máximo critério para expor as ocorrências na primeira pessoa do singular e autenticar os relatos, permitindo estudos circunstanciados a quem se disponha à exploração intelectual do assunto em busca de dados evidenciais.

Ao ser isento, autêntico e escravo dos fatos, procurei comunicar as experiências no realismo inarredável da subjetiva natureza, autobiográfica, das saídas espirituais, onde o projetor é o laboratório humano, fazendo o meu desnudamento orgânico, psicológico e perispiritico total. Usei uma linguagem despreziosa, descontraída e sem paixão, com toda a sinceridade, mais como espectador e menos como protagonista, assumindo a constatação das realidades extrafísicas entrevistas, despido de qualquer espírito dogmático e sem nenhum preconceito científico. As experiências fora do corpo denso são fatos, independentemente da maneira como cada qual as explique a si próprio.

Para contribuir de algum modo na formação dos candidatos a viajantes fora do corpo denso, precisaria funcionar como repórter no desempenho da tarefa que me foi cometida, buscando ser digno da confiança qual subalterno chamado a cooperar em caráter de auxílio e estudo, esforçando-me para não ser companheiro inútil.

A minha consciência fala que um aprendizado mais intenso não transforma o servidor imperfeito militante em passageiro espiritual detentor de passaporte livre para esferas melhores. A circunstância de o estudante escolher assunto elevado para pesquisar não significa ser portador de elevação, apenas revela as suas necessidades. Por outro lado, o fato de a projeção consciente do psicossoma ser experiência inevitavelmente íntima, não confere maior nível evolutivo à criatura: há legiões de infelizes esquizofrênicos que vivem semi-projetados. Algum traquejo com inúmeras impossibilidades e deficiências pessoais me recomendam esforço para saldar com dignidade velhos compromissos, cumprindo deveres dentro da lei de causa e efeito. Daí este volume.

A projeção consciente permite à criatura substituir a crença pelo conhecimento. Acreditar ou desacreditar dos relatos torna-se secundário. Importante aceitar a possibilidade dos eventos extrafísicos porque o ideal será o espírito encarnado interessado ter a própria experiência após treinamento com três organismos, o físico, o cordão de prata e o psicossoma, aplicando disciplina na memória e, sobretudo, apuro na concentração mental com muita determinação da vontade, autocrítica e perseverança nas repetições, seguindo técnicas semelhantes às utilizadas aqui. E, depois disso, preparar-se para profundas redefinições em todos os setores da existência...

Desprender-se da forma orgânica, homens e mulheres o fazem no sono natural. Na recordação das ocorrências com nitidez, em face da incapacidade biológica milenar de retenção, reside o problema difícil, contudo, superável.

O intercâmbio espiritual através do desdobramento consciente da personalidade será cada vez mais freqüente e dia virá em que o encarnado na Terra alcançará o que hoje consiste apenas no anseio impossível de levar todos os amigos e conhecidos, um a um, para ver alguma coisa dos distritos de vida estuante fora do corpo humano, pois, na realidade, torna-se impraticável a narração minuciosa exata, mesmo com o uso de todo o dicionário disponível daquilo que se pode perceber, pensar, sentir e atuar nos ambientes um pouco evoluídos da Espiritualidade. A projeção consciente quebra a frieza física, aparentemente intocável, da condição do encarnado.

Não estranhe o leitor espírita se encontrar capítulos com temas raramente abordados nas perquirições doutrinárias tais como: alvos mentais, autoprojeção, cordão fluídico, corpo mental, corporificação parcial, espírito puro, estado vibracional, horário da angústia, humor espiritual, iscas espirituais, laser espiritual, mediunidade extrafísica, moral cósmica, ponte etérea, projeção comandada, projeção-desobsessão, projetora-gestante, projetor errante, sinais da mediunidade, superconsciência, uniões invisíveis; e assuntos inteiramente novos ou originais: auto-abraço, autotelequinesia, cérebro vazio, chuva de hidromagnética, cordão quintessenciado, diálogos transmentais, interiorização inversa, monólogo psicofônico, projeção-seguimento, projeciologia, projetor-penetra, reencarnação simulada, rememoração em bloco, traumas extrafísicos, Trendelenburg extrafísico, válvula vibratória, e outros. Como afirmara Allan Kardec, a Doutrina dos Espíritos é evolutiva.

Este livro prático e descritivo, de mais objetividade e menos literatura, foi composto com os relatos técnicos de mais de 60 desprendimentos conscientes, selecionados entre os ocorridos durante noites não consecutivas, no segundo semestre de 1979. Foi dada ênfase àquelas experiências que se revestiram de maiores elementos de provas ou esclarecimentos da Espiritualidade, de variada natureza, das amenas às complexas, das curtas às prolongadas, das locais às distantes, das desobsessivas às marcantes do destino, daquelas em que envergava o psicossoma até àqueloutras em que transitava apenas de corpo mental, objetivando anatomizar os processos da projeção sob todos os aspectos, traçando as linhas panorâmicas do intercâmbio entre as esferas de existência. Nesse entretempo, sucederam ainda dezenas de outras projeções não relacionadas em razão da insuficiência de dados por falhas na minha rememoração, supressão de incursões assistenciais mais ou menos semelhantes, repetição de assuntos e cortes determinados pelos, Amparadores por motivos secundários diversos.

Os relatos estão divididos em tópicos: antes da projeção do psicossoma ou início da ficha técnica; durante o desprendimento ou a narração das ocorrências fora do físico; e depois do retorno, imediatamente ao despertar, ou conclusão da ficha técnica. As descrições, as fichas técnicas e o índice analítico dos assuntos permitem ao leitor, genuinamente interessado, pesquisar os métodos usados, e fazer a interpretação com a crítica, classificação e conclusões próprias sobre os fatos no estudo comparativo das projeções conscientes com as experiências pessoais ou de terceiros. Certa dose de repetição tornou-se inevitável nas fichas técnicas para possibilitar o exame minucioso das saídas astrais.

Intenciono dar a público, oportunamente, outro livro onde reunirei as técnicas detalhadas e os estudos decorrentes das observações nos últimos três lustros de experimentos mais intensivos com as projeções, vivendo em trânsito entre as duas esferas de vida, através de centenas de excursões espirituais. Tudo isso teve por base desprendimentos eventuais ou descontínuos num estágio preliminar que iniciei em 1941, aos 9 de idade, por uma projeção espontânea em torvelinho.

Envio daqui o preito de reconhecimento público aos Amparadores, co-autores deste volume, especialmente a Transmentor, André Luiz, Eurípedes Barsanulfo, José Grosso, Aura Celeste, Aristina, Prof. Alex, Tao Mao, Maria Clara, e tantos outros que não desejam se identificar, e que no decurso do tempo têm-me levado consigo daqui para ali, a reboque nas excursões assistenciais, qual lastro pesado de prestabilidade duvidosa.

De modo algum pretendo mostrar nestas páginas ciência infalível ou poderes de observação e interpretação impecáveis. Com toda sinceridade e absoluta honestidade, embora veterano na prática, considero-me ainda aprendiz da projeção consciente e, como tal, suscetível de cometer erros a respeito de pormenores que mais tarde terão de ser corrigidos. Mesmo porque este livro não contém somente afirmações, há interrogações espalhadas em todo o texto, sem nos esquecermos que o mundo extrafísico, a consciência e suas manifestações são temas de pesquisas e interpretações abertas ao questionamento até das inteligências desencarnadas estudiosas (Cap. 32). Se posso formular pequeno desejo, oxalá consiga compulsar estas notas singelas na próxima encarnação terrestre.

Que esta mensagem de espírito para espírito não seja de todo inútil a quem pesquisa a matéria do desprendimento do psicossoma, suas relações e conseqüências, que apresento com vontade de acertar e a melhor das intenções, dedicada aos jovens reencarnados que agora estão se tornando encarnados adultos. A todos aqueles que se disponham a perلustrar os caminhos da projeção consciente, os meus mais ardentes votos de êxito.

Acima de tudo, repito aqui, a minha mais fervorosa prece permanente, augurando que a Humanidade Terrestre obtenha, em seu seio, cada vez mais e no menor prazo, o maior contingente possível de desencarnados e encarnados de consciência contínua.

É sempre útil como aprendizado e coleta de provas, ouvir os experimentos dos outros. Acontecem milhares dessas ocorrências conscientes e seus autores não as tornam públicas por várias razões. Esperando que o volume venha a ter valor prático, servindo para estimular os leitores a transmitir as suas experiências, apresento um questionário para projetor. Por favor, dê respostas francas às perguntas que considere pertinentes.

1. *Onde, quando e como se projeta?*
2. *Qual o melhor método para se projetar?*
3. *Como foi a primeira projeção?*
4. *Como distingue o devaneio, o sonho e as visões da projeção consciente?*
5. *Quais as diferenças do sonambulismo extrafísico e a projeção consciente?*
6. *Quais as diferenças entre as formas-pensamentos e as imagens extrafísicas reais?*
7. *Costuma sonhar muito à margem das projeções?*
8. *Já sonhou com a projeção?*
9. *Recebe ajuda para se projetar?*
10. *Fez experimento técnico nas projeções? Qual?*
11. *Teve projeção consciente do início ao fim?*
12. *Teve projeção instantânea?*
13. *Teve projeções consecutivas?*
14. *Teve projeções recorrentes?*
15. *Teve experiência marcante, com o tempo, fora do físico?*
16. *Teve projeções relativas ao passado?*
17. *Teve projeções relativas ao futuro?*
18. *Teve experiências com crianças fora do físico?*
19. *Teve experiência marcante com as formas-pensamentos?*
20. *Vê algum fator mediúnico nas projeções? Qual?*
21. *Existe o estado vibracional?*
22. *A projeção mais prolongada?*
23. *A projeção mais importante?*
24. *Uma decolagem marcante?*
25. *Uma interiorização marcante?*
26. *Um fato extrafísico pitoresco?*
27. *O melhor distrito extrafísico?*
28. *Observou o seu físico quando projetado?*
29. *Enxergou o interior do físico quando fora dele? O quê?*
30. *Tocou no físico estando fora dele? Onde?*
31. *Viu o seu físico e o corpo espiritual dentro?*
32. *Projetado, vê-se nu ou vestido? Sempre?*
33. *Percebeu fosforescência na sua forma extrafísica?*
34. *Percebeu diferença no seu peso fora do físico?*
35. *Como concebe a natureza do corpo extrafísico?*
36. *Viu centro de força na forma extrafísica?*
37. *Já se mirou num espelho quando projetado?*
38. *Já se viu parcialmente exteriorizado? Como?*

39. *Viu sua sombra, sob o sol, fora do físico?*
40. *Já sofreu repercussão física?*
41. *Já sentiu catalepsia física?*
42. *Atravessou seres humanos ao transitar sem o físico?*
43. *Já se comunicou por médium encarnado? Como?*
44. *OuvIU sons ao sair ou entrar no físico?*
45. *Qual a sua frequência cardíaca?*
46. *É portador de enfermidade crônica? Qual?*
47. *Admite a exteriorização e a interiorização imperfeitas?*
48. *O que influi mais na projeção? Por quê?*
49. *A respiração influi na projeção consciente?*
50. *O peso físico interfere na projeção? Por quê?*
51. *Os músculos mastigadores participam do processo da projeção consciente?*
52. *Os músculos cranianos atuam na projeção consciente?*
53. *Moveu objetos físicos quando projetado? O quê?*
54. *Existe o cordão de prata? Como?*
55. *Qual a sede física do cordão de prata?*
56. *O desencarnado fica com o coto do cordão de prata?*
57. *Como imagina a condição do cordão de prata durante uma psicocirurgia, laparotomia ou toracotomia?*
58. *Admite torção ou nó no cordão de prata? Por quê?*
59. *Admite a dupla consciência?*
60. *Projetou-se diversas vezes num dia? E daí?*
61. *Projetou-se, de repente, sem intenção? Como?*
62. *Projetou-se com o físico de pé?*
63. *Projetou-se dentro de veículo? Qual?*
64. *Projetou-se com o físico em movimento? Como?*
65. *Projetou-se deixando as pálpebras descerradas?*
66. *Projetou-se durante tempestade? E daí?*
67. *Percorreu cidade espiritual?*
68. *Esteve projetado noutra planeta?*
69. *Visitou ambiente extrafísico sem forma? Como?*
70. *Já se viu de corpo mental? Como?*
71. *Como é a sua lembrança das ocorrências das projeções?*
72. *Exerceu mediunidade fora do físico? Qual?*
73. *Encontrou correntes de força fora do físico?*
74. *Que diz da volitação?*
75. *Encontrou recém-desencarnado?*

76. *Encontrou amigo projetado consciente?*
77. *Conhece gestante que se projetou?*
78. *Conhece projetor que tenha perna amputada?*
79. *Conhece cego de nascimento projetor?*
80. *Viu animais fora do físico? Quais?*
81. *Viu artefato extrafísico exótico? O quê?*
82. *Sofreu sustos fora do físico?*
83. *A maior emoção sentida numa projeção?*
84. *Alguém lhe julgou morto fora do físico?*
85. *Aprendeu lições no plano extrafísico? Quais?*
86. *Há uma constituição física propensa à projeção consciente?*
87. *Há fatores hereditários que predisponham a projeção consciente?*
88. *A infância e a idade avançada predispõem a projeção consciente?*
89. *A projeção consciente cura? Por quê?*
90. *Como encara a sexualidade fora do físico?*
91. *Teve experiência interpretada como sexual fora do físico?*
92. *Existem fatores prejudiciais à projeção consciente?*
93. *Qual o maior obstáculo à projeção consciente? Por quê?*
94. *Experimentou confrontação com entidades extrafísicas? E daí?*
95. *Há perigos na projeção consciente?*
96. *Existe ser humano que não possa se projetar conscientemente? Por quê?*
97. *Mantém diário das projeções? Por quê?*
98. *A conduta ética intervém nos processos da projeção consciente? Por quê?*
99. *Vê futuro nas projeções conscientes? Por quê?*
100. *Como concebe um mundo com habitantes de consciência contínua?*

WALDO VIEIRA

CAIXA POSTAL 70.000

22422 — RIO DE JANEIRO — RJ — BRASIL

Tel. (021) 247-6653

1.º DE JANEIRO DE 1980.

GLOSSÁRIO

Denominações, expressões e seus equivalentes utilizados com liberdade, frequência e, às vezes, indiferentemente, no contexto deste livro:

Admonitório - Desconforto característico ou chamamento insistente do cordão de prata para que o psicossoma volte ao físico.

Amparador - Aquele Espírito desencarnado e benfazejo que auxilia o projetor nas saídas extrafísicas e fora da matéria densa; companheiro espiritual; auxiliador invisível; mentor intangível; tutor espiritual.

Autoprojeção - Desprendimento do corpo mental ou do psicossoma, intencional ou provocado pela vontade do projetor.

Base - Local onde fica repousando o físico do projetor; por exemplo, o quarto de dormir.

Coincidência - Junção dos dois corpos, o físico e o espiritual. Segundo as manifestações, os corpos podem ser coincidentes, estarem fora da coincidência (ou descoincidência), entrarem em coincidência etc.

Consciência contínua - Condição da projeção em que a consciência se mantém vígil durante todo o processo; estado do encarnado ou do desencarnado que já alcançou a continuidade da consciência absoluta durante todo o tempo; consciência ininterrupta; vigília contínua; vigília ininterrupta; ponte etérea.

Cordão de prata - Laço que mantém o psicossoma ligado ao físico; cordão fluídico; cordão perispiritico; laço vital; cabo astral; cordão vital magnético; corrente de energia radiante; comunicação energética; cordão de luz; cauda fosforescente. Veja Eclesiastes XII, 6.

Corpo mental - A mente quando atua isolada, sem a forma humanóide do psicossoma integral.

Decolagem - Operação inicial do desprendimento do psicossoma para fora do físico; arrancada do psicossoma. Decúbito dorsal¹ - Posição de quem está deitado de costas no leito; posição supina.

Desdobramento - Desdobramento da consciência separando os seus corpos; o mesmo que projeção.

Desencarnado - A consciência quando livre definitivamente do físico; morto (ou morta).

Desprendimento - Desprendimento da consciência com o psicossoma, deixando o físico temporariamente; o mesmo que projeção. Às vezes indica a manifestação isolada do corpo mental.

Ego - Espírito; princípio espiritual; princípio inteligente; consciência livre; mente livre; princípio que anima o corpo mental (ou corpo causai) que, por sua vez, anima o corpo espiritual ou psicossoma que, por fim, anima o corpo físico do homem de acordo com as leis biológicas.

Encarnado - A consciência quando vivendo no corpo físico; homem (ou mulher); ser humano.

¹ Nota do digitalizador: *sm* (lat *decubitu*) Posição de quem está deitado. *D. dorsal*, *Med*: posição de quem está deitado de costas; também chamado *decúbito supino*. *D. ventral*: posição de quem está deitado sobre o ventre. (<http://http://michaelis.uol.com.br>)

Estado vibracional - Fase de vibrações mais intensas que precede, freqüentemente, a decolagem consciente do psicossoma.

Físico - Abreviação de corpo físico; corpo humano; arcabouço de ossos, músculos e órgãos do homem ou da mulher.

Interiorização - Ato da entrada do psicossoma no corpo físico; reocidência; reintegração; retorno à forma orgânica durante a projeção consciente.

Mnemônico - Relativo à memória.

Projeção - Ato de projetar a mente ou o psicossoma para fora do físico; desdobramento da personalidade (termo iniciático); saída da consciência fora da coincidência dos seus corpos; descoincidência; disjunção; desconexão; dissociação; deslocamento; exteriorização do psicossoma; desprendimento espiritual (Espiritismo); experiência fora do corpo físico (EFDC ou OOB, Parapsicologia); experiência ecsomática; ecsomação; exteriorização consciente; saída astral; saída sideral; separação astral; viagem astral; projeção astral (Teosofia); descorporificação; autodesincorporação; vôo anímico; viagem anímica; excursão psíquica; sono desperto; sonho lúcido; desencarnação provisória; pré-desencarnação; trai ler da morte; vardögr, ou fenômeno da chegada (Noruega); videha (Índia); disciplina iniciada no sétimo grau da Ordem Rosacruz. Esclareço que algumas das projeções da consciência, referidas aqui, são projeções mentais, ou do corpo mental quando atuando isoladamente.

Projeção final - Última projeção; projeção integral definitiva; projeção permanente; morte; decesso; desencarnação.

Projeção ideoplástica - Projeção da mente ou do espírito executada com as formas-pensamentos; projeção visual extrafísica.

Projetor - Aquele que faz projeção da consciência; encarnado (ou encarnada) que projeta o corpo mental ou o psicossoma, seja de modo acidental ou espontâneo, e intencional ou provocado (autoprojeção); médium de desdobramento; operador consciente da projeção; projetor; sensitivo; viajor astral; praticante da projeção; dovidja (Índia: nascido duas vezes).

Psicossoma - Perispírito (Espiritismo); corpo espiritual; duplo; duplo espiritual; duplo fluido; configuração astral; segundo corpo (Parapsicologia); corpo psíquico (Ordem Rosacruz); corpo astral (Teosofia); mediador plástico; corpo bioplásmico (Rússia); corpo-energia; corpo emocional; corpo sidéreo. Outras expressões incomuns podem ser estudadas através do índice Alfabético dos assuntos no fim do volume.

1 - AS TRANSFIGURAÇÕES

13 de julho de 1979, sexta-feira. Quarto de dormir do apartamento na Rua Visconde de Pirajá, bairro de Ipanema, Rio de Janeiro, local isolado ou "campo de pouso" do físico. Uso um pano escurecedor no quarto que deixa o ambiente imerso numa penumbra ou semi-escuridão permitindo manter pontos visuais de referência, deitar e sair do leito sem perder o sentido de direção.

Após receber demorada pressão na área do plexo solar, dei começo à preparação para o desdobramento dirigido pelos Amparadores. Recolhi-me ao leito, pela segunda vez, às 22:16 horas, segundo o relógio digital colocado à cabeceira. Esta projeção consciente, e a quase totalidade das relatadas aqui, são noturnas em razão dos meus horários de trabalho. De dia atendo à existência física e a vida noturna dedico ao plano extrafísico na qualidade de projetor notívago.

Posição do físico no leito, supina ou decúbito dorsal com a cabeça na direção do leste geográfico como serão quase todas as experiências descritas. Pouco a pouco, deixei mentalmente de sentir o físico. Surgiu o estado vibracional, depois curto período desconfortável. Continuei com a concentração ou saturação da mente com o pensamento único, afastando todas as outras idéias da consciência, só desejando, firmemente, sair e flutuar sobre o corpo na cama de casal, e veio a decolagem do psicossoma.

E o desejo intenso de projetar-me fora do físico teve êxito. Senti a consciência vivida num lugar à meia-luz, mas era noite. Experimentava a sensação de estar na condição do projetor-penetra, em extenso anfiteatro com muitas pessoas dispersas. Ao sair flutuando pelo espaço, embora sem ter asas, bem acima da abertura do anfiteatro, a minha presença e a volitação rápida chamaram a atenção de entidades desencarnadas.

Um espírito de mulher, com inconfundíveis intenções sensuais, fez propostas mentais, exibindo o corpo espiritual desnudo. Fiz um afastamento cordial, mas alguma coisa indefinível forçou-me a retornar ao físico. Passei pela volta sem interiorização completa, com aproximação do físico, sensação das vibrações de novo, o período desconfortável rápido e a nova decolagem.

Tive a noção exata da saída pela janela, como os raios do sol atravessando as vidraças, na direção da Rua Barão da Torre, com elevação rumo ao Morro do Corcovado. Apareceu o Espírito de A. Depois de algum tempo, discerni como se fosse o poste e o passeio na frente de uma casa. A noite estava clara. A. transfigurou-se num rapaz pouco moreno, diferente dele que é louro e está no início do primeiro grau na escola. Nasceu no meu íntimo a intuição do aparecimento dele e seus companheiros do passado recente. E surgiu o Espírito consciente de um velhinho simpático, deformado com enorme tumor, semi-aberto, entre o ombro esquerdo e o pescoço, emitindo mentalmente:

— Quer ver como tenho força?

E arremeteu-se à frente, quando então o amparei ao modo de um abraço. Deu a volta com todo o corpo, sorrindo, brincando.

Nisso, duas entidades despontaram deslizando pela rua. Ao se aproximarem mostraram as linhas do rosto. Eram mulheres de idade avançada, irmãs, parecidas. Por essa intuição natural fora do físico, sabia ser todos os três alemães desencarnados, conhecidos do A. O local deve ter sido no espaço espiritual sobre a Europa.

Por um momento, em transfiguração repentina, as duas irmãs se remoçaram. Uma delas tinha a face coberta de gílvasas ou cicatrizes de varíola. Ambas vestiam-se de vermelho, com pequeno xale, e andavam abraçadas. As transfigurações eram patrocinadas por elas mesmas ou havia um Amparador fazendo as projeções?

Depois surgiu ainda outra entidade, mas não me foi possível identificá-la, porque veio o chamamento para a volta demorada ao físico, numa interiorização imposta.

Ao despertar-me, minhas mãos estavam geladas, mas não sentia frio nas mãos nem pelo corpo. Apareceu-me imensa força espiritual. Dei passividade e o Espírito José Grosso, transmitiu instruções psicofônicas à minha esposa, Elisabeth, minha "auxiliar em terra" durante as projeções, sobre a intensificação dos trabalhos próximos, visando à elaboração deste livro.

A equipe espiritual dos Amparadores, entidades constantemente serenas, dignas e benévolas, que auxiliam os encarnados projetados, desenvolvem os serviços ao modo dos trabalhos de efeitos físicos, semelhantes às antigas reuniões de que participei por longo período na Casa do Cinza, em Uberaba, Minas Gerais, há mais de duas décadas atrás. O projetor-penetra é aquele que deixa o físico desendereçoado, retoma a consciência em lugar ignorado e junto de criaturas desconhecidas. Acontecem, freqüentemente, situações dessa natureza com os principiantes da projeção que não estabelecem uma idéia-alvo, pessoa-alvo ou local-alvo, para o desprendimento. A ausência do psicossoma fora do físico demorou mais de hora.

O estado vibratório caracteriza-se pelo movimento de ondas internas iguais de vibrações elétricas, pulsantes e indolores, cujas ocorrência, freqüência e intensidade podem ser comandadas pela vontade indo ritmadamente, aceleradas ou vagarosas, fortes ou fracas, varrendo o corpo imobilizado da cabeça até as mãos e os pés, e retornando ao cérebro, num circuito constante de breves segundos. O fato parece às vezes uma "tocha de fogo" indo e vindo, ou "bola de eletricidade suportável" guiada pelo controle da mente. Não raro, as vibrações se assemelham à sensação do "ballonement", comum na psicofonia, com dilatação, estufamento e inchação aparentes de mãos, pés e área do plexo solar, e suposto intumescimento dos lábios, bochechas e mento. A instalação completa do estado vibracional é que permite a decolagem consciente e constitui, por si só, prova de caráter pessoal incontestável da existência do psicossoma.

2 - FORMAS-PENSAMENTOS

18 de julho de 1979, quarta-feira. Recolhi-me ao leito, fisicamente cansado, às 22:35 horas.

Despertei fora do físico junto de alguns espíritos conhecidos em tratamento há tempos. Dentre as cinco entidades, destacava-se um homem alto, cabelos lisos e nariz aristocrático, envergando amplo xale, ao modo de capa.

Vi claramente tratar-se de um doente em convalescença, mas dotado de intensa força mental na plasmagem das formas-pensamentos ou compostas e animadas pela vontade. Reconheci a personalidade de Carnot, amigo excêntrico da infância em Monte Carmelo, minha cidade natal em Minas Gerais. Ali se encontra recuperando de doença mental prolongada através da utilização das formas-pensamentos para

o bem, promovendo a diversão dos espíritos carentes de distração para se melhorarem. Era o lazer funcionando em favor da evolução espiritual.

De Carnot diziam ser pessoa que perdera a razão depois de estudar em excesso. Ele mudou bastante nas excentricidades e na aparência. Fez algumas demonstrações com a força do pensamento, parecendo a realização plena dos prodígios do Mandrake, o mágico. A "substância" extrafísica, sensível ao pensamento, ao espírito que sabe manipulá-la, torna-se massa capaz de operar maravilhas de modo instantâneo. Ele arranjava roupas extravagantes vestindo-se ou vestindo os presentes com as formas-pensamentos. Criava de modo relampagueante incríveis objetos pequenos. Fazia brotar máscaras as mais horríveis e as mais belas à frente de todos para qualquer um, a começar para si mesmo.

As outras entidades não conseguiam formular e plasmar objetos e formas, ao serem instadas insistentemente por ele. O processo parece exigir muita energia mental, concentração, pensamento único imediato, prática, atenção aos detalhes e ambiente adequado às vibrações do espírito. Qual será a técnica de criação mental de uma duplicata do psicossoma?

Naquela atmosfera, o Espírito Carnot domina tudo. É o peixe soberano na água, o mago absoluto da fantasia que faz tornar realidade bruscamente as mais abscondidas criações imaginativas.

Os circunstantes não ocultavam o evidente temor pela sua força. Precisei tratá-lo como antigo companheiro, sem nenhum receio, entendendo-o, ao modo de alguém que visita um hospital de enfermos mentais e participa das brincadeiras e criancices do interno mais alegre e travesso.

Com mil pensamentos positivos, auguro que Carnot fique recuperado logo e busque usar sua fabulosa energia mental no campo da criatividade humana.

Nessa oportunidade, senti aquele característico desconforto admonitório da volta à base humana.

O meu afastamento consciente do físico durou mais de uma hora. Não recebi sugestão para fazer os registros e o período de vigília parecia breve, simples intervalo para outra projeção pressentida.

Eis alguns aspectos e fatores que às vezes devem ser observados na fase preparatória da projeção: assistência física, alimentação, higiene, meditação, familiares, ambiente, portas, luz, pontos visuais, leito, relógio, lanterna, mesa de cabeceira, papel, lápis, esferográfica ou gravador, enfermos espirituais, ruídos próximos, confiança, auto-passes.

3 - O EDUCANDÁRIO SINGULAR

19 de julho de 1979, quinta-feira. 1 hora da manhã. Segundo sono, continuação natural do desprendimento anterior:

A minha consciência estava lúcida ao entrar numa espécie de construção de teto alto, portas ovaladas no topo e sem folhas. Era vasto educandário. Ao penetrar um dos pórticos, brilhante entidade abordou-me, encarando-me face a face, se é que posso dizer assim, e projetou o pensamento:

— Então, não me reconhece?

Fixei o rosto jovem, aparência de uns 13 de idade, olhos grandes, tez bem morena, um pouco azulada, exteriorizando contagiante alegria. O reconhecimento espontâneo veio à memória imediatamente. Era o Tancredo, menino muito doente que atendi até à desencarnação inevitável, há bastante tempo, na clínica em Uberaba e, igual a muitos outros, não mais me lembrava.

O impacto da surpresa trouxe-me insofreadável emoção. Nada foi dito, nem o rapazinho falou. Funcionava apenas a transmissão pura do pensamento. A profunda satisfação de rever o Tancredo incentivou-me a abraçá-lo, ao mesmo tempo que enderecei-o pensamento para ele:

— Veja, estou consciente e depois que volto ao corpo, posso me lembrar das ocorrências! Não é uma maravilha?

O fluxo do pensamento dele retornou firme. Não pronunciava nada com a boca, nem dava para escutar palavras com os ouvidos. No plano extrafísico, às vezes, as palavras que se ouvem, ou os pensamentos captados, surgem como se fossem ecos, porque a gente parece que conhece os pensamentos da outra entidade antes que sejam exteriorizados. O projetor, como regra geral, "escuta o pensamento" da entidade no plano espiritual como "escuta a voz" do encarnado na vigília física.

— Sim, é maravilhoso, mas aproveite isso para levar idéias daqui para lá. Não perca a oportunidade.

E perguntei, rápido, mentalmente:

— Levar o quê? Você tem alguma lição para me oferecer?

— Sim, analise o funcionamento dos aparelhos eletrônicos. Eles irradiam e as ondas interferem não só nas mentes das crianças como no processo do desprendimento consciente, através das vibrações na estrutura da forma espiritual. Pense nisso, na influência que as irradiações provocam e nas suas conseqüências.

Revelou-me que a instituição que o acolhe pertence à colônia espiritual Ascensão, situada nas cercanias da cidade de Patrocínio, em Minas Gerais.

Nas condições espirituais de Tancredo, há desencarnados que preferem diminuir a idade aparente e atuar ou personificar-se como jovens ou adolescentes para melhor ajustarem-se ao processo da reencarnação em vista. O candidato, não só transforma o visual, mas também as atitudes, interesses, ocupações, natureza de vida e condições que enfrentará brevemente. O educandário tem centenas de residentes e acolhe a visita dos encarnados para imprimir ainda mais autenticidade ao ambiente, utilizando as vibrações densas dos espíritos ainda no corpo físico.

Tancredo criou conscientemente para si, em companhia de espíritos co-criadores mentais experimentados, a ecologia possível com o clima, a atmosfera e as instalações similares àquelas em que respirará, na existência próxima. Internando-se ali, numa espécie de mini-encarnação, encarnação prévia ou reencarnação simulada, plasma com as formas-pensamentos, nesse estágio espiritual, as mesmas condições que defrontará na vida terrestre. Ele, hoje, vive numa duplicata ou "set" de montagem semelhante à oficina onde trabalhará na futura profissão de engenheiro, pesquisando no campo da eletrônica.

O recurso da especialização na reencarnação simulada beneficia os candidatos ao renascimento portadores de méritos próprios ou com tarefas específicas dentro de uma comunidade ou equipe espiritual. Isso indica que faz e fará o que gosta e tem prática obtida em vidas anteriores, tentando agora lançar bases para alimentar e enriquecer oportunamente o banco de memória do próximo corpo físico.

O processo de montagem do cenário futuro, num "trailer" da vida próxima do reencarnando, fez-me lembrar o treinamento dos vôos simulados dos astronautas, onde cada qual se prepara para envergar um escafandro especial no desempenho de incumbências especiais.

Embora existindo quem reencarne com inteira inconsciência, chama a atenção o fato de que, quanto maior a evolução do espírito, melhores as condições espirituais anteriores ao renascimento, chegando a um nível onde o estado íntimo da inteligência e a natureza da matéria, em planetas evoluídos, surgem tão semelhantes que a diferença quase nem se faz sentir. Tudo isso parece bem diferente do que acontece na Terra, onde enfrentamos ainda condições de extrema diversidade, não só no organismo como no meio físico existente para o corpo sobreviver.

Depois da despedida festiva, Tancredo, também emocionado ante a minha presença consciente, afastou-se dali.

Ao sair, pensando no fato, chegou outro rapazinho portando uma espécie de máquina na mão. Parou no meio da passagem da construção, parecendo um vigilante. Endereçou o pensamento incisivo para mim:

— Pára aí, não queira passar! Senão usarei este instrumento. Ele pode lhe deformar os contornos do rosto.

Em pensamento, disse à ele para tranquilizar-se que eu era uma visita de paz e já estava de saída. Notou ele a minha condição de encarnado?

Só então me foi possível observar o ambiente da instituição. O local era imensa oficina abarrotada de sucata, mil e uma peças, seções de máquinas, bancos de trabalho e objetos dependurados. Tudo isso constituíam formas-pensamentos mais consistentes e aqueles espíritos com aparências de adolescentes estavam exercitando a plasmagem mental, trabalhando com os utensílios e artefatos, aprendendo a corporificar coisas com vistas ao futuro próximo.

Não anotei convenientemente a duração da projeção que deve ter perdurado mais de hora. O impacto da emoção de rever Tancredo provocou-me o retorno antecipado ao físico. O emocionalismo tira a capacidade de decisão serena e a racionalidade da inteligência.

Veio uma entidade de mocinha pela psicofonia e fez esclarecimentos à minha esposa, explicando que no aparente trabalho a dois, havia muitas entidades, inclusive encarnadas, participando ativamente, conforme a noite. O espírito da mocinha também trabalha no educandário de preparo para a reencarnação. Depois, manifestou-se o amigo José Grosso, fez exercícios, saindo após deixar intenso fluxo de energias. Em seguida, iniciei este registro e ao anterior no escritório do apartamento. Que diferença, dormi tão cansado, transitei por aí e fiquei tão disposto agora!

As projeções ensinam que nunca se devem desprezar os conhecimentos pessoais e as amizades que se criam no transcorrer da existência humana, por mínimas que sejam. Agora ou depois, aqui, na matéria, ou algures, na Espiritualidade, os destinos se cruzam e as alegrias se renovam porque nenhuma inteligência se extingue no caminho da evolução.

4 - A JANELA ABERTA

20 de julho de 1979, sexta-feira. Recolhi-me ao leito às 22:01 horas. Estado físico cansado. Dia atípico, fora da rotina, com a ida pela ponte aérea a São Paulo, onde despendi 5 horas. Na preparação do desprendimento houve a exteriorização de energias, inclusive com transmissão na área do plexo solar.

Não tenho lembrança dos detalhes da decolagem do psicossoma. A consciência de estar fora do físico apareceu-me num quarto desconhecido onde estavam entreabertas as duas folhas de uma janela, uns 30 centímetros de separação uma da outra. Havia um homem deitado, sozinho, dormindo perto da janela. Chovia e ventava lá fora. As folhas movimentavam-se para a frente e para trás. Não faziam muito barulho.

Entravam pingos de chuva no quarto escuro onde apenas leve claridade fluía da janela entreaberta. Tentei o fechamento das folhas da janela inutilmente. Mesmo com a sensação de tatear os dois cantos inferiores da janela, não me foi possível conseguir fechar ou mover as folhas inteiriças, sem vidros.

A tentativa frustrada de telecinesia ou de mover objetos materiais, embora o esforço e a determinação da vontade, trouxe-me a noção exata do estado íntimo do recém-desencarnado que não consegue estabelecer contato com os entes queridos ainda encarnados, por mais que tente.

Não percebi a presença dos Amparadores durante o desprendimento, nem me foi possível captar indícios da residência e do encarnado dormindo. A janela, instalação que mais fixei na excursão, dava a impressão de ambiente rústico sem grande conforto. Tudo indica que os Amparadores atendiam ao homem talvez enfermo.

Depois disso, no retorno ao físico, senti perfeitamente a volta, a reentrada no corpo e o despertar.

Consultei o relógio daí a momentos, 10 horas e 36 minutos da noite. Aqui, no Rio, estava frio, não chovia mais, nem mesmo na hora em que fora dormir, embora tivesse chovido durante o dia. Tive a nítida impressão de que haveria a rememoração da visitação extrafísica de manhã, razão porque não gravei as lembranças dos fatos à noite para fazê-las agora, após deixar o leito, como experiência, usando pequeno gravador nacional.

Mais uma vez comprovei, com o tentame inútil de fechar a janela, a dificuldade de superar as impossibilidades naturais do contato direto e da influência ou atuação sobre os objetos e pessoas físicas, ou seja, as ocorrências de telecinesia, quando em uso do psicossoma livre.

Outros atos físicos simples existem, sempre problemáticos, contudo são experiências que devem ser tentadas nas projeções visando ao desenvolvimento pessoal da transmissão energética: beliscar uma pessoa amiga, fazer cócegas numa orelha ou tocar no rosto de alguém, chamar a campainha da porta da rua, descerrar porta, apagar vela, acender lâmpada pressionando o comutador, ligar o aparelho de televisão ou rádio, abrir livro fechado, voltar a folha de volume aberto, bater numa porta ou tampo de mesa (tiptologia), erguer e carregar pequeno objeto, mover torneira, puxar a porta da geladeira, pegar naco de alimento. Qual será a manifestação telecinética ideal, que exija menos energia? Acender uma lanterna elétrica por simples pressão?

Os fenômenos de telecinesia ou a intervenção dos encarnados projetados sobre a matéria, com movimento e deslocação dos corpos inertes, translação aérea e suspensão de objetos, provam a existência do percentual de matéria do psicossoma; se este fosse uma estrutura abstrata, vaga e totalmente imaterial, não conseguiria agir sobre a matéria densa. O projetor deve tentar a execução de ações telecinéticas quando sentir o psicossoma bem conformado e mais denso, condição que facilitará o contato e a operação de produzir efeitos materiais. As repercussões ou choques no corpo físico, em certas interiorizações abruptas, constituem outras provas da existência da matéria, ainda que rarefeita, participando da estrutura do psicossoma.

5 - ASSISTÊNCIA IDEAL

24 de julho de 1979, terça-feira. Recolhi-me ao leito às 20:05 horas. Daí a momentos, José Grosso começou a manipulação de energias, incorporado, vindo a semiconsciência até às 21 horas. Fiquei sozinho, no quarto com a porta cerrada, e a entidade exercitou a irradiação de forças, sentando-se no leito várias vezes. A equipe espiritual atendeu alguém à frente e à direita do físico deitado em decúbito dorsal.

O psicossoma constitui condensador de energia mental ou cósmica (psiônica, na Parapsicologia). Além da assistência a espíritos doentes, os exercícios de efeitos físicos visam justamente aliviar o condensador espiritual do médium exteriorizando energias para os bordejões conscientes fora do físico. E com o tempo a consciência se acostuma a conviver intermitentemente com o corpo físico denso e o corpo espiritual sutil, um contrabalançando o outro, numa coexistência pacífica.

Durante a semiconsciência do transe, senti claramente o influxo de forças concentrado no hemisfério cerebral direito. Veio a compressão sobre a testa e, depois de algum tempo, permaneceu na frente direita. O sono surgiu depois das 23 horas e 15 minutos.

A minha consciência acordou fora do físico numa rua não familiar em bairro de ruas regulares e algumas travessas íngremes, na Zona Norte do Rio. Algo me dizia ser pouco depois da meia-noite. Tive a nítida sensação de ter sido deixado na rua tranqüilamente.

Transitando numa das avenidas comerciais por bom espaço de tempo, examinando as cenas de ruas, em particular os locais com luzes e pequenos ajuntamentos de pessoas, bares, entradas de clubes e

casas noturnas, e seguindo entre as pessoas normalmente, não experimentei qualquer abordagem por parte dos transeuntes extrafísicos.

De passagem, observei uma conversa num bar. Alguém entrou e comprou balas de hortelã que o caixa retirou de um vidro. Lá dentro estavam três pessoas e mais duas entidades sem o físico.

Ao fim da rua principal, mais larga, na pequena praça de poucas árvores e bancos para sentar, encontrei uma entidade desencarnada, com aparência de médico. Seu nome ressoou na minha mente livre, Calmene. Forte, compleição atlética, alourado, aparentando uns 45 anos, ali atendia a desencarnados carentes de assistência. Naquele trecho, a rua parecia mais iluminada que as outras.

Ao trocar mensagens mentais com ele, explicou-me rapidamente fazer o trabalho de rotina assistindo aos necessitados. À noite, a tarefa especializada torna-se intensa junto com a equipe, porque os desencarnados, em especial os doentes, entram em contato direto com os encarnados que dormem. Cada servidor, naquele serviço, dispõe de área definida de atendimento.

O movimento de veículos, exceto na rua principal, era reduzido. Nas travessas quase não passavam carros e a pracinha tinha muitos veículos estacionados.

O médico revelou-me os planos de ampliar a assistência com o emprego de outros companheiros desencarnados, constituindo maior brigada assistencial, trabalhando principalmente à noite, em local próprio, numa das travessas mal iluminadas e sem movimento, onde centralizará o atendimento.

O serviço não parecia muito simples. A partir das sete da noite, quando começa o período diário de maiores angústias, buscam minorar as depressões, desesperos, tristeza, carências, dívidas, mágoas, ressentimentos, a solidão maior e as relações desestruturadas dos habitantes da cidade grande.

Afirmou-me que o aspecto menos agradável era o das criaturas que se recusam ser assistidas, tanto encarnadas quanto desencarnadas e, às vezes, nem desejam ser abordadas, repelindo os assistentes espirituais. O trabalho assistencial, bem mais complexo do que parecia, funciona buscando entrosamento com os núcleos policiais, prontos-socorros, hospitais, templos diversos, Exército da Salvação, Centro de Valorização da Vida, Associação dos Alcoólicos Anônimos e outras equipes de finalidades assistenciais.

Deduz-se daí que a cidade toda deve ter serviço semelhante, bem como outras localidades, especialmente as grandes metrópoles.

Antes de se despedir, Calmene pareceu concentrar-se e ofereceu-me pequeno recado como exercício de fixação mental, mais ou menos nos termos transcritos a seguir, visando à assistência ideal.

"Todo ato de assistência social, por menor que seja, significa fraternidade, revela-se produtivo e merece louvor. Melhor um tipo qualquer de assistência humana do que nenhum. Contudo, a assistência social ideal tem características universalistas próprias inconfundíveis.

Não apresenta caráter oficial, sendo espontânea. Não visa deduções de impostos, nem syndica a aplicação da doação.

Não demonstra rótulo profissional nem fim profissionalizante.

Não alimenta segundas intenções proselitistas ou políticas.

Não defende a imagem pessoal nem cultiva mitos.

Não incentiva a segregação de espécie alguma.

Não se restringe por preconceito nenhum.

Não espera gratidão nem aspira entendimento público.

Não divulga o ato assistencial, seja qual for a circunstância.

É a doação do espírito, simples, pura, direta, sem mediação, exigências nem condições. E que todos podem praticar em silêncio.

Na Terra, planeta com muitos países, criaturas, costumes, religiões e interesses, todos os habitantes, naturalmente, são irmãos. Feliz aquele que apreende o ângulo universal do amor ao próximo, ultrapassa as barreiras dos tabus e realiza a assistência universalista ainda na vida humana, pois recebe primeiro o benefício da libertação terrestre rumo a ascensões maiores."

A mensagem poderia ser mais lógica? A explanação foi clara, categórica e isenta de ambigüidade.

Expressei meus agradecimentos e dei adeus ao médico atencioso, que saiu na direção de uma das travessas. Percorri a rua principal, passando entre transeuntes parados e espíritos vadios, luzes e sombras, e retornei imediatamente ao físico.

Ao despertar-me, à 1:43 da noite, o meu corpo estava na mesma posição anterior; decúbito dorsal, braços estendidos e mãos separadas sobre as pernas numa imobilidade sem problemas.

6 - NO ATOL DAS ROCAS

25 de julho de 1979, quarta-feira. Depois de relatar por escrito as ocorrências da incursão fora do físico na Zona Norte do Rio, recolhi-me ao leito às 3:33 da manhã, deitado na posição horizontal com o rosto voltado para baixo, ou de bruços sobre a face esquerda.

A consciência livre surgiu-me numa ilhota onde a equipe dos Amparadores atendia a um desencarnado. Parecia soldado, estava sentado com a fisionomia absorta de doente mental, a camisa clara rasgada, olhando mar afora, o horizonte longínquo. As projeções nascidas da sua consciência exibiam, visivelmente, a imagem de outro soldado ou marinheiro que morrera e fora colocado, por ele, dependurado na ponta de uma rocha baixa.

Nos quadros exteriorizados na psicofera do soldado demente, a calça da perna direita e a botina grossa do companheiro pendiam da rocha. A calça era de tecido cinza grosso.

Na pequena ilha, testei minhas entradas sensoriais. Senti a água fria sob os pés do psicossoma, escutei as ondas quebrando nas rochas, vi a maré correr sobre a areia clara. O mar mostrava-se azulado. As ondas do mar iam e vinham sobre a pequena porção de areia e pedras, numa estreita área à esquerda do espírito sentado e que estava sendo abordado naquele momento.

Uma das entidades explicou mentalmente ser o local, o Atol das Rocas. Assistiam àquele espírito doente, preso à idéias fixas implacáveis, há muito isolado ali, julgando-se continuar entre os humanos, e

que desencarnara envolvido num drama com o companheiro de trabalho. Daí as projeções mentais vividas que observei junto ao rochedo baixo. O doente foi acolhido pela equipe e retirado do local.

Quando voltei, a minha forma orgânica continuava deitada sobre o estômago ou de braços.

Ao deitar por trás do corpo físico, numa interiorização pelas costas, ouvi nitidamente uma voz tranqüila e mansa, parecendo alguém falando por dentro de um tubo fino. Era a voz de uma entidade feminina e o psicossoma ainda se achava semidesprendido do físico.

— Waldo! Waldo! Acorde!

O chamamento suavíssimo repetiu-se duas vezes, até que aconteceu maior incorporação ao físico.

Para confirmar a voz da entidade e a suposição da coincidência, perguntei:

— Lisa, você me chamou?

Ela informou que não me chamara e, nesse instante, vieram de jato na minha cabeça todas as lembranças das ocorrências no Atol das Rocas.

Consultei o relógio, 4:36 da madrugada. Jamais poderia esquecer o chamamento da Amparadora ressoando na minha cabeça qual despertador providencial, que não me assustou, e sem o qual provavelmente não me acordaria de imediato, nem haveria a rememoração dos eventos extrafísicos e este registro.

Até que ponto a posição de braços influiu na dificuldade do despertar físico?

7 - PANTOMIMAS EXTRAFÍSICAS

25 de julho de 1979, quarta-feira. Segundo sono às 9 horas e 5 minutos da noite. Estado de sonolência. Deitei-me do lado esquerdo.

A minha consciência despertou e daí a pouco identificava o ambiente extrafísico de modo indiscutível. Estava em Paris.

Depois da assistência espiritual realizada, a equipe permitiu-me sair para algumas observações objetivando os registros.

Iniciei a descida de um bulevar arborizado com ligeiro aclave, junto a carros estacionados na rua.

Ao deslizar pelo passeio, ia pensando no fato de ter vindo a Paris em circunstâncias bem diversas das viagens passadas e em condições sui generis, longe dos hábitos de sempre, porque viajava sem o corpo físico, não pagara o depósito compulsório vigente no Brasil, dispensara a passagem de avião, não portava passaporte, não possuía endereço fixo na cidade, nem carregava dinheiro.

Esses meus pensamentos atraíram e inspiraram alguns espíritos que exercitavam as criações com as formas-pensamentos e, de algum modo, puderam captá-los em plena rua. Seriam atores desencarnados?

A falange de cerca de oito espíritos, alguns deles brincalhões, aparentemente inofensivos, divertiam-se com as formas criadas instantaneamente. Nesse ponto entendi que paravam quem passava na rua para servir de protagonista das pantomimas na arena improvisada.

Um deles pegou-me como se fosse pelo colarinho (engraçado, estava vestido com camisa e paletó, talvez devido ao hábito das viagens anteriores!) e exteriorizou o pensamento com modos e trejeitos típicos de um artista francês, declamando para os outros observadores, enfaticamente:

— Vejam este aqui, não tem documentos! Não existe! Veio de longe. É clandestino! Nada posso fazer. Chamarei o inspetor.

Outro, a frente, e mais dois atrás, no mesmo instante surgiram transmutados de policiais, com enormes e extravagantes metralhadoras na mão, apontando-as e cada um dando ordens severas. Todos compondo um cerco de policiais com expressões ameaçadoras.

Sabia que nada devia temer e que seria melhor permanecer atento participando da farsa, onde os desconhecidos exibiam os seus dotes criativos com as formas-pensamentos, numa espécie de lazer espiritual. Procurava reter na memória os fatos em que me situavam como personagem.

Uma quinta entidade vestiu-se como policial mais graduado, adiantou-se aos demais e proclamou:

— Alto lá, sou o inspetor! Estou na posse dos documentos deste cidadão e vim em seu socorro. Libertem-no!

E de dentro de enorme casaco foi retirando, um a um, extensa coleção de documentos de todos os tipos, tamanhos e formatos, compondo enorme volume. Quanto mais tirava do casaco policial, mais documentos apareciam no bolso sem fundos.

Os espectadores ou transeuntes espirituais deliciavam-se com a encenação, embora alguns evidenciassem visível receio na fisionomia, meio atônitos, sem compreender a extensão dos acontecimentos, talvez não desejando ser vítimas das brincadeiras que poderiam sobrar para eles, e onde aqueles adultos pareciam estudantes adolescentes dando e recebendo trotes. Até que ponto essas entidades poderiam ser classificadas como espíritos zombeteiros?

Daí a momentos, outro pedestre extrafísico lhes chamou a atenção e tornou-se o foco central do interesse momentâneo.

Desci a rua e depois de alguns momentos senti o chamado de retorno ao físico.

Ainda percebi as recordações fragmentárias de episódios isolados das visitas anteriores ao fato relatado: imagens das marcas do tempo nas paredes dos edifícios, assistência a uma senhora e à sua filha pequena, com profundo ferimento na frente direita, ambas encarnadas, e a entrada num antigo edifício em reforma.

Em menos de 1 minuto após o despertar, as lembranças da principal ocorrência do desprendimento vieram-me em bloco. Logo depois surgiram-me reminiscências fragmentárias, episódios isolados de outros fatos breves que precederam a última ocorrência. Consultado o relógio, 10 horas e 46 minutos da noite. Paris é ainda mais distante que o Atol das Rocas, a tração e a distensão do cordão de

prata apresentam aspectos importantes para estudo. Fora do físico, torna-se imperioso policiar constantemente os pensamentos porque eles surgem com vida, agem, criam, conduzem, ao alcançarmos uma existência exclusivamente pensamental, parecendo ter possibilidades de produzir tudo o que a vontade determinar, além de serem captados por outras mentes despertas nas proximidades ou mesmo a distância.

8 - ENCONTRO INESPERADO

28 de julho de 1979, sexta-feira. Recolhi-me ao leito pela última vez às 4:21 da manhã. Antes disso, um dos Amparadores fez exercícios de efeitos físicos semi-incorporado por mais de meia hora, iniciados logo ao despertar. Ouvia um galo cantar, fato comum aqui em Ipanema. A temperatura ambiente estava a 20 graus centígrados. Fiquei deitado do lado direito.

Seguia por uma estrada com pequenas construções rurais primitivas, muita poeira e aparência de pauperismo. Nasciam as luzes da madrugada. Os moradores à margem da estrada acordavam e as casinhas rústicas começavam a criar vida. De uma das casas, com a porta da frente aberta, saía fumaça da chaminé. O caminho era secundário, de chão batido, para os veículos chegarem às fazendas.

Ao olhar para o chão, consegui distinguir três moedas brasileiras usadas, com brilho tênue, destacando-se no meio da poeira, ao lado da estrada. Nesse justo momento, nasceu-me a idéia súbita:

— Estou fora do corpo no Brasil! Preciso certificar-me disso!

Ao vasculhar as redondezas para ver se havia alguém, surgiu um homem ainda jovem sorrindo. Adiantei mais perto para ver melhor, como se não pudesse ver em todas as direções ao mesmo tempo, o rosto amorenado e saudável ficou mais nítido à visão.

— Uai! É o Pinheiro!

A entidade apenas sorriu como que concordando e não emitiu nenhum pensamento específico. O seu espírito dava a sensação de estar em ótimas condições espirituais.

Nasceu na minha mente livre, perfeitamente, a recordação do Pinheiro. Era um dos irmãos da família que morava no Alto de S. Benedito, em Uberaba. Havia um colega meu de estudos entre eles, no curso secundário. Esse era um dos irmãos mais novos.

E fiz a pergunta súbita para ele:

— Como? Você já morreu?

E houve a resposta clara num jato de pensamento:

— Sim, há mais de 5 anos.

Nesse exato momento, nasceu-me a resolução de me despedir e encerrar o diálogo mental:

— Quero lembrar-me disso! Vou voltar depressa para o corpo!

Já!

O pensamento é força viva. Emiti a idéia e acordei-me incontinenti, com longo suspiro, finalizando a experiência extrafísica.

Continuava o meu corpo deitado do lado direito. A noite ainda estava escura, o relógio marcava 5:12 da manhã. As lembranças vieram-me em bloco, de modo agradável, com todos os pormenores das cenas e a troca rápida de impressões, dando-me a sensação de ter alcançado uma vitória por passar num exame difícil com a memória. Sobre a projeção devem ser esclarecidos dois fatos: sou míope desde a adolescência e a inflação atual liquidou o prestígio das pequenas moedas de valores baixos. Cheguei até à estrada por mim mesmo ou tangido por alguém invisível? Seria o Espírito Pinheiro?

O registro das ocorrências, ou seja, o diário do projetor, às vezes é bastante incômodo por interromper o descanso noturno, mas não há outra solução tendo em vista a fugacidade das reminiscências dos eventos extrafísicos. O diário desempenha outra função importante indiscutível: o ato de registrar os fatos psicofísicos, diretamente pelo projetor, amplia a sua capacidade de percepção dos detalhes dos fenômenos e a conseqüente melhoria da tradução, em palavras, das sensações experimentadas, o que nem sempre é fácil.

9 - DEBATES TRANSMENTAIS

Recolhi-me ao leito, no estado de cansaço físico, às 21:10 horas, de 29 de julho de 1979, depois de um domingo atípico de intensa atividade familiar com parentes vindos de fora do Rio. Segundo sono à zero hora e quinze minutos de segunda-feira. Posição deitado do lado esquerdo.

A minha consciência surgiu numa instituição espiritual com vários candidatos à reencarnação próxima, que receberão a tarefa específica da divulgação, através da própria vida, dos princípios e leis espirituais na esfera humana.

Houve exposição dos assuntos e debates com pequeno grupo de cerca de 15 entidades desencarnadas, cujas últimas reencarnações foram, aparentemente, de procedências geográficas diferentes e naturezas diversas de ocupações.

Estava patente a minha condição pessoal como aluno ouvinte eventual, espectador marginal ou aprendiz, sem participação direta nos trabalhos, apenas colhendo dados para a imediata fixação nestes registros dos desprendimentos. Embora a tarefa imensa e complexa da exposição dos assuntos, tentarei trazer aqui alguns aspectos colhidos nas observações.

Não percebi a presença de nenhum expositor graduado, mas uma reunião de grupo de estudos que busca acertar pontos de vista visando a futura transmissão dos postulados libertadores do espírito na próxima rotação entre os homens.

O debate principal girava sobre a ortodoxia nos postulados espirituais vigentes nas frentes avançadas de divulgação do pensamento humano entre os encarnados e a conseqüente criação de preconceitos, fanatismos e sectarismos.

Havia dois grupos distintos e, em cada um, o líder e dois outros debatedores que se destacavam nos apartes relampagueantes. A minha chegada a meio caminho dos debates impossibilitou-me captar as minúcias do início do desenvolvimento dos assuntos, bem como não tive oportunidade de presenciar as conclusões definitivas da equipe de estudos, se é que aconteceram.

Quanto à ortodoxia, notava-se, sem dúvida, uma equipe com pensamentos mais rigorosos e radicais, e a outra corrente, menos extremista, com opiniões liberais. A minha simpatia por esses últimos não passou despercebida ao Amparador presente ao lado, porque ao usar a mente livre, o pensamento torna-se fácil de ser auscultado pelas inteligências lúcidas.

Vieram referências, conforme a corrente, às atuais seitas de origem oriental; o pensamento filosófico da Teosofia; aos estudos umbandistas e de outras seitas mediunísticas, inclusive o vodu; às organizações semi-secretas; às bases kardecistas atuais; aos trabalhos ideológico-assistenciais associados ao Evangelho de Cristo de várias religiões e crenças; às assertivas de Buda, Maomé, à obra de Swedenborg, e análises rápidas tocantes à democracia e a Gandhi.

Ante os temas em discussão, a minha sensação era de alguém cujos postulados íntimos estavam sendo postos em julgamento à frente, sem poder intervir, e assim ocorreria com qualquer criatura que ali detivesse princípios definidos sobre a vida espiritual.

Ocorreu certa concordância quanto ao fato de que a divulgação excessivamente romântica do Evangelho, embora sendo a melhor, não constitui ainda o posicionamento ideal na difusão atual das idéias do espírito em evolução, porque a repetição torna-se enfadonha e não ressoa tão forte nas consciências dos atuais reencarnados que já surgem na matéria densa envolvidas nas ondas eletrônicas gravitantes da era tecnicista pela qual atravessa o planeta. O abuso do tecnicismo num extremo e o rigor da mensagem açucarada no outro, exigem um meio-termo conciliador para não extrapolar os limites da realidade humana e, ao mesmo tempo, motivar melhor, sem forjar condicionamentos, preconceitos menos desejáveis e extremismos lastimáveis que têm provocado muitos desastres recentes.

A minha memória indicou o abuso do misticismo disfarçado ou semi-instintivo, a frieza de intenções, a busca do enriquecimento ilícito transitório, a aquisição do poder temporário forjando a violência, o terror, os sacrifícios dispensáveis, os rituais abstrusos e a passividade dos incautos, caminhando para o messianismo negativo de lideranças patológicas de falsos religiosos que, movidos por interesses pessoais, incentivam o fanatismo, contrariam a ordem pública, esquecendo a evolução do espírito e o progresso social, no envolvimento de criaturas humanas frágeis, inseguras e instáveis nos erros clamorosos de grupos, iguais ao sucedido no massacre da Guiana Inglesa.

Quanto ao "meio-termo conciliador" vieram-me à lembrança os estudos dos princípios filosóficos e morais de Allan Kardec, devidamente acompanhados pela parte científica, embora começante, da Parapsicologia, salientando que entre a ortodoxia e o universalismo, opto por este. O universalismo é centrista e moderado, ao passo que a ortodoxia, extremista e radical, torna-se segregacionista. Constitui rematada tolice para quem obteve o doutorado, menosprezar quem se forma regularmente pela mesma escola.

Nesse ponto de andamento dos debates, chegara a hora da saída e senti a tração do cabo do "escafandro físico" para voltar à superfície da matéria densa.

Após o despertar, consultei o relógio, 1:47 da manhã. As idéias dos debates presenciados começaram a borbulhar na tona dos meus pensamentos mansamente. Que bom seria se houvesse mais cabedais fisiológicos no físico e espirituais no psicossoma para poder captar com fortaleza, decisão e lucidez, todos os diálogos transmentais, sentidos inteligência a inteligência, idéia a idéia, lógica a lógica e arquivados na minha memória profunda. Por vezes parece que espesso véu desce sobre as lembranças. Falta muita fidelidade à memória física imperfeita!

A conquista de um grau elevado de consciência extrafísica é o maior objetivo no desenvolvimento do projetor. Toda projeção ocasiona uma espécie de choque na consciência que a perturba e confunde. Desse choque nascem a queda da lucidez, o emocionalismo, a euforia, as dificuldades de retenção, as interpretações incoerentes, as percepções deturpadas e a disparidade nas observações dos projetores. Por isso, é necessário minimizar gradativamente o choque consciencial até eliminá-lo de vez.

Pelas leis da Projeciologia, quanto mais natural, simples e fisiológico seja o processo da projeção pura, menor será o choque para a consciência e maior será a possibilidade de se alcançar um grau avançado de lucidez extrafísica. Há coadjuvantes, recursos externos, meios de indução artificial e fatores desencadeantes ocasionais, como agentes químicos, drogas conhecidas, anestésicos, unguentos, gases, exaustão física, estímulos do centro de orientação da audição, estado doente, acidente, hipnose, pressão sobre os nervos do pescoço, desejos inibidos ou recalçados, por exemplo, fome e sede, que levam o principiante a uma projeção impura, ou artificialíssima, eventualmente ou durante as primeiras experiências, mas são todos inconvenientes porque perturbam os atributos da consciência, não servindo como sistemas confiáveis, de rotina, com os quais se possa adquirir conhecimentos extrafísicos adiantados em experimentos de alta qualidade.

Para isso, faz-se necessário imprimir naturalidade nos métodos, dispensando as atitudes de muito misticismo e tecnicismo, e manter normalidade nas percepções apuradas de maneira a produzir resultados consistentes compensadores. O aperfeiçoamento da acuidade das percepções fora do físico exige disciplina nas práticas e perseverança nas repetições para que o projetor habitue-se ao psicossoma livre e ao plano extrafísico, dominando pensamentos e emoções, reduzindo ao máximo o choque consciencial do desprendimento para, enfim, racionalizar tudo o que percebe com discernimento e autocrítica.

Proponho o neologismo inevitável, Projeciologia, para nomear o ramo da Parapsicologia que estuda o conjunto de fenômenos e eventos que compõem as experiências fora do corpo físico ou as projeções da consciência pelo psicossoma e pelo corpo mental.

10 - ANTE FORMAS EFÊMERAS

30 de julho de 1979, segunda-feira. Terceiro sono às 3 horas da manhã, após registrar os debates sobre os temas espirituais do capítulo anterior:

Estava plenamente consciente em uma instituição onde projetaram uma cena viva de mim mesmo, mais moço, minha mãe, Aristina, e o meu filho, Arthur, antes de reencarnar-se. Para estudar, fiz uma tentativa de abordagem da personagem fac-símile na projeção tão real, mas foi inútil. As formas efêmeras se desvaneceram, parecendo plásticos vaporosos, gaze, crepon ou espuma de borracha e apresentavam de modo automático o que fora registrado.

Arthur, ali um rapazinho desencarnado, sorriu quando perguntei alguma coisa não registrada, talvez pela emoção e pelo inesperado acontecimento, inédito. No prosseguimento do episódio, minha mãe cingiu-me, conversando carinhosamente, e colocando uma aura de amor em torno da cena.

Curioso é que me achava com cabelos pretos, portando óculos escuros (criados juntos com os trajes extrafísicos) e que a projeção visual, ideoplástica, era inteiramente independente e não minha, fora colhida em registros mentais outros. Seria de minha mãe? Pensando assim, veio a confirmação mental, de modo inconfundível.

Era a projeção de uma cena de que participei com o psicossoma projetado. Fora aquele o primeiro encontro com o Espírito de minha genitora recém-desencarnada, fato não recordado. Antes de reencarnar-se, Arthur esteve internado naquele educandário, a mesma instituição espiritual de Tancredo, amigo referido em outro tópico deste livro.

A instituição fica em Ascensão, na altura de um trecho rural da cidade de Patrocínio, próxima à localidade onde desencarnou minha mãe. O fato da projeção ocorrera há doze anos, oito antes de Arthur renascer e receber este nome. O fato foi no mesmo ano da desencarnação de minha mãe.

Em busca da sublimação para a eternidade, a mente estuda, arquiteta, determina e materializa os desejos, desde o pensamento original até os maiores desvios da inteligência, e a memória espiritual grava tudo, minúcia a minúcia, a cada fração de segundo. Os arquivos sem enganos da mente livre ultrapassam os registros das reminiscências nos escaninhos efêmeros das células cerebrais. E quando preciso, as recordações fortemente trancadas na memória vêm à tona da realidade de maneira integral perfurando os véus do esquecimento.

Durante e depois da rápida projeção visual, mantive a consciência plena do local e notei a presença do Espírito de minha mãe, ali, ao lado. Por isso, ocorreu a despedida tranqüila.

Da instituição tentei uma descida direta até à Crosta Terrestre para a localização do distrito do ponto de vista geográfico. A saída para baixo e pelo ar foi dar justamente sobre uma fazenda. Dali volitei sobre fios, um poste rústico de eletricidade, ligeiramente inclinado, e as copas das laranjeiras de pequeno pomar.

Após tomar consciência do cenário campestre, pensei em retornar ao físico, e isso aconteceu de imediato.

O relógio marcava 4:45 da manhã quando comecei estes registros das lembranças vivas da presença do Espírito de minha mãe e das cenas impressionantes da projeção, chegadas à memória em bloco, de imediato, contudo, ao mesmo tempo, suaves.

O centro mnemônico do espírito ou inteligência registra fatos de três estágios distintos: as cenas físicas de toda a encarnação observadas após a passagem da morte, "visão panorâmica", "recapitulação de lembranças"; o que ocorre nos desprendimentos conscientes do psicossoma durante o sono físico; e todos os acontecimentos dos intervalos reencarnatórios. As três personalidades focalizadas na projeção deste capítulo estavam nessas condições: a minha mãe recém-desencarnada, o Espírito do meu filho quando se preparava para a reencarnação, e eu mesmo, fora do físico, num desdobramento não memorizado depois daquela oportunidade (1967). Em outras palavras, a projeção visual provou três fatos diversos. Tudo o que acontece com a personalidade fica registrado na memória integral do espírito para sempre, em qualquer situação da inteligência, seja encarnada, seja desprendida do físico durante o sono natural, seja desencarnada antes e depois da atual encarnação.

O registro permanente pode ser consultado, no todo ou em parte, sobre acontecimentos sucedidos nas três posições do espírito, em toda oportunidade, e projetado de forma incrivelmente real, seja de modo fragmentário ou em bloco.

Basta consultar o registro do centro mnemônico das personalidades principais de uma ocorrência importante para se levantar a história fidedigna, completa e definitiva do episódio.

11 - ACUIDADE VISUAL

2 de agosto de 1979, quinta-feira. Os exercícios prévios intensos foram iniciados às 20:29 horas, de pé, depois sentado no leito. Ao deitar-me, houve uma curta perda da consciência e, logo após, tive uma visão mental, interna, diminuta e nítida do Espírito José Grosso. Recolhi-me para dormir às 21:21, bastante descansado. Posição deitado do lado esquerdo.

Experimentei a sensação completa do desdobramento consciente na etapa final da decolagem do psicossoma. Saída para cima e à direita. Pensamento imediato dominante: certeza de estar plenamente consciente fora do físico.

A atmosfera estava muito escura e me chamou a atenção. Foi pensar na escuridão ambiente para começar a enxergar melhor dentro de uma claridade levemente azulada. A modificação íntima era do veículo espiritual e não do ambiente. A luz artificial que saía das janelas isoladas, nas casas e apartamentos em diversos andares dos edifícios era indubitavelmente mais forte e clara que a luz que parecia ter surgido antes em toda a paisagem urbana entrevista, derivada do mecanismo da percepção visual ampliada.

A rua larga, sem asfalto, mostrava poeira. Apareceu-me o aviso interior para não pensar em sexo, pois havia espíritos de pensamento fixo no assunto excursionando por perto, procurando abordagens mentais.

No ambiente de arrabalde, destacaram-se um prédio em construção e outro pronto, habitado, de uns seis andares. Quando fixei a vista sobre a edificação de seis andares sobressaíram as estruturas dos pavimentos e a intimidade da habitação como se cada segmento da construção se tornasse iluminado com nitidez maior. A distância, dava para perceber de fora para dentro que era ocupado. Outra advertência íntima sugeriu-me que não devia devassar a privacidade daqueles que ali viviam.

Dava para distinguir os apartamentos com moradores e alguns sem vitalma. Via por dentro da cabeça, numa visão circular, de raios X, por todos os lados ou em todas as direções ao mesmo tempo, à distância e dois ou três andares de uma vez. Era como se fosse o esqueleto do edifício iluminado e habitado, qual imensa cristaleira. Com a percepção visual melhorada, mais penetrante e dotada de recursos diferentes de acuidade, enxergava sempre em primeiro plano, num close perfeito, e por dentro das coisas, sem as influências da perspectiva. Acho que essa visão apurada, tipo telescópica, depende da estrutura do psicossoma e também da ética vigente na intenção da personalidade. Não sei por que me lembrei de certos projetores cegos; que vêem perfeitamente no plano extrafísico.

Concentrando a focalização mais detalhista, a minha vontade permitia localizar desencarnados e encarnados passantes na rua, ao longe. Um ou outro, às vezes, parecia colega encarnado temporariamente fora do físico. Nos passeios tinham espíritos e encarnados, homens e mulheres. Na rua de chão batido só havia desencarnados.

No exame da rua, casas e transeuntes, ajudado por essa percepção intensificada pelos Amparadores, os minutos passaram. Não vi veículos, nem identifiquei o local. Ao descer a travessa lateral, senti o chamado irresistível de retorno à base.

9 horas e 56 minutos da noite. Estive exatamente 35 minutos fora do físico, que ficara repousando deitado do lado esquerdo. Aconteceu-me a rememoração espontânea, natural, como se a ocorrência extrafísica fosse simples cena comum da vida material, lembrada de manhã, depois de uma noite de sono tranqüilo. Imediatamente dei início ao manuscrito deste registro.

Devo esclarecer aqui, com toda a sinceridade, que durante um sonho e mesmo numa projeção, a roupa apertada com a conseqüente estase sangüínea, a repleção vesical ou a bexiga cheia, e uma posição no leito, às vezes provocam a ereção do pênis físico. Esse fato, contudo, não repercute no psicossoma. Em outras palavras, não ocorre, no caso, ereção do pênis da forma extrafísica. Acontece, independente das condições do corpo humano, um desejo latente de união ou forte impulso do sexo físico na consciência livre que deve ser identificado, analisado e convenientemente domado pelo projetor que deseja evoluir, superando as próprias deficiências, porque esse apelo sexual, constituindo energia psíquica, pode ser vampirizado por espíritos desencarnados enfermos, que parecem só pensar nisso e viver com esse objetivo, através de abordagens mentais e ataques extrafísicos permanentes e diretos na Crosta Planetária. Nesse ponto, o casamento, trazendo a normalização da vida sexual, constitui a única solução natural ou fisiológica do problema, auxiliando efetivamente os processos da projeção.

A comunhão, integração e comunicação emocionais no plano extrafísico entre desencarnados e encarnados, jamais têm as características sexuais do corpo físico, porém podem perfeitamente espolar

as energias mentais do projetor-espírito-encarnado. Jamais ocorre orgasmo extrafísico, mas acontece um interfluxo de forças, numa revitalização recíproca da qual quem quase sempre sai perdendo, quando isso acontece, é o projetor (ou projetora), principalmente se for com uma companhia espiritual desencarnada e doente.

À vista disso, torna-se primordial que a vida sexual (assim como a alimentação natural) seja atendida normalmente, sem idéias fixas e pensamentos de autculpa, para que o projetor consiga a execução serena de outros trabalhos no plano extrafísico, descondicionando-se a respeito dos tabus sobre o assunto e colocando a libido em plano secundário. O sexo, antes de mais nada, está na mente. O órgão sexual mais importante é a cabeça. Domando-se a mente, domina-se o sexo e tudo o mais. E é indispensável saber conviver pacificamente com o sexo sem atribuir-lhe uma supervalorização que acaba deturpando os elementos fundamentais do progresso espiritual.

Os espíritos se atraem pelo pensamento. Assim como a invocação direta atrai desencarnados na vida comum, atrai igualmente encarnados durante o período do sono. O pensamento fixo sobre sexo com determinada criatura encarnada ou desencarnada, havendo aquiescência da vontade da criatura atraída, tem força para trazer, em certas circunstâncias, o seu espírito durante o repouso físico para uniões invisíveis, provocando sonhos e memórias. É o chamado "congressus subtilis". Quanto mais próximas, fisicamente, estejam as criaturas, mais facilitada será essa união intangível. Quando um espírito não quer a união, esta não se realiza, sejam quais forem as circunstâncias. Dai vem a necessidade do policiamento permanente das idéias e aspirações íntimas para se evitar abordagens mentais indesejáveis. As uniões invisíveis podem ocorrer com encarnados e desencarnados de mentalidades ou tendências masculinas e femininas, independentemente das aparências ou dos seus visuais físicos ou extrafísicos. Os pequenos erros e pequenas quedas pelo pensamento predispõem e desencadeiam a materialização dos grandes erros e das grandes quedas pelos atos.

O projetor deve evitar qualquer ato que signifique invasão da intimidade dos encarnados, sustando a curiosidade, quando doentia, e as intenções infelizes. Isso constitui preservação do aspecto moral da conduta e defesa da convivência natural com os demais, evitando-se o arrebanhamento de entidades desencarnadas enfermas que estejam nos locais, atraídas pelas pessoas, e se sintam feridas em sua privacidade, julgando-se com o direito de perseguí-lo e criar-lhe conflitos extrafísicos, inesperados e indesejáveis, perturbando-lhe a existência e as saídas fora da matéria densa.

12 - JAVRUS E ORCO

5 de agosto de 1979, domingo. Recolhi-me ao leito às 20:09 horas, em estado físico cansado e sonolento. Tive a visão nítida e demorada de Maria Clara, com preparo antecipado para uma excursão diferente, sem revelar detalhes. Ao projetor dirigido quase sempre constitui surpresa o roteiro da projeção. Os exercícios intensos de exteriorização de energias prolongaram-se até às 20:36, quando consultei o relógio. Deitei-me do lado direito.

A consciência despontou-me diante do Espírito Maria Clara, que ali surgia com a aparência de encantadora menina de uns 9 de idade, cabelos escuros cheios e aparados. Vestido, plástica e modos de criança muito viva. Era a Maria Clara, já conhecida, adaptada, agora, à preparação para a reencarnação próxima.

Explicou-me que a minha visita, sozinho, seria a uma entidade chamada Orco e que evitasse sustos em qualquer circunstância, mantendo serena confiança na assistência, presente todo o tempo, embora nem sempre visível. A seguir, desenvolveu breves considerações sobre os animais e os homens na Terra, suas tarefas, evolução e razão de ser, numa espécie de preleção prévia.

E teve início a excursão a uma região espiritual limítrofe à superfície do planeta.

Em momentos, vi que o ambiente não era dos mais agradáveis. Na atmosfera, mais escura do que clara, o deslocamento penoso foi da volitação ao vôo, do vôo ao deslizar, do deslizar ao lento caminhar até atingir uma planície desértica e semi-escura. Os fiapos de luz que saíam do psicossoma sumiram de súbito.

No ambiente úmido, pesado e frio, atravessado por ventos gélidos e emanações desagradáveis, pairava apenas uma luz neblinosa sob o céu de chumbo. Formas vagas passavam quais sombras mais opacas ainda na obscuridade espessa. Bolas estranhas de energia redemoinhavam parecendo estourarem aqui e ali. Quanto mais avançava, mais difícil a densidade do ar que parecia a estrutura da própria matéria física esparramada em plena noite sem lua, em meio a qual eu tateava para prosseguir.

Rompiam as trevas vultos sombrios vagueando, formas-pensamentos persistentes e criações indescritíveis, algumas semelhantes enxames desvairados de marimbondos-cavalos, rápidos, vorazes, perseguidores, como se penetrassem em todas as reentrâncias e que, felizmente, assim que surgiam eram naturalmente afastados.

Depois disso, o percurso foi longo, e feito com tamanha pressa que não permitiu o exame detalhado do meio-ambiente. Um espírito atravessou o caminho com aparência de homem rijo e forte. Explicou mentalmente:

— Bemvindo seja. Sou Javrus. Apresentarei Orco.

Houve a conscientização instantânea de que ele conhecia a minha procedência e a finalidade da visita.

Assim que emiti o pensamento, pulou no meio do tortuoso caminho enorme mastim cor de terra de brejo, do tamanho de uma pantera, musculoso, pelos compridos semelhantes a juba e olhos brilhantes parecendo humanos, muito mais penetrantes e perturbadores. Rosnava com um som retumbante, ao modo de lobo ferocíssimo. Das patas sobressaíam garras ponteagudas. Era um personagem capaz de impressionar o espectador mais sereno.

A entidade fez um gesto para acalmá-lo, o autêntico molosso afastou-se para um lado, manteve-se de alerta por um momento e depois retirou-se de volta na mesma direção de onde saíra, mergulhando nas sombras.

O corpulento Javrus teceu observações sobre as tarefas que desempenhava com Orco. Afirmou-me ser vigilante espiritual e Orco não devia ser tomado por um cão comum, e sim um ser mais evoluído,

embora de inteligência sub-humana, contudo dotada de poderoso magnetismo animal. Não raro, os seres semelhantes são chamados dementais ou assistentes da natureza, dê-se-lhe o nome que o desejar, afirmou, era uma criação de Deus, irmão menor de caminhada dentro do carreiro evolutivo, igual aos demais.

Informou que muitas incumbências de paz e incursões de assistência e resgate são confiadas aos dois junto a entidades doentias, necessitadas de recursos ainda muito humanos para serem esclarecidas e reabilitadas, por respirarem o produto poluído das forças psíquicas da crosta planetária, resíduos mentais dos encarnados invigilantes. Muitas outras espécies animais existem em serviço, conforme as possibilidades e aptidões pessoais, ao modo de Orco.

Acentuou que, freqüentemente, o encarnado que consegue chegar àquelas paragens espirituais, retorna ao físico de súbito, sobressaltado, tecendo a sua imaginação em décimos de segundos, sob a atuação do pavor e ao primeiro contato com o cérebro físico, incríveis e floreados pesadelos em que luta com monstros que o perseguem implacavelmente. Natural que assim seja, pois se o ambiente e as expressões de Orco amedrontam até experientes desencarnados de mentes ágeis e lúcidas, o que dizer dos espíritos encarnados, projetados fora do corpo humano, de forma precária, raciocínio débil, em saídas fugazes e condições mentais nem sempre conscientes?

Qualquer que presenciar, há de reconhecer que aquelas cenas podem desencadear os mais fantásticos pesadelos, fantasias e criações mitológicas na mente encarnada. Duplas iguais a essa devem ter inspirado a formação dos serviços dos guardas humanos que se fazem acompanhar de cães em tarefas de vigilância, busca e resgate.

Nesse ponto enderecei-lhe um gesto fraternal de adeus e Javrus lá ficou com a incumbência de abnegado na incessante luta purificadora numa área de intensos conflitos espirituais. Há quanto tempo será que esse espírito estará trabalhando ali?

A saída de lá foi menos desagradável e aconteceu o retorno ao físico numa travessia ligeira.

Na reintegração ao físico, virado para o lado direito, consultei o relógio e registrei mentalmente, 9:36 da noite, ainda como que vendo brilhar na semi-escuridão do quarto aqueles olhos inesquecíveis da personalidade de Orco, avançando e rosnando. Daquele núcleo de forças vivas, ele destacou-se por realidade maior, agora vincando profundamente a lembrança e provocando o desarquivamento instantâneo completo dos acontecimentos no meu banco de memória.

Nunca se pode parar de aprender. Quantas vidas desconhecidas existem ainda para ser estudadas! No plano extrafísico encontramos mais coisas estranhas do que na própria crosta do planeta. É bom frisar aqui que o psicossoma ou corpo luminoso tem sempre alguma claridade, seja manifesta ou exuberante, o que varia é a sua tonalidade, gradação e intensidade, ou a potência energética irradiante conforme o grau evolutivo da inteligência, as condições da consciência e do ambiente.

E, neste instante, um banho de energias espirituais pareceu fazer tilintar uma campainha no meu íntimo, chamando para o compromisso deste registro.

A propósito, vejamos algumas considerações sobre os sinais da mediunidade no caso particular do banho fluídico de origem coronária. A contração simultânea dos músculos do crânio, inclusive da "fascia alata", geralmente com frequência mais acelerada que os batimentos cardíacos e a contagem dos segundos, evidencia a desintoxicação vibratória, que pode ser mansa ou vigorosa, lenta ou rápida, podendo provocar bocejos e lacrimejamentos, e afastando indisposições de várias naturezas. As vezes alcança um pique de aceleração para então suavizar em contrações cada vez mais lentas até desaparecerem, trazendo as vibrações imenso bem estar. A concentração e a vontade provocam o banho fluídico.

Durante o processo que pode acontecer em qualquer local, hora ou posição física, inclusive em veículos em movimento, desde que as circunstâncias permitam um período de isolamento pessoal de poucos minutos, podem ser administradas irradiações próximas com acentuada exteriorização de energias. Ocorre concomitantemente um som trovejante no interior da cabeça, característico das contrações musculares mais fortes do que as provocadas pelos bocejos, parecendo que a cabeça está ligada a possante aparelho invisível. É inegável que o centro coronário desempenha o papel principal nesse processo de desintoxicação, pois se situa exatamente no topo da cabeça, saindo para o exterior, bem no centro de todos os músculos que circundam o crânio.

As contrações musculares provocam a movimentação das sobrancelhas, testa e de todo o couro cabeludo, atingindo até mesmo as orelhas. O médium, neste caso, pode ser visto movimentando facilmente, de modo bem visível, ambos os pavilhões auriculares, quando bem o deseja.

Inspirado nas observações fora do físico, através do tempo, tenho aproveitado esse tipo de desintoxicação vibratória ao tomar banho de chuveiro, o que gera poderosa chuveirada hidromagnética, qual se fosse tempestade hidromagnética localizada, individual, numa espécie de profilaxia hidroterápica. A água, colocada em temperatura confortável, carrega os fluidos pesados e as formas-pensamentos densas enxaguando magneticamente a forma orgânica, atingindo a aura, o cordão de prata e o psicossoma. Observo também que quando há alimento no estômago, as vibrações estimulam a digestão. Além disso, esses banhos fluídicos patrocinam praticamente a autocura, em poucos minutos, das indisposições gerais físicas, astenia psíquica, escotomas cintilantes, nevralgias faciais, luxações do pescoço, e outras doenças e afecções menores, fatos esses verificados mais de uma vez.

Aqueles que estejam habituados a conviver com o aparelho de ar condicionado, nos climas quentes, e que não portam qualquer tipo de alergia ao ar frio, capaz de resfriá-los, podem provocar, do mesmo modo, uma refrigerada aeromagnética, ou seja, a emissão de energias a 1 metro de distância, na frente do condicionador de ar, de 1 HP, instalado em nível inferior e ligado na baixa refrigeração. Este método cria efeitos positivos incontestáveis, mas não é tão eficaz quanto à enérgica ação física dos jatos de água do chuveiro sobre os corpos coincidentes.

Ambos os procedimentos, o chuveiro hidromagnético e a refrigeração aeromagnética, acima referidos, produzem diversos efeitos espirituais, positivos, distintos: 1. Preservam a qualidade das percepções do projetor quando praticados antes da projeção pressentida ou iminente. 2. Dilatam a pulsação e o ritmo luminoso do núcleo, ou vórtice, e dos raios, gomos, pétalas, faixas, ou lotos, do centro

coronário, de onde se originam. 3. Fazem do projetor autêntico emissor de energia, ou transmissor de prana. 4. Funcionam na manutenção da aura de saúde do praticante. 5. Criam e mantêm a chamada concha protetora para o projetor. 6. Expandem e aumentam pouco a pouco de tamanho, permanentemente, o corpo mental, o que ajuda, sobretudo, nas projeções mentais puras. 7. Colaboram na ampliação do despertar do centro coronário, permitindo as projeções conscientes em séries, no rumo da consciência contínua noite e dia.

13 - ENERGIAS E PERCEPÇÕES

8 de agosto de 1979, quarta-feira, 20 horas e 12 minutos. Fase da Lua: cheia, à zero hora e 22 minutos. Os exercícios intensivos de exteriorização de energias tiveram início imediatamente após a posição em decúbito dorsal.

Surgiu um movimento rápido de minha mão direita, no ambiente agradável de paz. Esse fato foi a repercussão da interiorização súbita da mão que estava num desprendimento parcial e voltou bruscamente à coincidência. Nos semidesprendimentos, esse fenômeno que se pode chamar de autotelecinesia, quando o braço direito, por exemplo, está desprendido, permanecendo a consciência vígil ou semi-vígil, se um dedo da mão do corpo espiritual toca o correspondente físico, sem haver a coincidência, acontece uma espécie de choque elétrico inofensivo, bem forte e claramente discernível, com repercussão e até abalo imediato em todo o braço material. Nas ocorrências de semidesprendimentos anteriores ao desprendimento completo, nos fenômenos da projeção, a última parte física a se desdobrar é quase sempre a cabeça.

Ocorreu o entorpecimento geral profundo de todo o físico deitado, constatado no ato de me virar para o lado esquerdo. Tive breve perda de consciência e surgiu a visão nítida do Espírito José Grosso, bem mais simpático do que o conhecido retrato desenhado. Às 20:33 terminaram os exercícios de movimentos repetidos e recolhi-me ao leito, deitado do lado esquerdo, desejando intensamente sair e flutuar sobre o físico.

Torna-se difícil explicar, mas depois de breve período de sono, nasceu-me a consciência plena ainda dentro do físico. Tinha a certeza absoluta de que não se dera, àquela altura, a saída completa do psicossoma deixando a forma orgânica. Após breves vibrações, fiz a arrancada com uma sensação muito agradável de liberdade.

Notei a presença de uma porção de filamentos saindo atrás das costas de aparência tênue, contudo vigorosos, do tipo dos fios encobertos nessas caixas subterrâneas de passeio público das empresas de força e luz. Eram os componentes do cordão fluídico. A vontade de deixar o físico pareceu fabricar uma substância sólida que me permitiu apoiar um braço e a mão, qual se empurrasse o psicossoma para fora e para cima. A vontade, no ato de sair do físico, às vezes parece uma espécie de apoio palpável, como se fosse sólida alavanca.

Na visão tranqüila do físico deitado, sobressaiam o canto do quarto que corresponde a uma esquina do edifício, equivalente ao 15.º pavimento e lá fora o ar livre, a altura e, mais adiante o Atlântico sereno à vista, pois não há construções contíguas.

Um pensamento ressoante externo, ouvido através de sons inarticulados, sugeriu em breve mensagem espaçada:

— O que pensar será criado e aparecerá imediatamente. Pensei na capa do Superman, usada pelo Arthur; e uma capa vermelha apareceu nas costas. Ao olhar no vôo rápido, a capa parecia drapejar ao vento. Foi dado um volteio no ar, depois, parado, teve início à emissão de energias mentais.

Parecia que os exercícios intensivos de antes de dormir continuavam fora do físico. As energias mentais exteriorizadas, junto a recursos colhidos em a natureza, quando acumuladas antes do desprendimento, ajudam os Amparadores a despertar magneticamente a consciência, aumentar o potencial radiante, e a apurar as percepções da visão e da audição extrafísicas do projetor, logo após deixar a forma material.

Surgiu-me um bem estar intraduzível com a volitação perto do apartamento, em pleno ar de Ipanema, por um bom espaço de tempo. O ato de pensar construtivamente absorve energias sutis de fontes naturais como as águas do mar alto e as árvores das encostas dos morros, e permite a sua utilização efetiva imediata. A absorção rápida das forças externas se faz igual à recepção dos pensamentos e sugestões das inteligências intangíveis.

— Haverá um ruído forte nas proximidades do seu corpo material que poderá tracionar o psicossoma.

O pensamento ressoante avisou-me, aconteceu um ruído indefinível e houve o meu retorno imediato às proximidades do físico. Que ruído material seria aquele? Vi o corpo inerte, deitado do lado esquerdo, fiz um giro para a posição e ocorreu a justaposição coincidente completa.

Imediatamente desejei voltar ao vôo livre. Na liberdade inexprimível de voitar estava muito melhor que no físico, mas o pensamento ressoante sugeria escrever as notas deste registro. Percebi as forças que ligam o psicossoma ao físico, as mesmas que provocam o estado vibracional. A atração do físico nas proximidades era quase irresistível. E daí o pensamento de escrever venceu, afinal, a minha irresolução momentânea. Não havia qualquer entidade visível por perto.

A minha sensação de estar ainda no psicossoma continuava no corpo físico. Tive uma idéia súbita: será pena acender a luz que desfará a energia acumulada e, ao erguer-me, decidi escrever, no escuro mesmo, apenas com notas simplificadas, os temas essenciais das ocorrências.

O relógio digital informou-me ser 9:36 da noite. Deixei o leito para anotar no lusco-fusco do escritório próximo, sete laudas preenchidas em frases telegráficas espaçadas.

Ao voltar à cama, ainda observava a frieza generalizada do físico. Rabisquei duas páginas de notas simplificadas na penumbra do quarto.

A propósito, o apêndice prateado parece constituir-se de um feixe de cabos de força com pulsação regular e não um cordão único. A capacidade de distensão do cordão fluido do projetor compõe a sua "potência projetora".

Onde se situa a sede material do cordão fluido quando esse apêndice se contrai na interiorização, ocultando-se no físico?

O processo de transporte mental do espírito é relampagueante. Por ele, pode-se atravessar as estruturas materiais mais espessas, porém tudo muda quando diz respeito ao Plano Espiritual. Quanto mais densa a atmosfera extrafísica e densa a obscuridade ambiente, menos rápida será a velocidade da volitação e maior esforço da vontade será exigido para o trânsito do espírito. As diferenças locais influem na volitação que pode ser fácil e rápida, ou difícil e vagarosa, de acordo com a decisão da vontade do espírito e a densidade do ambiente. Há atmosferas espessas, em razão das forças mentais gravitantes, mais difíceis à volitação que na própria crosta planetária. A vontade é o agente propulsor da volitação. Quando quer, o espírito passeia igual ao homem comum ou pára no espaço. Na atmosfera rarefeita, a volitação alcança a velocidade do pensamento, sem o espírito perder a consciência.

Torna-se importante assinalar que tudo o que alerta a mente física prejudica o ato da projeção. Por isso precisam ser observadas precauções com a base física ou o imediato ambiente, altamente isolado, onde deve repousar o físico, protegendo-se o projetor contra as surpresas negativas e evitando-se, ao máximo, os sons externos e as ocorrências que interrompam o processo ou provoquem o retorno precipitado do psicossoma, principalmente ruídos e trepidações fortes de causas várias, conforme as experiências: campainhas de portas, telefone e interfone; pêndulas e relógios ruidosos; pombos em janelas; marteletes ou barulhos das válvulas de aparelhos sanitários; dispositivos sonoros com volumes abertos; serras e batimentos em construções e reformas de imóveis próximos; canto de araponga ou ferreiro nas imediações; britadoras noturnas na rua; passagens de veículos em cima de placas metálicas; festa na vizinhança; aparelho de ar condicionado desregulado; trepidação de assoalho; tempestades, ventos uivantes e demais acidentes da natureza. A música de fundo é desaconselhada no "laboratório" do projetor.

14 - VISITA FRUSTRADA

14 de agosto de 1979, terça-feira. Fase da Lua: quarto minguante, às 16 horas e 3 minutos. Recolhi-me ao leito depois de alguns minutos passados na sala escrevendo, às 3:35 da manhã, terceiro sono. Deitado em decúbito dorsal, a posição ideal para as projeções.

A minha consciência estava desperta integralmente ao entrar, respeitoso, no quarto de R., irmã e amiga muito chegada, em Minas Gerais, vista deitada dormindo tranqüilamente do lado direito, com o corpo espiritual coincidente com o físico. Era ela a minha pessoa-alvo.

Veio-me a sugestão de despertar-lhe a consciência sem mover o seu físico, pois seria possível o diálogo transmental. Coloquei a minha mão direita extrafísica encostada no seu ombro esquerdo, que estava para cima, e usei o apelido familiar para chamá-la.

— F.!

Depois que imprimiri razoável força mental e determinação da vontade com a intenção de acordar-lhe a consciência, no terceiro chamamento, ela saiu parcialmente do físico, parecendo exteriorizar apenas a cabeça que virou para cima procurando a direção do chamado, semiconsciente, tentando ver quem a importunava.

Nesse instante aproveitei o ensejo e dei a explicação espontânea, com todo o carinho para não assustá-la:

— F., sou eu! Veja! Estou fora do corpo que está no Rio!

Por um instante, ela, que dava a impressão de continuar dormindo, sonambulizada, pareceu abrir os olhos e dizer pelo pensamento:

— Cruz credo! É você!? Que houve?

— Estou de visita, como vai a S.? E J.?

A perturbação dela com esta visita, contudo, era muito mais profunda do que transparecia. Com o rosto sério, mais jovem e brilhante, encarado em mim, só repetiu horrorizada:

— Não! Não! Por favor, me deixa! Você deve ser um vampiro! E como a sua alteração emocional era evidente, achei melhor deixá-la em paz. Aconteceu a sua coincidência e fiz uma transmissão de energias para acalmá-la.

Sai para a sala contígua, notando a movimentação consciente dos meus braços e pernas deslizando pela casa, pensando:

— Ela me julga um vampiro, talvez igual a Horemseb. Como torna-se difícil o contato nestas condições! Eu, um vampiro, era só o que faltava! Mas o pensamento dela tem razão de ser, tem a lógica do medo.

Nessa altura ocorreu um ruído dentro da casa, vindo do interior dos quartos.

— Será que acordou e julga que sofreu um pesadelo? Ou é outra pessoa da casa?

Tive a reação instintiva de fugir e procurar um esconderijo como se estivesse praticando ação condenável e fosse pilhado em flagrante. E o meu pensamento provocou a levitação súbita do psicossoma até junto ao teto. Dali, dava para ver a luz, fora, na rua, filtrada por vidraças da sala. Naquela posição criada pela reação compulsiva e infantil, talvez julgasse que eu permanecia oculto ao olhar de quem chegasse.

E apareceu no meu íntimo a sugestão de retornar ao físico.

Ao despertar-me, tranqüilamente, a impressão de naturalidade da projeção parecia um fato comum da vida humana que acabara de acontecer. Tão natural fora a ocorrência que para testar o desprendimento, emiti um fluxo de energia e notei o físico pesado, porém, em segundos, veio o banho fluídico e a confirmação da presença de um Amparador.

Ao consultar o relógio, fiz a anotação mental, 5:14 da madrugada.

Nesse momento, antes de começar a escrita, dei início à rememoração intencional de todas as cenas fora do físico, predominando o pensamento acerca de Horemseb, o estranho e poderoso personagem do Conde Rochester; da conhecida psicografia da médium russa Wera Krijanowsky, publicada no Brasil, "A Rainha Hatasu".

7:28 da manhã. Depois que consegui a ligação interurbana, R. explicou-me que esteve acordada durante alguns intervalos à noite, mas foi dormir às 4:30, quando ouvira o relógio maior da casa bater; estava levemente indisposta, meio-resfriada. Não sonhou, mas disse que dormira do lado direito e que só dorme de lado, nunca de costas, e que ontem conversaram bastante sobre os assuntos nossos aqui do Rio. Confirmou que outra parenta na casa acorda de hora em hora pela madrugada devido a problemas de saúde, e que a sala tem um vitrô que permanecia ainda aberto àquela hora. próximo a um poste público da rua que estava com a lâmpada acesa. Disse-me que terá medo se me ver conscientemente fora do físico alguma vez. Já leu o romance de Rochester há muito tempo e exerce, com frequência, a mediunidade passista, mas jamais viu um espírito e sente medo só de pensar no fato.

Não é recomendável que o projetor tente alcançar outra pessoa, numa intrusão ou intromissão indébita na sua privacidade, sem o seu consentimento, a não ser em casos excepcionais, como este, fundamentado no parentesco e na intenção de cooperar com a mediunidade.

15 - PROJEÇÃO-DESOBSESSÃO

15 de agosto de 1979, quarta-feira. Um dia atípico. Alguns serviços e obrigações exigiram-me despender parte da tarde e da noite com simpático senhor conhecido recentemente e que reside fora do Rio. O encontro prolongou-se e o período de preparo pessoal para o sono atrasou-me o recolhimento ao leito para as 22:15 horas, e as companhias extrafísicas que vieram com o visitante ficaram para receber talvez alguns pensamentos de fraternidade, ocasião em que funcionei, mais uma vez, como isca espiritual.

Confirmando as observações de antes de dormir, logo após a decolagem do psicossoma, a minha consciência despertou entre irmãos desencarnados enfermos de considerável poderio hipnótico, portadores de carantonhas lúgubres e gestos ameaçadores, formando uma horda de perseguidores truculentos.

Côncio da função a que fora chamado dei início ao serviço da desobsessão ou restauração das entidades no ambiente fora do físico do próprio apartamento, visando à pacificação daqueles a quem estudiosos da Parapsicologia chamam de atormentadores. E como se sofre quando se é obrigado a se defender, mesmo a contragosto!

As vigorosas inteligências de respeitável potência magnética, desordenadas paixões e visível disposição de ataque, em número de oito, como sempre, no assédio implacável tentaram o que puderam na subjugação do espírito encarnado, mas, no meu caso, por ser projetor consciente a serviço da

mediunidade, a luta mental torna-se mais acirrada e, graças aos Amparadores intangíveis, equilibrada, em razão da cobertura intangível. Elas sempre visam o impedimento das tarefas em curso e a absorção de energias do encarnado que se lhes apresenta disponível.

Deixaram-me os Amparadores aparentemente só em meio à refrega de rebeldia e desespero de que já participara inúmeras vezes, através de longo período de atividades desse tipo, em razão dos fluidos densos da vida física que permitem contatar melhor as entidades desencarnadas de baixo teor vibratório, ainda muito material. O diálogo fraterno, o pensamento de paz, a prece sincera e a manutenção da tranquilidade íntima, sem nenhuma emissão de idéias negativas, como sempre constituíram a melhor conduta em meio à chuva de emissões energéticas carreando blasfêmias, impropérios e desvarios. Não raro, faço as vezes de um pai sereno, em outras ocasiões, um professor tentando explicar lições simples.

Somente a superioridade moral é que permite ter supremacia sobre os espíritos enfermos. Por aí se conclui que a ética é inarredável nos processos da projeção consciente, porque as individualidades enfermas fazem parte da população extrafísica e pesam na economia espiritual deste Planeta-escolahospital. Os espíritos maléficos, opositores ou ameaçadores somente dominam àqueles que se deixam dominar por eles. A projeção-desobsessão é uma das maiores oportunidades de que dispõe o projetor para se tornar útil. E a superioridade moral se impõe sempre nos processos da projeção consciente de qualidade elevada.

Depois de certo tempo de confrontações vibratórias, ocorreu o aumento da pressão do cerco espiritual, com número maior de entidades inconscientes, em perigosas condições mentais, atraídas pela defecção de alguns de seus companheiros encaminhados em paz. O Espírito de minha mãe, Aristina, presença percebida apenas por mim e não pelos enfermos, indicou-me o retorno temporário ao físico, para que a atmosfera se desanuviasse um pouco. A interiorização intencional foi executada com algum esforço vibratório, pois estava na mira de muitos focos concentrados de pensamentos desequilibrados.

Ao despertar-me, ainda sentindo a presença das entidades enfermas remanescentes, infelizes assaltantes espirituais, o corpo denso parecia fortaleza ou trincheira, permitindo trégua na luta que devia prosseguir pela noite a dentro em favor da melhoria de todos. O relógio assinalava 11:56 da noite, ao iniciar este registro.

A primeira demanda vibratória desse tipo ocorreu comigo na adolescência ante os obsessores de um familiar. As batalhas mente a mente foram sempre espirituais, eram assim antes da encarnação e o serão, provavelmente, após a desencarnação, objetivando o entendimento através do amor fraterno possível, único recurso capaz de fazer jorrar as bênçãos da paz e acalmar os ânimos acalorados daqueles que contestam as realidades do espírito ou de si mesmos, a fim de poderem exercer o parasitismo nas consciências incautas através de padecimentos torturantes. Talvez seja a projeção a atividade mais desobsessiva para o próprio médium de qualquer tipo. Julgo que não ocorra trabalho desobsessivo extrafísico apenas com o corpo mental do projetor, porque nessas tarefas está sempre com o psicossoma constituído e, às vezes, até mais denso para se contatar melhor com as entidades enfermas,

situando-se bem próximo ao físico, dentro do perímetro de atuação vigorosa do cordão de prata, condição que aumenta as energias disponíveis durante o desprendimento, permitindo-lhe antepor-se aos ataques sombrios.

Perigos latentes e malefícios prováveis advindos das projeções, segundo apregoam, até com insistência, certos estudiosos, por incrível pareça: sensações insuportáveis, desmaios, pesadelos, alucinações, transtornos emocionais, hipocondria, histeria, tonturas, cefaléias, pânico, amnésias profundas, choque psíquico, desintegração da psique, paralisia, parada cardíaca, ruptura de aneurisma, hemorragia cerebral, descoincidência mórbida, distúrbios patológicos do psicossoma, ruptura do cordão de prata, torção do cordão fluídico, aura confusa, repercussão violenta, estigmatização, alienação ante a família e amigos, encontros extrafísicos prejudiciais, seres hostis, influências espirituais permanentes, acidente com o físico, obsessão, possessão, ferimento mortal de ponta metálica ou arma branca, reocupação do físico por outra inteligência, enterro prematuro, e projeção final (morte). Acho, francamente, que essa inflação de riscos tem sido muito exagerada e, em parte, foi criada pela sonegação intencional sistemática de informações, junto às camadas populares, sobre as práticas parapsíquicas ou iniciáticas desde a Antigüidade, passando pela Idade Média, e perdurando até poucas décadas atrás.

Jamais identifiquei um desses propalados inconvenientes como empecilho real às projeções conscientes, e os obstáculos que tenho encontrado somente vêm contribuindo para o aperfeiçoamento técnico dos processos dos desprendimentos que me trazem imensa alegria. Julgo que a boa intenção, a tranqüilidade íntima, a autocrítica, e a mediunidade um pouco desenvolvida, afastam naturalmente esses e outros riscos porventura supervenientes em alguma fase do desenvolvimento da projeção, e não vejo nenhuma restrição séria à sua prática desde que se mantenham as precauções ordinárias com a higiene física e mental.

16 - RECEPÇÃO SOCIAL

19 de agosto de 1979, domingo. Recolhi-me ao leito às 22:11 horas, depois de mais de hora de exercícios preliminares, inclusive com a aplicação de energias na cabeça, especialmente nos olhos. Deitei-me para dormir do lado direito.

A consciência apareceu-me vivida na decolagem vertical, clássica, do psicossoma para cima, ao passar pela parede do quarto na direção da Rua Visconde de Pirajá para o Sul.

Distanciado, em plena rua, vi o interior de moderna residência como se estivesse usando um conjunto de lentes zum, numa visão telescópica detalhista. Ao fundo, senhora distinta atendia a uma garotinha em idade escolar, vestida para dormir, e encaminhou-a carinhosamente ao leito.

Ao observar a cena íntima, percebi ao mesmo tempo outras peças da casa ampla em cujo salão, mais comprido para o fundo que largo para os lados da edificação, estava ocorrendo uma espécie de recepção social.

Os encarnados desconhecidos movimentavam-se no salão principal ao modo de atores num palco, permitindo-me distinguir perfeitamente outros tantos desencarnados de aparência diversa, como se fossem pessoas estranhas com trajes inadequados, entremeados entre os homens e mulheres vestidos em noite de gala.

Notei várias pessoas bem penteadas, algumas de cabelos grisalhos, a maioria satisfeita como se estivesse numa festa. Vinham sons de música suave das dependências interiores da moradia.

Em momentos, entrei no salão acompanhando a entidade que abordou gentilmente o espírito de homem com aparência de uns 40, portador de bócio que lhe aumentava a forma do pescoço, dando-lhe um aspecto desproporcional como se o pescoço e a cabeça fossem maiores que o resto da constituição humanóide. Do diálogo mental havido, a minha lembrança assinala a veemência do desencarnado, instado a acompanhar o Amparador, em afirmar que precisava continuar ali para transmitir um monólogo importante a determinado personagem da recepção, no que foi fraternalmente dissuadido de fazer. O diálogo mental breve, mas incisivo, contou com a intercessão de alguns desencarnados presentes, companheiros do espírito que, ao fim de algum tempo, acedeu e foi conduzido para fora do recinto pelo Amparador que seguiu com ele e mais dois dos que estavam na casa. Nesse instante, recebi a sugestão para o retorno ao físico.

Ao observar os desencarnados no meio do salão, notei uma diferença marcante de trajes entre os homens e mulheres participantes da recepção, bem vestidos e arrumados, com a indumentária estranha dos desencarnados presentes. Dois destes ao perceberem a minha presença como encarnado consciente, ali, no meio deles, tentaram abordar-me no que foram afastados pelo Amparador visto e, aparentemente, respeitado por todos. Os encarnados no salão nada notaram das cenas intangíveis que se desenrolaram sob o teto da casa, com a presença até de um encarnado cujo físico dormia àquela hora. Não me foi possível precisar o local das ocorrências.

Ao despertar-me no físico, deitado do lado direito, consultei o relógio, 10:56 da noite. Os fatos da projeção estavam tão vividos na minha lembrança que pareciam ainda acontecerem à frente dos olhos, sobressaindo-se a visão colorida à distância, antes de penetrar na residência, o resgate do espírito enfermo e o monólogo que insistia em transmitir, a todo custo, a um encarnado. Seria o monólogo referido, um monólogo psicofônico?

Sai para fazer o registro, a fim de manter o diário das projeções sempre atualizado.

17 - LÁPIDES LUMINOSAS

23 de agosto de 1979, quinta-feira. Terceiro sono às 3:29 da madrugada. Deitei-me do lado esquerdo, depois de haver levantado durante a noite para escrever.

A minha consciência despertou clara sobre um morro, surgindo a sensação de ser largado em pleno espaço volitando sob o controle da própria vontade. Nasceu-me profunda satisfação de voar igual a um homem-pássaro sem a asa delta.

Notei que era ainda noite, mas descendo volitando em volteios sobre o morro veio a lembrança de observar as próprias mãos para lembrar-me ao despertar e, em pleno ar, bati as palmas, dando para perceber as mãos leves e impregnadas de energia como se contivessem eletricidade. A sensação também de mover as mãos era agradável.

De repente, chamou-me a atenção a luminosidade de alguns objetos claros e bonitos no chão, logo saindo da encosta do morro. Quando desci para observar mais de perto, a claridade aumentou e foi possível identificar a luminescência que fluía de várias lápides. Estava realmente num cemitério. Ao fazer a descoberta, tive a idéia de pegar uma das peças ornamentais de um túmulo, pequeno anjo recostado que parecia lâmpada acesa. Foi pensar e executar o ato incontinenti. Experimentei a sensação completa de tatear o material e a recepção nas mãos daquela luminescência ao modo de purpurina quintessenciada.

Achando estranha a irradiação luminosa, nasceu logo no meu íntimo a explicação de ser aquilo os fluidos gravitantes dos pensamentos das pessoas que amam aquele que ali tivera o corpo físico enterrado. Fato semelhante ocorre com as imagens nos templos religiosos que parecem adquirir vida com a intensidade de energia imantada na estrutura pelas orações dos fiéis através do tempo.

Há igualmente monumentos e certas estátuas de personalidades ilustres que ao serem lembrados com veneração pelo povo, transformam-se em verdadeiras imagens semelhantes às dos templos em razão das emoções positivas tornadas energia luminescente. Tudo na essência da vida é pensamento e emoção. O que pensamos apaixonadamente materializamos, impregnamos de vida, emitindo energia. O túmulo, quase sempre expressão da vaidade humana, pode, no entanto, transformar-se num repositório de forças vivas e é o que se vê nas pedras dessa necrópole.

Minhas mãos pareciam atrair a luminescência do objeto que era tateado e sentido palpavelmente, igual ao ímã atraindo a limalha de ferro. Surgiu-me a idéia inescandível de comparar o cemitério a vasto depósito de sucata.

Ao sair entre os túmulos e levitar, vi diversos espíritos desencarnados ao redor de uma sepultura, numa ala afastada. As entidades entrevistadas a distância pareciam trabalhar com outros espíritos enfermos, assistindo desencarnados ainda presos, inconscientes, aos túmulos e dependências da necrópole. Não havia desencarnados próximos às lápides luminosas.

Algo interno me sugeriu não seguir até lá porque já estava na hora do retorno.

Ao despertar-me, consultei o relógio, 4:14, e começaram a afluir fragmentariamente as lembranças na minha mente, primeiro as últimas cenas da projeção, depois as lápides luminosas e, por fim, o exercício de bater com as mãos em plena volitação, o que me provocou novamente a sensação de bem estar até vir fazer este registro.

O estado de percepção íntima, intuição, pressentimento, inspiração ou conscientização incontestável de determinados fatos e que aparece na mente livre fora do físico, representa impressionante fenômeno da projeção. No início, o projetor não se preocupa com a ocorrência, com a repetição das experiências nasce a confiança no processo e se começa a aplicá-lo racionalmente nas atividades extrafísicas. Convém ressaltar que essa condição de certeza íntima a respeito do pormenor de um fato, a identificação mental de uma entidade ou o esclarecimento a respeito de certa circunstância, surge de imediato, nem sempre representa inspiração simples dos Amparadores, mas constitui percepção natural da mente livre, nova porta sensorial realmente superior e incompreensível à mente finita do cérebro denso.

18 - OPERAÇÃO INTERCÂMBIO

28 de agosto de 1979, terça-feira. Dia atípico de serviço. Estive em Niterói algumas horas. Recolhi-me ao leito às 19:55, estado físico cansado, depois de 20 minutos de exercícios recuperadores. Segundo sono sem consulta ao relógio. Posição do lado esquerdo.

A consciência apareceu-me ao entrar numa instituição de estudos espirituais em pequena ilha deserta, semelhante a um morro emergindo na planície ondulada do oceano, entre vários encarnados projetados fora do físico, assistido por equipe de Amparadores e liderados por um instrutor.

De início, foi feito o conagraçamento dos encarnados ao passo que iam chegando, cada qual acompanhado por um desencarnado. Os, encarnados eram tratados magneticamente para receberem energias nos centros mentais, atingirem maior condição de lucidez espiritual e poderem raciocinar melhor, possibilitando lembranças mais fiéis após a excursão extrafísica.

A reunião de mortais na esfera da imortalidade, tornava transparentes os corpos opacos, libertando, por algum tempo, os prisioneiros da matéria densa.

O local, arranjado por numerosa equipe, funcionava como estabelecimento improvisado "de campanha", mas dotado de verdadeiros recursos didáticos, ao modo das instalações e hábitos universitários humanos. Segundo esclarecimentos que me forneceram na hora, tudo fora executado no sentido de condicionar possibilidades de ambientação aos recém-chegados para se "sentirem em casa" e predispor-los, ao máximo, a uma lucidez temporária fora do físico que permitisse assimilação das idéias e reminiscências posteriores aproximadas da realidade, à maioria em forma de sonho ou intuição.

A operação foi realizada numa ilha para facilitar a locomoção próxima dos encarnados e a consolidação das defesas espirituais do ambiente que, percebia-se, estava completamente isolado por rastilhos de luzes criando um campus no ambiente selvagem, entre árvores, sobre as pedras da ilhazinha.

Nas instalações notavam-se carteiras postas em filas, quadros murais, uma cátedra simples em plano mais elevado e local para exposição visual igual a uma parede, situada logo à frente de quem dirigia o pensamento aos encarnados.

Deviam estar presentes mais de quatro dezenas de participantes encarnados, homens e mulheres, dentre os quais alguns jovens, autoridades, servidores públicos, professoras, funcionários de postos médicos e participantes de diversas confissões religiosas. Alguns se conheciam e formavam pequenos grupos.

Ao iniciar a exposição daquilo que chamaram de operação-intercâmbio, foi mostrada a série de mapas e gráficos luminosos tridimensionais de determinada área, cada qual abordando um aspecto particular da vida humana, todos versando a mesma zona, que parecia um bairro destacado de cidade. A área do bairro focalizado apresentava o formato de um casquete.

Depois foram feitas preleções curtas por três espíritos diversos expondo as finalidades do encontro. Explicaram que, após as pequenas e sucessivas aulas, um instrutor ouviria a opinião de cada qual dos encarnados temporariamente libertos pelo sono físico.

O trabalho versava a preparação de assistência espiritual rápida e intensiva sobre a área focalizada da cidade de onde procediam os encarnados participantes, cada qual possuidor de conhecimentos ou responsabilidades diversas vivendo no ambiente em estudo. Informaram que comandos semelhantes são comuns no Mundo Espiritual, esparramados por quase todos os países, nos diversos continentes. Da existência deles derivam as idéias que inspiraram a assistência inteligente do tipo da Operação Rondon, realizada no Brasil, da Operação Limpeza executada em favelas e outros empreendimentos correlatos, quando são assistidos centenas de habitantes de determinada zona com todos os recursos de emergência.

No caso, a assistência espiritual visa a melhoria e o socorro possíveis de encarnados e desencarnados convivendo em comum, numa ampla tarefa coletiva de desobsessão.

Afirmaram que o trabalho de higiene espiritual que vem sendo feito ainda é muito elementar tendo em vista as reais necessidades dos assistidos e as possibilidades de auxílio dos encarnados e desencarnados, geralmente em lamentável sub-nível de rendimento, em atmosferas de parasitismos magnéticos recíprocos e grupais, onde os desencarnados tentam forçar semi-reencarnações temporárias, artificiais, ou transmissões mediúnicas enfermizas através de processos obsessivos e vampirizantes.

Ressaltava-se a fulgurância da inteligência nas demonstrações dos assuntos abordando a vida familiar e a comunidade, onde se procurava introduzir idéias simples e renovadoras em todos os aspectos da existência humana, com muita naturalidade e camaradagem, sem nenhum misticismo nem preconceito, ao modo de universitários no relaxe do campus.

Exaltava-se a idéia básica do amor e da sabedoria da Inteligência Divina ou da existência de Deus sobre pairando todos os assuntos, mas, de um modo imparcial, universalista, congregando espíritos irmãos de todas as condições, procedências, ideologias e crenças religiosas.

Os assuntos eram os mais diversos, vida doméstica, trabalho, condução, saúde, lazer, escola, sobrevivência, mas todos convergindo para o mesmo ponto da convivência entre encarnados e desencarnados nos lares e nos centros de encontros da comunidade como clubes, associações, empresas médias e grandes, aulas de ginásticas, reuniões de várias naturezas, inclusive religiosas, políticas e agremiativas.

De longe, os temas faziam lembrar, numa comparação rústica, as limpezas feitas pela polícia recolhendo os marginais antes de festas e comemorações populares e os enfeites e preparação dos logradouros públicos para inaugurações ou solenidades de grandes efemérides comunitárias.

Depois das explanações informais, não faladas, mas transmitidas de maneira compreensível e instantânea pelo pensamento, veio o instrutor, personalidade luminosa de simpatia irradiante, que expôs a parte final e a conclusão, começando a argüir cada um dos presentes acerca da operação, inclusive ouvindo sugestões.

A maioria permanecia bem desperta e respondeu às interrogações, participando efetivamente do encontro, dando pareceres e oferecendo alvitre, contudo, alguns deles, dentre os quais dois senhores e uma senhora, caíram numa sonolência ou sonambulismo contínuo e nem puderam participar dos diálogos mentais, sendo isolados antes do retorno ao físico que foi feito, ao mesmo tempo, por dezenas de entidades que saíram numa revoada única ao término da reunião e dos augúrios de paz.

O encontro provou aos presentes o esforço e a abnegação dos assistentes espirituais dos homens e mulheres pela Terra afora, tentando melhorar as condições da vida íntima das criaturas no rumo do aperfeiçoamento e da elevação de propósitos, na implantação da efetiva fraternidade, profundo espírito comunitário e maior senso de humanidade.

Quanto trabalho ainda por fazer aguardando quem se disponha à participação fraternal! À primeira vista, as tarefas dos espíritos parecem esforços de acadêmicos e pesquisadores universitários lidando com os encarnados, bisonhos estudantes do primeiro grau escolar que ainda procuram método até para aprender a estudar. Mas o esforço em conjunto sempre frutifica, é o que enfatizaram. As idéias, esboçantes no inconsciente, acabam germinando nos cérebros mais exponenciais da comunidade, através das sugestões que provocam a emersão da memória e assomam em reminiscências de origens imprecisas, intuições vagas, inspirações salvadoras e acabam sendo materializadas na vida humana, ainda que toscas ou caricaturais a princípio, sob o aspecto espiritual, mas legítimas e praticamente "espontâneas" à vista dos homens.

Ao deixar o local, a ilha me pareceu revestida por anúncios luminosos ou sob o impacto de fulgurante espetáculo pirotécnico, irradiando cintilações em todo o contorno de morro alongado.

Ao despertar-me no físico, o relógio marcava 12 minutos depois da meia-noite. Quanto tempo durara a reunião? É difícil precisar. O tempo fora do físico é sempre fator enigmático, uma dimensão misteriosa que causa perplexidade, saindo do absoluto para o relativo e, às vezes, parecendo estacionar até extinguir-se na intemporalidade. O tempo é uma unidade de medida humana. Com a morte, só morre o tempo. Quem desencarna vive sem futuro, ou se o quiserem, num eterno presente, ou num eterno amanhã.

Paralelo dos caracteres diferenciais básicos entre o sonho comum e o desprendimento consciente para o principiante:

1. No sonho ocorre uma atividade mental habitual; na projeção, a atividade mental transcende em riqueza a própria vigília.

2. No sonho, o raciocínio integral não atua com facilidade; na projeção mantém-se igual e, não raro, expande-se além das possibilidades ordinárias da vigília.

3. No sonho, a pessoa não determina as imagens oníricas à vontade, mas atua ao modo de espectador ou semi-espectador de um espetáculo que se desenrola à revelia, sem nenhum controle da sua mente; o projetor dirige os atos do desprendimento e dispõe de capacidade decisória como na existência humana.

4. No sonho, a faculdade crítica fica ausente e se aceita os acontecimentos e situações mais absurdas com naturalidade, porque a consciência não está suficientemente alerta para despertar o sentido da atenção; na projeção, o juízo Crítico se faz sentir sempre.

5. No sonho, não se conserva a lembrança seqüencial das imagens; o projetor pode recordar as ocorrências integrais da projeção em todos os pormenores.

6. No sonho, a auto-sugestão não funciona na coordenação das imagens; na projeção pode determinar atos e acontecimentos extrafísicos.

7. No sonho, a pessoa jamais começa a sonhar desde a vigília; na projeção há ocorrências com a manutenção da consciência absoluta da vigília, antes, durante e depois do processo, sem solução de continuidade.

8. No sonho, não há impressões de uma saída para fora do físico; na projeção, a experiência da decolagem é fascinante e única.

9. É muito difícil prolongar o sonho; na projeção, torna-se possível prolongar a estada fora do físico.

10. No sonho, as excitações sensoriais agem na produção de fantasias; na projeção, pequenos toques no físico imobilizado provocam o ato da interiorização do psicossoma com a sensação inconfundível da tração do cordão de prata.

11. O sonho não apresenta o conjunto de fatores psicológicos e extrafísicos comuns à projeção consciente como grau de consciência, sentido de liberdade, bem-estar, clareza mental, expansão de poder, deslizamento, levitação, volitação e, às vezes, até euforia.

12. No sonho, as imagens se apresentam deformadas e irreais; na projeções, as imagens não se deformam.

13. No sonho, as imagens são de intensidade inferior às da vigília; na projeção, alcançam a maior intensidade de todos os estados de consciência.

14. O sonho, embora com imagens mais fracas, tem lembranças mais fortes e fáceis, por ocorrerem quase sempre no estado consciencial perto da coincidência ou, pelo menos, próximo ao físico; a projeção, conquanto de imagens mais fortes, tem lembranças ou rememorações mais fracas e evanescentes, por se darem a distância e sem a influência direta do cérebro físico. Essa regra é um dos notáveis paradoxos da projeção consciente: quanto mais prolongada seja a experiência e mais distante a excursão do psicossoma ou do corpo mental, mais difícil será a rememoração.

19 - O RECÉM-DESENCARNADO

4 de setembro de 1979, terça-feira. Terceiro sono às 3,55 da madrugada. Deitei-me do lado direito.

Conforme as reminiscências, a minha consciência aparentemente surgiu numa instituição espiritual de ambiente agradabilíssimo, onde era digno de nota o pé-direito das instalações de talvez uns seis metros de altura, com amplos pórticos e janelas.

Vários grupos de entidades postavam-se em lugares confortáveis e num dos salões aprazíveis jaziam alguns espíritos acamados. A minha atenção se voltou para um senhor; "jovem e simpático sexagenário", calvo, com profundo vinco de atenção entre os supercílios, acomodado num leito junto a outro senhor de idade avançada, à cabeceira. Este era o pai, veio o esclarecimento mental.

O sexagenário era recém-desencarnado e já consciente da própria situação, segundo a transmissão do pensamento ocorrida entre eles. A tez alourada do novato na Espiritualidade surgia fulgurante de alegria, num deslumbramento apenas contido algumas vezes pelo pai que o acomodava no leito, recostando-o em volumosos travesseiros. A minha presença não era registrada por eles que acabavam de se encontrar e trocavam impressões e relatos pessoais entusiastas, quais dois parentes que se vissem depois de longa ausência. Estaria o meu "Eu-Consciente" apenas de corpo mental?

A condição espiritual do recém-desencarnado parecia ser excelente pela satisfação que transparecia do encontro. Estava cogitando de uma explicação para o pé-direito tão elevado da instituição. Seria para acalmar os recém-vindos da vida humana, mostrando-lhes a insignificância da romagem terrestre ante o aspecto das grandezas espirituais? Ou seria decorrência do meu processo de atuação da visão extrafísica mental?

Nesse ponto, vi penetrar o recinto, por uma das largas portas laterais, o espírito de outro senhor, também extático e feliz, que veio cumprimentar o recém-chegado. Aplicando todo o potencial de atenção, percebi perfeitamente que o recém-desencarnado emitiu, em seus pensamentos nos diálogos transmentais, seguindo um reflexo condicionado ou hábito da vida terrestre, uma catadupa de afetuosos e absurdos palavrões saudando festivamente a visita, talvez como ambos o faziam antes, na existência física.

Vieram abraços com efusão, transportes de júbilo e expressões de companheirismo de parte a parte, aos impulsos juvenis do encontro e sob as observações atenciosas do pai, tranqüilo, à cabeceira.

Comecei a meditar sobre a espontaneidade da cena e a emissão carinhosa e irreprimível de tantos palavrões "audíveis" naquele ambiente superior; na autenticidade do espírito mantendo coerência nas duas vidas, pensando na energia insofrecível e materializante do pensamento no Plano Extrafísico. Pensar e atuar constituem realmente um ato só na consciência livre.

Voltando, junto ao físico, experimentei uma sensação desagradável, inesperadamente, e ocorreu a interiorização em poucos segundos.

Ao abrir as pálpebras, incontinenti, constatei a causa evidente da perturbação e do chamamento, o meu braço direito ficara numa posição incômoda e, ao levantá-lo, estava "formigando" numa câmbra generalizada com "alfinetadas" e "agulhadas", devido à circulação sangüínea irregular. Após alguns minutos tentando melhorar a circulação do braço, consultei o relógio, 4,49 da manhã que clareava, dando para ouvir alguns passarinhos pipilando lá fora.

O corpo mental, veículo separado e distinto de consciência, atua isolado e independente do psicossoma. Aqui se considera o espírito encarnado composto do físico, do psicossoma e do corpo mental ou mente sozinha. Além disso, o espírito exterioriza a aura ou o duplo etérico, apresenta a ligação do cordão de prata, e pode-se chamar de corpo causal, o corpo mental do espírito puro. Os demais "corpos" dos Textos Antigos e da Teosofia, levo à conta de simples estados de consciência.

Vale registrar aqui um fato importante: mesmo de corpo mental e portanto, com o meu psicossoma dentro do corpo físico, este sofreu o problema fisiológico da circulação sangüínea irregular no braço direito.

Os espíritos desencarnados de evolução mediana, quando dormem, na esfera de vida extrafísica onde concentram as suas atividades, deixam o psicossoma em repouso e visitam outras esferas resplandecentes apenas de corpo mental. Tais ações constituem as suas projeções mentais, os seus sonhos lúcidos, os desdobramentos da consciência deles. Sob certo aspecto, o espírito encarnado, ou melhor, o projetor avançado, pode fazer o mesmo, ou seja: tirar o psicossoma do físico, deixá-lo inerte num plano extrafísico evoluído e sair de corpo mental, igual a um desencarnado, obtendo a vantagem de ampliar, ao máximo, as percepções fora da atmosfera terrestre. Não deixa de ser estranho a mesma consciência manter, temporária e simultaneamente, dois veículos inanimados? Por aí se vê que o corpo mental, além de representar um centro de pensamentos, é veículo melhor, mais flexível e eficiente do que o psicossoma para o trânsito da consciência.

20 - TEMPESTADE HIDROMAGNÉTICA

6 de setembro de 1979, quinta-feira. Fase da Lua: cheia, às 8 horas. Recolhi-me ao leito às 20 horas e 8 minutos, ao pressentir a presença de algumas entidades para as tarefas da noite. A temperatura ambiente devia estar a uns 20 graus centígrados. Deitei-me em decúbito dorsal com um travesseiro sob o joelho direito e outro sob o braço esquerdo, colcha fina e cobertor sobre o corpo até o queixo. Não aconteceram exercícios, houve tempo apenas para breve concentração e prece.

Ocorreu-me o pronto desprendimento e a minha consciência despertou plenamente entre duas entidades amigas, a benfeitora de sempre, Aura Celeste, e um companheiro de elevada expressão espiritual. Esclareceram-me, de imediato, que a incursão visaria o recolhimento de uma enferma espiritual.

Em minutos, atravessando rapidamente o espaço, atingimos uma área no continente, junto ao mar, costa deserta sob tempestade de amplas proporções que parecia atingir o auge àquela hora, entre ribombos de trovões, faíscas sucessivas e bâtegas em turbilhões escachoantes.

Informaram-me que junto à tormenta física ocorria chuva torrencial de recursos magnéticos de Esferas Superiores na região, objetivando a limpeza periódica das espessas formas — pensamentos nas cavernas subcrostais que se ramificavam pela Crosta sob os morros e penhascos selvagens, infiltrando-se pelas entranhas da terra.

A tempestade assemelhava-se a vasto maremoto e terremoto conjugados levantando ondas imensas, soerguendo o solo e fazendo tremer as estruturas de todo o cenário. As cavernas começaram a ser inundadas por verdadeiros rios interiores, forçando a saída de animais, talvez ratazanas, dos covis de terra sólida, bichos nas águas, principalmente ariranhas de olhos coruscantes na escuridão, e morcegos desvairados cortando os ares. Todos tentavam sair em pânico dos saguões das galerias múltiplas, umas amplas e altas, outras acanhadas e baixas, a se multiplicarem em furnas, precipícios e gargantas no recôndito da massa terrestre.

Fazíamos a passagem sobre os elementos deslizando com a emissão do potencial das forças mais íntimas para flutuar acima dos bichos e atravessar as revoadas de morcegos.

O ambiente gélido das furnas, com exalações desagradáveis poluindo o ar, mostrava o horrídelo com toda a magnificência possível, além de qualquer pesadelo. Entre as cores das pedras escalavradas das paredes e a majestade estática das estalactites e estalagmites, os numerosos magotes de entidades padecentes, alienados mentais sem corpos físicos ainda profundamente materializados, sentiam os efeitos magnéticos e psicológicos das convulsões indescritíveis dos elementos, correndo espavoridos e exibindo assombro indefinível nas carantonhas pelas galerias espaiadas em labirintos, num "salve-se quem puder" deprimente e aterrador:

Os recintos tenebrosos das cavernas pareciam transformados em catacumbas do horror. Angustioso pavor campeava nas fisionomias e nos gestos dos grupos desventurados que se amontoavam onde podiam, com os espíritos perturbados, muitos atônitos, alguns vacilantes, buscando apoio desesperado e inencontrável uns nos outros.

Profunda compaixão brotava, espontânea, em todos nós que presenciávamos as cenas inesquecíveis atravessando o ambiente à meia altura, procurando manter-nos flutuando pouco acima, na posição difícil de espectadores impotentes ante o realismo da catástrofe programada. Era necessário dominar as emoções e abafar os impulsos de choro convulso.

Secções dos elementos geológicos suspensos pareciam tremer e daí a pouco caíam fragorosamente sobre o leito turbilhonante das extensas grutas que acolhiam considerável população espiritual, vinda à tona nas águas misturadas de chuva e mar, saindo de cada enxovia escondida, poços de lama semelhantes a solitárias e cárceres encravados em esconderijos e tijucos, numa das piores atmosferas que se possa imaginar:

Tarefairos do conforto espiritual, em pequenas falanges luminescentes, chegavam para os trabalhos de cooperação fraternal, em levas contínuas, durante e após a tempestade hidromagnética.

Ao passar os últimos efeitos da bomba-d'água, veio a calma do período pós-terremoto e as entidades aproveitaram a ocasião esperada para a visita, encontrando quem procuravam e arrebatando, com zelo inexcedível, a pequena enferma de um dos tugúrios indescritíveis, em sombras perenes, situado nos recessos mais absconsos das valas, socavões e lapas profundas.

A esquelada criatura dava a impressão de criança oligofrênica deformada, imersa em profunda noite de idiotia, os olhos vitrificados inteiramente alheia às ocorrências da tempestade, como se vivesse num mundo próprio de pesadelo contínuo. Na qualidade de encarnado, funcionei como doador comum de energias. Reduzido grupo de entidades infelizes ainda tentou impedir o recolhimento da doentinha colocada a dormir, mas foi dissuadido naturalmente de fazê-lo pelas defesas magnéticas instaladas pelos pensamentos da equipe de resgate.

Na fase última da incursão, quando deixava o local junto das duas entidades e mais a criança espiritual, elevaram-se as objurgatórias e protestos de espíritos remanescentes, de horrenda figura, que começavam a comemorar o fim da tempestade numa orgia bizarra, declamando, estentoricamente, versos pornográficos atribuídos a Bocage.

A saída daquele ambiente e a volta após a tempestade foram fáceis e rápidas. Um dos companheiros espirituais, com bondade exuberante, encarregou-se de levar carinhosamente a doentinha. Era chegado o momento de retornar ao físico.

Ao despertar-me, ainda com as imagens vividas da tempestade, ratazanas, ariranhas e morcegos, meu cérebro traduzia apenas os ecos desmaiados das inexprimíveis sensações espirituais sofridas pelo ser longe dali, momentos antes.

O físico permanecia na mesma posição em decúbito dorsal tranqüilo. Consultei o relógio, 9,51 horas da noite. Duração do afastamento do psicossoma, 1 hora e quarenta minutos. Surgiram vibrações mais poderosas, veio o Espírito Aura Celeste pela psicofonia e transmitiu instruções fraternas à minha esposa que acabava de entrar no quarto para dormir. Após a mensagem, dei início ao registro no escritório do apartamento. O tempo continuava bom em Ipanema.

21 - A MADONA E O MENINO

9 de setembro de 1979, domingo. Às 20 horas e 35 minutos deitei-me do lado esquerdo, após exercícios de meditação semi-consciente desde às 19,09 horas.

Ao virar-me para o lado esquerdo, depois da consulta ao relógio, as vibrações aumentaram. Fiz uma tentativa para decolar, sem alcançar êxito. Na segunda vez, virei o psicossoma para a direita, saí, fiquei de pé sobre a cama, e vi o Espírito de minha mãe, Aristina, que veio num abraço emocionado. Deu para observar claramente a sua fisionomia e comentei:

— A senhora está mais jovem e bonita. Parece com aquele seu retrato de madona que está na gaveta das fotografias. Está um pouco mais cheia de rosto.

Ela sorriu e houve referência ao Arthur que dormia no quarto próximo, interposto entre o escritório, no outro extremo do corredor, e a minha base física. Ao falar dele nasceu-me o impulso de vê-lo. Era a minha criatura-alvo. Imediatamente, estava à beira do seu leito, onde, com a ajuda do Espírito de minha mãe, foi possível pegá-lo de imediato.

Aos afagos da entidade desencarnada, o Espírito do pequeno despertou e, ao perguntar-lhe se queria ver como voava o foguete sobre o qual conversara antes de dormir, ele, parecendo consciente, desejou experimentar. Fiz uma levitação rápida, sozinho, com a forma do Arthur nos braços, em pleno ar livre da noite. Após rápidas idas e vindas para cima e para baixo, em todos os sentidos, sobre o mar até o Morro Dois Irmãos, com o garoto radiante de júbilo, fiz um pouso temporário num dos saguões da construção inacabada das instalações do Panorama Palace Hotel, na encosta do morro próximo.

Examinava o Arthur que parecia estar nu, passando a mão nas suas costas e por seu corpo, quando fez-se presente, de sopetão, uma entidade desencarnada, homem ainda jovem, querendo uma abordagem com a intenção de brincar com o espírito da criança.

Ao pedir serenamente à entidade para se afastar, ela pulou, com um salto, a meia-parede do esqueleto da construção sumindo dentro da noite em direção à favela contígua. O Arthur estava mais ou menos consciente, mas conservando a sua mentalidade de criança.

Em segundos, retornei ao apartamento, conduzindo Arthur ao físico, no seu quarto de dormir. Não mais vi o Espírito de minha mãe. Senti os indícios vibratórios da presença do corpo denso e, qual limalha atraída pelo ímã, aconteceram a reintegração e o despertar imediato.

Ao pressionar o relógio, o mostrador luminescente indicou-me 10,52 horas da noite. Tive ainda alguns minutos de hesitação se levantava ou não para o registro, pensando na lucidez da consciência antes, durante e após o desprendimento, findos os quais visitei os aposentos do garoto para vê-lo repousando placidamente. Consultei a gaveta das fotos para colher o retrato de Aristina, tirado em 1930, e confirmei a comparação da fisionomia. Elisabeth estava na sala vendo um programa de televisão. Disse-me que eram umas 8,10 da noite quando observara, pela última vez, o Arthur dormindo tranqüilo.

Em razão da natureza individualíssima da projeção consciente, infelizmente, nem sempre é possível evitar de aborrecer o leitor com histórias de família. Que posso fazer?

Os meus atos físicos iniciais para o projeção comum, no caso, em decúbito dorsal, obedecem a uma seqüência:

- 1. Colocar os pés distantes um do outro deixando o corpo físico inteiramente à vontade, com todas as partes confortáveis.*
- 2. Descansar os braços estendidos ao lado e as mãos separadas ao longo do corpo ou sobre as pernas sem cruzá-las.*
- 3. Repousar a cabeça numa posição que não force o pescoço.*
- 4. Conservar o rosto sem contrações musculares.*
- 5. Cerrar as pálpebras como se fosse dormir.*
- 6. Evitar engolir saliva ou forçar a aspiração forte de ar pelo nariz.*

7. *Alcançar, com o relaxe, não movendo nem os dedos, a imobilidade completa ou a semiletargia.*
8. *Pouco a pouco deixar, mentalmente, de sentir o físico, pensando que não existe mais o corpo material.*
9. *Ter pensamentos de paz concentrados no ato de se projetar, imaginando a saída do psicossoma do físico.*
10. *Desejar, intensamente, flutuar acima do físico ou rolar o psicossoma para um lado, conforme a preferência do momento.*

22 - A MENSAGEM-ORAÇÃO-IRRADIAÇÃO

9 de setembro de 1979, domingo, segundo sono às 22,22 horas, depois do relato do desprendimento do capítulo anterior. Deitei-me do lado direito.

Seguindo um Amparador, visitamos a casa de um médium espírita que trabalha num centro, no mesmo quarteirão próximo à sua residência. Verificava-se a probabilidade de o médium acompanhar, fora do físico, a visita que iria ser feita ao templo, constatando-se a impossibilidade da ação pelas condições físicas e psicológicas do senhor; àquela hora ainda vígil e às voltas com alguns quefazeres domésticos. Seria freqüente esse fato?

Deixando a residência simples, ao virarmos a esquina da quadra, destacou-se a entrada de um templo espírita de portas cerradas e, aparentemente, às escuras, ao ser observado da rua.

Ao adentrarmos o recinto pela porta junto à mesa de direção das reuniões, o quadro, no amplo salão, era comovente e estarrecedor. Mais de duas centenas de espíritos enfermos, nas piores condições espirituais, estavam sendo tratados por entidades vestidas ao modo de enfermeiros, homens e mulheres, que os assistiam, contendo-os a custo parados no lugar, do melhor modo possível, para receberem os benefícios das irradiações mentais, numa promiscuidade, algazarra e desordem lastimáveis.

De encarnados, só havia alguns temporariamente desprendidos do físico, num grupo silencioso, recolhido em oração ao que tudo indicava, junto à direção dos trabalhos, inclusive algumas senhoras de origem humilde simplesmente trajadas.

Ao ser conduzido pelo Amparador até à mesa, ali mesmo, na hora, ainda consegui ouvir algumas expressões de uma entidade intangível que se assenhoreou do meu psicossoma e, ajudado pelos espíritos benfeitores e os encarnados desprendidos em oração, semimaterializou-se à frente dos presentes.

Vários grupos de enfermos recuaram assustados, ajoelhando-se, escondendo o rosto com as mãos ou pondo os braços sobre a cabeça, como se surpreendessem com a aparição ou temessem a força emanada do visitante. E a mensagem-oração-irradiação, iniciada com firme referência à misericórdia de Deus, prolongou-se talvez por uma hora, não me permitindo captar as idéias, em razão das condições do momento, percebia, no entanto, que as emissões mentais potentíssimas, de mentalizações profundamente realistas e substancial magnetismo, conseguiam, pouco a pouco, pacificar a multidão desvairada dos desequilibrados.

Ao concluir a peroração, a entidade, já inteiramente tangível naquele ambiente de sofrimento, foi assistir a casos isolados, junto à direção espiritual das tarefas da noite, no espaçoso templo espírita de casa térrea e rústica, fechado no domingo à noite.

Permaneceu inesquecível a visão dolorosa das máscaras de anormalidade dos doentes atendidos, especialmente um caso de aberração ou licantria que as circunstâncias me permitiram observar melhor; espírito que fora mulher; 1 metro e uns 40 de altura, disforme e dementada, volumoso abdômen, pernas finas e tortuosas, e na testa fuliginosa, acima do nariz, enorme e impressionante olho único, ciclópico, lacrimejando sem parar; inteiramente transtornada pela atuação vigorosa da flagelação mental causada pela hipnose inferior. Tresandavam odores fétidos da enferma que, ao se agitar em convulsões subintrantes, infundia compunção e repugnância.

Após atender à mulher-ciclope, que se imobilizara como que anestesiada, a entidade assistiu a alguns espíritos, saudou a todos e desmaterializou-se no recinto, agora um pouco mais em ordem e tranqüilo.

Os enfermeiros espirituais começaram a partir com seus tutelados, demandando núcleos de auxílio e recuperação. Dentro em pouco, o ambiente do centro retomaria as características que lhe eram habituais.

Sai do local, ainda acompanhando o Amparador; para o retorno à base física.

O relógio marcava 14 minutos depois da meia-noite. As lembranças vieram-me rápidas e, com elas, a sugestão irresistível de grafar imediatamente as dolorosas cenas de quase duas horas de afastamento. O físico assemelhava-se a roupa pesada, casacão de tecido grosso com os bolsos recheados de chumbo.

É comum os Mentores Espirituais aproveitarem os ambientes físicos em disponibilidade, como os templos e igrejas vazios, em seus horários normais de fechamento, para a realização de reuniões assistenciais às entidades carentes, utilizando para isso os fluidos gravitantes na atmosfera desses locais, construídos mesmo com essa finalidade. Muitos freqüentadores encarnados são requisitados fora do físico para colaborarem em tais trabalhos que preenchem a capacidade e o tempo ociosos das casas de fraternidade.

23 - AUTO-ANAMNESE ESPIRITUAL

12 de setembro de 1979, quarta-feira. Às 8 horas e 35 minutos da noite deitei-me do lado direito para o segundo sono. Temperatura no quarto de dormir, 27 graus centígrados. Tempo bom. Dia de intenso trabalho com o recolhimento ao leito em estado de cansaço físico e sonolência, às 19,43.

A minha consciência permaneceu vigeil por muito tempo até chegar serenamente o processo da decolagem. Quando fiquei fora do físico, de pé sobre o leito, dei uma arrancada com vigoroso impulso para a frente e para o alto saindo em direção à janela espaço afora, qual piloto ejetado com a poltrona

para fora do avião. E é isso mesmo, às vezes, na decolagem, o psicossoma parece possuir um poder de ejeção. Não foi apenas uma projeção instantânea, ocorreu uma "fuga astral".

A satisfação de espairer na volitação livre, longe das limitações materiais e da atuação da gravitação, mais uma vez surgiu maravilhosa, talvez devido às condições de cansaço em que me deitara. O estado de expansão, plenitude e liberdade fora do físico trouxe-me prazer indescritível. Como desejaria nesses momentos contagiar os outros com essa alegria! Falar para todos os alto-falantes, emissoras de rádio e televisão, para "todo o mundo", desse recurso prático, e colocado à mão, de alcançar a paz íntima absoluta. Fazer todos os amigos e conhecidos sentir essa condição invulgar de expansão da personalidade integral além da matéria densa!

Na extrema leveza de sentir-me livre no espaço e na exaltação de estar cômico de permanecer encarnado na Terra, a possibilidade de voitar tão gratificante tornou insofrecível o meu desejo profundo de orar, oferecer-me como servidor para o trabalho da fraternidade, transformar-me em legítimo elemento de auxílio aos espíritos sofredores, produzir construtivamente no plano extrafísico, e corresponder, de algum modo, à dádiva dessa libertação e desse êxtase que se repete a cada desligamento rumo ao espaço, ao éter, ao infinito, ao Tudo. E, em pleno espaço sobre o Atlântico, aos embalos dos movimentos do vôo livre, numa coreografia espontânea, "dancei" e "cantei" sentida prece gratulatória pela bênção de estar, ainda que provisoriamente, como espírito consciente fora da matéria densa. O agradecimento a Deus, qual acontecera em oportunidades semelhantes anteriores, conteve a euforia contraproducente, trazendo de volta o equilíbrio, a autocrítica e a serenidade mental.

Não percebi a presença de nenhum Amparador, mas ressoou-me na mente livre a inspiração de verificar as condições "morfológicas" ou "anatômicas" do psicossoma. Seria a minha idéia-alvo. Parando em pleno espaço, passei a mão direita pelo ombro esquerdo, constatando a presença do nevo, mancha de nascimento, escura e pilosa, situada sobre o deltóide esquerdo, "marca da fábrica" como me diziam brincando na infância, com cerca de seis centímetros de comprimento por dois de largura. O fato já era esperado, pois cerca de uma década atrás fizera esta averiguação.

A miopia que trago comigo desde a adolescência, o zumbido permanente do ouvido esquerdo e o som de "arranhamento", gerado pela diminuição do espaço intervertebral entre três vértebras cervicais, ao movimentar a cabeça para os lados, seqüelas do acidente de automóvel em 1970, haviam desaparecido completamente fora do físico, fatos que observara antes, até mesmo em desprendimentos parciais. O pensamento condiciona a apresentação do psicossoma que orienta a forma orgânica, dentro das leis biológicas, desde a concepção, sendo o corpo de carne uma réplica nas minúcias mínimas até com os poros, linhas das impressões digitais e cabelos.

Ao cogitar de que estaria vestido com o pijama com o qual fora dormir, algumas apalpadelas sobre o tórax e os braços confirmaram o pensamento. Em seguida, chegando até o quarto, realizei a inspeção ao modo do exame físico da anamnese clínica, atestando a presença do umbigo e de todos os componentes anatômicos externos, inclusive as formas do rosto e os órgãos genitais.

Para concluir a inspeção "física" da plástica espiritual, levei a destra² às costas, à cabeça e à nuca, e, mais uma vez, examinei bem rente à "pele" da região nucal, o cordão de prata que novamente deu-me a impressão de ser um conjunto de muitas cordinhas soltas, ou fios finos e elásticos, às vezes cintilantes, fortemente aderidas ao corpo espiritual, apresentando calor, flexibilidade e nudez de tecido humano cru, com estrutura e natureza mais próxima do psicossoma do que do físico. O cordão fluídico não parece terminar na pele, dá a impressão de entrar no físico e estabelecer uma conexão profunda com um ou alguns centros vitais. Seria a epífise um deles?

Também como é possível uma estrutura aparentemente tão frágil ser dotada de um fluxo de energia tão vigoroso?

Ao pensar intensamente no fato, qual se estivesse monologando por dentro, segurei com energia o cordão de prata bem próximo do físico, qual estava, e acionei o sistema de retorno com a tração desse apêndice e, em segundos, já "mergulhava" conscientemente na forma orgânica.

O despertar foi espontâneo e mantive a consciência sem lapso ou perda de continuidade o tempo todo, do princípio ao fim, durante a seqüência de antes da largada, durante a decolagem, no período do desprendimento, na volta ao físico e no despertar, nem parecendo ter havido diferenças acentuadas nas diversas etapas desse processo de autoprojeção. A minha posição do lado direito permanecia. Marcava o relógio 9 horas e 48 minutos da noite.

Quando deixei o leito para grafar estas notas, o físico parecia exteriorizar energia vital como grande estopim aceso emitindo faíscas por onde passava. Acontecera uma recuperação surpreendente do estado de exaustão anterior ao primeiro sono, estando agora, se fosse o caso, com plena disposição para iniciar outro dia de atividade intensa.

É freqüente o estado de cansaço e a sonolência predispor o físico à libertação temporária do psicossoma. Isso ocorre porque o ritmo cardíaco arrefece e faculta a relaxação ou descontração necessárias ao desprendimento permitindo a autoprojeção totalmente consciente, patrocinada pela atuação firme da vontade.

A satisfação esfuziante, assim como faz o encarnado perder temporariamente a racionalidade, leva o projetor fora do físico à perda da acalmia necessária à manutenção da "coexistência pacífica" com o cordão de prata. A euforia é preciso ser combatida pelo projetor para que a mente utilize a faculdade de apreensão dos acontecimentos e a vontade decida em paz.

O psicossoma representa o princípio diretor das formas orgânicas do encarnado dentro do âmbito de atuação das leis biológicas, especialmente genéticas, razão porque o projetor o encontra no plano espiritual parecendo fac-símile, duplicata etérea, contraparte ou aparência de um corpo gêmeo perfeito do físico em todas as suas minúcias microscópicas, porém quem superintende tudo isso é o espírito. Em outras palavras, a forma física é orientada pelo corpo mental, ou seja, a mente livre, o ego profundo, que acata as atuações das leis biológicas. Daí se explica a semelhança física de parentes entre si. Não é que

² Nota do digitalizador: A mão direita (<http://michaelis.uol.com.br>)

esses parentes sejam espíritos de idênticos níveis e caracteres evolutivos ou psicossomas idênticos, porém, são inteligências diferentes que se reencarnam dentro de linhas morfológicas parecidas, organizadas segundo as leis da Biologia. E as maiores semelhanças encontramos entre os gêmeos univitelinos ou provenientes de um óvulo só.

A mente não está fixa permanentemente nem no físico, nem no chamado duplo etérico, nem mesmo no psicossoma ou perispírito. A mente ou consciência é criação separada, eterna, o princípio inteligente, o espírito em si, o ego, e está no corpo mental ou é o corpo mental. O físico adquire as formas de acordo com as leis físicas orgânicas. O psicossoma varia a forma de vida em vida respeitando e interagindo com as leis biológicas. O ego profundo, seja qual for o nome que se lhe queira dar, espírito, chama, corpo mental ou corpo causal, não tem forma definida e se restringe no ato da reencarnação.

24 - NUM DISTRITO DE TRANSIÇÃO

14 de setembro de 1979, sexta-feira. Segundo sono às 8,31 horas da noite, deitei-me do lado direito. Temperatura: 25 graus. Tempo bom. Aconteceram exercícios de desintoxicação psicofísica e exteriorização de energias, com breve inconsciência, iniciados às 7,35. Devido ao jantar um pouco farto, diverso de minha alimentação leve habitual, os Amparadores aceleraram os processos digestivos, no meu preparo para o desprendimento da noite, numa operação perfeitamente percebida, eliminando a repleção gástrica em poucos minutos.

Um companheiro de elevada expressão espiritual configurou mentalmente os semblantes de dois espíritos desencarnados, que eu vira anteriormente em algum lugar impreciso, tecendo comentários sobre as suas condições e explicando que iria visitar um distrito de transição. Eu poderia esperar pela assistência intangível permanente, inclusive alguma provável transmissão energética.

Em minutos que me pareceram breves, adentrei um jardim aparentemente tranqüilo, com desencarnados andando, outros sentados e alguns estirados na grama convidativa. Pequenos ambientes aconchegantes com mesas e cadeiras, estendiam-se aqui e ali, em meio às aléias, arvoredos, escadas, patamares, muretas e salas de estar em "plena natureza". A atmosfera era bastante confortadora, luminosa e musical. Não havia folhas mortas nem secas.

Notaram a minha presença e, imediatamente, vieram três entidades trocar pensamentos, após saudações amistosas. Dava para perceber de pronto que embora havendo a "fala mental", o idioma de origem deles era o inglês. Quiseram saber de onde eu vinha, se estava na Terra, o que fazia e procurava ali. Buscando ocultar a condição da projeção, disse que procedia de muito longe e que desejava saber onde estava.

Jovem de fisionomia robusta (que aparecera na ilustração mental do Amparador), adiantou-se e esclareceu:

— *Você está em Semonta. Mas queremos saber, porque não se explica mentalmente em nosso idioma? De onde veio?*

A solução foi falar alguma coisa para evitar que desfiassem longa lista de perguntas.

— *Sou de longe. Estou de passagem. Lá falamos o português. Onde fica Semonta?*

O mesmo espírito contraperguntou, rodeado a essa altura por uns seis outros e algumas mulheres de olhos semilúcidos.

— *Você pode me ajudar? Tenho dor permanente aqui na cabeça.*

À vista da solicitação, veio-me à memória a recomendação do Amparador.

— *Façamos uma concentração.*

Ao afastar-me com a entidade e fazer pequena prece, dei passes centralizando as emissões mentais na constituição fluídica do cérebro perispiritual do enfermo, surgindo a sensação de veicular possante fluxo de "energia de fora". Refez-se o espírito logo a seguir, confirmando:

— *Passou! Estou melhor.*

E saiu, jubiloso, deixando o grupo. Os espíritos remanescentes começaram a comentar o fato e a situação me permitiu novamente inquirir aos dois mais próximos, sobre a intrigante questão de "geografia espiritual".

— *Onde fica Semonta?*

Ninguém parecia querer compreender a indagação ou explicar-me talvez por ignorar a resposta. Outra entidade de cabelos nevados, muito tranqüila, que estivera recostada meditando numa das alfombras contíguas, entrou na troca de pensamentos:

— *Vou informar-lhe.*

Encaminhou-se a uma das muretas elevadas e no mesmo instante apareceram o mapa do Brasil, do Paraguai, de outros países, da África, formando largo trecho do mapa-múndi, tudo observado pelos presentes. A entidade projetou ao lado das configurações tridimensionais, a planta baixa de extensos jardins e elucidou:

— *Esta é Semonta. Fica aqui nesta direção.*

Traçou um círculo no mapa apontando as Ilhas Seichelles, perto das costas da África, como se indicasse os espaços espirituais sobre o Oceano Índico. E retirando-se, discretamente, para o sítio de onde saíra, submergiu-se no estado de meditação anterior sem nem mesmo esperar pelos meus agradecimentos.

Nessa oportunidade, à vista da insistência dos circunstantes, precisei mostrar no mapa vivo configurado na mureta, a área do Rio de Janeiro, revelando de onde procedia. Todos pareciam admirados, quando chegaram outras entidades, uma delas a segunda personalidade da criação mental do Amparador, e afirmou-me, categórica:

— *Você vive e fala português na Terra. Pense com mais calma em inglês, se puder, que vamos entender-lhe melhor. Estamos em tratamento e em trânsito por aqui.*

Aproveitando a sugestão, dei início à elaboração de pensamentos em ritmo lento na língua inglesa, dirigindo-me a esse espírito, repetindo o que "ouvira", antes, no início da projeção:

— O senhor tem muitas possibilidades magnéticas e, dentro em breve, estará de volta à vida humana, não é verdade?

O espírito sorriu e ia entabular o diálogo transmental porque reconheceu-me, mas dois outros trazidos pelo enfermo que estivera com a dor de cabeça, vieram convidar-me para local mais isolado intencionando fazer confidências. Foi possível atender a mais alguns espíritos em convalescença, e notei que servia apenas de canal intermediário na assistência invisível executada, realmente, de outra esfera pelos Amparadores.

Não observei doentes com deformações visíveis ou lesões de vulto, parecendo haver, contudo, considerável percentual de distúrbios mentais ou problemas psicológicos como ansiedades contidas, preocupações disfarçadas, amnésias parciais e monoideísmos descontínuos, na média da população extrafísica diminuta, tendo em vista a amplitude dos recintos de refazimento dos jardins.

Não vi ninguém volitando. Os desequilíbrios mentais, embora atenuados pelas estufas de vibrações positivas, deviam perturbar a elaboração dos pensamentos, o entendimento transmental e a possibilidade de volitação dos desencarnados.

Identificara as duas entidades conhecidas, num relance, ao chegar aos jardins, como pertencentes ao grupo de inteligências encaminhadas a postos de socorro no serviço de desobsessão que relatei, aqui, anteriormente.

Dentro em pouco, fiz as despedidas, porque uma transmissão íntima lembrava o momento do retorno. Esclareci que, sempre que possível, evitava ficar fora do corpo físico por mais de hora terrestre, minha melhor "autonomia de vôo" nas projeções frequentes, e que iria relatar aos companheiros humanos a existência da aprazível colônia espiritual, Semonta, onde permaneciam temporariamente em período de repouso.

Ao despertar-me, a mão esquerda estava com leve câimbra. Marcava o relógio 9,46 da noite. As reminiscências vieram-me pouco a pouco, fragmentárias, mas firmes. Às 9 da manhã do sábado, ao datilografar o relato escrito à noite, "coincidentemente", o mesmo senhor referido no Capítulo 15 e de quem foram afastadas algumas entidades que o acompanhavam, há um mês atrás, chegava ao Rio telefonando para marcar visita e ignorando todas as ocorrências.

A mente livre fora do físico amplia os poderes supranormais ou efeitos mediúnicos, o que faculta o surgimento de fenômenos conexos intercorrentes nas projeções como: intuição ou inspiração, premonição ou pressentimento, precognição, impressão do já visto, clarividência (à distância), clariaudiência, autoscopia, retrocognição, telecinesia, telepatia, psicometria, bilocação e outros.

25 - PROJEÇÕES CONSECUTIVAS

21 de setembro de 1979, sexta-feira. Terceiro sono às 3 horas e 57 minutos da madrugada, depois de escrever desde as 2 horas no escritório. Fase da Lua: nova, às 6 horas e 48 minutos. A noite estava

tranqüila e sem chuvas. Deitei-me em decúbito dorsal, notando a presença dos Amparadores para os exercícios. Vieram as ondas vibratórias intensas depois de algum tempo e, logo após, o sono.

Segundo as lembranças, a minha consciência acordou saindo do escritório, em pleno espaço de Ipanema, junto ao espírito de um garoto dos seus 8 de idade terrestre. Numa ascensão rápida, ele exaltava mentalmente as maravilhas do mar com o dia amanhecendo. De fato, o espetáculo era grandioso, os morros das ilhas próximas, ligeiras nuvens claras à distância e o mar alto a se perder de vista. Interessante que a perspectiva da paisagem surgia completamente modificada no meu ângulo de observação mais alto. O Atlântico agigantara-se recheado de luzes, a visão de conjunto estava engrandecida, a "marina" imensa espalhava-se belíssima.

O menino moreno claro, cujos olhos serenos exprimiam irradiante bondade, começou a tecer comentários sobre as energias naturais curativas que o mar oferece aos doentes encarnados e desencarnados, sugerindo-me aprofundar a vista espiritual para ver com maior acuidade, através da força da vontade. A grandiosidade da água do mar, do céu e das nuvens espiraladas dilatava realmente os confins do horizonte e do espaço, dando para ver o cenário mais amplificado do que se eu estivesse a bordo de um avião Jumbo.

Pensei que teria muitos fatos para relatar hoje, à vista dessa criança com tanto conhecimento de adulto espiritual, quando um desconforto instantâneo, indefinível, chamou-me o psicossoma de retorno ao físico de maneira inapelável. E houve a interiorização imediata.

Ao chegar, entrar abruptamente no físico e despertar incontinenti, ouvi, dentro do crânio, o ruído inconfundível da coincidência súbita. Esse estampido característico, que tenho escutado tantas vezes através das experiências repetidas, é difícil de ser traduzido em palavras e apresenta leves variações cada vez. Improvisando o recurso comparativo da sonoplastia, foi como se uma porção de material, por exemplo, uma lata de feijão em grãos, caísse de uma vez sobre vasilha de alumínio, fazendo o som interno na cabeça, rapidíssimo: "rrô!" A onomatopéia tem a emissão sonora, forte e curta, sobre o "rrô".

Quando fiquei consciente, ainda percebi o físico mover-se para cima e para baixo, por ação das molas do colchão que estalavam, parecendo coincidir com o movimento espontâneo de minha esposa deitada ao lado, e que se refletiu sobre o meu corpo, causando-me profundo sobressalto, razão que desencadeou a tração urgente do cordão de prata. O psicossoma veio tão intempestivamente talvez por que estava próximo, a alguns metros ao apartamento, em transe superficial?

Minhas lembranças do garoto e do mar despontaram-me, velozes. Tirando o corpo ainda entorpecido do decúbito dorsal, consultei o relógio, 5,02 da madrugada. Ao virar-me para o lado esquerdo, continuava a detectar a presença espiritual da criança, razão pela qual tentei a segunda decolagem.

Em poucos momentos, estava de novo junto ao garoto, agora na sala do escritório do apartamento, numa projeção-seguimento da anterior. Ele trouxera o espírito de um senhor cuja fisionomia me era familiar, mas não recordava o nome ou a procedência.

A entidade desencarnada, embora tranqüila, não detinha plena consciência do ambiente. O menino insistiu para ver se eu, livre das condições restritivas e limitativas do cérebro físico, recordaria a identidade do enfermo, enquanto o atendia de frente para o mar; mas dentro do escritório, pois, se lembrasse, poderia facilitar a transmissão de energias pela influência da afinidade mais profunda. Após alguns instantes me foi possível desarquivar da memória a verdadeira personalidade do assistido situando-o no espaço e no tempo passado. Era jovem estudante que eu encontrara algumas vezes, há cerca de três décadas atrás, talvez em 1949, entre os presentes às sessões de desobsessão do Centro Espírita Uberabense, em Minas Gerais, dirigidas àquela época pelo Major Nestor Cravo.

Não me ocorreu a reminiscência do nome, no entanto, nasceu a percepção íntima de identidade que me trouxe a certeza de ser ele mesmo, mais maduro e agora desencarnado.

Em seguida, o garoto trouxe o espírito de outro senhor, aparentemente paralítico, talvez de mais de 70, e revelou-me, com muita satisfação, que o doente que falava sem parar; demonstrando certo desequilíbrio senil na loquacidade, fora seu avô na reencarnação recém-finda. O ancião simpático, bem vestido, tinha bigodes brancos espetados, os cabelos raros também brancos, a cabeça pequena, sendo baixo de estatura e exibia enorme animação festejando o neto ao lado, que o assistia com todo o desvelo.

A intuição extrafísica esclareceu-me que o menino desencarnado é tutelado de Ascensão, a colônia espiritual, situada nos espaços sobre Minas Gerais, igual ao Tancredo, rapaz referido anteriormente. A desenvoltura do seu procedimento para com os enfermos espirituais indicava que será médico na próxima encarnação programada.

Após alguns minutos e o encaminhamento dos enfermos pelo garoto, fiz as despedidas, houve a volta até ao quarto de dormir e a coincidência rotineira.

O relógio assinalava 5,31 da manhã. Como estava quase na minha hora de deixar o leito e sair para o trabalho, não disporia de tempo para escrever este relato, a minha esposa, depois de acordada, ouviu com a paciência de sempre, a exposição das duas projeções consecutivas para que o ato de narrar me permitisse maior fixação dos pormenores dos acontecimentos presenciados.

26 - SUGESTÕES DE INVESTIMENTO

23 de setembro de 1979, domingo. Temperatura ambiente: 22 graus centígrados. Recolhi-me ao leito às 18,57 horas, em decúbito dorsal. Depois de alguns minutos, virei-me para o lado esquerdo.

A minha consciência estava plenamente desperta num distrito humano em metrópole européia. Dentro de amplo edifício, eu acompanhava uma entidade desencarnada que solicitou calma nas atitudes e apuro na observação do ambiente circundante.

Atravessamos algumas dependências de escritórios e atendimento público, muito bem mobiliadas, confortáveis e ricamente decoradas, que se mostravam desertas no momento.

Numa das salas contíguas, vimos elegante senhor encarnado, idade avançada, aparência de extrema integridade, às voltas com documentos e às portas de imensa caixa-forte.

Na peça à esquerda das instalações do cavaleiro, outro homem, na casa dos quarenta, sozinho, sobre uma poltrona, com as pálpebras cerradas e os braços sobre os espaldares, parecia profundamente concentrado.

Dois outros cômodos à direita eram ocupados, um por outro senhor maduro e o último por dois encarnados, todos bem acomodados em poltronas, postadas à frente de escrivaninhas, e completamente ensimesmados.

Ao atingir a visão global dos escritórios luxuosamente instalados, junto à entidade atenta e tranqüila, identifiquei as projeções nascidas das cabeças dos cavaleiros concentrados. E senti um choque emocional, contido a custo graças às surpresas chocantes no passado, ao entender, em segundos, a natureza e a extensão das atividades daqueles homens, no horário noturno, entre um domingo e uma segunda-feira, sozinhos, num silêncio absoluto, sem nenhum assistente ou empregado do terceiro escalão. Eles estavam, nada mais nada menos, que transmitindo sugestões mentais intensivas a determinadas personalidades, também encarnadas, através da atuação do pensamento à distância!

As cenas nas psicósferas dos homens isolados eram iniludíveis. Um deles se concentrava com tamanho empenho que enrugava as faces congestionadas. E a finalidade dos esforços mentais rotineiros também surgia clara. Procuravam induzir homens de negócios nas decisões sobre altos investimentos que possivelmente vão ser tomadas amanhã, segunda-feira.

Atônito com a descoberta do escopo da hipnose teleguiada, precisei aproximar-me ainda mais do senhor da direita e à frente da poltrona onde jazia sentado. Sobre a mesa de escritório, esparramava-se vasta cópia de documentos e, sobre todos, sobressaía a foto grande de outro cavaleiro grisalho, desconhecido. Era a vítima, o cliente em potencial cuja imagem surpreendentemente vinha à tona da sugestão de longe, mais sofisticada e desonesta que eu jamais pensara existir. É a influência técnica de encarnados entre si, na guerra de pensamentos, com repercussões inconcebíveis nos dois mundos. Vodu eletrônico usado na caça aos cifrões com objetivos inferiores sutis, sem qualquer intenção pura.

Revelou-me o fato a exploração psíquica levada ao máximo grau, porque a força de atuação age sobre criaturas incautas ou com as mentes desprotegidas, à testa de empreendimentos ou empresas das quais depende a sobrevivência física às vezes de milhares de pessoas.

Ainda abalado com os detalhes dos papéis, da foto e das projeções mentais, sem nem mesmo desejar aceitar a realidade dessas inoculações mentais, provenientes das irradiações de idéias fixadas pelo homem, a minha solução foi observar as outras duas salas e o fato, infelizmente, se confirmou. A única diferença era que os dois homens de "colarinhos brancos", na câmara de controle dos pensamentos, evidenciavam a concentração conjunta monoidéica no processo de vampirização, tecendo correntes mentais imperturbáveis, sem quebra do ritmo, tentando com vontade vigorosa modificar o tônus mental de uma só vítima.

A entidade ao lado seguia mentalmente minhas observações e descobertas considerando a extensão dos desvios humanos, quando os encarnados subvertem os recursos mais sublimes das energias do pensamento, que podem trazer a cura e o soerguimento espiritual criando alegrias imorredouras, com a finalidade de influenciar homens de negócios, preparando terreno para persuadir e dobrar opiniões, em busca, exclusivamente, de vantagens econômico-financeiras, na luta pelo vil metal que sempre acabará ficando na matéria densa mesmo.

Esclareceu-me que a atmosfera corriqueira dos escritórios era um pouco mais pesada e difícil devido à invasão de entidades caprichosas e enfermças, obsessores potentíssimos nos jogos mentais desonestos, que "auxiliavam" os hipnotizadores contra os hipnotizados sob controle remoto e que, na oportunidade, tinham sido temporariamente afastados para possibilitar a nossa visita tranqüila e o exame minucioso do ambiente. E rematou as ponderações:

— Respondendo às insistentes indagações, vemos aqui o obstáculo natural à generalização do fenômeno dos despreendimentos espirituais. Já pensou o projetor que alimente essas intenções? As sugestões inferiores poderão ser diretas e muito mais desastrosas. Contudo, ninguém engana a justiça maior. Os ressarcimentos inevitáveis podem aparentemente demorar, mas chegam sempre. Ninguém está livre de ser vítima das próprias obras.

Quando Mesmer, Charcot e outros luminares da história do magnetismo animal poderiam pensar num serviço desses, tão bem sistematizado, sobre pisos tão sólidos e alicerces tão carcomidos? O caráter sigiloso e metódico das atividades no ambiente era um fato e a seriedade do empreendimento, infelizmente, não deixava margens à dúvidas. Os desmandos estão sendo praticados permanecendo insuspeitados e, o pior de tudo, impunes porque inalcançáveis pelas leis humanas, cujos códigos penais e civis ainda não puderam estender parágrafos para coibir avanços de infrações desse quilate. Por outro lado, as organizações policiais ainda não se despertaram para tal realidade, estando muito atarefadas com os assaltos comuns para cogitar do uso indevido da arma mais poderosa de todas, nas mãos dos malfetores, a força do pensamento mal conduzida que atinja as criaturas que alimentam as mesmas influências. E a oportunidade de se perguntar: Qual o limite da atuação da mente? Até onde chegarão os artificios na luta pelos interesses humanos? Se a deliberação premeditada pode ser influenciada por encarnados, o que dizer da decisão precipitada e da influência dos desencarnados?

Não presenciei o fato porque não acompanhei o desenrolar dos acontecimentos pela noite a dentro até de madrugada, contudo, quem pode afirmar que um ou outro desses senhores, tão dedicados ao mister de transmitir sugestões à distância, ali mesmo ou em sua casa, hoje ainda, noite alta, não deixará o físico e fará a persuasão direta à mente indiferente a tais artificios, com a transmissão no local e em condições extrafísicas?

Sobre esse aspecto é possível serem provocados, de modo inconsciente, pela criatura enferma, e em estado consciente, pelo encarnado (ou encarnada) com intenções infelizes, prejuízos mentais consideráveis às inteligências humanas distantes do cultivo da disciplina mental. O fato suscita um mundo de conseqüências político-sociais que, cedo ou tarde, têm de ser levadas a sério pelas

organizações humanas. E por tudo isso, a projeção do psicossoma constitui a manifestação psíquica mais transcendente por envolver estranhos setores da atividade terrestre.

Após algum tempo ainda de observação daquele "antro principesco", deixei o local requintadamente instalado, ocorrendo o retorno meditativo e demorado à base carioca, em companhia do Amparador.

Ao despertar-me, o físico permanecia deitado do lado esquerdo. Em segundos brotaram-me as lembranças em bloco. Ainda chocado com as reminiscências, senti a confirmação invisível de grafá-las, sem relutância, neste registro, para ficar a exposição das realidades espirituais, o que estou fazendo depois de verificar as horas, 20,44. Não me foi possível precisar o horário no ambiente visitado, havendo a certeza absoluta de ser noite.

A excursão desta noite me fez lembrar que há notícias do interesse de governos de grandes potências no incremento da projeção consciente para usá-la como processo de espionagem entre as nações, incluindo nisso os atos de apropriação temporária de planos secretos de defesa estratégica e outros, copiá-los e depois devolvê-los para o mesmo lugar de onde foram retirados. Julgo que isso seja possível, por serem ocorrências a ser realizadas no plano extrafísico, mas crosta-a-crosta. Acho, no entanto, que o aspecto do transporte de objetos ou teleportação, com a desmaterialização-rematerialização consecutivas é bastante problemático quando entram razões não-éticas nos objetivos.

Jamais me deixaria submeter a tais experimentos tendo em vista as suas finalidades, pois constituem um péssimo negócio para o experimentador. A defesa do aspecto nobre das projeções é fundamental na manutenção do equilíbrio espiritual do projetor e da qualidade das suas companhias extrafísicas.

27 - A PACIENTE DO PSICÓLOGO

25 de setembro de 1979, terça-feira. Temperatura ambiente, 22 graus centígrados com o uso do aparelho de ar condicionado, porque fora estava com a máxima de 35,5, primeiro dia mais quente depois de temporada de índices termométricos baixos. Um condicionador de ar ficou ligado na sala do escritório, com as portas para o corredor abertas até o quarto de dormir, atenuando assim o ruído monótono característico. O meu recolhimento ao leito, por chamamento dos Amparadores, deu-se às 21:57 horas. Nos exercícios vigorosos de efeitos físicos e semi-incorporação, os Espíritos reuniram, afastaram e assistiram entidades desencarnadas durante cerca de meia-hora, sendo transmitidas energias até para Elisabeth, minha esposa, que dormia no lado direito da cama. Veio-me o sono em decúbito dorsal.

Realizado o desligamento do físico percebi o trabalho de desobsessão livre a ser feito com as entidades de ordem inferior, torvas fisionomias de baixo padrão vibratório, contidas pelos Amparadores no ambiente espiritual da base física onde reboavam blasfêmias e expressões inconvenientes.

Decorridos minutos breves de atividade preliminar junto a irmãos de sinistro aspecto, a densidade vibratória da atmosfera exigiu-me a "retirada estratégica" com a volta súbita ao físico, o que realizei, pois parecia estar prisioneiro de poderosa rede fluidica.

A interiorização intencional súbita, por cima, permitiu-me mais uma vez, a audição do ruído peculiar da reintegração violenta do psicossoma no corpo denso. Nesta ocasião, o som pareceu-me o estalo rápido e curto de uma chicotada. Que onomatopéia traduz esse som? O relógio marcava 10 horas e 54 minutos da noite. Deixando o decúbito dorsal, virei o corpo para o lado esquerdo. Retemperadas as forças, procedi a nova saída astral.

O desprendimento operou-se instantaneamente. As entidades medonhamente sombrias aguardavam minha volta ao parlatório improvisado com certa ansiedade para as confrontações vibratórias.

Depois de algum tempo e serenados um pouco mais os ânimos com o encaminhamento de alguns espíritos enfermos, veio a minha hora do retomo ao físico para refazimento das energias insuficientes para continuar.

A volta e o despertar tranqüilos trouxeram-me algumas reminiscências dos fatos extrafísicos. O relógio marcava 11 horas e 56 minutos da noite. Após alguns minutos de recomposição mental e emocional, iniciei nova projeção na posição deitado sobre o estômago ou de bruços sobre a face esquerda, seguindo desassombrado para a frente no cumprimento até o fim do cometimento iniciado.

A principal entidade entre todas as inteligências enfermas da noite estava aguardando a minha saída do físico para o diálogo direto.

O espírito, completamente perturbado em extremo desequilíbrio, exibia a aparência de mulher de metro e vinte de altura, vestindo um traje azul, simples e amarfanhado, feições do rosto fazendo lembrar as linhas anatômicas do papagaio, os olhos injetados parecendo desgovernados nas órbitas que transluzia indescritível angústia e o raciocínio de uma criança birrenta, estacionada nos 8 anos de idade mental. Mostrava-se incapaz de controlar totalmente as manifestações de modo voluntário.

Precisei pegá-la com as mãos, abraçá-la como se fosse uma criança e tentar, com a ajuda dos Amparadores, não entrevistados no local na oportunidade, a sugestão profunda para a doentinha dormir. Após algum tempo fazendo as vezes de babá e enfermeiro, com a espontânea compaixão fraterna que a enferma inspirava, foi possível provocar o sono impressionante da paciente desencarnada, que conservava os olhos abertos e as pupilas embaciadas como se estivesse igual a um cadáver. Veio-me a sugestão para ficar de pé, imóvel, cingindo a entidade por algum tempo até que o sono espiritual atingisse a "velocidade cruzeiro" e ligasse o "piloto automático" das profundezas do subconsciente espiritual. Um Amparador, daí a pouco, tomou a si a incumbência de conduzir a enferma cuja atuação

nos episódios extrafísicos assemelhava-se ao inocente útil que, impelido pelas circunstâncias, torna-se líder, sem o saber, de manifestação pública de quebra-quebra.

Algumas entidades pareceram subverter o sistema vibratório de vigilância transpondo o cordão de isolamento existente no local e penetrando o centro dos acontecimentos, contudo, algo aconteceu de imediato que os assustou, causando a debandada geral no mesmo instante.

Daí a momentos houve o sereno retorno ao físico. Minhas tarefas da noite estavam encerradas fazendo nascer-me um sentimento intenso de paz interior. A assistência espiritual nos serviços de desobsessão traz compensações íntimas imediatas.

Ao despertar-me persistia clara e movimentada na memória as reminiscências e as tristes feições da doentinha à frente, particularmente os olhos. Verifiquei o tempo, 58 minutos depois da meia-noite. Após esse terceiro desprendimento consecutivo, os Amparadores esclareceram a situação extrafísica. Por que não dizer? As entidades infelizes, desta vez, foram aliciadas por Elisabeth, que serviu de "isca espiritual" para ajudar a uma das "comadres" conhecidas da escola onde estuda o Arthur, mãe de uma das suas coleguinhas contemporâneas que, segundo relato da própria Elisabeth, está em tratamento com psicólogo, seguindo recomendação criteriosa de autoridade responsável do colégio. E tudo se esclareceu. O espírito enfermo da mulher era a companhia principal da criança super-excitada, desconhecida por mim. Depois da troca de idéias com Elisabeth sobre os acontecimentos, dei início ao manuscrito deste registro reafirmando intimamente que todos os títulos de gratidão humana permanecem inexpressivos ante a benevolência dos Benfeitores Espirituais.

28 - ADVERTÊNCIA OPORTUNA

28 de setembro de 1979, sexta-feira. Terceiro sono, deitei-me do lado direito, às 2,22 da manhã, depois de breves exercícios. Os aparelhos dependurados na parede do quarto de dormir marcavam 24 graus de temperatura, tempo variável e umidade 75%. Estes dados são anotados visando àqueles que desejarem estudar as relações entre a atmosfera e a base física da decolagem dos desprendimentos.

A consciência voltou-me entre várias entidades desencarnadas que afirmaram levar-me a visitar distrito espiritual distante. E, realmente, depois de passar por diversos lugares e diferentes atmosferas, atingi a entrada de uma colônia de tratamento de enfermos desencarnados.

Após algum tempo, apareceu repentinamente no ambiente um espírito alegre, vibrátil e pleno de vitalidade, que reconheci imediatamente como sendo José Pedro de Freitas, o famoso e inesquecível médium, Arigó.

A minha comoção irrepresível foi enorme. Depois de algum tempo de refazimento da intraduzível emotividade e acalmia dos pensamentos, ia lembrar ao Espírito Arigó, as notícias correntes a seu respeito na atualidade terrestre, como o telefonema do Eli, seu irmão consanguíneo, semanas atrás, a

longa metragem sobre a sua vida que está sendo rodado nos Estados Unidos e dezenas de outros assuntos, quando atravessou os pensamentos e, na sua maneira característica, cortou-me, rápido:

— Não! Não falemos dessas coisas! Não me sinto bem falando de mim. A vida na matéria é um pouco complicada. Quero falar sobre os seus desdobramentos. Então, você é desses pijamudos que andam por aí e que têm quiabo no perispírito? Vamos, conta lá!

Tentei mostrar a ele que era simples subalterno na condição de aprendiz dos Amparadores, envergonhado sempre com os sofríveis desempenhos apresentados no serviço que requer dedicação e vontade de acertar, mas ele interrompeu a elaboração de minha conversa mental.

— Sabe, Waldo, me disseram por aqui que você saiu voando que nem doido com o seu filho. E outras coisas. Vou lhe dar um recado. Leva os trabalhos a sério. O desdobramento e os efeitos físicos estão na raiz de tudo. Sabe que tive muitos desdobramentos na minha vida. mas não houve tempo de ligar muito. A minha vida foi muito atribulada. Não seja assim, leva o negócio a sério. É por aí que a gente pode aprender mais.

Nisso chegou outra entidade para se entender com ele que, deu para observar, atendia com paciência e compreensão, apresentando-se mais moço e magro, e de Arigó mesmo não tinha nada, mostrava-se brilhante na inteligência e nos pensamentos ágeis e agudos. Não estava na condição de enfermo ali, mas sim como assistente dos trabalhos de socorro médico espiritual em função ativa. Nem lembrava o homem que desencarnara, instantaneamente, em acidente automobilístico numa estrada de rodagem.

Depois de certo período, e a conversação retomada, procurando receber e gravar as observações feitas por Arigó, este pareceu-me desejar encerrar a entrevista, ao lastimar fraternalmente:

— Bem que queria voitar com você numa beleza de lugar que conheço, mas, você sabe, não posso. Estou em serviço.

E vieram as despedidas, e deixo aqui a consignação dos agradecimentos ao Espírito Arigó e aos Amparadores que me permitiram esse encontro inesquecível de tanta significação, com a advertência oportuna, motivo para muita ponderação para mim e análise dos fatos sobre os erros de omissão e precipitação no processo de aproveitamento da existência física e do intercâmbio das projeções.

Logo depois do despertar, sobrevieram-me as lembranças da projeção séria e surpreendente da noite que, estranhamente, se deu em paz sem qualquer sinal da "campanha" de chamada do cordão fluídico. O relógio assinalava 4 horas e 13 minutos da madrugada. No quarto de dormir só se ouvia o barulho do aparelho de ar condicionado vindo da sala do escritório.

29 - MANIFESTAÇÃO PÚBLICA EXTRAFÍSICA

29 de setembro de 1979, sexta-feira. Recolhi-me ao leito, às 8,23 horas da noite, deitado do lado esquerdo. Temperatura ambiente, 25 graus centígrados, tempo variável e umidade relativa do ar, 59 por cento. Estado de cansaço físico.

A minha consciência acordou antes de entrar numa cidade das trevas espirituais acompanhando a entidade que levava socorro para alguém em serviço assistencial. Indo na qualidade apenas de observador, metamorfoseado em desencarnado, o meu psicossoma estava mais denso em virtude do baixo padrão vibratório local. Eu envergava uma vestimenta bizarra e não aparecia nenhuma indicação das formas do cordão fluídico, disfarçado para não identificar o projetor, ou seja, o encarnado.

Ao receber instruções, sabia não ser essa a primeira vez que eu fazia isso. A mente livre recordava excursões semelhantes anteriores, inclusive uma, quando vivia em Uberaba, há quase quatro lustros.

Chegava a noite profunda no ambiente tenso e lúgubre, lembrando os cenários desenhados em certas histórias em quadrinhos de horror; donde se percebe que muitos artistas devem ter se inspirado em cidades semelhantes para compor atmosferas, personagens e enredos.

Via-se a preparação para a manifestação pública-religiosa-adorativa-medieval-inquisitorial onde os doentes, corpos densos parecendo humanos, exibiam as maiores aberrações e desequilíbrios, com o total destrambelho dos elementos do psicossoma, amontoando-se numa promiscuidade inenarrável.

Para penetrar por uma das entradas, imenso portal com abóbada ao estilo das cidades antigas, havia o desfiladeiro por onde todos os míseros caminhantes desencarnados eram obrigados a passar, andando em fila de dois, entre a companhia dos guardas do portão que serve para fazer a triagem. Quem não consegue voitar, a maioria da população espiritual local, vê-se tangido a desfilar por ali.

Sob os arcos, vi atentamente as inscrições, esculturas, altos-relevos e nichos de gosto duvidoso do portão, lembrando um arremedo do Arco do Triunfo, de Paris.

Cada qual tinha de se identificar, revelando a condição e a corrente ideológica a que se filiava entre os representados nas insígnias das incrustações. Uns passavam e outros eram apartados com os pretorianos imensos, armados de chuços, controlando a verdadeira manada de feras humanóides. O espetáculo confrangedor inspirava compaixão por uns e repulsa insofreável por outros.

Depois de prestar as homenagens de praxe a um dos grandes, cujo escudo trazia a efígie masculina com o nariz aquilino e rosto comprido, lembrando de longe o perfil de nobre inglês, recebi a permissão para descer pelo despenhadeiro no rumo do largo onde teriam lugar às comemorações da noite.

Ao cruzar o largo presenciei as manifestações epileptiformes de enfermos estirados que estavam chegando para serem curados pelos deuses locais em seus processos de hipnose grupal.

A propósito, a preparação no largo lembrava caricaturalmente as manifestações que presenciei em julho de 1953, em Buenos Aires, em homenagem à memória de Evita Perón, quando grandes levas de doentes eram trazidos em maças para orar e receber as graças da santa mujer por suas curas. Nessa ocasião, havia muitos enfermos parkinsonianos ante os canteiros de flores naturais e o retrato gigantesco fixado em vários andares de um edifício da padroeira político-religiosa, em plena Avenida de Mayo.

Atravessando o largo das comemorações públicas, onde se viam cadeiras, armações e bancos compridos, já tomada na quase metade de sua extensão pelos que chegavam, procuramos a casa tosca

onde habita temporariamente a entidade em serviço clandestino de renúncia e abnegação. Estranho falar em serviço clandestino de renúncia, contudo é a realidade dos fatos.

Não existem pejorativos-superlativos capazes de descrever a atmosfera dessa cidade das sombras. No cenário desolador e ressequido, não se viam árvores de ornamentação, nem repuxos públicos, mas água pantanosa tingindo tudo. Não havia luz agradável em parte alguma. Em todos os lugares parecia ter descido um manto neblinoso comprimindo a atmosfera poluída com a fumaça inevitável, na imensa panela de pressão do ambiente espiritual sufocante.

De quando em quando, via-se a tropelia de um grupo se desfazendo em tumulto, pondo as criaturas de rostos transfigurados a correr em todas as direções, em cujos centros estavam sempre os vigilantes possessos e implacáveis. Em explosões de escárnio, incontinência e revolta, horríveis expressões eram gritadas pelas criaturas deformadas, algumas vezes até parecendo a título de brincadeira e camaradagem. Dava para ouvir palavras de muitas décadas atrás, caídos em desuso na vida terrestre no Brasil, num português afetado com ligeiro sabor de arcaísmo.

A cidadela deu-me a impressão de não ser muito distante do Rio de Janeiro e lá se fala o português fluente, com gírias antigas, e modismos superados, entre a população crosta-a-crosta predominante, que nem consegue exprimir-se pela telepatia natural do espírito livre, parecendo que só se entende articulando as palavras vocalmente, como se ainda fossem humanos.

O reduto onde reside a entidade assistente com várias outras sofredoras, segundo o Amparador que estava ao lado, é dos mais limpos e, mesmo assim, apresenta-se num estado indescritível de imundície camuflada, exalando nauseante bafo que dá asco a qualquer forasteiro normal.

Momentos antes de atingir o largo onde todos deviam comparecer, vieram três companhias de pretorianos fiscalizando internamente a tapera em forma de casinhola que, ao fim, ficou vazia com todos os residentes retirados para participarem da manifestação pública.

Ali, os soldados procuravam manter o silêncio impossível em meio à algazarra, enquanto chegava mais gente. A essa altura, três pigmeus apareceram com espadas, deviam ser os agentes secretos das autoridades, e foram diretos à interpelação de todos os presentes na roda. Em momentos bateram na minha direção. Tive o pressentimento instantâneo que havia sido descoberto como encarnado clandestino e a saída foi usar o recurso extremo, a que fora orientado antes da excursão, firmar o pensamento e volitar com toda a energia possível para longe do ambiente. E isso foi feito com os pigmeus, logo abaixo, olhando para cima e vibrando indignadamente as espadas no ar cinzento. Não sei porque, sentia que as espadas poderiam me fazer algum mal. De que modo? O mesmo acontecera quando vi os chuços dos pretorianos.

A saída por cima do local não foi fácil. O vôo estava difícilimo. O Amparador lá ficou para cumprir o resto da tarefa começada. Fiz o percurso de volta mais rapidamente do que a ida. Em instantes estava sendo atraído para o físico, o qual achei como tábuas de salvação providencial na emergência crítica, pior que um pesadelo, porque inteiramente consciente.

Imediatamente despertei-me e, ao ver as horas, 9,54 da noite, as lembranças surgiram-me em bloco, mas tranqüilas. Talvez nenhum projetor consiga deixar trancada na memória as recordações de uma experiência dessas. A confirmação vibratória de um Amparador para fazer o registro do desprendimento, deu-me a impressão de esparzir fluidos vivificantes por todos os lados, enxaguando o ambiente dos corpúsculos vibratórios de forças viscosas e deletérias, trazidas da excursão, e que ainda teimavam em permanecer no recinto.

Algumas palavras sobre a volitação. Utilizando o meio espiritual com mínimo dispêndio de energia e tempo, sem nenhum estresse mecânico, o encéfalo do psicossoma tem circuitos impressos de memória cinestésica, ou dos movimentos, e respectivo banco de memória, que organizam, ditam e programam a volitação, não só a preparação-decolagem até os mais sofisticados tipos, altos, extensos e rápidos de vôo livre. Os rudimentos desses circuitos no cérebro constituem as estrias complexas do neo-estriado.

Os espíritos conscientes disfarçam a própria condição para não constranger os circunstantes ou desempenhar algum trabalho em muitas oportunidades, o que se constata através de fatos referentes à luz irradiante do psicossoma, ao ato da volitação e à aparência pessoal. É comum o visitante espiritual apagar a luz irradiante do psicossoma nos distritos sombrios para ficar nas mesmas condições aparentes dos habitantes locais. O ato de evitar a volitação onde existem entidades com problemas de alçar vôos espirituais é outra atitude tomada pelas inteligências cômicas das realidades da Espiritualidade. A apresentação opaca e a aparência menos formosa espiritualmente, onde o meio-ambiente seja de natureza inferior, permite maior liberdade e anonimato à entidade desencarnada em distritos espirituais apropriados. Os projetores podem usar os três recursos relacionados atrás e mais o mascaramento dos elementos constitutivos do cordão fluídico, tomando a aparência semelhante à dos desencarnados, quando as circunstâncias extrafísicas assim o exigam.

Ninguém reencarna apenas para se servir da sobremesa nas refeições da existência, o mesmo acontece com os desprendimentos. O mundo extrafísico, entrevisto pelo projetor, apresenta extremos impressionantes de beleza feérica e feiúra horripilante, pontos atraentes e aspectos repulsivos, sentimentos de esperança e instantes de tensão. Conclusão fácil de se tirar das condições do distrito espiritual visitado esta noite: há muita gente vivendo em condições melhores como encarnados do que viveria e talvez viverão como desencarnados. Quantos e quais de nós? Quanta razão tinham os Mestres Dante e Swedenborg! O desprendimento do psicossoma representa o exercício preparatório, a prévia da morte para o físico e a prática antecipada da vivência eterna para a inteligência.

30 - CONFIGURAÇÃO DE FANTASMA

4 de outubro de 1979, quinta-feira. Terceiro sono depois das 2:11 da manhã. Temperatura ambiente, 23 graus centígrados. Desliguei o aparelho de ar condicionado antes. Deitei-me do lado direito.

A minha consciência permanecia num grau absoluto de lucidez junto ao físico. Estava o corpo denso deitado do lado direito na beirada esquerda da cama.

Apareceu pálida luz amarelada que iluminou tudo como se acima de um par de olhos interiores, no meu íntimo, fossem descerradas imensas pálpebras de súbito. Percebi claramente que conservava apenas a parte superior da forma do corpo, ou seja, a cabeça, os braços e as mãos extrafísicas, compostas à beira do leito, junto aos meus pés físicos estendidos. Não tinha o restante da aparência antropomórfica ou do formato humanóide constituído.

Impressionante a sensação de me sentir como criação incorpórea, simples fumaça recheada de vontade e pensamentos, qual imensa ameba inteligente das histórias de ficção-científica, com muito mais vida e raciocínio que no corpo de carne. Vieram as imagens, à minha memória, de barco ancorado, do avião amarrado resguardando-se da ventania e dos espíritos semi-materializados nas sessões de efeitos físicos.

Ao bater minhas mãos, vi as palmas brancas como se estivessem de dia sob suave luz solar. Com a forma parcial do psicossoma composto, senti a superfície do carpete, milacron amarelo-ouro, do quarto. Ao alisar o carpete com as palmas para inspecioná-lo, lembrei-me do piso subjacente e, no mesmo instante, foi possível observar os tacos do piso sob o milacron. Após encostar as palmas nos tacos e passar as mãos atritando sobre eles, vi a luz proveniente de todo o ambiente, sobre os pedaços de madeira unidos uns aos outros.

Pensava em inspecionar mais as instalações físicas do quarto, quando nasceu-me aquele desconforto global indefinível, e ainda me foi possível cogitar que estava junto demais do corpo denso, dentro do perímetro de atuação totipotente do cordão fluidico, essa variação de cordão umbilical até 4 metros de distância do físico, o psicossoma apenas parcialmente exteriorizado no piso, e com o desconforto admonitório muito forte era melhor entrar pelo físico adentro.

Elaborei esta série de considerações mentais, em décimos de segundo, e acordei incontinenti seguindo a consciência serenamente sem nenhum hiato. Penso que, junto ao físico, as ações mentais no psicossoma dão a impressão de serem ainda mais relampagueantes.

A formação parcial do psicossoma próximo ao físico se deveu ao breve período ainda inicial da projeção e à pouca exteriorização de energia mental na ocasião. Onde se situa essa sensação de desconforto dentro desse nevoeiro vivo?

A aparência do psicossoma está na dependência direta do mundo mental do projetor. Doenças e distúrbios do físico e da mente alteram o psicossoma geralmente para pior. Boa disposição orgânica e lucidez extrafísica rejuvenescem, harmonizam e melhoram as formas do corpo espiritual.

Não percebi qualquer entidade desencarnada por perto.

Consultei o relógio, 2 horas e 38 minutos da manhã. Houve um momento de vacilação se levantava ou não para fazer este registro e, após alguns segundos, ao chegar no corredor, perto do escritório, ainda me parecendo estar semi-desprendido com a sensação de andar no vazio, precisei parar

de pé, aumentar a lucidez do despertar, emitindo ondas vibratórias pela vontade, para então passar a porta do escritório.

Toda a vez que acontece esse fato, vem-me a sensação de desperdício dessa força estuante que sai do físico. Talvez o melhor seria reencetar imediatamente outro desprendimento, mas há o meu receio de esquecer a lembrança das ocorrências, e isso é um fato, ocorre o esquecimento quase sempre, por isso, a solução tem sido escrever e continuar depois, quando possível.

Ao tentar dormir de novo, às 3,31 da manhã, a minha esposa, ao lado ressonava um pouco forte. Não desejando acordá-la, pareceu-me correto ir para a sala, levando comigo dois travesseiros.

Corridas as cortinas da janela, parada a pêndula ruidosa às 4,14 horas, deitei-me do lado direito sobre três módulos das poltronas da sala. A posição de minha cabeça ficou dirigida para o norte geográfico no ambiente novo. Dois galos faziam dueto na madrugada de Ipanema.

Em momentos, eu estava novamente consciente fora do físico, flutuando acima das poltronas, no meio da sala de visitas.

Veio-me o pensamento de ver o meu corpo físico dormindo. Ao examinar atentamente o meu rosto de perfil, do lado esquerdo, tranqüilo e prostrado, as pálpebras cerradas, nasceu-me um sentimento de pena e gratidão por aquela máquina ali, defronte, como se pertencesse a outra pessoa, e que tem permitido tantas experiências por essa vida inteira. Compreendi, ainda mais, quanto o meu corpo é um instrumento utilitário.

Nunca deixa de ser emocionante ver a si mesmo, como se fosse a imagem do espelho contemplando o corpo inerte com o cérebro vazio. É a vez da imagem que sempre refletiu o corpo, descontar... Eis aí o triunfo maior da inteligência sobre a matéria. O experimentum crucis do ser humano. A contemplação do físico inerme aguçava o meu propósito de observar e aprender, impondo reflexões. Essa visão do próprio físico incapacitado é a porta para a iluminação interior, o primeiro passo para dentro de si mesmo.

Meditando sobre a enormidade dos débitos para com esse veículo extraordinário, foi-me impossível deixar de emitir a conclusão: — Um dia o verei pela última vez.

É bem diferente de examinar uma foto ou assistir a um filme cinematográfico, o ato de olhar o próprio corpo denso, a camisa-de-força da consciência, a prisão de sangue e ossos, planta viva sem espírito, em todas as dimensões naturais, à frente, junto, qual mísero cadáver, casca vazia, aparelho desligado ou coisa parecida. Quem é sócia de quem, o físico ou o psicossoma? Sou vivo e sou morto? Eis o "ser ou não ser", de Shakespeare, em versão nova.

O sentimento de gratidão por aquela máquina-prisão que tem me deixado sair consciente tantas vezes, após momentos de meditação e calma, sem nenhum narcisismo, fez nascer a minha vontade de tocar o rosto inerme com os dedos de minha mão direita para chegar até a um auto-abraço.

Encostei as pontas dos dedos no rosto e enfiei-me automaticamente, com incrível rapidez, pelo corpo a dentro, ocorrendo a interiorização completa, de lado, sempre difícil de se evitar quando muito perto do físico, devida à íntima ligação existente.

Ao despertar-me, vieram os pensamentos de gratidão ao físico. Lembrei-me da impossibilidade de ver as horas, porque o relógio digital ficara no quarto de dormir. Daí a algum tempo, tendo perdido definitivamente o sono, pois ficara desperto demais depois dos dois desprendimentos consecutivos, ao devolver os travesseiros ao quarto, consultei o horário, 4,54 da madrugada. O higrômetro marcava 68%. E dei início ao registro desta segunda autoprojeção amena decorrida na sala.

O cérebro, órgão mais nobre do corpo físico, só pára de funcionar sob o impacto do choque biológico da morte, mas há dois estados fundamentais distintos no seu funcionamento: com e sem a mente. O corpo físico funciona com a mente na vigília, no sonho, no sono ordinário, e até em outros estados alterados da consciência, e sem a mente na situação especial de incapacidade, durante a projeção consciente.

Há dois tipos de cérebro vazio: sem a mente apenas e sem a mente e o psicossoma, ou em outras palavras, sem o corpo mental somente e sem o corpo mental e espiritual ao mesmo tempo. Esses estados condicionados do cérebro sem a mente ou "cérebro vazio", chamarão profundamente a atenção dos pesquisadores da Medicina nas próximas décadas. O centro coronário, o cordão de prata e o corpo mental constituem as chaves para o entendimento e a explicação do cérebro vazio.

31 - PROJEÇÃO RECORRENTE

10 de outubro de 1979, quarta-feira. Terceiro sono, deitei-me do lado direito, aos 5 minutos para as 4 horas da madrugada, depois de escrever no escritório cerca de hora e meia. Temperatura: 26 graus. Tempo variável no barômetro. Umidade: 72%.

A minha consciência começou a aflorar devagar defronte à máquina datilográfica elétrica, coberta sobre a mesa do escritório onde escrevia à mão, minutos antes. Como fora até ali? Estava sozinho. Parece que o deslocamento foi ato inconsciente ou movimento mecânico em prosseguimento à ação na vigília anterior ao transe, numa ocorrência de automatismo mental. Antes de ir dormir, eu programara, no íntimo, datilografar pela manhã o que estivera escrevendo manualmente durante a madrugada, como às vezes o faço. A mente subconsciente sugeriu a ação e a vontade subconsciente acatou a sugestão. Como se observa, mesmo sem sobrevir choque, acidente ou doença, a pessoa pode se surpreender numa experiência fora do físico.

Ao contemplar a máquina e sentir que me era possível enxergar dentro, numa endoscopia espontânea, como se o instrumento fosse simples armação de cristal, irrompeu o meu pensamento incontinenti:

— Estou projetado. Vou lá!

Numa plenitude de vida e extrema facilidade de pensar estava realmente aguardando essa ocasião, alimentando no subconsciente uma idéia-alvo, ou um local-alvo. Sabia que não sonhava devido

à vivacidade, à lucidez e ao charme peculiares ao desprendimento. O psicossoma, bastante substancial para deslocar-se por inteiro, apresentava-se inflado de energia.

Feita a levitação ultra-rápida pela janela do escritório na direção do Atlântico, a catapulta da vontade atirou-me à frente na desabalada corrida do pensamento.

Em tempo mínimo, a volitação me permitia adentrar amplo salão de templo deserto. A minha mente livre estava cônica de ter estado ali antes, inclusive rememorava os visuais extrafísicos das entidades desencarnadas levadas ao local, no ano anterior; para serem assistidas espiritualmente pelos Amparadores.

Ao percorrer o interior do templo notei que a frente da edificação não tem janelas nem portas. O salão, situado no segundo pavimento, mostra larga escada de acesso no lado esquerdo e outra atrás. Cheguei pela entrada junto à esquina direita.

Renasceu-me o desejo antigo de ler as inscrições espalhadas na parede interna da frente e em peças de cerâmica distribuídas pelo piso, mas foi impraticável.

Não há móveis ou imagens no local, apenas as inscrições insculpidas nas pedras. As paredes são grossas, o pé direito deve ter uns 5 metros, a dimensão do salão uns 10 metros de fundo por uns 15 de largura. O interior do templo fechado está limpo, sem correntes de ar, não parece ruína nem há vegetação nas peças internas. Existem sinais de umidade junto a uma das escadarias.

Nas imagens das pedras aparecia a figura de um homem pintado de preto com as pernas e os braços abertos.

Não havia entidade tangível ou discernível na atmosfera interior fracamente iluminada em tom alaranjado. O silêncio era total lá dentro.

Sabia com toda a convicção estar num lugar físico na África. O ambiente inexplorado pelos homens, situa-se dentro de espessa mata e a visita era mais uma da série feita àquele lugar em várias oportunidades anteriores, sendo o caso típico de projeção recorrente, ou que se repete, pois a mente livre gosta dali, desenvolve uma seqüência de experimentações com a intenção de descobrir detalhes desse templo, explorar a sua história e coletar dados correlacionados com todo o distrito. Por quê? Simples capricho, ligação emocional com o ambiente, estudo útil ou a atração magnética do local?

Continuava contemplando as cerâmicas com inscrições do piso, sentindo as vibrações gravitantes do ambiente, quando houve o chamamento enérgico do físico e a minha interiorização de lado ocorreu momentos depois, com enorme desapontamento para mim.

Ao despertar-me, imediatamente, o físico estava deitado do lado direito. Como sempre, eu nada sabia quanto ao tempo que estivera fora ou quanto demorara o desprendimento. O relógio marcava 4,36 horas da madrugada. Os galos cantavam anunciando o dia. E a minha consciência prosseguia desperta sem ter sofrido qualquer descontinuidade. O cérebro se achava em estado de coligir as menores recordações do vôo anímico instantâneo, nítido e coerente. A alegria advinda deste desprendimento persistiu ao longo de todo o dia.

32 - PROJEÇÕES COM TESTEMUNHAS

14 de outubro de 1979, domingo. Recolhi-me ao leito às 8:25 da noite. Temperatura: 24 graus. Umidade: 62%. Deitei-me em decúbito dorsal, os pés separados e as mãos sobre as pernas. Os exercícios intensivos de exteriorização de energia tiveram início através das contrações dos músculos mastigadores e movimentos típicos de passes com os braços e as mãos, sob a orientação do Espírito José Grosso. Após alguns minutos, outro Amparador, não identificado, transmitiu, com resolução, no interior de minha cabeça, que o momento era que sentisse pequena mão espalmada na testa, como já acontecera em projeções passadas, procurasse aquietar os pensamentos concentrados no ato de me desprender; que tentariam ajudar-me na decolagem totalmente consciente. Após, talvez, uns 40 minutos, em que conservei a mente em prece expectante, mantendo o desejo decidido de me projetar; surgiu invisível destra pousando sobre o centro de minha testa, pressionando com a palma a área glabellar³. Senti as manifestações de energia do centro frontal.

Experimentei a intensificação do estado vibracional. Houve a minha tentativa, puramente mental, de decolagem, sem nenhum esforço muscular; mesmo porque o físico permanecia enrijecido. Ocorreu-me a saída clássica para cima, deixando o meu corpo inanimado, coberto apenas por uma colcha branca fina, e flutuando o psicossoma a mais ou menos um metro de distância sobre a forma orgânica no leito.

Ao ficar ereto, surgiu-me o aviso para deitar o psicossoma em decúbito de novo e isso aconteceu diversas vezes como se eu estivesse fazendo um teste repetido de treinamento da decolagem.

Numa das ocasiões desse "deita-levanta", ao buscar acomodação acima do físico, mudei a situação para ficar atravessado na cama. De outra, tomei a posição ao contrário com a cabeça do psicossoma para o lado dos pés físicos. Numa das saídas, senti o estado de transição da consciência dupla ou dividida, parecendo haver uma parte no físico e outra no psicossoma, com alguma lucidez nas duas condições simultâneas, predominando num local ou noutra conforme a fixação da mente. Na verdade, a consciência não se divide jamais, contudo as sensações parecem duplas ou em dois lugares, numa aparente dicotomia da personalidade.

Na primeira decolagem surgiu-me um momento breve de desconforto, perfeitamente suportável, devido às vibrações poderosas do processo. Nas vezes subseqüentes não aconteceu nenhum estado desagradável, pelo contrário, a ocorrência trouxe-me imensa satisfação, aparecendo a expansão do íntimo, a universalidade da consciência e profundo bem estar.

Estava com a idéia-alvo, ou melhor a pessoa-alvo, se as circunstâncias mo permitissem, de ver a minha esposa que assistia a um programa de televisão na sala. Mas nem sempre o projetor consegue ir aonde deseja. Por três vezes me foi possível erguer o psicossoma sobre o leito, desfrutar a sensação de estar literalmente fora do físico, chegar até no corredor e na porta da sala, mas o poderoso cordão de

³ Nota do digitalizador: [Anatomia] Espaço compreendido entre as sobrancelhas. (<http://www.dicionarioinformal.com.br>)

prata chamava o psicossoma de volta como se a sua constituição estivesse em fase de baixa condensação fluidica e fosse uma formação de borracha que esticasse e retraísse alternadamente.

O fato demonstrava que o psicossoma permanecia todo o tempo dentro do perímetro ou faixa de influência vigorosa do cordão de prata, estando eu numa deambulação condicionada e restrita, fazendo as vezes de água sendo absorvida pelo fisico-esponja ou de partículas sugadas pelo fisico-aspirador. Evidentemente, eu estava num treino de neutralização da sensibilidade do cordão fluidico.

Os intervalos entre as saídas e reentradas suaves no fisico me permitiram sentir com extrema nitidez, como nunca anteriormente, os desprendimentos parciais das pernas e dos braços que pareciam flutuar como se fossem peças de fazenda leve, semelhante ao filó ou à seda fina, que de vez em quando recebiam uma lufada de vento, sendo agitadas ou enfunadas para um lado e outro. A comparação com pequenos balões de tecido leve e fino está bem aproximada da realidade da sensação que surge nos pródromos do desprendimento.

Durante o período em que se realiza o processo da projeção todo o desprendimento parece tão simples e fácil, mas ao reentrar no carro celular, a situação torna-se complexa e vem a dificuldade para sair de novo.

Nasceu-me o sentimento, pela primeira vez, de estar sendo assistido por uma "nuvem de testemunhas" que se apinhavam ao meu redor, no quarto de dormir ampliado, como se fosse largo salão, onde, qual cobaia num anfiteatro de anatomia ou paciente na sala de cirurgia, estivesse sendo examinado por dezenas de entidades desencarnadas ao modo de estudantes acompanhando os atos operatórios através dos vidros das janelas de observação. O fato me foi confirmado mais tarde pelos Amparadores quando esclareceram que os desencarnados se reuniram em trabalho de pesquisa e aprendizado, visando ao futuro cultivo pessoal da projeção, presenciando minhas saídas e voltas experimentais ao fisico, atentando quanto aos pormenores práticos do processo, razão por que estava com a liberdade extrafísica condicionada pelo cordão de prata, que sempre tracionava o psicossoma de retorno à base material.

Isso vem corroborar as notícias existentes da intenção do Plano Espiritual Superior de intensificar a prática do desprendimento consciente por todo o Planeta.

O corpo de carne assemelhava-se a longa casca de tronco que somente se enchia quando o psicossoma reentrava. Quem consegue explicar essa sensação de repleção? Pode-se perguntar: enche o quê no fisico denso, compacto, maciço, contínuo e recheado de órgãos? Mas enche tudo isso, molécula a molécula, célula a célula, milímetro a milímetro, numa coexistência e interdependência exatas!

Na primeira ida até à porta da sala, ocorreu-me o aumento da acuidade visual. A claridade alaranjada do ambiente, materialmente escurecido, sofreu uma intensificação do ponto de vista extrafísico. Todas as vezes eu penetrava a porta fechada do quarto de dormir que dá para o corredor e ambos, o quarto e o corredor, pareciam bem mais amplos que a realidade material.

Identifiquei junto à parede esquerda do corredor, como se fosse um móvel coberto com pano, a existência de alguma coisa espiritual num volume com uns 80 centímetros de altura por 70 de largura, no local ordinariamente vazio. Seria algum acessório transcendente?

Na terceira vez que estive no corredor, depois de ir ao físico e voltar sucessivamente, como se exercitasse o esticamento do cordão de prata, entrevi uma entidade desencarnada tranqüila que ia entrar no quarto do pequeno Arthur, que lá dormia àquela hora. Ia abordá-la, quando o físico chamou-me de modo mais forte e irresistível e, desta vez, foi-me impossível restabelecer o transe para prosseguir com os desprendimentos.

Houve a interiorização imposta, por cima, porque a minha boca, devido ao relaxe na posição de decúbito dorsal, ficara aberta, fato que desencadeou uma respiração estertorosa não habitual, cujo ruído quebrou o transe.

Ainda tentei outra decolagem, mas ao mover a cabeça física, recebi a sugestão mental para deixar o leito e grafar este registro.

O relógio marcava 9,42 horas da noite. Interessante que a duração dos desprendimentos consecutivos pareceu-me maior que a real, talvez em razão da intensa atividade extrafísica desenvolvida durante todo o período. A minha consciência permaneceu a mesma, sem alterações, desde o recolhimento na cama até agora, praticamente nem precisou haver o ato de despertar.

Para mim, o ponto alto, mais difícil e impressionante da projeção consciente é o momento da decolagem lúcida. Não há fenômeno anímico ou mediúnico de maior impacto e mais convincente do que esse para a criatura que venha a senti-lo completamente vígil. É o fato capaz de provocar a modificação científica, moral e religiosa, com alterações profundas dos conhecimentos, opiniões, educação, costumes e crenças de qualquer um. Com ele, ensinamentos repetidos há gerações caem por terra, séculos da decantada civilização se esboroam na mente do projetor, montanhas de preconceitos perdem a razão de ser, alcançando-se a certeza experimental e pacífica, que dispensa discussões enfadonhas.

É indescritível reconhecer-se na mente livre, com a sensação inabitual de força e confiança, nos mesmos lugares, dentro do ambiente rotineiro onde a gente toma banho, tem as refeições, dorme, faz as brincadeiras com o filho, enfim, onde se vive fisicamente no corpo de carne. Essa experiência apresenta-se simplesmente inavaliável, sempre, por mais que se repita. E constitui, sem dúvida, valioso "trailer" da passagem inevitável da morte, a projeção definitiva, cujas fantasias e pesadelos se extinguem para sempre.

33 - AS DOADORAS DA VIDA

17 de outubro de 1979, quarta-feira. Segundo sono às 9,02 da noite. Temperatura: 25 graus centígrados. Estado higrométrico da atmosfera no quarto de dormir: 65%. Deitei-me do lado esquerdo.

Sentia-me plenamente consciente, seguindo três espíritos de mulheres ao entrar numa agigantada instituição extrafísica ao modo de monumental edifício de paredes grossas e portas fechadas.

A atmosfera estava escura. O distrito situa-se nas cercanias da Crosta, bem próximo ao ambiente humano, talvez logo acima da troposfera.

Ao transpor vários salões desertos e abrir três portas na semi-obscuridade, imerso em silêncio absoluto, fechando cada porta ao passo que ia passando, todo o grupo de quatro espíritos percebia que a atmosfera melhorava a pouco e pouco.

O terceiro ambiente primava pela expressão acolhedora reverberando luz tranqüila. Logo após a entrada do grupo, teve início um espetáculo impressionante. No recinto imenso, fazendo lembrar limpíssima enfermaria de teto elevado e alvos leitos, dezenas de mulheres começaram a entoar adorável cântico de júbilo que começava com vibrante estribilho:

Almas irmãs!

Aqui estamos!

As doadoras da vida!

A canção-oração coletiva maravilhosa, diálogo mental de emoções puras, cantada pelas mulheres de beleza indescritível, vestidas de branco, a maioria sentada singelamente nos leitos, no ambiente atravessado de fulgurações multicores criando forças envolventes, compunha quadro difícil de descrever. Dos olhos, tórax e mãos das cantoras efluíam frouxas irradiações que iam momento a momento se intensificando ao embalo do cântico, formando um cenário assombroso de reflexos multifacetados, derramando, por fim, profusamente, raios de safirina luz em todas as direções.

Por pouco, até eu estaria a cantar aquela melodia acariciante e envolvente que trazia um bem-estar indizível, numa euforia cuja extensão talvez só as mães possam aquilatar.

As vozes diferentes das humanas expressavam maior sentimento. As vibrações eram irresistíveis. Deu-me vontade de me tornar criança de novo e me deixar levar pelos embalos do estribilho. Parecia chover primavera entre as paredes da construção espiritual, onde a luminosidade aumentava, gradualmente, ao crescendo das vozes.

Pela primeira vez, eu contemplava multidão de mulheres lindíssimas, nunca vistas, verdadeiras madonas e querubins translúcidos, sem a mínima idéia de sexo. Dentro do meu íntimo nasceram as interrogações:

— Quem seria quem nesta assembléia? Quais seriam as inteligências desencarnadas e quais as entidades físicas humanas viventes, provisoriamente libertas pelo sono? Haveria gestantes entre elas?

A chuva de efeitos luminosos não me permitia perceber as diferenças. E veio a explicação íntima. As entidades que estavam nos leitos, ainda desencarnadas, preparam-se para o renascimento quando, a seu tempo, irão também ser mães. O hino de exaltação à maternidade estava sendo entoado por todas, inclusive muitas mulheres encarnadas que iriam receber as outras através da reencarnação. Enfim, havia somente Espíritos de mulheres, ou de mentalidade feminina, no grande coro, numa confraternização das mães que vão receber as filhas que, por sua vez, também serão heroínas da maternidade em futuro próximo.

A organização trabalha recuperando os sítios sombrios dos planos espirituais inferiores, preparando, ao mesmo tempo, reencarnações próximas.

Com sinceridade, surpreendia-me encontrar uma equipe de trabalho espiritual constituída e dirigida por Espíritos de mulheres, profundamente femininos, arraigados ao sentimento da maternidade,

numa instituição especializada no assunto. A elevação do ambiente fazia da enfermaria um santuário recortado de flamas azulíneas.

O cântico era de provocar lágrimas e satisfação na criatura mais insensível. As emoções não me permitiram captar e reproduzir a letra e a melodia indescritíveis, o fervor do coro feminino, as ondas vibratórias dos corpos espirituais, a ternura sonora espriada pelas emissões das vozes e os cambiantes das cores nas chuvas de luzes prodigiosas que jorravam do alto.

Eis aí um cântico de sereias jamais imaginado. Foi impossível para mim resistir ao choro de alegria provocado pela maviosidade das vozes e daí a momentos a emoção predispôs aquele desconforto admonitório ou o chamamento da base material.

Numa exaltação espiritual quase impossível de suportar, estava impraticável recuperar as condições para analisar melhor os acontecimentos com observações precisas e nos pormenores corretos. E foi pena, porque sempre quis saber em que condições a projetora-gestante carrega, junto de si, o espírito reencarnante.

E o meu psicossoma foi recapturado pelo físico, a contragosto, ocorrendo uma interiorização imposta de lado.

Ao despertar-me, os olhos molhados de lágrimas, ainda ouvia o cântico ecoando na penumbra do quarto de dormir. O relógio marcava 9:57 horas da noite.

Além da incidência do emocionalismo igual ao desta noite, advirto aos interessados sobre os pequenos e inofensivos traumas extrafísicos que às vezes causam emoção aos principiantes: passar a mão através da estrutura dos objetos físicos; atravessar paredes com naturalidade; passar através de seres humanos; observar de perto o próprio físico inanimado; ver o psicossoma refletido num espelho, quando possível; decolar do físico num ímpeto; ouvir o som da interiorização súbita; examinar minuciosamente o cordão de prata; por em prática a ampliação da consciência e das percepções visuais; perceber-se num corpo de manifestação apenas parcialmente configurado, semi-humanóide; sentir o momento exato da perda da respiração; voitar sozinho, livremente; experimentar o estado da euforia extrafísica; encontrar-se com o espírito de um morto conhecido ou antigo parente; sofrer ataque extrafísico de entidade desencarnada enferma; sentir-se numa esfera-fora-do-espaço-forma-e-tempo-com-superconsciência. A ordem dos eventos é sempre determinada pela qualidade das experiências do projetor.

Quando insisto que o projetor evite o emocionalismo e o misticismo nas tarefas da projeção, não quero recomendar que acabe definitivamente com as emoções, os sentimentos e a afetividade na existência, tornando-se criatura fria e insensível. Nada disso. Sou, pessoalmente, um indivíduo que me desarmo siderado com a doçura da alta personalidade, o lance simples da criança, a visão de certa paisagem, a contemplação da obra de arte, o trecho da peça musical, porém, na verdade, no plano extrafísico, esse estado de espírito tem sido sempre contraproducente às observações.

34 - INFLUÊNCIA DE ENCARNADO

20 de outubro de 1979, sábado. Lua nova às 23 horas e 24 minutos. Segundo sono às 22 horas e 5 minutos. Deitei-me de bruços sobre a face esquerda. Temperatura: 24 graus. Umidade: 66%.

A minha consciência começou a despertar tentando acomodar melhor o físico deitado sobre o estômago no leito, no ato de sair de costas e para cima. Fiz o retorno uma vez e houve a decolagem instantânea de novo.

Imediatamente chamou a minha atenção uma entidade com aparência de homem, desconhecido, 50 de idade, moreno claro, estatura baixa, bastante sonambulizado, parecendo que procurava instalar-se para dormir dentro do apartamento. A sua presença incômoda fora percebida pelo pequeno Arthur que chamara a mãe vezes repetidas desde que se recolhera às 7 da noite.

Ao deparar com o homem, estando ainda meio sonambulizado também, julguei que fosse uma inteligência desencarnada inofensiva e sem rumo, e vi pela janela, à distância, dentro da sala de um apartamento de andar alto, em edifício próximo, várias pessoas sentadas alegres à mesa, como se estivessem ceiando. Assombrado pela perspectiva que surgia alterada, a nitidez das feições do rosto dos encarnados trouxe-me a certeza de estar projetado. A minha consciência ampliou-se de súbito.

Para logo fiz a abordagem à entidade que, através da sua psicossfera, sabia agora tratar-se de um encarnado, buscando despertá-la com estes pensamentos:

— Ô meu amigo, estamos numa projeção astral! Acorde! Vá para a sua casa!

O encarnado projetado apresentava-se bem composto em sua forma humanóide, vestindo calça e camisa esporte, continuando a exibir um aspecto vago e distraído, parecendo não compreender nada. Por aí se observa que até o sonâmbulo extrafísico chega a plasmar, mentalmente, os seus trajes fora do físico e pode não se apresentar desnudo. O meu recurso foi sair com ele dizendo, na tentativa de despertá-lo, com emissão de toda a minha força mental, seriamente, mas tratando-o como criança não adestrada ao plano extrafísico: — Veja como vôo igual ao Superman!

O vôo foi pequeno, difícil e rápido, janela afora, com a volta imediata. Deixei-o no apartamento de novo para ver o que aconteceria. Ao sair sozinho, no segundo vôo, agora com facilidade, surgiram várias entidades desencarnadas de pontos diversos que me identificaram. O homem projetado ainda viu os meus vôos desferidos em diversas direções até que desapareceu junto da janela fechada da sala do apartamento onde contemplava as cenas, meio aparvalhado. Do alto onde volitava, eu sabia, com certeza, que ele fora embora e o meu desassossego desapareceu.

Uma das entidades desencarnadas, consciente e transfigurada, em lamentável aspecto, abordou-me num ataque extrafísico, e saí volitando com ela aderida ao psicossoma, sobre a Praça N.S. da Paz, até chegar ao passeio de um jardim residencial na margem da Lagoa Rodrigo de Freitas, e deixá-la fraternalmente com outra entidade que ali surgira, junto à amurada verde, sem maiores comentários.

Realmente não mais vi o espírito do homem encarnado que deve ter vindo de um edifício de apartamentos da vizinhança, onde o seu físico ficara dormindo.

Senti a presença intangível dos Amparadores, particularmente no instante do aprofundamento da visão espiritual e à porta da residência na Lagoa.

E ocorreu a minha volta rápida ao físico.

Examinei o relógio, 10,16 da noite. Como sempre sucede, perdi o senso do tempo quase que completamente durante a projeção. Consultei a esposa sobre a duração provável do sono, ela afirmou ter sido uns 5 minutos apenas. Ela podia calcular o prazo real do período porque se levantara do leito, depois de conversar comigo, e fora ver o filho no quarto ao lado. As reminiscências vieram-me à memória, em bloco, imediatamente ao despertar.

Mais uma vez, a presença de entidades que perturbam o ambiente espiritual, me ajudou nos processos da projeção. Esses casos provocam uma espécie de catalise e potencializam as percepções extrafísicas. Os Amparadores sabem o que fazem quando deixam um projetor para resolver sozinho certos problemas durante a projeção. São ótimas essas lições para se criar iniciativa e desenvoltura nas tarefas fora do corpo material.

A capacidade do psicossoma, no ato de olhar à distância, trouxe à tona a minha consciência plena fora do físico. Nos desprendimentos da mocidade, nunca observara essa acuidade da visão mental que permite despertar a consciência livre integralmente. Isso representa uma aquisição recente em decorrência do fluxo de desprendimentos conscientes em série.

O que atraiu o encarnado desconhecido ao apartamento? Deduz-se do conteúdo da projeção, que nem sempre é inteligente fazer o trato de ver um conhecido encarnado fora do físico num encontro de projetores.

Pelos fatos da noite se observa que existe o estado de erraticidade temporária, ao modo dos espíritos desencarnados, também para o encarnado que se liberta parcialmente do físico, na condição de sonambulizado ou zumbi, fazendo às vezes, realmente, de espírito errante projetado ou projetor errante inconsciente. Nesse estado, igual ao do devaneio, durante a vigília física, a consciência queda-se tão profundamente absorta ao ponto de não se dar conta pelo que acontece ao seu derredor.

Até que ponto a erraticidade, quando encarnado, predispõe o espírito à erraticidade após a desencarnação? O projetor nunca se perde, acaba sempre retornando ao físico devido ao cordão de prata e sempre desperta quando de fato o deseja.

Características psicofísicas óbvias para compor o perfil do projetor (ou projetora) ideal: vontade inabalável; destemor; "neofilia"; curiosidade inata; descondicionamento religioso, científico e social; temperamento mais racional e menos místico; não-conformismo com paciência; convivência tranqüila; memória cultivada; vocação para estudar; cultura humanística; bom senso; autocrítica; nervosismo com autocontrole; introspecção com disciplina de pensamentos; autodomínio físico; avançado desempenho de relaxe. Arremata a personalidade de "super-homem" do projetor ideal, alguns retoques finais: ele é casado, usa cama de solteiro para os experimentos, deita-se sempre em decúbito dorsal no colchão sem molas, entre meia-noite e 4 horas da madrugada, ou na segunda metade da noite, com baixa frequência cardíaca, sem nenhum problema psicológico para o amanhã. De minha parte, tenho feito esforços para

moldar a minha índole imprimindo pelo menos alguns destes caracteres nas tendências, como se fossem instrumentos de trabalho, o que não tem sido fácil.

35 - AUTOMATISMO MENTAL

25 de outubro de 1979, quinta-feira. Terceiro sono, em decúbito dorsal, à zero hora e 34 minutos. Fui dormir sozinho no quarto habitual com a porta cerrada, depois de desligar o condicionador de ar. Pouco antes, deixei a esposa deitada no quarto do meu filho que apresentara uma crise de otite às 09 da noite e fora medicado. Temperatura: 25 graus. Umidade: 60%. Tempo bom.

A minha consciência livre despontou pouco a pouco no quarto de dormir e me encaminhei meio sonambulizado para o quarto do filho doente. Era a minha pessoa-alvo. É comum o projetor, ao se lançar fora do físico, dirigir-se para o local onde centraliza as preocupações, numa continuação automática da ação que desenvolvia antes de se recolher e começar a dormir.

Chegando até o quarto do filho, nasceu-me a idéia de que a minha esposa devia se mudar com o menino para a sala do apartamento, mais ampla e confortável para o enfermo.

Fiz uma tentativa de dizer isso aos dois e, daí a momentos, estava na sala quando a esposa entrou carregando o filho e acomodando-o sobre as poltronas.

Por uns momentos, ainda, presenciei a estada de ambos na sala, e depois voltei ao quarto de dormir:

Ao chegar próximo ao, leito não aconteceu a coincidência imediata. O psicossoma ficou deitado sobre o físico, como se estivesse descansando num sono tranqüilo, a uma altura de uns 60 centímetros, qual balão cativo estacionado, preso ao corpo-poste.

Não percebi a presença de nenhuma entidade desencarnada no apartamento durante o período extrafísico.

Por momentos ocorreu, na minha mente livre, mistura mais ou menos coerente em que a ilusão se confundia com a realidade. Transcorreu algum tempo até que deslizei-me para dentro do físico e despertei-me.

Continuava o físico na posição que adormecera, em decúbito dorsal. Vieram-me devagar as lembranças de ter visto a mudança de minha esposa e do filho para a sala e, com enorme curiosidade, deixei o leito para verificar o que realmente acontecera.

E tudo se confirmou. A esposa estava com a criança na sala, que agora chorava deitada sobre as poltronas. Ao perguntar sobre quando viera para a sala com o garoto, informou-me fazer uns 20 minutos. Consultei o relógio, 1,02 da manhã. Elisabeth esclareceu-me ainda que o menino teve a idéia de se mudar para a sala. Pela primeira vez, nesse apartamento, ambos passaram a maior parte da noite naquela peça.

Como sempre, a projeção permitiu a certeza experimental do estado de consciência do psicossoma, em primeiro lugar, ao próprio projetor. Interessante observar que o estado de preocupação pela condição da doença súbita do garoto, fez com que as muitas ações no plano extrafísico surgissem anormalmente em "baixa frequência" ou "câmara lenta", com modos e atitudes inabituais ao meu temperamento.

Profundas ilações podem ser colhidas dos fatos.

As preocupações terra-a-terra impedem a instalação da lucidez extrafísica completa, devido a falhas na disciplina do pensamento. Fizera essa observação tempos atrás em decorrência de outras projeções. A preocupação fixa dominante não deixou que outros fatos extrafísicos fizessem impressão permanente na memória.

O decúbito dorsal favorece o sono extracorpóreo, ficando o psicossoma fora da coincidência, em posição idêntica, planando logo acima do físico. O sono extracorpóreo, por sua vez, colabora no desenvolvimento técnico do projetor, dando-lhe maior traquejo de movimentação dentro do reduzido perímetro de atuação vigorosa do cordão fluídico.

O garoto, que ainda não completou 5 de idade, captou a inspiração telepática da mudança de lugar emitida por mim, invisível para ele. Até os 7 de idade, o encarnado demonstra maior sensibilidade psíquica às manifestações advindas do plano extrafísico.

Se fui capaz de sugestionar o meu filho no estado fora do físico, outros, operando diretamente pelo psicossoma, podem fazer o mesmo. E, às vezes, com intenções doentias. Daí a explicação dos casos mórbidos de animismo ou de obsessões de encarnados. O fato comprova também, infelizmente, a veracidade das sugestões negativas de investimentos reveladas aqui no Capítulo 26.

Eis um assunto que extrapola o âmbito de influência dos cientistas e religiosos para atingir o cerne dos governos, porque a projeção consciente cria uma incrível fonte de poder contra a qual ainda não foi estabelecido nenhum processo racional de defesa. E ninguém consegue evitar que os cidadãos durmam...

Falando francamente, a consciência fora do físico, no psicossoma constitui, por isso, um instrumento mais poderoso que a bomba de hidrogênio. Ainda bem que existem a superintendência da Causa Primeira e a assistência dos Amparadores sobre todos e tudo, além das implicações éticas, felizmente inevitáveis, no desenvolvimento da projeção consciente.

36 - A CARAVANA ALADA

27 de outubro de 1979, sábado. Temperatura: 24 graus. Umidade: 69%. Recolhi-me ao leito às 7:22 da noite, com exercícios breves, talvez por uns 15 minutos e, logo após, fiquei na posição de costas, sem cobertas por cima, quando ouvi a mensagem mental de um Amparador para o desdobraimento. O ritmo vigoroso da batucada da escola de samba no Morro do Cantagalo próximo, penetrava ruidosamente no quarto fechado.

A minha lucidez veio imediatamente ao decolar o psicossoma e surgiu-me o pensamento de ser necessário endireitar o físico. Aconteceu a volta rápida, a coincidência e abri as pernas para ficar cada qual sobre um travesseiro. A minha consciência esteve de volta dentro do crânio, moveu as pernas, mas os braços permaneceram, em toda a manobra, inteiramente ausentes. Não os percebi, parecendo-me que o corpo de carne estava sem braços.

Sucedeu nova decolagem, agora consciente, e deixei a base junto com o Amparador, o mesmo do recado anterior à primeira saída, meu conhecido de muito tempo, Tao Mao, entidade adestrada na vida espiritual, exímio magnetizador e profundo conhecedor do intercâmbio psicofísico, amigo de há duas décadas da Casa do Cinza, de Uberaba. Explicou-me que encontraríamos a falange espiritual que iria assistir a encarnados durante certa comemoração regional humana.

A volitação ocorreu normal atravessando imensa distância onde a velocidade da viagem não me permitiu a observação detalhada dos lances da passagem pelos ambientes.

Daí a pouco, fizemos a parada num lugar em zona rural, no sopé de vasta colina, no meio de uma horta, onde se viam plantações baixas, parecendo arroz. Interessante que a atmosfera estava clara. Quando fui para o quarto de dormir, raciocinava, a noite já havia descido sobre o Rio de Janeiro. Estava, pois, num país bem distante, onde as estações e os fusos horários diferem dos que vigoram no Brasil.

Aguardava junto ao Amparador, sobre a terra cultivada da horta, a chegada da falange e fora instruído para fazer espontânea aproximação e prestar homenagens fraternas ao condutor dos espíritos como singelo servidor encarnado de uma corrente de pensamentos espiritualistas distante, no caso, o Espiritismo, codificado por Allan Kardec.

Momentos após, discerri, com extático assombro, no dia claro, espaço além, aquela revoada de seres semelhantes a pássaros brilhantes sobrevoando baixo e inclinando-se suavemente em direção à colina. O espetáculo majestoso, difícil de descrever, não encontra similares humanos.

Impressionante vê-los pousar à frente em ordem e silêncio, qual se fora procissão de caminheiros, todos com roupas dos lamas ou simples monges orientais, envergando capuzes levemente reverberantes. Belíssimos, em seus reluzentes corpos espirituais.

Ao caminhar para eles, empurrado pela generosidade de Tao Mao, imensa força espiritual desceu do alto. Avançamos uns para os outros com os braços abertos, em saudações de fraternidade, com um sentimento agradabilíssimo de paz, subjugados à vigorosa caudal de energia que despencava de uma fonte indefinida, em jorros intensos, sem parar.

Após os cumprimentos e o abraço também ao Espírito que vinha à frente da caravana alada, e que retirara o capuz na hora, foi possível examinar de perto a fisionomia veneranda de olhos orientais, cabelos nevados, esparzindo pálida radiação dourada, agora sobre o campo, com talvez uns cem amigos de Tao Mao. Senti a transfusão de energias extraordinárias da entidade. O olhar direto, luminoso e penetrante, indicou para seguir à frente subindo a colina.

Era impossível voitar alto no local, mas sentia-se o deslizar a uns 8 metros de altura ao escalar a montanha espaiada até chegar a uma construção semelhante a monumento de fronteira e ali se distinguia, então, os encarnados reunidos em torno, muitos com largos chapéus pretos e cônicos.

Ao subir, até galgar o monumento com inscrições ilegíveis e que parecia portar branda iluminação interior, os arredores regurgitavam de visitantes. Sabia, por esse conhecimento imanente característico à condição extrafísica, que o ambiente humano era chinês. Desencarnados diversos olhavam como espectadores o ato da subida deslizando a poucos metros do solo. A atmosfera assemelhava-se, na hora, aos Territórios Livres de Hong Kong, onde estive há mais de uma década atrás.

O Espíritos caminheiros assistiram por momentos às solenidades que se desenrolavam na colina e depois foram se dispersando nas tarefas de auxílio em pequenas equipes incumbidas de operar na esfera física em caráter de socorro e estudo, pois a festa humana iria continuar em lugares diversos. Por ali se via que a assistência espiritual atua em toda parte e que o conagraamento de irmãos ocorre entre as inteligências despertas para a evolução nos mais diferentes distritos espirituais.

Passei ainda por uma das casas próximas à colina, do outro lado, observei um rapazinho que brincava de instrumento na mão, passei por dentro da casa, entrevi a sua mãe trabalhando na cozinha, saí pela porta rústica da cerca da casa, deslizei por um trecho em meio às árvores e depois comecei a planar mais alto, com a decisão da vontade, usando todos os recursos, agora possíveis, da volitação.

Havia alcançado o momento da volta e, dentro em pouco, chegava sozinho à base física.

Ao despertar-me, o físico parecia feito de ferro no decúbito dorsal com as pernas abertas sobre os travesseiros. Ao mover os braços, ocorreram vários estalos nas articulações dos dedos das mãos que pareciam desidratadas. O corpo inteiro estava ainda entorpecido, mas imerso num chuveiro de vibrações poderosas e agradáveis.

Minhas lembranças da experiência extracorpórea vieram em bloco, juntas com o despertar e a idéia da responsabilidade do registro. Consultei o relógio: 8:57 da noite.

37 - A VOZ RESSOANTE

1º de novembro de 1979, quinta-feira. Temperatura: 24 graus ao desligar o aparelho local de ar condicionado. Umidade: 60%. Tempo bom. Recolhi-me ao leito às 19,03 horas, em decúbito dorsal, estado físico descansado, dando início imediato aos exercícios de exteriorização de energias.

A consciência de estar fora do físico nasceu-me quando deixava o ambiente do apartamento com a idéia-alvo de arranjar um local com caixas de eletricidade para acender ou apagar luzes através de comutadores.

Ao ter essa inspiração, ecoou um esclarecimento ressoante, próximo, como se dentro da mente, do fato de que, quando penso, ocorre sempre a criação de coisas.

— Há uma diferença entre as coisas físicas e as criações da sua mente. Assim, este saco de brinquedos é uma criação mental.

E surgiu um saco parecendo recheado de brinquedos, perto de minha mão direita, igual a esses usados pelo Papai Noel nas festas natalinas.

— É só pegá-lo e atirar longe. Se quiser pode ser feito o ruído do impacto no chão, mas tudo isso representa uma criação da mente.

Ao pegar o saco, pensei que faria barulho, e o objeto bateu no piso de cimento e fez "tap". A voz continuou:

— A visão das coisas físicas é real e está fora do seu corpo de carne. Vamos ver se você apura a visão.

E nesse momento pareceu-me que tudo obedecia às idéias instantaneamente. A minha visão realmente ampliou-se e nasceu-me a vontade de ir para mais distante. De posse da mente livre é preciso ter presença de espírito e criar, pouco a pouco, "reflexos espirituais" para dirigir o psicossoma.

Distingui uma porta larga numa rua semi-iluminada e aparentemente deserta. Tive vontade de atravessar a porta. Foi pensar e acontecer a travessia da porta que me permitiu a entrada noutra rua interna, junto a grande armazém semelhante aos existentes na área do cais do Porto do Rio.

Deslizando com total consciência, descobri alguns comutadores das lâmpadas do armazém às escuras. Ao chegar junto, as explicações ressoaram de novo na aula prática de educação extrafísica.

— Você pensa que ligou as lâmpadas. Parece que você ligou, mas na realidade, não ligou. Tente e observe. O que pensar acontece, porque a vontade o deseja, mas a vontade só atua neste plano onde você está agora e não sobre o plano humano que vê, parece tocar, mas não toca.

Apurando a minha atenção espiritual para não deturpar as percepções, na tentativa de mover os comutadores, tudo sucedeu tal e qual. Senti a forte sensação de mover os botões na parede. Pareceu-me que todos foram tocados e mudados de posição, porém, as luzes internas não se acenderam. Houve apenas o simulacro da ação.

E a voz ressoante rematou:

— Não se preocupe em mover os objetos materiais. Para isso será necessário haver maior dispêndio das suas energias, quando há maior densidade na sua corporificação. Transitando como está, mais sutil, não há desgaste de forças semi-materiais.

Não me foi possível ver e agradecer "pessoalmente" ao "dono" da voz ressoante, em momento algum.

Só as experiências acumuladas permitem ao projetor discernir quando ele vê de fato os objetos materiais puros, com nitidez, e quando acrescenta, em certos casos, as criações do seu próprio pensamento sobre as visões que tem. A força criativa do pensamento é extraordinária. Se a mente livre pensa num detalhe que falta a um objeto, ela pode acrescentá-lo na hora dentro das suas próprias percepções.

Deslizando ainda pela rua interna, alcancei a saída para a rua e localizei à distância várias pessoas andando no passeio. Quando seguia à frente, no deslizar invisível entre os transeuntes, apareceu-me a sugestão de voltar ao físico.

Incontinenti, houve o despertar.

O meu físico permanecia em decúbito dorsal. O relógio informou, 8 horas e 27 minutos da noite. Deixei o leito para grafar as lembranças nítidas das ponderações da voz ressoante na mente do psicossoma. Como se observa, a projeção amplia as dimensões da realidade habitual para fronteiras infinitas. Um novo mundo, maior que o físico, é descoberto para ser explorado, trazendo novos ensinamentos a cada excursão extrafísica.

Lembro aqui que o simulacro da ação é freqüente ocorrer na semiconsciência onírica, quando a pessoa sonha estando de psicossoma projetado, isto é, numa fase de transição, no estado de consciência entre o sonho comum e a projeção lúcida.

38 - ASSISTÊNCIA INSPIRACIONAL

2 de novembro de 1979, sexta-feira, finados. Terceiro sono às 11,17 da noite. Temperatura: 23 graus. Ar condicionado indireto: deitado do lado esquerdo.

Ao recolher-me para o primeiro sono da noite, às 19,11 horas, aconteceram demorados exercícios de exteriorização de energias, inclusive com o desprendimento consciente prévio do psicossoma, preso à imediata proximidade do físico, por algum tempo, e a volta daí a poucos momentos, como se houvesse preparação maior para jornadas posteriores.

A minha consciência parecia inteiramente transferida para o psicossoma ao lado do Amparador que me esclareceu sobre as tarefas da noite. Desta vez iríamos experimentar demorada e diversificada excursão, em locais distantes, tendo em vista os horários das atividades humanas, e não situou os lugares geograficamente.

O importante seria manter a mente desperta e a observação acurada para transmitir ao papel, posteriormente, o que pudesse recordar das visitas extrafísicas, dando prioridade àquilo que julgasse oportuno ou importante, porque o excesso de minúcias na memória acaba prejudicando a exatidão das lembranças.

Realmente, tudo constituiu-se numa longa viagem como poucas acontecidas comigo e que aqui vai reproduzida num resumo de seus principais lances de constatação pessoal, dentro das insuficiências e limitações naturais que influem no processo.

Na entrada de um edifício, em final de construção, a entidade à frente explicava que ali está sendo concluída a instalação de um estabelecimento de ensino profissionalizante que abrigará centenas de estudantes.

O prédio parecia ter uns quatro andares, sendo o último vasta área de recreio com rampas e ginásio, tudo defendido por paredes elevadas. Os andares inferiores mostravam dependências de trabalhos técnicos parecendo oficinas. O essencial na construção do estabelecimento de ensino parecia ser a preparação espiritual do ambiente visando aos futuros operários humanos.

O Amparador apresentou-me à equipe de assistência do local que desempenhará tarefas ao modo de vigilância espiritual, quando houver o funcionamento integral da escola. A entidade que inspirou a realização da obra e que empresta o nome ao empreendimento, também trabalhava com as demais, preparando o ambiente com a dedicação de um zelador de templo religioso, limpando a atmosfera espiritual, intuindo os trabalhadores humanos, implantando cercos de defesa do local, enfim, lançando os alicerces invisíveis do estabelecimento, cujos planos espirituais pareciam mais detalhados que as próprias plantas baixas e diretrizes funcionais terrestres traçadas para a instituição.

Depois da edificação da escola, visitamos algumas fábricas com finalidades diversas, em locais diferentes e longínquos. Uma, particularmente, acho que deve ser destacada para enfatizar as minúcias dos serviços espirituais implantados dentro da organização. Algo me dizia estar bem longe do Brasil.

Surpreendiam-me os aspectos da vigilância e observação extrafísica das áreas dos operários nos múltiplos setores, alguns em funcionamento àquela hora. Dava para ver o sistema sincronizado de fiscalização e defesa humanas das muitas dependências importantes, todas vasculhadas pelo olhar onipresente das televisões internas que iam dar num salão especializado com amplos postigos e vigilância mantida dia e noite. Painéis e écrans com as imagens de todas as instalações apareciam cravados nas paredes. E a entidade explicava que os primorosos cuidados humanos refletem apenas pequena parcela dos imensos zelos espirituais dos orientadores desencarnados no sentido de se evitar acidentes e interferências estranhas das inteligências sombrias sobre os encarnados incautos, fazendo a profilaxia de desastres que podem acarretar conseqüências imprevisíveis.

A explicação prosseguia. Da usina de força elétrica da comunidade à fábrica gigantesca de alimentos para as populações; da escola aparentemente insignificante, em construção, aos laboratórios da cidade universitária; da fabriqueta do arrabalde ao parque industrial de grande porte, tudo reclama desvelo silencioso e averiguação incansável, carinho e inspiração dos planos espirituais superiores.

Todos os dirigentes humanos desses grandes estabelecimentos devem ter a certeza absoluta de que nunca trabalham a sós em suas deliberações, por mais deserta pareça a intimidade das dependências de direção. O plano espiritual se faz presente em toda a parte minimizando problemas, desfazendo arestas, inspirando as consciências e entrosando as atividades no rumo da aquisição de disciplina, entendimento e fraternidade.

Há um departamento espiritual de pessoal em cada grande estabelecimento terrestre. E se não fosse assim as estatísticas de acidentes e os problemas nos estabelecimentos fabris e comerciais cresceriam geometricamente de maneira estarrecedora. Existem em toda a parte áreas de imenso trabalho para as inteligências desencarnadas que mourejam na Crosta Planetária.

Dos núcleos de finalidades nobres até os mais animalizados e aparentemente incompreensíveis setores de atividades humanas, a assistência dos planos maiores se faz sentir, porque ali mourejam

obreiros bem intencionados que merecem assistência para minorar-lhes os percalços, não raro nas condições mais adversas.

Nesse ponto, não me foi possível ocultar os pensamentos que trouxeram à tela da mente, entre outros exemplos, os imensos abatedouros e frigoríficos destinados ao sacrifício de animais visando à alimentação humana e envolvidos nas atuações do vampirismo das sombras; as poderosas fábricas de armamentos e munições dedicadas à manutenção dos recursos policiais e sustentação das guerras fratricidas, agora espalhadas pelo planeta, como nunca em toda a história humana; e as controvertidas usinas nucleares que, embora objetivando a segurança e o conforto das populações, vêm criando a insatisfação e o desconforto nas almas através dos continentes. Tudo isso, infelizmente, constituindo as provas insofismáveis do atual estágio evolutivo da estância do aprendizado terrestre na sua jornada progressiva.

O mundo espiritual, desperto para as realidades da evolução, não dorme. Tudo está sob controle em suas diretrizes básicas. Quem trabalha deve confiar; que a assistência inspiracional aparece sempre. Participar de uma equipe comunitária de serviço é também evoluir; adquirindo talentos de esforço, método, ordem e perseverança nas realizações duradouras. Todas as grandes personalidades nas frentes do pensamento humano já inseriram no passado fichas de operário em seus currículos reencarnatórios. A fábrica de vinte anos e o estabelecimento bem consolidado não nasceram de um dia para outro nem surgiram sem o conhecimento ou a inspiração das esferas mais altas. Na raiz de todas as grandes árvores do progresso humano corre a seiva da abnegação silenciosa e anônima do Plano Espiritual.

Sopesar os fatos ou fazer julgamentos das criaturas, suas contradições, paradoxos, crises, lutas e sacrifícios na estrada do progresso íntimo, como sempre parece ser uma das mais difíceis empresas da consciência livre. Quem renasce começa compulsoriamente a participar. Quem participa acaba inevitavelmente tisonado pelas incompreensões antípodas das necessidades humanas. E as responsabilidades se espraiam e torna-se cada vez mais presente o desafio maior de se viver corretamente envergando o extraordinário veículo de carne e ossos entre consciências irmãs.

Ao sair da última organização visitada com os operários em serviço, uma entidade enferma abordou o instrutor espiritual que dava as explicações e não pode ser esquecida devido à aparência. O psicossoma do espírito trazia imensas manchas em vermelho vivo em toda a sua estrutura. Os cabelos da cabeça pareciam ter sido penteados àquela hora, a testa com entradas amplas, no entanto, exibia largas nódoas cor de sangue bem como o rosto, os braços, as mãos e as pernas. Pelo carinho dispensado ao seu encaminhamento, vi que se tratava de demência espiritual de alguém que noutros tempos trabalhara no estabelecimento. Sutil inspiração me dizia que o caso seria uma seqüela da radiação atômica sobrevivente à passagem da morte.

Depois da observação desse doente, ocorreu-me a volta demorada à base humana.

Ao descerrar minhas pálpebras, sob uma colcha fina, o físico, deitado do lado esquerdo, parecia congelado numa rigidez de cadáver em paz.

As lembranças vieram pouco a pouco, fragmentárias, mantendo, contudo, a unidade de pensamentos, juízos e sensações variadas como se fosse um filme de longa metragem a que acabasse de assistir. Torna-se muito difícil a rememoração em bloco das ocorrências multifacetadas nas longas projeções no tempo e no espaço. É sempre marcante o aspecto de nitidez de lupa das cenas e criaturas que se presencia durante as projeções. Jamais esquecerei certos rostos de trabalhadores entrevistados esta noite.

O relógio assinalava 27 minutos além das 2 horas da madrugada de sábado. O desprendimento tivera a duração de mais de três horas e não me ocorreu nenhuma sensação de contração do tempo. A chuva mansa continuava a cair sobre Ipanema. Depois do registro tranqüilo, comentando em rápido bosquejo, palidamente, a realidade entrevista na deambulação a distância, ali e acolá, são 4,31 da madrugada, não me sendo mais possível dormir.

39 - JORNADA INSTRUTIVA

9 de novembro de 1979, sexta-feira, dia atípico. Temperatura no quarto de dormir, 24 graus centígrados. Umidade relativa do ar, 55%. Segundo sono às 2,04 da madrugada, deitado do lado direito. Tempo chuvoso à noite. Estado físico: fim da convalescença de uma enterocolite, ainda medicado, sem febre.

Antes, no começo do intervalo vigeil, foram feitos exercícios breves, em decúbito dorsal, inclusive com autopasses pela incorporação, após estar escrevendo na sala, em razão do ar condicionado funcionando no escritório. Já passara da meia-noite de quinta-feira.

Depois de uns quarenta minutos de concentração, ocorreu rápida projeção prévia. O meu psicossoma emergiu, deitado de costas, flutuando sobre o físico em leves oscilações, parecendo pena, pluma ou bolha de sabão em pleno ar. Após momentos breves, ao tentar ficar de pé para sair, o físico chamou-me com enérgica retração do cordão fluídico. Mais uma vez ouvi, com estrépito, o som da interiorização que me pareceu o barulho de curtíssima duração de uma folha de porta de armário com dificuldade para fechar, "cranc". Como sempre observo, as sensações extrafísicas eram muito vivas e agudas, contudo (como dizer?), bem mais delicadas do que as físicas. A velocidade da entrada violenta no físico quebrou o transe de súbito.

A minha consciência apareceu entre dois companheiros espirituais de aparência jovem. Daí a momentos, numa jornada instrutiva, entrávamos nas cercanias de grande cidade que não era o Rio.

O espírito mais categorizado fez referências à dificuldade de se volitar em certas áreas urbanas que parecem deter correntes magnéticas telúricas que dificultam o processo da volitação, talvez porque aumente o peso do psicossoma, em particular para o encarnado projetado.

Na hora, lembrei-me de que o corpo espiritual é "mais espiritual", contudo, embora não respire ar, não deixa de ser um pouco material também. Dizem que deve pesar cerca de um milésimo do peso físico. Quer isto significar que a pessoa com peso médio de 70 quilos, teria um psicossoma de

aproximadamente 70 gramas de peso. Por outro lado, quando falamos em "corpo material" é por ser mais material, mas não deixa de ser espiritual, pois carrega o cordão de prata mesmo quando inanimado durante a projeção, afora receber a aura e o psicossoma quando os corpos estão coincidentes. Ainda mais, quando uma criatura desencarna, geralmente não "desencarna totalmente", porque o psicossoma permanece mais ou menos material, com percentual variável mínimo de matéria rarefeita na sua estrutura. Nem sempre a significação relativa das palavras corresponde à verdadeira realidade.

O Amparador, desejando mostrar a dificuldade da volitação, indicou-me a subida pelo morro coberto de árvores, dando para lóbrigar entre elas alguns pés de mamona e imbaúba. A custo subi o morro, parecendo que o corpo espiritual carregava pedra. Qual a influência da gravitação terrestre nessa ocorrência?

Ao chegar no topo, a entidade falou mentalmente, bem-humorada:

— E agora, querem descer volitando?

Nem o companheiro e nem eu desejamos nos arriscar, e fizemos a descida deslizando lá de cima rente ao rés-do-chão. Quais seriam as conseqüências da descida para o psicossoma?

Ao sair do sopé do morro, observei vários canais cortando as ruas e a paisagem. Alguns dos canais tinham, nas margens, lâmpadas acesas que se refletiam na superfície da água.

Ao passarmos frente a uma área residencial, brotavam diversos repuxos de água em meio ao asfalto, mostrando a canalização rompida. A entidade líder decidiu esperar os trabalhadores que viriam corrigir as avarias a fim de evitar maior calamidade no local, por que logo perto localizara a tubulação principal de uma adutora.

Momentos após a exposição do pensamento, foram chegando operários num veículo de serviço e puseram mãos à obra. As duas entidades, em instantes, estabeleceram uma espécie de círculo de defesa espiritual em torno deles, chegando mesmo a inspirar um dos operários, talvez o encarregado da equipe, apondo-lhe a mão no alto da cabeça até o centro da testa e transmitindo-lhe idéias.

Minutos mais tarde as águas cessaram de jorrar. Pequeno número de entidades desencarnadas espectadoras acompanhava o espetáculo dos reparos noturnos que prosseguiam. O conserto do calçamento não ia ser feito, ainda, mas o perigo maior fora evitado.

As duas entidades chamaram-me para sair e, ao levitar dali, vários espíritos comentaram a saída. A entidade pediu para não dialogar mentalmente.

Daí a pouco entramos numa casa tipo colonial onde um senhor encarnado, aparência respeitável, 55 de idade, lia um calhamaço circunspectamente. O mentor do grupo afastou dois desencarnados enfermos ao lado e aproximando-se do senhor procurou incutir-lhe algumas sugestões renovadoras quanto ao assunto que estudava. Vi que o homem estava afundado mentalmente num volume de processo criminal, onde havia um caso de vítima com ferimento a faca nas costas. Nos pensamentos do homem se esboçaram a alusão à morte aparente, enterramento prematuro, casos precedentes semelhantes, peça de teatro, dificuldades do julgamento. Sobre a mesa do jurista jaziam vários volumes de Direito. Era noite alta e a temperatura ambiente parecia estar agradável.

Por fim, o homem se levantou, parece que com a intenção de tomar algum líquido nos fundos da residência. Havia um carro na garagem e o cão de guarda sonolento no pátio interno, bem visível.

Não demorou, os Amparadores julgaram conveniente a minha volta à base física. Não se falou mais sobre o caso penal e, mantendo a discrição de sempre, nada perguntei a respeito.

Como se viu esta noite, o trabalho para os desencarnados varia ao infinito.

Ao despertar-me, no físico deitado do lado direito, minhas lembranças vieram fragmentárias, mas consistentes e conexas. O relógio marcava 3,27 da madrugada. Gotas grossas de chuva tamborilavam na cobertura do condicionador de ar. Entravam ecos de vez em quando da passagem de carros notívagos em cima de placas metálicas de algum conserto em rua próxima.

40 - EVOLUÇÃO GRUPAL

14 de novembro de 1979, quarta-feira. Segundo sono às 9:08 da noite, deitado para o lado direito. Temperatura ambiente, 25 graus, com o ar condicionado indireto ligado no escritório. 65% de umidade no ar. Tempo bom.

Surgiu-me a consciência tranqüila, perfeitamente cômico de estar fazendo um desdobramento, em meio a várias entidades desencarnadas amigas. Todas espíritas quando encarnados, e que trocavam idéias amistosamente sobre as tarefas na Terra.

Alguns, com descontração maior, faziam brincadeiras e outros contavam "anedotas interreencarnatórias". Entre elas, a do "congresso incorporado" que já se preparava para reunir com a turma dos "bastidores espirituais" que acompanha os companheiros encarnados no certame que terá início amanhã aqui no Rio, reunindo jornalistas e escritores doutrinários de todo o Brasil, sob o patrocínio, desta vez, da Federação Espírita Brasileira.

Um dos casos, contado nos diálogos mentais por uma entidade de cabelos brancos brilhantes, referia-se ao "salão de beleza espiritual" pelo qual passa a maioria dos que voltam à Espiritualidade.

— Há verdadeiras "múmias" ressuscitadas em jovens mancebos, automaticamente, no "salão do rejuvenescimento".

Um dos mais experientes me afirmou mentalmente, com seriedade:

— Esteja certo, o desprendimento consciente é uma herança natural da inteligência encarnada, realidade acessível a "todo o mundo" que se permite alguma disciplina. O controle do desdobramento depende do autocontrole dos pensamentos, juízos, desejos, emoções, motivações e afinidades.

As entidades começavam a chegar antes ou juntas com os congressistas humanos e o ambiente espiritual simpático do encontro fraterno ocorria na Crosta.

Pediram para ser feita uma visita a alguém muito querido e saí da reunião com três outros companheiros.

Ao chegar a esse novo distrito, também na esfera física, houve muita confraternização e um dos que lá estavam referiu-se aos diversos "encargos cármicos" que são atribuídos aos espíritas em suas encarnações.

Assim é que tem a equipe que "segue o vôo da águia", a outra que "abre cartilhas", e mais uma que "bate o ponto" e assim por diante. Nessa altura, o Espírito de W. arrolou-se junto com C, B., E., M., e outros, alguns presentes, como colegas de encargos cármicos "às voltas com as bulas". E que este projetor tinha uma beirada pequenina nesse quadro. Vão apenas as iniciais por recomendação dos Amparadores.

Na atmosfera desreprimida, sem nenhum misticismo, nem carrancismo, solicitei "algo" que pudesse levar para o corpo físico daí a instantes, quando retornasse. Todos indicaram Eurípedes Barsanulfo, meu grande Benfeitor desde a infância, e ali presente, para transmitir algumas idéias.

E concentrando-se, junto a mim, emitiu os pensamentos mais ou menos nos seguintes termos sobre a evolução grupal, ombro a ombro:

"A segregação das idéias também deve ser vista e ponderada no relacionamento com o próximo.

Todos passamos e todos voltamos no instituto da reencarnação.

Quando despontamos no meio de uma família humana, como pai, mãe, irmão e irmã, acatamos fraternalmente a convivência dentro do lar com o espírito bom e o rebelde, o tranqüilo e o exaltado, o estudioso e o negligente, o intelectual e o menos brilhante, o de contato agradável e o de relacionamento difícil.

E não somos incentivados pela vida nem pela natureza a excluir do roteiro, em razão de preconceitos, antíteses, contradições e paradoxos, aquele mais necessitado de assistência espiritual segundo os padrões ideais assentados pelos nossos pontos de vistas. Pelo contrário, quase sempre em razão da existência desse mesmo companheiro, é que fomos chamados ao renascimento dentro de condições pré-montadas.

A ordem natural não está em relegá-lo ao esquecimento, mas em prosseguir com ele à frente.

De igual modo, na convivência dentro dos limites e liames da crença, encontramos aqueles para com os quais fomos especialmente convocados à confraternização autêntica e à cooperação franca.

O compromisso não determina marginalizá-los na caminhada, porém conclamar-lhes ao serviço e ao entendimento.

Em favor da verdade espiritual e do amor fraterno torna-se mister somar e não dividir.

Ninguém é posto a evoluir junto por acaso.

A jaça do perispírito do irmão de convivência se reflete em nós. A sombra do companheiro próximo escurece o nosso trilho. Ninguém avança na escalada dos cimos, em tentativas de fazer atalhos, saltando as pedras da estrada sem utilizá-las na construção geral. A evolução, queiramos ou não, além de ser individual é, inevitavelmente, grupal.

Às vezes, é difícil entender; contudo, surge inexorável a determinação do destino para o aperfeiçoamento em comunidade e o prosseguimento em falange, grupo a grupo.

A purificação, no cadinho do progresso, não faculta o esquecimento de resíduos para trás.

Ninguém se permite ascender às Esferas Maiores portando lapsos de amnésias no fundo da consciência.

Evoluímos juntos, levitamos mãos nas mãos, volitamos para o infinito em revoadas".

Procurei ouvir atentamente a mensagem coerente e daí a pouco disseram-me para voltar e acordar de imediato sem esquecer as ondas mentais irradiadas por Eurípedes, a quem agradecei efusivamente pelo recado.

Despertei-me e consultei o relógio, 10 horas e 4 minutos da noite. A minha esposa, daí a momentos, abria a porta do quarto preparando-se para dormir.

Como se observa, os eventos extrafísicos são imprevisíveis, nunca se tendo a certeza dos rumos e do que realmente vai ocorrer numa projeção, contudo, há sempre profunda relação entre as bases da existência e os acontecimentos fora do físico.

41 - PROJEÇÕES COMANDADAS

16 de novembro de 1979, sexta-feira. 25 graus centígrados no termômetro da parede do quarto. Umidade no ar, 61%. Tempo bom. Estava na cidade à tarde e pretendia ficar por lá até mais à noite, quando um Amparador aconselhou-me a vir para casa em razão dos trabalhos das projeções. Os exercícios tiveram início às 19:49, sentado no leito, sentindo a presença de Tao Mao assenhoreando-se do meu físico de modo absoluto, fazendo irradiações a distância.

Talvez por 20 minutos, dentro desse período chamado "horário da angústia" dos homens, desenvolveram-se as irradiações até que a própria entidade deitou o meu físico em decúbito dorsal com um travesseiro fofo sob a cabeça e dois sob as duas áreas poplíteas (atrás dos joelhos), e as mãos sobre as pernas, perto das virilhas, como a ensinar-me a melhor posição física para a decolagem do psicossoma.

A minha consciência permaneceu vígil imediatamente à saída do comando direto da entidade sobre o corpo denso. Senti o começo do estado de entorpecimento que teve início pelas mãos, os braços, os pés, as pernas, o tronco até atingir o pescoço e os músculos faciais.

Invisível destra pousou-me sobre a testa e uma parte calva da cabeça, sem afetar a consciência. Percebi a possibilidade de movimentar os braços extrafísicos sobre o abdome numa semi-exteriorização. Passaram-se muitos minutos e mantive a consciência lúcida quando procurei selecionar o sistema pessoal de vibrações mais potentes próprias para a decolagem. Nesse período de fenômenos mentais extraordinariamente intensos, identifiquei a presença de duas entidades amigas ao lado.

Senti que iria fazer uma projeção consciente integral, assistido pelo Espírito Tao Mao. Desfrutava de um percentual de lucidez incrível, de efeitos múltiplos, na marca de 100 por cento, ao se dar a primeira fuga do físico.

O psicossoma flutuou oscilando um pouco, até se estabilizar alguns centímetros acima do corpo deitado e depois o cordão de prata fez a tração suave de volta. Tao Mao começou a manipular-me. com energia, ao longo de todo o físico e daí a pouco, avisou-me mentalmente, imperativo:

— Role para a sua direita.

Obedecendo à ordem de comando, rolei o psicossoma para a direita e saí perfeitamente livre. Permanecendo nas proximidades, senti a força imensa do cordão fluídico como se o testasse. São assustadores o vigor e o poder da energia que trazemos nessa ligação entre os dois corpos. O processo da projeção integralmente consciente desencadeia a força de fabulosa usina dentro da gente mesmo. O rolamento do psicossoma parece brincadeira de criança, mas funciona às maravilhas.

Retornando ainda ao físico, novamente percebi a sugestão de rolar para a direita. E desta vez senti o psicossoma virar sobre si mesmo, três voltas para a direita, com surpreendente ímpeto e rapidez. Interessante que o psicossoma dá voltas e o cordão de prata não se enrola. Já observara isso anteriormente numa decolagem em espiral. O fato diz respeito à natureza da sua estrutura.

Nessa ocasião, surgiu, para mim, a clara iluminação ambiente e saí volitando com profundo contentamento. Aflorou-me o impulso de tranqüila força no íntimo e a sensação indescritível de imaterialidade e leveza. Nasceu de novo aquela euforia da outra vida, incontestavelmente superior à existência terrestre, que põe a gente sentindo-se em paz absoluta com a humanidade e o universo inteiro, quando todos os contratempos, dores, emoções, trabalhos, anseios e esforços perdem muito de sua significação e quase desaparecem de tão pequeninos perante a realidade espiritual experimentada no plano extrafísico. Toda expressão humana enfraquece o relato do que se deseja exprimir nessa condição.

Dei intencionalmente, imensas braçadas pelo espaço com essa cópia-matriz invisível do corpo, desta vez menos condensada que de costume, indo de um lado para outro sobre o Atlântico, até que recebi a sugestão de voltar ao físico. O comando da sugestão continuava com Tao Mao, e a força do cordão de prata não atuou nesse retorno.

Em décimos de segundos entrei pelo corpo a dentro sem despertar, permanecendo firme a lucidez da consciência. O físico cataléptico dava-me a impressão de uma caixa trancada. Sabia que, se quisesse, sairia agora com enorme facilidade pelo espaço. Percebo que, no meu caso, é bem mais fácil o processo da decolagem, em seqüência, depois que foi executada conscientemente a primeira saída, numa série no mesmo dia ou noite, sem movimentação do físico.

Disse-me o sereno Amparador que homens e mulheres com elevado padrão de intangibilidade ética, podem desenvolver ações ativas e úteis na espiritualidade adquirindo pouco a pouco a continuidade da consciência absoluta (vigília contínua), circulando ininterruptamente entre as esferas física e extrafísica, erigindo, para isso, uma ponte etérea que permite à memória passar sem esforço de um plano para outro, formando a vida um todo uniforme de vigília incessante. Aceito pacificamente este fato relativamente aos grandes luminares da evolução que iniciam, na verdade, a ponte etérea nos intervalos reencarnatórios, dispensando os períodos de sono quando desencarnados, ou deixando o psicossoma repousar, atuando apenas de corpo mental. A consciência não precisa do sono. Quem precisa

do sono é o corpo físico e, em certos casos, o psicossoma. O sonho é o maior protesto da consciência contra o sono. A projeção lúcida é a vitória da consciência contra o sono e o sonho comum.

Veio a sugestão para mover os braços e o corpo todo. Desloquei o físico da imobilidade e várias articulações estalaram. Deixei o decúbito dorsal e virei-me para o lado esquerdo. A minha vontade era preparar-me para deixar o físico outra vez, mas a sugestão de Tao Mao foi para levantar-me do leito e colocar no papel, com minúcias, todas as impressões, pois para isso é que desencadeara as projeções comandadas.

Existem dezenas de processos diferentes para auxiliar o encarnado a fugir temporariamente do corpo denso. Este tipo de projeção assistida por um Amparador, que transmite as suas ordens mentalmente, é de uma facilidade fantástica e comunica um bem estar indizível. A prática tem revelado que a projeção amena dessa natureza geralmente constitui uma prévia do projetor para tarefas assistenciais, rememoráveis ou não, no resto da noite. Esses treinos de saídas e reentradas conscientes, tentando penetrar no fenômeno no laboratório do próprio corpo e na própria casa, são de enorme valia, porque quanto mais se exerce a projeção, menos exercícios são exigidos para a sua reprodução.

A experiência adquirida em numerosas pequenas projeções, aparentemente insignificantes, permite as prolongadas de caráter importante pelo entendimento dos processos e a disciplinação dos pensamentos, das emoções e do próprio físico.

A consciência esteve ativa do início ao fim dos processos dos desprendimentos. Há projeções e interiorizações perfeitas e imperfeitas, conforme o grau de conservação da memória consciente contínua nas diversas etapas das ocorrências. Essas de hoje podem ser situadas entre as primeiras, com um percentual de vigília extrafísica de 90 a 100% o tempo todo, sem o mínimo hiato da consciência, intacta, total e pode-se dizer "incomsutil".

Sentia-me agora numa disposição eufórica para fazer as coisas. Venho notando nestes últimos anos que essas mini-férias de minutos que deixam o corpo denso vazio em pequenos períodos, estimula o organismo e defende a saúde física. Seria isso consequência da euforia extrafísica?

Por aí se observa que a projeção consciente, assunto que nada tem de misterioso e que está ao alcance de qualquer um, dependendo do percentual de esforço próprio, por razões óbvias, é especialmente indicada ao encarnado (homem ou mulher) cego, hemiplégico, paralítico, doente crônico acamado, detento que deseja melhorar-se, permitindo fugir à fadiga física, à dor, à doenças e à inúmeros outros problemas humanos, facultando-lhe uma segunda existência à noite, deslocando-se por aí pelo psicossoma liberto.

O relógio marcava 9 horas e 7 minutos da noite. Levantei-me, fui à sala, chamei minha esposa que estava junto de uma parenta vendo televisão, e relatei-lhe os desprendimentos conscientes, procurando passar para ela um pouco da alegria que sentia intensamente, nascida das projeções em série da noite.

Confirmando as suposições, tive mais tarde outra decolagem consciente rolando para o lado esquerdo e que se prolongou noite adentro nos serviços distantes com o amigo Tao Mao, a quem

agradei por todos os esforços da noite. Não senti nenhuma impressão penosa em qualquer lance dos acontecimentos.

Pelas ocorrências iguais às desta noite, conclui-se que nem sempre é possível separar os componentes mediúnicos dos processos anímicos nas projeções conscientes do psicossoma.

As projeções segmentadas do psicossoma constituem os semi-desprendimentos, fenômenos freqüentes antes da projeção consciente integral, do início ao fim. Os semidesprendimentos predisõem as interiorizações parciais, que acontecem em apenas décimos de segundos. As interiorizações parciais quando súbitas, por sua vez, causam repercussões regionais no físico. As repercussões físicas regionais súbitas se relacionam profundamente com as áreas dos chacras ou centros de força.

Assim, a repercussão da área abdominal, sede dos centros radical, umbilical e esplênico, causa calafrio na espinha ou a contração do esfíncter anal; a repercussão da área torácica, sede do centro cardíaco, provoca profundo suspiro compulsivo por atingir os pulmões e a respiração; a respiração na área do pescoço, sede do centro laríngeo, estimula a deglutição inesperada de saliva; a repercussão devido à interiorização somente da cabeça ou de todo o psicossoma, dirigido pelo centro coronário, sediado no topo do crânio, desencadeia um estampido característico no interior da cabeça, ou o som clássico da interiorização abrupta. Quando a interiorização total súbita é muito violenta, além do som intracraniano, o projetor pode sentir uma taquicardia efêmera.

A repercussão física da interiorização parcial dos membros superiores e inferiores cria efeitos motores ou contrações e espasmos dos músculos das pernas e dos braços, inclusive, mais restritamente, apenas dos dedos ou de um dedo isolado.

Nos minidesprendimentos é comum ocorrer a posição de Trendelenburg extrafísico, ou seja, o psicossoma exterioriza-se quase todo, ficando inclinado para baixo, somente com a cabeça extrafísica dentro do cérebro, que conserva a mente vigil. Daí a pouco acontece a posição supina extrafísica com o psicossoma pairando sobre o corpo denso.

Tais fenômenos são de fácil verificação para o projetor que tenha feito algumas projeções conscientes. É simples questão de se exercitar. Essas repercussões podem acontecer no estado hipnagógico, nos pródromos do sono, quando tem início à descoincidência, com qualquer um, em outras palavras, até mesmo com projetores inconscientes ou toda pessoa ao começar a dormir.

As decolagens em espiral, para cima, e a saída com o rolamento rápido do psicossoma para o lado, demonstram que o cordão de prata pode ser torcido à vontade sem nenhum inconveniente. Seria o cordão de prata constituído de uma reunião de unidades de energia ou substância quintessenciada?

42 - PROJEÇÃO DIURNA

19 de novembro de 1979, segunda-feira. Depois de vir do banheiro, consultei o relógio, 4:51 da manhã. O dia estava claro, em Ipanema, como se já fosse pleno verão. Ontem a temperatura máxima chegou aos 38 graus. Deitei-me do lado esquerdo para o último sono. O ar condicionado funcionava no

escritório com a porta do quarto aberta. Estava levemente sonolento. Umidade relativa do ar, 52%. Temperatura ambiente, 25 graus centígrados. Fase da Lua: nova, às 15 horas e 4 minutos de hoje

Não experimentei a decolagem. Percebi logo, com a consciência desperta, a presença de duas entidades desencarnadas de aparência masculina, em mangas de camisas e trajas de um branco impecável, parecendo americanos, com os cabelos cortados rentes à cabeça. Sabia, não sei explicar porque, que o idioma terrestre deles tinha sido o inglês.

Saimos, sem mais delongas, logo após os cumprimentos fraternos e, como tem acontecido de outras vezes, o traslado seguia depressa demais pela volitação, para que pudesse reparar em algo de significativo durante o percurso.

Em momentos, atingíamos uma área tropical com sol tão claro que ofuscava dando brilho e emitindo reflexos em todas as coisas. O ambiente material primitivo parecia ilha grande ou as costas de um continente. Havia nativos semi-nus de tez escura, mais baixos do que altos, espalhados por toda a parte, com muitas palhoças e caramanchões.

Notava-se de imediato que todos se empenhavam nos preparativos de expressiva festividade. Seria festa da tribo? Casamentos? Ou ambas as comemorações? Não sei dizer.

Os Amparadores deixaram-me sozinho assistindo às cenas e foram para as proximidades. Vi, com detalhes, a preparação de imenso boi que fora tostado e que alguns homens e mulheres enchiam as superfícies visíveis com pequenos espetos como se fossem largas escamas de peixes. Dava para identificar claramente que era um bovino de formato agigantado. Junto espalhavam-se recipientes com frutas, principalmente cocos e ananases.

As construções rústicas das cabanas edificadas com troncos finos e grossos de árvores e tetos de galhos e folhas, estavam com o chão coalhado de folhas, algumas secas, como se servissem de tapetes para as comemorações. Havia um cercado do tipo de curral sem cobertura, também acarpetado rusticamente com folhas.

Pequenos aglomerados de nativos observavam os preparativos. A maioria colaborava de algum modo nos serviços. Observei de perto um homem (ou mulher?) vestido da cabeça aos pés com uma roupa, constituída de borlas de fibras inteiramente brancas, que lhe cobria todo o corpo e até o rosto. O personagem ainda estava ultimando os paramentos para alguma solenidade. Outros preparavam vestimentas iguais.

Em certos lugares as cercas dos currais eram mais altas e separavam completamente os que trabalhavam dos espectadores. Muitos acompanhavam os acontecimentos encarapitados sobre armações primitivas de madeira. Viam-se árvores frondosas em toda a parte, compondo a paisagem ensolarada.

Havia dezenas de jovens semi-nus. Um bando de garotos dos seus 12 de idade, brincava deslizando sobre folhas numa ladeira próxima. Uma senhora de tez escura e mancando da perna esquerda cuidava de um tacho com líquidos e ervas, assistida por várias jovens. Seriam temperos?

As ondas do mar batiam nas pedras das praias próximas com algumas palmeiras junto à areia. Observava os preparativos enquanto os dois espíritos de roupas brancas (oficiais de marinha?)

afastavam do local entidades desencarnadas sonambulizadas e enfermas. Logo depois, um deles se aproximou e informou que a assistência espiritual está em toda a parte onde se faz necessária. Os dois tinham muito carinho com os habitantes porque ali desencarnaram depois de muitas peripécias, passando até necessidades, numa época recuada de tumulto e guerra.

Afirmou a entidade que ninguém vive sem a observação constante do Plano Espiritual, não só os homens em todas as latitudes, como até mesmo os animais e as plantas. Tudo permanece sob controle invisível e sutil, difícil de ser entendido em seus pormenores pela consciência quando ainda encarnada. Os laços humanos, sejam físicos, consangüíneos, sentimentais e intelectuais prosseguem após a libertação pela morte criando liames espirituais duradouros que se fazem sentir numa convivência físico-espiritual permanente.

Esclareceu-me que desprendimentos do corpo espiritual de forma semi-consciente e nas proximidades dos próprios núcleos existenciais, não raro, até provocados por beberagens de origem vegetal e mesmo unguentos, acontecem freqüentemente com elementos dessas aglomerações selvagens. O misticismo, os tabus, o temor ridículo e a vida natural, embora isenta de sofisticações e hipocrisias, mascaram as ocorrências de modo que as manifestações surgem deturpadas por excrescências criadas pelas superstições, credices, emoções exacerbadas da consciência que depara com o misterioso, o incompreensível e o ignoto, através de imagens e sensações visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas e motrizes diversas, naqueles que não dispõem de capacidade para observar, estudar, classificar, absorver e experimentar cuidadosamente os fatos.

Desses processos nascem as lendas dos indígenas, o uso das simpatias e bom coeficiente de folclore em toda parte. Explicou-me, francamente, que a euforia que sinto e às vezes tenho dificuldade de conter, não está longe dessa reação da consciência do silvícola, porque todo emocionalismo acaba perturbando de algum modo o equilíbrio da lucidez e o modus operandi do psicossoma no desprendimento consciente.

À vista disso, cogitei, seriamente, da necessidade de evitar as idéias relativas ao mal, às mágoas, ao temor, à incerteza, à dor, à incompreensão no descarte das fórmulas convencionais da sociedade e na canalização dos afetos e tendências para os princípios básicos da evolução espiritual. Há de se buscar racionalizar melhor as atitudes e se libertar do guante dessas formas primárias de reações emotivas, tendo em vista que até certas emoções aparentemente positivas, iguais à euforia, podem ser contraproducentes.

Daí a pouco, uma das entidades convidou-me para voltar ao físico. Externei o meu reconhecimento pela carona extrafísica e os ensinamentos, e apresentei as despedidas.

Em momentos estava chegando ao quarto de dormir, pensando nas interrelações encarnatórias dos espíritos que pela lei da afinidade, ação e reação, jungem esses espíritos esclarecidos de militares, oficiais de muitos cursos, a criaturas irmãs analfabetas, em condições primárias de existência, e ainda tão distantes da chamada civilização.

Despertei-me e as lembranças nasceram-me em bloco. Pareceu-me ocorrer dois hiatos de consciência bem definidos, um, mais demorado, na decolagem, e outro, rápido, na interiorização até o despertar. O relógio marcava 5:48 da manhã. Já entrava no quarto muito ruído do movimento das ruas. Por ser a hora de levantar-me e preparar para ir trabalhar, anotei em termos telegráficos as ocorrências principais, deixando para grafá-las definitivamente mais tarde.

Esta foi uma projeção tipicamente diurna à distância. Nesse tipo de desprendimento, não tenho percebido a mínima atuação da luz solar sobre o psicossoma. Os fatos indicam que o sol parece exercer alguma influência na decolagem e sobre o físico que fica inativo, mas não depois que o psicossoma transpõe o perímetro de forças mais intensivas da atuação do cordão fluídico.

Sempre observei a importância das comemorações humanas e extrafísicas para o projetor e as projeções, pois funcionam como elementos catalisadores provocando a reunião de entidades, atraindo consciências afins e ensejando a transmissão assistencial de recursos invisíveis. Nos relatos aqui enfileirados, este capítulo é o quinto que aborda comemorações de várias naturezas, os outros são os de números 16, 29, 33 e 36.

43 - MÚSICA EXTRAFÍSICA

24 de novembro de 1979, sábado. Recolhi-me ao leito para os exercícios de exteriorização de energias às 8:32 da noite, ficando daí a alguns minutos na posição de decúbito dorsal até à entrada de minha esposa no quarto, às 9:26, que vinha para dormir. A temperatura ambiente estava a 25 graus. Ar condicionado indireto. Umidade: 55%. A noite de sábado estava bastante barulhenta em Ipanema. Fizera calor elevado durante o dia, com a máxima de 37,6, e chuviscara ao anoitecer.

Ao iniciar os exercícios, mais uma vez percebi várias ocorrências fisiológicas, reflexas ou não, que contribuem para a desintoxicação vibratória nos pródromos da concentração, especialmente bocejos sucessivos, lacrimejamentos em ambos os olhos, pequenas corizas e pigarros fugazes, como se o Amparador em serviço estivesse lavando e enxaguando as vias respiratórias para a projeção imediata. O fato vem provar certa influência ponderável da respiração no processo do desprendimento do psicossoma.

A minha consciência despertou ao entrar numa colônia espiritual conhecida onde reencontrei o Espírito Carnot, referido no Capítulo 2, entidade amiga que vive presentemente ali.

O local assemelha-se à estância terrestre, no conjunto de primorosas casas espalhadas dentro de um bosque recheado de luz suave, cortado por passagens e clareiras aconchegantes, atapetadas de grama. O ambiente agradabilíssimo, tem a característica dominante na música sublime penetrando na atmosfera, tocando todas as sensibilidades, que não se escuta com os ouvidos, e cujas notas vivas envolvem cada vez mais a consciência, quanto mais atenção se lhes dê. Se nos deixarmos embalar pelas vibrações, acordes e impressões produzidas pela harmonia depurada, acabamos dançando, cantando ou

orando conforme a tessitura sonora e o ritmo irresistível do momento, numa participação espontânea nesse concerto perene, arrebatador e entusiasmante ao ar livre.

Carnot explicou-me que os sons deliciosos em ondas de se sentir e não de ouvir, constituem a meloterapia levada às últimas conseqüências, restaurando a memória, a imaginação e o julgamento crítico das consciências ainda traumatizadas pelas experiências humanas, desfazendo conflitos, apreensões, dúvidas, remorsos e idéias fixas.

Informou ser extenso o número de habitantes da colônia e que, na maioria, são "convalescentes do corpo de carne", chegados à Espiritualidade em avançada idade terrestre com distúrbios senis.

Notei que Carnot estava bem mais senhor de si, intelectualmente falando, agora que o via, pela primeira vez, na atmosfera desse domicílio espiritual, onde vive e trabalha servindo aos idosos recém-desencarnados. Entendia-me com ele pelo pensamento sem qualquer articulação de palavras. A inteligência, como sempre acontece nesses casos, colhe a idéia fixa exata, mentalmente, de maneira instantânea.

O bom Carnot criou para mim, usando o recurso fantástico da manufatura de formas-pensamentos, em que é mestre, um porta-guardanapo trabalhado com detalhes absolutamente precisos, um traje antigo e sugeriu no diálogo transmental:

— Cumprimente aquele senhor e ofereça-lhe esta lembrança para ver o que acontece.

Seguindo as instruções, em meio às árvores frondosas e os bancos convidativos, cheguei junto a um cavaleiro com aparência de octogenário e barba caudalosa que não parecia nada amistoso.

Ao ver, porém, o porta-guardanapo individual insculpido com brasões, abriu-se num sorriso largo e veio abraçar-me, perguntando aonde arranjava jóia tão preciosa e rara. Olhando a minha vestimenta identificou a procedência e a época humana, logo me entronizando como personagem das suas reminiscências vivas, referindo-se a um conde, a médicos e baronesas, como se vivesse parado no tempo, falando mentalmente para si mesmo, mergulhado na parafernália mental de um ambiente de corte do Século XIX.

Não recebi nenhuma impressão de conhecer anteriormente a entidade.

A observação vem demonstrar mais uma vez que a passagem da morte ou projeção final não transforma ninguém de uma hora para outra. Continuamos a ser nós mesmos, como éramos à época da desencarnação, até que sobrevenha a transformação interior; as mudanças de opiniões, as idéias novas e se instale o autogoverno psicológico de acordo com o esforço próprio.

O clima primaveril permanente do distrito espiritual acolhe, qual instituição de repouso para idosos, as entidades convalescentes que se refazem gradativamente entre as fantasias das psicoses senis e as realidades dos choques biológicos da desencarnação.

Ao deixar Carnot e seu paraíso de recuperação íntima, com os meus agradecimentos, deslizando entre os relvados e arvoredos, o concerto permanente na atmosfera apresentava uma canção linda, cuja composição impregnada de sentimentos, tocada por instrumentos intangíveis, assemelhava-se às melodias russas dos cossacos, danças e cânticos de gloriosos balés terrestres.

Passando por uma das aléias⁴ desse parque hospitalar natural, divisei canteiros imensos de flores silvestres que lembravam a florida alameda ("Mall") de Washington.

Em momentos, chegava à base física.

O relógio marcava 10 horas e 11 minutos da noite. Levantei-me imediatamente para grafar as lembranças de tudo o que percebi e realizei no estado de desprendimento e que chegavam pouco a pouco, fragmentariamente, envolvidas ainda nos acordes da melodia oriental.

44 - SONÂMBULOS EXTRAFÍSICOS

26 de novembro de 1979, segunda-feira. Fase da Lua: quarto crescente, às 18 horas e 9 minutos. Recolhi-me ao leito às 18:58. Posição em decúbito dorsal. Temperatura ambiente, 23 graus. Umidade relativa no ar, 65%. O dia fora chuvoso. Estado psicológico, sonolento. Batimentos cardíacos, 58 por minuto. Não ocorreram exercícios de exteriorização de energias.

Os Amparadores não se fizeram visíveis, indicando apenas uma entidade para ser socorrida de imediato. A minha consciência estava perfeitamente lúcida. O local sem nada de expressivo era próximo do apartamento.

O espírito enfermo estava sonambulizado repetindo insistentemente pelo pensamento chamar-se Ago. Aparência de uns 68 de idade, rosto grande e comprido, paletó enorme com os bolsos carregando pedaços de fumo de mascar. Todo o conjunto tresandava a forte exalação de fumo. Tentei o que pude para despertar um pouco mais a sua consciência e um Benfeitor o levou daí a pouco. Tive a impressão de que a entidade na vida física fora de origem italiana, com mais de 1 metro e 80 de estatura.

Logo a seguir, trouxeram jovem loura, uns 27 de idade, belíssima, vestido alaranjado, profundamente sonambulizada. Tudo indicara que um desastre provocara a sua desencarnação recente e ela permanecia ainda sob o choque, imersa num sonho sem fim.

Ao despertá-la, agarrou-se em meu corpo espiritual ao modo de uma criança que encontra seu pai. Carreguei-a nos braços espirituais entregando-a a um Amparador, agora bem visível, e encaminhei-me para o físico.

Junto ao meu leito, colocaram outra entidade, senhor idoso, dormindo tranqüilamente de costas. Logo depois de dar-lhe alguns passes de longo curso, afastando-o em seguida do leito, houve a chamada inapelável do físico e a interiorização imposta súbita por cima.

Despertei-me incontinenti com a conservação integral da consciência. Quando tentava recompor as emoções, veio um Amparador, fez breves exercícios de exteriorização, transmitiu vigorosa irradiação,

⁴ Nota do Digitalizador: Um caminho ladeado de árvores. (<http://www.dicionarioinformal.com.br>)

deu-me algumas instruções pela clariaudiência mediúnica e se afastou com a entidade que até aquele momento permanecera em meu quarto de dormir.

Sentia nitidamente os fluidos remanescentes da terceira entidade sonâmbula, vibrações que davam a impressão de calor desagradável, principalmente nas partes externas dos braços e pernas por onde saía o fluxo maior de energias. O calor dos fluidos parecia ser do corpo espiritual ainda muito materializado da inteligência desencarnada.

Como se observa a projeção permite a investigação ampla do lado íntimo das coisas espirituais, em primeira mão, facultando a análise livre de encarnados, desencarnados, ações e acontecimentos, a cada noite mais imprevisíveis. Posso dizer que tive pequena projeção-desobsessão, mas não lidei absolutamente com obsessores. Isso acontece muitas vezes na assistência espiritual.

As três entidades eram enfermas, mas apenas sonambulizadas com o choque biológico da passagem da morte. Não alimentavam qualquer intenção consciente de fazer o bem ou o mal. Estavam apenas numa condição amoral, neutra, imersas no sono post-mortem, sem saber o que faziam.

As entidades desencarnadas enfermas foram recrutadas à tardinha quando participei de uma reunião aberta de expressiva obra assistencial não religiosa no Rio e aí servi de isca espiritual. Muita razão tem o Amparador quando me esclareceu mentalmente à saída da terceira entidade:

— Há muita coisa para se fazer. Por exemplo, é uma pena que a obsessão ainda não seja bem interpretada na Terra. Já pensou quanto ganharão em eficiência e dinamização em suas atividades, as grandes organizações assistenciais tais como a Legião Brasileira de Assistência, a Cruz Vermelha, o Exército da Salvação, a Associação dos Alcoólicos Anônimos, os Centros de Valorização da Vida e outros dessa natureza e expressão, no dia em que instituírem serviços de desobsessão na intimidade de seus núcleos de trabalho?

É isso aí. Nós, os encarnados, estamos na Terra para aprender a dominar a matéria, contudo, como demonstram os fatos, nem sempre o conseguimos. Cada coisa exige a sua hora e o seu lugar.

Tomando o pulso, revi os batimentos cardíacos constatando 50 por minuto, ou seja, 8 batimentos a menos do que antes do desdobraimento. As mãos estavam geladas, mas não sentia frio nas extremidades. O relógio marcava, depois dos exercícios, 7:48 da noite, estando ainda em pleno horário da angústia humana.

Devo esclarecer aqui que a projeção consciente do psicossoma não é perigosa e nem assustadora como apregoam exageradamente eventuais cassandras sobre a mediunidade. O físico incapacitado não permite a possessão por parte de entidades errantes, através de possível incorporação forçada ou assalto obsessivo.

O cordão flúidico, visível ou intangível, parece dispor de um mecanismo de segurança, qual válvula vibratória, que opera durante as projeções do psicossoma, fechando automaticamente os centros psíquicos de entrada ao corpo inanimado, no instante da decolagem, tornando-se impenetrável e impedindo desse modo a invasão de inteligências estranhas ou enfermas por todo o período da projeção consciente.

A obsessão é um processo estruturalmente mental antes de ser físico. Para haver a implantação do espírito obsessor numa câmara mental é sempre necessário que o desencarnado encontre predisposição psicológica e emocional da vítima. Em outras palavras, não pode haver influência direta sobre um cérebro vazio, assim como o desencarnado não pode envergar um corpo qualquer inanimado. Em certas condições, com base em fluidos gravitantes ou de médiuns, pode mover uma "natureza morta", mas não consegue viver através de uma pedra, por exemplo.

O cordão fluídico é poderosíssimo, existe mesmo em funcionamento durante todo o tempo e, em razão da sua presença, não há ligação mais estreitamente íntima e poderosa do que a existente entre o corpo físico e o corpo espiritual enquanto a consciência permanece encarnada. As forças circulantes pelo cordão de prata são as mais potentes dentro do trio humano constituído do físico, do cordão fluídico e do psicossoma, independentemente das transformações deste, ou seja dos chamados "corpos" e da presença da aura.

O corpo físico somente fica vacante, devoluto ou desocupado com o choque biológico da desencarnação, passagem da morte ou projeção final, jamais isso ocorre durante a vida do encarnado e nas projeções do psicossoma. Nestas ocorre a condição do cérebro vazio, mas mesmo neste caso, o cordão fluídico prossegue ocupando a forma orgânica, qual poderoso polvo tomando conta de seus domínios nos mínimos detalhes de todas as áreas, envolvendo-os com todos os seus tentáculos vigorosíssimos.

45 - INTERFERÊNCIAS DO PASSADO

28 de novembro de 1979, quarta-feira. Às quatro horas e cinquenta minutos da tarde, o Espírito José Grosso avisou-me categoricamente que haveria uma projeção consciente relatável assim que me deitasse. Às 6 horas e 4 minutos estendi-me na cama em decúbito dorsal, usando três travesseiros sob o corpo. A temperatura ambiente estava a 25 graus. Umidade: 60%. Ao concentrar-me, senti uma destra invisível sobre a testa.

Ao deixar o corpo físico, a minha consciência despertou de imediato junto de uma entidade desencarnada que informou que iríamos dar um giro aqui no Rio mesmo.

Em momentos, deixávamos o edifício do apartamento e saíamos observando as ocorrências na rua e no trânsito. Estava ainda claro. Pela primeira vez percebi diversos espíritos desencarnados andando nos carros junto com os encarnados, perto do motorista, inclusive num posto de gasolina e dentro de um "bugre" com jovem casal dentro.

Alguns encarnados transitavam acompanhados por um ou mais espíritos desencarnados intimamente relacionados, formando na verdade "pessoas conjugadas" nos processos visíveis de obsessão. Um rapaz falava alto dentro de um automóvel aberto, impulsionado por uma entidade aderida a ele. Impressionante assistir ao fenômeno da influência às claras, friamente, sem quaisquer

subterfúgios ou envolvimento da matéria. Meu Deus, como as pessoas humanas podem ser influenciadas! Que coisa inverossímil! Isso é pior do que sempre pensei. O obsessor é um verdadeiro dreno vibratório.

Incrível o fato, só vendo a relação "interpessoal", justaposição perfeita ou imantação da entidade humana e da desencarnada. Um verdadeiro assalto corpo-a-corpo, vivo e atuante, fazendo lembrar a coexistência ou coincidência existente entre o psicossoma do encarnado e o seu próprio físico.

Não sei se foi a possibilidade de visualização ampliada fora do físico, mas estava distinguindo tudo entre as duas criaturas "soldadas" uma na outra. Na psicossfera do rapaz, o desencarnado era um homem de meia-idade alimentando-se na mente desprotegida do jovem encarnado dos seus 25, louro, forte, espadaúdo, queimado de praia, falando, ou sendo "falado" pelos pensamentos inoculados, em altos gritos e gesticulando muito com os braços erguidos nas brincadeiras aparentemente naturais com os amigos em outros carros, ao ar livre. Até que ponto havia a influência dos tóxicos nesse caso de obsessão? O Amparador não interferiu no caso.

Dali deslizamos para outros locais, e muitas minúcias associadas à projeção, detalhes mínimos das ocorrências, foram prejudicados na minha memória pela poderosa reação emocional causada pelo fato de presenciar o processo íntimo da obsessão declarada em plena atividade. Houve um hiato nas lembranças e só me lembro que mais tarde entramos em largo parque onde descansavam diversas pessoas sentadas, algumas puxando cães a passeio.

O Amparador teceu comentários sobre as árvores como fontes de energia psíquica ao homem e a necessidade de se manter bons pensamentos em qualquer trabalho de responsabilidade na Terra.

A seguir, absorveu a minha atenção uma escultura de artista assentada em pleno parque. A entidade chegou próximo e sugeriu:

— Tente recordar que você entenderá melhor. Tente recordar! Fixei as peças esculpidas procurando fazer a psicometrização do material. Impossível seria descrever exatamente o que se passou. Em momentos sobrevieram cenas em torno da obra de arte e, numa brusca mudança, me senti envolvido nas formas-pensamentos e aconteceu-me a recapitulação instantânea e indiscutível de acontecimentos. Lembrei-me que fora obscuro escultor, inclusive trabalhando na ornamentação de túmulos, séculos atrás, em França.

Parece que houve rápida transferência do meu veículo de manifestação: a minha visão pelo psicossoma, ou astral, fora substituída pela visão direta do corpo mental, numa alteração de focalização, e da memória humana passei temporariamente para a memória integral.

O Amparador notando a minha estupefação, percebeu que eu recordara alguma coisa e explicou mentalmente:

— Em várias de suas saídas recentes da matéria, você vem sintonizando os seus pensamentos na faixa de onda das lembranças dessa existência sepultada no tempo. Essa auto-obsessão extrafísica tem lhe prejudicado a movimentação livre, interferido em suas deliberações e sabotado a sua memória fora do corpo denso. Observe e entenderá o que afirmo.

Ainda assombrado pela visão rápida, recordei-me de vários locais-alvos em que estive projetado nesta série de projeções sucessivas, inclusive três relatados aqui envolvendo as lápides de um cemitério

(Cap. 17), as observações de um alto-relevo em portão extrafísico (Cap. 29), e as esculturas num templo perdido no interior da África, que me levaram à projeções recorrentes devido ao local e onde fui sozinho, a última vez, induzindo, voluntariamente, uma autoprojeção (Cap. 31).

Aí está a explicação! As reminiscências fragmentárias dessa encarnação remota têm interferido nas ocupações e explorações extrafísicas, bem como na expansão da consciência do psicossoma livre.

O Amparador ainda esclareceu:

— Quando liberta temporariamente da matéria, a consciência livre tem mais facilidade para se submergir no passado e reapossar-se de fluxos de experiências esquecidas. Vem à tona da memória integral a acumulação de habilidades aprendidas nas encarnações transatas. E, às vezes, exuma um homem antigo de dentro de si mesmo...

Foi uma grande lição para mim essa retrocognição. O plano extrafísico é um mundo mental, onde tudo depende da expressão e natureza dos pensamentos alimentados em cada circunstância e oportunidade. O espírito é o que pensa. O poderoso inconsciente, recheado das reminiscências das vidas anteriores, não raro solapa as bases mnemônicas da consciência livre com recalques ignorados.

Devo reconhecer com naturalidade o fato, deixando as lembranças pretéritas em paz para poder fazer algo em 1979, também em paz. Preciso meditar seriamente sobre o assunto. Isso vem explicar minhas esculturas na areia e o caso das chamadas vocações frustradas, segundo a Psicologia. E é lógico que se torna imperioso fazer as projeções mais facilmente recordáveis evitando os desperdícios de oportunidades e as auto-sugestões contraproducentes até do pretérito remoto.

Logo em seguida vi um encarnado com radinho de pilha ouvindo alto bela música clássica.

Salmos do parque e vim para o físico ainda com a música ressoando na mente. E parece que a melodia me fascinou ao entrar no corpo da carne, pois só ouvia os acordes expandindo-se dentro de mim. Estava assim envolvido pela música, mais ou menos dentro do físico, num estado cataléptico, quando uma entidade tocou-me na perna esquerda para provocar o despertar e a possibilidade do registro.

Abri as pálpebras, ouvindo a melodia e as lembranças vieram-me em bloco, vividas, fortes, surpreendentemente naturais, logo no início do ato de acordar. Mesmo assim, ao retornar o psicossoma, muitas se perderam nos obscuros escaninhos da memória.

Como se deduz da projeção, o desenvolvimento da memória para cobrir o que se faz, quando fora do físico, requer muita prática e constante serenidade. E o aperfeiçoamento do poder de observação do projetor é muito importante no ato de visualizar coisas, criaturas e ocorrências extrafísicas durante as projeções.

O relógio marcava 7:24 da noite. Como sempre, ao conferir, depois de acordado, a minha posição coincidia com a anterior; decúbito dorsal, vestindo pijama cavado, sem nenhuma coberta por cima.

Confesso aqui uma constatação: tenho certeza de que o Amparador expandiu-me as percepções visuais extrafísicas com o propósito evidente de eu presenciar, friamente, as obsessões dos desencarnados sobre os humanos, antes, para poder compreender e curar, depois, através da psicometria

e da retrocognição, o meu caso pessoal de auto-obsessão ingênua, mas contraproducente. Meus agradecimentos sinceros pela boa intenção.

46 - UMA REAÇÃO COMPULSIVA

2 de dezembro de 1979, domingo. Recolhi-me ao leito para o terceiro sono à 1 hora e 17 minutos da noite, depois de escrever durante mais de hora. Temperatura: 25 graus. Umidade: 62%. Tomei a posição clássica em decúbito dorsal na cama.

A consciência surgiu-me com a sensação de estar literalmente fora do corpo denso, junto a um casarão com muitas pessoas dentro. Parecia local de jogo de azar. Havia muitas entidades desencarnadas junto aos encarnados.

Estava aparentemente sozinho e resolvi deixar o lugar para inspecionar o ambiente fora, desconhecido para mim.

Um senhor muito bem trajado descia a escadaria que dava para o mar no fundo. Junto tinha um poste de luz iluminando a passagem. Ao lado, um homem, parecendo polícia, olhava as águas ao longe.

Sai pelo caminho deserto em meio aos arvoredos. Nesse instante, quando deslizava pelo carreiro sem asfalto, descobri um homem com atitudes suspeitas entre as árvores. Incontinenti, a minha reação foi de correr e me esconder em algum lugar para não ser visto pelo possível assaltante. Cheguei a sair da estrada e segui em frente, quando me lembrei de que estava fora do físico e que nada devia temer. O choque para mim foi intenso.

Procurei racionalizar o acontecimento. A atmosfera parecia tão absolutamente real! Olhei ainda para o homem de carne e ossos, jovem ainda e tão suspeito. De fato, ele estava mal vestido, portando arma e escondido no meio dos arbustos. Contudo, jamais poderia me atingir com um tiro e, talvez, nem mesmo me ver por ali. Tive uma reação genuinamente instintiva ou compulsiva com o psicossoma, em razão da força preponderante do hábito! Reconheci a contradição e comecei a rir de mim mesmo, do meu temor ridículo, estupefacto com o impulso conflitante.

Na verdade estava envergonhado pela atitude, o riso já era outra fuga. Estou apenas na "infância extrafísica", mas sou consciente dessa situação. Tenho de manter presença de espírito em todas as decisões que haja de tomar quando na consciência livre. Preciso procurar e descobrir os hábitos humanos compulsivos que tenho, semelhantes a esse, e que transfiro à mente livre, a fim de eliminá-los pouco a pouco, ter maior disciplina e educação para sair fora do corpo físico e obter resultados melhores e mais úteis nas modestas experiências. Urge corrigir todo despreparo.

O psicossoma carrega as percepções do físico e as reações emocionais, inclusive os reflexos condicionados pela vida social e, sob certo aspecto, até a libido da personalidade encarnada.

Resolvi não abordar o homem e as suas intenções. Enderecei-lhe apenas um pensamento positivo de fraternidade. Não cheguei a ver nenhum desencarnado próximo a ele.

Avancei mais um pouco e divisei alguns homens andando sozinhos e isolados no lusco-fusco da noite quente. Algum desses, provavelmente, viria a ser a vítima do assalto. Mais adiante, um caminhão estava estacionado no fundo de um quintal em meio a árvores. Dei voltas pelas redondezas para ver se identificava o lugar. Parecia que estava às margens da Baía de Guanabara pelos lados da Zona Norte, não longe do Aeroporto Internacional do Rio.

Dali senti necessidade de voltar para casa e para dentro de mim mesmo, o que aconteceu em poucos instantes.

O psicossoma foi capturado pelo físico, despertei-me na posição de costas no leito e todo o corpo parecia de chumbo, entorpecido e com as articulações soltando pequenos estalidos. Ao virar-me para a esquerda, as lembranças de tudo o que percebi e realizei no plano extrafísico vieram em bloco e recomecei a rir de mim mesmo pelo receio que senti de ser assaltado. A natureza ridícula do meu comportamento no incidente deixou-me com um resíduo de vergonha. Não era o caso de ter tentado dissuadir o assaltante das suas intenções ou avisar aqueles homens do perigo iminente?

Recordo que isto já me ocorreu outras vezes durante as projeções e, aqui mesmo, no Cap. 14, narro o fato de uma transposição de hábito semelhante que provocou a levitação automática do psicossoma. As observações habituais da vida comum se refletem no plano extrafísico. A visão da passagem de uma entidade por uma parede de pedra certa vez instigou a minha observação, depois da ocorrência e antes que eu passasse, no sentido de verificar se havia rebarbas ou sinais do atravessamento, ao modo das cenas iguais dos desenhos animados.

Os padrões sociais artificiais da existência humana e os hábitos secundários de pensamentos que alimentamos na vida física atuam profundamente em nossas reações e nos eventos vivenciados no estado extrafísico, onde tudo se relaciona com a mente, ao pensar, desejar e atuar ao mesmo tempo, e as incoerências conseqüentes se manifestam imediatamente. Não é à toa que a projeção, de imprevisto em imprevisto, é o setor mais interessante das práticas espirituais.

Consultei o relógio digital, 2,26 da noite.

47 - PROJEÇÃO — TESTE

3 de dezembro de 1979, segunda-feira. Fase da Lua: cheia, às 15 horas e 9 minutos. Posição no leito: decúbito dorsal. Temperatura: 22 graus. Umidade: 51%. Estava bem disposto quando preparei-me para os exercícios de exteriorização de energias às 7 horas e 12 minutos da noite. Daí a momentos, veio o Espírito José Grosso e sugeriu-me para deixar o condicionador de ar ligado na refrigeração baixa, que não me importasse com o barulho dos trovões e a claridade dos relâmpagos. Devia procurar fazer uma projeção-teste para ver que todas as circunstâncias adversas e influências perturbadoras para os desdobramentos podem ser superadas com o poder da vontade do projetor.

Os exercícios se prolongaram, primeiro sentado na cama, incorporado, quando transmitiu vários autopasses na cabeça e no plexo solar, depois em decúbito dorsal. Após algum tempo começou realmente

a chover, ouvi fortes trovões e a luz dos relâmpagos do temporal era tão intensa que dava para perceber a claridade repentina no ambiente através das pálpebras cerradas.

O temporal demorou e começaram pequenos fenômenos ainda interiorizado no físico. Ocorreram visões rápidas de uma entidade amiga trajada de médico, pequenos desprendimentos parciais dos braços, sensação de balanço do psicossoma para um lado e outro, a audição dos trovões sucessivos e dos ruídos do aparelho de ar condicionado de 1 HP, situado junto ao teto do quarto de dormir, na mesma direção do leito, apenas a 2 metros e meio de distância do braço esquerdo, sobre o físico estirado de costas.

Em certo momento, houve pequena repercussão na interiorização súbita da perna direita que estava num desprendimento parcial. O meu corpo permanecia entorpecido e o psicossoma parcialmente dentro dele. Veio a pressão na base do crânio e sucedeu a decolagem suave por cima.

Deixei o quarto e apareci na sala deslizando com a consciência desperta e os pensamentos fixos na idéia da experiência em andamento. Procurei a minha mulher e, estranhamente, ela lá não estava. Vi, com olhos percucientes, a pêndula funcionando, examinei a prateleira com vasos e louças ornamentais na peça que estava iluminada com uma lâmpada do abajur, e observei bem de perto os números, 376 — 500, em algum lugar que não fixei.

Depois disso, da sala do apartamento saí janela afora em meio ao temporal, trovões e relâmpagos. Não senti nada de especial ou anormal nem nos pingos da chuva e nem na luz dos relâmpagos.

Volitava, com serenidade, bem alto sobre o trânsito quando recebi a advertência íntima de voltar à base, o que fiz imediatamente.

Abri as pálpebras do físico sem ter ocorrido nenhum lapso de consciência. Como sempre, a percepção do tempo foi incerta, mas tive a impressão de que a projeção fora apenas de alguns minutos.

O físico permanecia frio e entorpecido no decúbito dorsal. O temporal e os relâmpagos continuavam um pouco mais brandos agora.

A memória continuava a mesma, mas estava intrigado com duas coisas. Onde estava minha mulher? Que números eram aqueles que chegara a ler?

O relógio marcava 8 horas e 53 minutos da noite. Ao abrir a porta do quarto e atingir o corredor, a minha esposa estava entrando vinda da sala. Perguntei onde estivera que não a encontrara na sala, local em que permanece rotineiramente àquela hora da noite, e ela esclareceu que fora até à garagem para estacionar o carro em local melhor. Sai com ela procurando os números que examinara bem de perto e não havia meio de localizar. Depois de algum tempo, ela mesma se lembrou. Os algarismos eram da designação das etiquetas da série da coleção de revistas, coladas por um amigo na tábua transversal da prateleira da estante na sala, situada a 2 metros e 80 centímetros de altura, e que só se pode enxergar com facilidade quando se sobe em cadeira ou escada. Os algarismos correspondem à pilha com os

números seqüenciais de 376 a 500. Para a consciência, no psicossoma, não há o problema da altura ou de medidas físicas.

Vim tomar as notas sistemáticas deste registro, satisfeito com o êxito total da rápida experiência programada pelo Amparador. Com a ajuda dele, consegui projetar-me em meio aos ruídos do aparelho de ar condicionado, os ribombos dos trovões e as centelhas dos relâmpagos do temporal. Nessas circunstâncias, foi a primeira vez em toda a existência.

O fato demonstrou-me novo material para estudo e a certeza experimental de outra faceta de interpretação dos fenômenos. A vontade determinada, a força do desejo, a perseverança e a paciência do projetor, dentro da concentração mental ativa e vigorosa, são capazes de superar todos os aparentes obstáculos físicos externos à projeção consciente.

Após o temporal, acho que tudo nesse sentido será possível. O que importa é a vida mental do projetor e não a moldura do mundo material em seu derredor. Por outro lado, o projetor é indeclinavelmente um experimentador ou explorador. A conjugação dessas condições é inevitável, porque quanto maiores sejam o conhecimento e o interesse pela projeção, melhores serão os resultados obtidos pelo projetor.

Um esclarecimento importante. A técnica de intercâmbio mediúnico mais prática que os Amparadores têm utilizado comigo é o processo que nomearam por "monólogo psicofônico", ou seja, incorporam e falam psicofonicamente para mim mesmo, sozinho no quarto, período em que a minha consciência permanece inteiramente lúcida e afastada por trás e acima do físico, numa semi-projeção.

Assim, penso a questão e a entidade responde logo, falando audivelmente pelo meu mecanismo vocal. O sistema permite a gravação e revela-se o mais eficiente de todos, bem mais seguro do que a psicografia e a audição mediúnica comum. A execução da fala, quando desenvolvida, oferece uma transmissão mais límpida, sem interferências e "estáticas psíquicas", exige menos recursos do que a psicografia para a emissão da onda mediúnica, além de ser mais autêntica para o próprio médium, mais rápida ou taquipsíquica e dinâmica.

O processo só deve ser praticado pelo médium veterano, quando sozinho com assistência espiritual confiável e em ambiente adequado, para evitar interferências negativas provenientes dos dois planos de existência.

Talvez que o monólogo psicofônico, pela sua simplicidade e eficiência, seja a conquista humana mais avançada no campo prático da mediunidade neste século e depois do surgimento da codificação do Espiritismo. Quem duvidar, que o experimente. Além de tudo é, sem dúvida, o maior auxiliar mediúnico da projeção consciente do psicossoma.

48 - O ESPELHO E O TEMPO

7 de dezembro de 1979, sexta-feira. Alguns exercícios tiveram início às 7 horas e 12 minutos da noite. Temperatura no quarto de dormir, 26 graus centígrados. Umidade do ar, 57%. Fiquei em decúbito

dorsal no momento em que me deitei para dormir, numa disposição feliz e com atividade mental espontânea dirigida para a projeção.

Não saberia dizer onde a vigília acabou e começou o sono, e onde o sono se interrompeu e começou a projeção. O centro da consciência vivida havia se transferido para o psicossoma fora do físico junto de uma entidade desencarnada, antiga conhecida, a quem devo muito e a quem coloquei o nome de Transmentor e que conhece tudo a meu respeito desta encarnação e de muitas outras. Há Espíritos Amigos que desaparecem ou se eclipsam por razões várias, seja empreendendo novas tarefas em outras áreas, preparando-se para reencarnar, reencarnando-se ou fazendo longas viagens para outros astros de vida espalhados pelo Universo. Este, porém, sempre se fez presente através do tempo, em todas as circunstâncias.

Chegamos a uma casa terrestre e aí Transmentor se fez invisível. A residência singela tinha um pequeno jardim murado na estrada, onde uma criança de uns 2 de idade brincava com outra de uns 3. A menor começou a atender às próprias necessidades sujando as roupas e ao tentar afagá-la, a maior parece que me viu. Falei mansamente com ambas para entrarem e procurar a mamãe. Nesse momento chegou outra garota de uns 10 de idade e todos os quatro entramos na casa até uma espécie de copa onde estava a mãe das crianças com uma bandeja no colo.

A garota de três disse que vira um homem e ouvira a sua conversa, mas todos brincaram e desconversaram o assunto. Ao sair da copa para uma pequena sala, passei à frente de um espelho e, coisa curiosa, vi a minha imagem refletida no espelho, somente a cabeça, os ombros e uma parte do tronco. Era a minha fisionomia mesmo, mais alto, bem disposto e com a calva ainda mais brilhante. A impressão de aumento da estatura era indiscutível. Observando o mais objetivamente possível, o fato me intrigou. O que estava vendo ali, o meu psicossoma que estava mais denso com uma boa porção do meu físico? Como, se eu podia enxergar através do espelho e até da parede? Seria por isso que a criança me vira? Ou era uma projeção ideoplástica sobre o espelho?

A questão e a minha curiosidade inata colocaram-me totalmente confuso, embora tentasse controlar essa faceta de emoção, e daí a pouco, senti o convite íntimo de voltar à base física. Como já acontecera anteriormente, a poderosa reação emocional levou a experiência fora do físico a um final rápido.

Abri as pálpebras, movi o corpo todo, senti a forma orgânica entorpecida e consultei o relógio, 8,43 da noite. As lembranças vieram-me em bloco e, com elas, a confusão a respeito do espelho. Estava pensando no assunto ainda deitado no leito, quando veio Transmentor e esclareceu que realmente eu me vira no espelho porque estava mais denso fora do corpo. Isso prova que a densidade maior do psicossoma não afeta as percepções visuais ampliadas do projetor.

Agora também estou pensando que esta projeção deu-me a impressão de ter demorado quase uma hora, o que faz supor que os fatos se desenrolaram devagar igual na vida física, porque estava mais denso e na Crosta mesmo. O desenvolvimento mais lento das ações permitiu a rememoração em bloco.

A propósito, o fator tempo influi na rememoração do projetor. Senão vejamos. O tempo não existe, como o entendemos, para o psicossoma, mas existe obviamente para o físico. O psicossoma do projetor tem diminuto percentual de matéria rarefeita e coordena as funções do físico. A inteligência encarnada sempre usou o psicossoma e nele vive. Primeira conclusão: o psicossoma sofre pequena influência do tempo durante a projeção, principalmente nos eventos relacionados, de modo direto, com a saída do físico e a conseqüente interiorização em seguida.

Além disso, quando o psicossoma está projetado, aqui mesmo, no plano físico, atua mais condensado e sofre a influência indireta do tempo; quando está numa esfera espiritual pura, sem criações materiais, liberta-se cada vez mais da densidade material e da influência do tempo. Disso extraímos uma segunda conclusão: parece que quanto mais rápido transcorra o acontecimento extrafísico presenciado, em relação ao tempo conhecido, mais difícil se torna ao projetor transferir as percepções da mente livre para o banco de memória do cérebro material, ou seja, recordar o evento assistido ou de que participou. Isso se deve à velocidade e à inexistência do tempo relativo.

49 - EQUILÍBRIO MENTAL

8 de dezembro de 1979, sábado. Segundo sono, deitado do lado direito, à zero hora e 26 minutos. Os demais dados desta ficha técnica são idênticos aos da projeção narrada anteriormente.

Lembro-me do afluxo de minha consciência junto a uma entidade desencarnada que me encaminhava a um distrito espiritual. Ali projetaram o mecanismo dos trabalhos obsessivos na Terra, ou seja, a guerra mental entre as criaturas encarnadas e desencarnadas, o esforço de quem raciocina nos exercícios evolutivos para o autodomínio dos pensamentos. São absolutamente inconcebíveis e inacreditáveis os processos de que lançam mão as mentes enevoadas pela insanidade mental.

Para não divulgar o lado indigno dos fatos ou cometer excessos de inspiração negativa, semelhantes aos patrocinados pelo jornalismo impresso e falado, o Amparador recomendou-me fazer apenas um resumo dos fatos evidenciados, sem formular sugestões contraproducentes às mentes em desequilíbrio.

Vì exibidos inúmeros exemplos das forças inferiores solapando o trabalho edificante. Buscando demonstrar um dado inocente, assinalo o da construção de um muro ou dique no local errado, que ao invés de conter os influxos do maremoto, ajudava as águas violentas a entrarem e destruir. Dentre diversos exemplos naturais, há o daquele pequeno garoto que se torna hidrófobo e tenta atacar a mãe para transmitir-lhe, inconscientemente, o vírus da raiva.

A insensatez da insanidade das consciências perturbadas atinge piques estranhos de pânico e transmissão do desequilíbrio. Diversas organizações com objetivos criminosos funcionam clandestinamente na sociedade humana, indo contra as leis, numa atmosfera marginal de terror camuflado. Tristes reflexos das associações de inteligência desencarnadas das sombras, detentoras de apreciável poderio magnético, são mantidas em clima de intenso sadismo e parasitismo mentais. Tudo

isso constitui o atestado do nível evolutivo de provações pelo qual passa a Crosta Planetária nestes últimos milênios.

Por fim, rematou a série de exemplificações, a obsessão franca do cientista humano que trabalha conscientemente e com toda a convicção na pesquisa, com planos de custos extraordinários, aprovados pelos governos que usam os recursos do povo, com o objetivo de obter o domínio de processos práticos do genocídio ou de enlouquecer as multidões, da guerra bacteriológica à bomba de nêutrons.

— Felizmente, torna-se impossível a criação de um vírus psíquico extrafísico para o corpo espiritual, muito embora nas áreas das trevas o fato já tenha sido cogitado inúmeras vezes inutilmente. E cumpre-nos saber com toda a certeza de que aqui ou ali, agora ou mais adiante, mas dentro do seu "tempo" próprio, a inteligência sempre renasce para a evolução eterna e os desequilíbrios são desenovelados, surgindo a paz da construtividade e a edificação consciencial. O equilíbrio universal superintende até os núcleos contidos de distúrbios transitórios no avanço da evolução. E tudo permanece sob controle imutável.

Depois disso, fui acompanhado até à base física para o despertar.

O relógio marcava 1 hora e 53 minutos da madrugada e a catadupa de imagens projetadas cortava os espaços mentais de minhas cogitações com enorme clareza e vivacidade.

Os Amparadores sugeriram-me informar a minha ficha médica: idade, 47; altura, 1 metro e 72; peso, 72 quilos; eletrocardiograma e eletroencefalograma normais; frequência cardíaca: 58 batidas por minuto. Jamais fiz consulta ou tratamento com psiquiatras, parapsicólogos, psicólogos, psicanalistas ou sacerdotes, nem precisei de freqüentar reuniões para tratamento de obsessão, fazer exercícios de ioga ou submeter-me à hipnose. Informo que tenho 13 dentes com metal, se é que isso tem alguma importância. Dois medicamentos, P. 40 e S. 25 (só as iniciais), são usados atualmente na terapêutica rotineira da hipertensão, amiga íntima desde os 28. Tais drogas são perigosas, só devem ser administradas sob prescrição médica com muitas precauções.

O P. 40 não pode ser indicado para todos os pacientes hipertensos, apenas para uns poucos casos específicos de hipertensão essencial. Ou explicando tecnicamente: a atividade nervosa simpática é mediada por dois diferentes receptores classificados como alfa e beta. Os efeitos excitatórios produzidos pelas aminas simpatomiméticas são mediados, inteiramente, pelos receptores beta-adrenérgicos. O P. 40 bloqueia, especificamente, os receptores beta-adrenérgicos, ou seja, impede o estímulo excessivo das catecolaminas sobre o coração, no qual existem receptores beta. Bloqueando o estímulo simpático, causa redução do ritmo cardíaco (efeito cronotrópico) e da força de contração do miocárdio (efeito inotrópico). A diminuição do ritmo cardíaco aumenta a predisposição do físico para permitir o desprendimento do psicossoma.

O S. 25 é um antiespasmógeno vascular, atuando na profilaxia e tratamento das perturbações circulatórias centrais, pela inibição de substâncias vaso-ativas espasmogênicas dotadas de atividade constritora como a serotonina, adrenalina, noradrenalina, angiotensina, vasopressina, dopamina e bradicinina. O medicamento libera a microcirculação arteriovenosa central, propicia maior fluxo

sangüíneo para os tecidos, faz a profilaxia dos distúrbios da circulação cerebral e evita os sintomas dependentes de processos involutivos arterioscleróticos como falta de concentração, perda de memória, perturbações do sono e fadiga psíquica. Usado intermitentemente, colabora, de maneira efetiva, na projeção consciente do psicossoma e na minha rememoração.

Apesar de tudo, esclareço que uso tais medicamentos pela imposição de minha condição de hipertenso. Muitos agentes catalíticos podem atuar na projeção do psicossoma, tanto drogas como fatores de outras origens, porém, não os recomendo e indico somente o mais poderoso e seguro: a vontade decidida do projetor.

50 - A RESPIRAÇÃO NA DECOLAGEM

9 de dezembro de 1979, domingo. Recolhi-me ao leito às 7 horas e 23 minutos da noite. Não aconteceram exercícios. Estive a tarde toda datilografando o livro. Deitei-me em decúbito dorsal, pernas e braços estendidos. Com o ar condicionado ligado no escritório, ficando a porta do quarto aberta, a temperatura estava a 27 graus. O higrômetro marcava 54% de umidade do ar. Fez muito calor durante o dia com a máxima de 38,2 graus. Concentrei-me, alegre e tranqüilo, com a idéia e a enorme vontade de não mais sentir o corpo físico e sair flutuando em cima dele. Tinha a certeza absoluta de que algo aconteceria.

O meu físico entorpecera. Conservava completa imobilidade, lucidez total e profunda capacidade crítica. Deixei de sentir as pernas, os pés, as mãos, os braços, o abdômen e o tronco, nesta ordem. E comecei a auto-observação. A vida se concentrara no interior do crânio com o cérebro particularmente lúcido. O próprio pescoço e o rosto haviam desaparecido como pontos de referência sensorial da matéria. A minha atividade mental continuava extraordinariamente racional e serena.

Assomaram sugestões dentro da mente para induzir as experiências e constatar as manifestações contíguas ao corpo de carne, ou seja, os efeitos fisiológicos que acompanham a projeção durante todo o tempo. Comecei a notar as exteriorizações não das energias, mas do próprio psicossoma, deixando por partes e lentamente, a forma orgânica. Julguei haver um ritmo nessa saída ou exteriorização do semidesprendimento. O processo não se desenvolvia em bloco, de uma vez, porém, como se "borbulhassem" os segmentos pouco a pouco, ritmadamente, e comesçassem a flutuar, bem junto ao físico, uns 20 a 30 centímetros planando acima dele, longitudinalmente.

Prossegui sentindo as impressões do ritmo oscilatório do psicossoma que principiava lá dentro do físico, na fonte do processo, antes de concluída a decolagem.

Com as pálpebras cerradas, percebia os incidentes físicos auditivos. Ouvia o condicionador de ar distante e as crianças gritarem num play-ground vizinho. Dentro de minutos, entraram a minha esposa e o meu filho no corredor. A porta do quarto estava aberta. Até o seu fechamento, que abafou o ruído do aparelho de ar condicionado, escutei todos os sons que faziam as suas vozes cochichadas. Não fui acordado por nenhum barulho extraordinário, porque não cheguei a dormir.

A supermente ainda estava presa no interior da cabeça, mas o resto do corpo espiritual estava mais fora do que dentro. A situação era agradável. Embora de pálpebras cerradas, desfrutava de uma consciência mais desperta do que na própria vigília. Sentia uma nitidez de vida aumentada muitas vezes. E tinha a certeza de estar parcialmente dentro da massa branca e cinzenta do cérebro, mas já sobrando porções da mente para fora. Ocorria a expansão mental além da caixa craniana.

Veio o aviso para pensar em sair da cabeça física, rolando o psicossoma para a esquerda e observar com malha fina, de acurada atenção, todas as sensações para relatá-las. E com essa ajuda invisível, aconteceram as projeções longitudinais do psicossoma leve, numa condição de baixa densidade, debaixo do meu controle consciente e voluntário, sempre com rolamentos para a esquerda ou a direita, e interiorizações subseqüentes também rolando de lado.

Senti de maneira incontestável, que a sensação orgânica mais intensa, a última que perdia ao decolar e a primeira que retomava ao me interiorizar, todas as vezes, era a respiração. Mais do que a circulação e os batimentos cardíacos, a respiração era a viga mestra, o fator vital do processo da projeção, a ocorrência ou sintoma mais detectável ou percebido predominando sobre os demais.

O fato vem corroborar o valor dos exercícios de ioga que, ao proporcionarem resultados ponderáveis que permitem que o encarnado detenha sua respiração, o fluxo sanguíneo e refreie até mesmo os batimentos cardíacos, através da concentração profunda, ajudam significativamente a projeção do psicossoma. Em resumo: a técnica da projeção consciente é antes de tudo mental, mas a respiração ritmada ajuda. Nunca pratiquei ioga, nem faço a respiração ritmada, contudo, as experiências me evidenciam a profunda correlação existente entre os processos. Daí talvez o porquê da incidência comum da projeção entre os povos orientais afeitos aos exercícios respiratórios.

E a respiração apresenta enorme peso em relação ao psicossoma. É um processo pesado e bruto em comparação com o corpo espiritual sutil. Numa das vezes que estava completamente fora do físico, não tinha mais a respiração e pensei em reavê-la. No mesmo instante, comecei a respirar e voltei incontinenti ao físico. Eis aí a passagem nua e crua da experiência de quase-morte, tão estudada atualmente.

Durante todo o período do transe das projeções consecutivas, a respiração física permaneceu imutável, não se alterando absolutamente em nada. Apenas as sensações da respiração no psicossoma, ou os seus reflexos, é que variaram. Devo assinalar que a sensação de deixar de respirar é agradabilíssima. Na vida material não parece, mas a respiração natural é um fardo pesado que o homem carrega constantemente.

Julgo que a perda da respiração é que estabelece o início da leveza do psicossoma, o começo da euforia subseqüente, constituindo a condição fundamental para a levitação extrafísica, a libertação do psicossoma do perímetro totipotente do cordão fluídico, predispondo-o à volitação livre.

Tudo o que descrevo dos desprendimentos sucessivos se passou dentro do perímetro dos 4 metros de influência poderosa do cordão fluídico em torno do corpo denso. Isso dá crédito à idéia de que o psicossoma deixa de ter, ou dispensa a respiração, ainda dentro dessa área de atuação do cordão de

prata, não obstante ser ele que veicula a respiração e a circulação. Por isso, é sempre necessário saber domá-lo para dominar a projeção consciente.

O projetor, na projeção consciente, e os iogues, os ascetas, os xamãs, os faquires, os bonzos, os lamas, os bruxos zulus, os exorcistas, e os médiuns em geral, quando entram em transe, possuem muitos pontos em comum e todos esses pontos começam com o denominador comum do fenômeno fisiológico e tão natural da respiração.

Se durante a projeção, o projetor pensar em respirar, ele respira, mas dependendo das circunstâncias, provocará, com isso, a interiorização imediata do psicossoma, especialmente quando próximo ao físico.

O psicossoma, a rigor, não precisa respirar. A respiração é o principal processo de alimentação somente da massa de matéria do corpo de carne.

Experimentei várias vezes esse revezamento da exteriorização-interiorização, do chumbo à euforia, da euforia ao chumbo. É como se fosse uma balança com pesos desiguais. A euforia do psicossoma está num prato com todo o fenômeno da expansão íntima, com a sensação extraordinária, além de qualquer verbalização. E o chumbo do físico está no outro prato, a máquina pesada que carrega o psicossoma. E a consciência balança entre um prato e outro, ao sabor da determinação do fiel da vontade.

Eis porque com o tempo, o projetor sabe tão bem quando está sonhando e quando está projetado, tanto quanto conhece a diferença existente entre o ato de dormir e o de permanecer desperto. Isso porque a projeção é a continuação da vigília, porém com a expansão da consciência em todos os sentidos. Ah, se todos os homens desesperados tivessem uma só projeção amena, semelhante a essas ocorridas esta noite, o mundo seria outro! Quantos erros seriam evitados: Quantos destinos sofreriam modificações para melhor!

Quem realmente experimentar uma só projeção bem consciente, mesmo desses locais, na proximidade imediata do físico, ficará inteiramente convencido de que saiu fora da matéria, apesar de toda e qualquer crítica antagonista, venha de onde vier. Isso porque a projeção consciente é uma prova da sobrevivência de tal natureza definitiva para o projetor, que torna impossível para ele qualquer discussão a respeito do assunto que, nesse caso, tornar-se-ia absurda, pueril e enfadonha.

Contudo é sempre importante avisar que a obtenção de uma primeira projeção espiritual com 50% de lucidez extrafísica, vinca para sempre a psique, gerando inevitavelmente certas mudanças no ritmo de vida do projetor, constituindo-se numa realização pessoal transcendente decisiva, acarretando a revisão de hábitos pessoais e transformações nas condições gerais de vida, nas atividades religiosas e sociais, nos hábitos alimentares e até de dormir.

Numa noite igual a esta, quando as condições são excepcionalmente favoráveis, tudo parece correr sem problemas, tão fácil, espontâneo e natural dentro dos processos da projeção. Não notei nem mesmo dessas locais, na proximidade imediata do físico, ficará inteira dia de melhor desempenho conforme os ciclos de predisposição do meu biorritmo?

Em outras noites, tudo surge difícil e arrastante, manifestam-se obstáculos inesperados, parecendo imenso trabalho de Sísifo. E muitas vezes, não se consegue mesmo a projeção por mais que se deseje e insista. Também, quantos fatores não entram nesse sistema! E quantos ainda devem existir que ignoramos? Mas é necessário saber mais para adquirir o hábito do desprendimento.

As projeções ideais são as funcionais semelhantes a estas de hoje, pois não ocorrem nesse caso intervalos de inconsciência, períodos de sono, sonhos, ou desmaio, síncope e coma, e nem mesmo a fase de despertar. Por outro lado, também não foram induzidas por dor, sede, medo, jejum, exaustão, droga, tensão emocional, hipnose ou quaisquer técnicas, sistemas, modos, métodos ou meios artificiais. Aconteceu apenas um sair e um entrar, um ressaír e um reentrar da consciência, consecutivos, suaves e dentro dos processos fisiológicos interdependentes dos dois corpos, inerentes à natureza humana.

Assim a projeção é uma atividade fisiológica, ocorrência comum, desde que haja saúde psíquica e, em razão disso, está aberta para todos. E os rudimentos do desprendimento consciente são fortalecidos e se expandem através dos exercícios psicofísicos freqüentes ou, em outras palavras, fisiológicos continuados.

Só num dos rolamentos do psicossoma é que obtive a claridade da visão extrafísica por algum tempo. E foi só recomeçar o processo do retorno ao físico para que a visão escurecesse de novo. Isso prova que a projeção visual extrafísica também começa a ocorrer dentro do perímetro de influência do cordão de prata, ou seja, junto ao físico.

Ao começar a rolar para o lado e dar a primeira volta, os liames do físico se afrouxavam e a força da respiração amainava. Nesse ponto nem ouvia os batimentos cardíacos. Ao completar a virada do psicossoma, a respiração desaparecia. Sai e voltei ao físico rolando pelos dois lados umas quatro vezes, em câmara lenta, só observando com minúcias a extensão e profundidade das sensações. A saída do psicossoma tem seu ritmo. É um balé que se dança, um agradável balé.

O físico é máquina poderosa e pesada. O peso do físico de 72 quilos parece bem mais do que realmente é, em comparação com a leveza do milésimo de 70 gramas que atribuem ao psicossoma. Procurando comparar, parece que o psicossoma é grão de arroz ao completar a volta da saída e o corpo é uma tonelada de granito no qual o grão de arroz entra e toma posse na interiorização.

Notei também que o psicossoma dá a impressão de ser redutível e que a reentrada é como se fosse um aumento de seu volume e peso, qual bola que se enchesse sob pressão até formar a corporificação humana completa. Tudo faz lembrar um psicossoma-formiga e um físico-elefante.

Fora do físico, com o controle perfeito das emoções, fiquei ereto umas duas vezes, dentro do quarto ampliado, depois deitei-me de novo para observar de perto as sensações da decolagem consciente que, torno a afirmar, é a fase mais importante e impressionante no processo da projeção do psicossoma.

Cada desprendimento tem características e profundidade próprias. A compreensão e a nitidez da experiência extrafísica são proporcionais à extensão e à acuidade da consciência manifesta durante a projeção. A esfera extrafísica evidentemente segue sempre a mesma, o que muda é a percepção da inteligência.

As várias vezes que saí e entrei, não movi nenhum elemento do físico que permaneceu entorpecido o tempo todo, desde às 7,23 até às 9,08, quando consultei o relógio.

Não aconteceu nenhum despertar, porque não houve perda de consciência em momento algum. Apenas abri as pálpebras e quebrei o entorpecimento da matéria. Também não acho que tenha ocorrido um estado de catalepsia física ou algum choque consciencial. Tal fato tem acontecido algumas vezes, aqui, nesta série de projeções, quando o meu despertar corresponde a um simples descerrar de pálpebras e à suspensão natural do transe.

Igualmente, não foi necessário haver rememoração porque todos os fatos estão vivos na mente, tal qual estão os incidentes que transcorreram hoje, durante a vigília do dia todo. A única diferença é que os experimentos vincaram a minha memória com impressões indelévels, em razão da superconsciência e da atenção que se manteve profundamente fixada no desenrolar dos fenômenos.

Estou sendo uma prova viva de que a obtenção de projeções conscientes do psicossoma, dentro de técnicas sadias, dispensa completamente os recursos do misticismo e os rituais de toda natureza. A projeção exige apenas disciplina da vida mental e da conduta do indivíduo, como qualquer outro procedimento que visa alcançar a melhoria do desempenho fisiológico do homem. É, portanto, um processo fisiológico natural, atributo do homem, inerente à própria vida, assim como também são o sono e a mediunidade, ou se o quiserem, a ginástica, um esporte, o ato de se alimentar, etc. O projetor é uma espécie de atleta transcendente.

Cada projetor constrói pouco a pouco o seu estilo ou técnica pessoal de projeção de acordo com as suas possibilidades internas e externas de existência. Os fatores pessoais básicos que mais contribuem para determinar a qualidade de uma projeção consciente são o estado íntimo na oportunidade, o processo natural do desprendimento, a condição espiritual e as faculdades mediúnicas do indivíduo. Acho que a mediunidade ajuda sob vários aspectos, principalmente na ampliação das percepções extrafísicas.

51 - OS JIRAUS DA VOLITAÇÃO

11 de dezembro de 1979, terça-feira. Fase da Lua: quarto minguante, às 11 horas da manhã. Terceiro sono, depois de escrever por algum tempo no escritório, a 1 hora e 9 minutos da noite, na posição supina ou decúbito dorsal. Temperatura ambiente: 26 graus. Umidade no ar: 58%.

As reminiscências dos eventos desta noite são muitas e díspares. À vista disso utilizei-me de um sistema para rememoração. Relacionei antes, rapidamente, os episódios na ordem cronológica de ocorrência, com palavras chaves para cada um e cheguei a 19 cenas, pontos relevantes ou instantâneos diferentes. Agora buscarei descrevê-los em seus pormenores.

A minha consciência estava acesa ao lado de uma entidade desencarnada que me explicou a visita que faria, realmente como repórter humano, explorando uma colônia espiritual de transição, antiga aglomeração sobre o espaço extrafísico do Brasil.

Estimulou-me ao trabalho, esclarecendo que eu portava esta noite um coeficiente poderoso de energias que serviria como escudo. No decurso da excursão distante e demorada, devia procurar manter-me sereno em toda circunstância, acatando as ocorrências com naturalidade, certo de que, sendo encarnado, precisaria defender a minha vida física acima de tudo. Não deveria me impressionar com as abordagens incessantes e poderia usar a exteriorização de energias como defesa, se fosse preciso.

Seria o mais franco possível, não escondendo a condição de encarnado, sob nenhuma hipótese. Buscaria fixar o elemento-chave da cena visualizada que pudesse vincar mais a memória para ajudar a rememoração. Não perderia de vista que sou um adulto espiritual e agiria como tal. Não deveria esquecer que as ações são mais rápidas e instantâneas no plano espiritual, por serem geradas diretamente pelos pensamentos sem necessidade de ações motrizes ou físicas.

Iria sozinho e seria observado à distância, mas não receberia assistência ou interferência diretas. Teria de contar com os próprios recursos. Estivesse confiante que daria conta do recado. Ao terminar a preleção sucinta, incisiva e rápida, o Amparador observou-me, uma última vez, e afirmou, como se despedisse de um candidato que partia para enfrentar uma prova iminente:

— O seu corpo de manifestação estará mais denso ou menos denso, conforme os seus pensamentos e a sua vontade para absorver as substâncias predominantes em cada ambiente. Lembre-se de agir como se fosse um desencarnado, embora revelando claramente a sua qualidade de encarnado. Conserve paz em seu íntimo. Tenha bom êxito.

De imediato, lançamo-nos ao espaço e daí a pouco eu era deixado num local crepuscular, mais sombrio do que claro.

Avançando, encontrei-me à beira de enorme fosso profundo e cheio de calhaus, lembrando uma garganta ou canyon dos filmes do oeste americano, com a diferença de estar sujo e a "água" parecia de esgoto correndo ou estagnada em poças nas profundezas. Observei muita gente desencarnada ou em grupos nas duas margens do fosso, mais do lado em que eu estava.

Sabia que aquilo constituía um recurso de defesa vibratória ou vigilância da colônia, além de representar um sistema de esgotos, visando ao combate à poluição espiritual. O fosso era tortuoso, parecendo mais fundo ou mais raso de acordo com o lugar.

Estava procurando o jeito de passar para o outro lado, quando duas entidades tranqüilas, com aparência masculina, ao passar me recomendaram, apressadamente, prosseguir além porque ali não era lugar para humanos. Isso significava que eu estava facilmente reconhecível como espírito encarnado.

Sai margeando o fosso. Outros espíritos passavam, alguns de formas perturbadas olhavam na minha direção. Um seguiu correndo e gritou como se quisesse assustar-me:

— Cai fora! Não fique aqui!

Cheguei a um arrabalde de cidade, junto ao fosso, que continuava serpenteando os acidentes geográficos.

Encontrei uma espécie de cais das vibrações, ou seja, parecia que ali as marés de formas mentais crosta-a-crosta vinham e batiam nas amuradas gigantescas. Dava para descortinar o oceano dos

elementos ou substâncias pesadas a se perder de vista, efeitos evidentes de emissão mental crônica menos digna.

Havia uma luz embaciada de matiz amarelo escuro sobre tudo isso. Parecia que a paisagem vivia imersa num eterno crepúsculo. Não localizei astro no céu de cor mais para o cinza.

Um grupo de entidades de aparência bondosa, ao passar, advertiu-me:

— Cuidado com os assaltantes.

Em momentos, um Espírito com aparência humana e feições animais, incapaz de dissimular a obscuridade do corpo espiritual, atirou-se decididamente sobre mim com todo o ímpeto, num rápido ataque extrafísico. Queria, com incrível ânsia e atitudes frenéticas, aspirar-me por inteiro se pudesse, absorvendo-me as forças qual autêntico vampiro ou dreno vibratório.

Busquei desvencilhar-me emitindo energias de paz com a força total da vontade e, espantosamente, a entidade recuou, como se recebesse um choque elétrico, e se afastou tão velozmente como aparecera.

Foi impossível esconder os meus pensamentos de comparação entre o assaltante extrafísico e os seus colegas humanos. As intenções negativas são as mesmas, o que variam são os objetivos das buscas e emboscadas. Será que uns se transfiguram em outros na passagem de uma esfera de vida para outra?

Resolvi sair dali, mas permaneci ainda do meu lado do fosso para poder explorar mais o ambiente. Sentia-me bem disposto, com imensa capacidade de decisão e o psicossoma livre e harmônico.

O leito do caminho se elevava e deliberei seguir andando igual aos demais.

Uma senhora de idade, horrível aspecto, ao ver-me, atracou-se a mim com intenções exuberantemente sensuais, em outro ataque extrafísico instantâneo. Mas graças ao sentimento de repulsa que a mesma inspirava no todo de sua aparência e nas emoções extravazantes, nada senti em troca a não ser asco inescandível e nojo franco, procurando desvencilhar-me dela, sob as vistas de várias entidades jovens que riam abertamente dos meus apuros. Sabia que seria inútil qualquer tentativa de esclarecimento da entidade, profundamente calejada em seus tentames e já cronicificada em seus desequilíbrios. No plano extrafísico nada se oculta, os sentimentos antagônicos, tanto os meus, quanto os dela, estavam patentes, inescandíveis.

Depois de livrar-me da senhora insana, resolvi passar para o outro lado através de uma entrada estreita e parecendo semi-deserta. Havia vibrações positivas poderosas no local.

Andei pouco e encontrei um parque cheio de gente reunida em grupos ou fazendo uma espécie de footing. Estranho que o ambiente melhorara um pouco, mas as aparências dos espíritos pouco mudaram.

Abordei cautelosamente uma entidade masculina simpática, de semblante comum, dessas que a gente parece já ter visto em algum lugar, e que parecia emitir alguma luz, e perguntei que lugar era aquele.

A resposta mental veio num eco, como se fosse gritada:

— Importa, por acaso? Iguais a este, há centenas por aí!

E abriu-se em largo sorriso, virou-se e saiu, deixando-me plantado ali. Nem sempre encontramos um clima de bons modos entre as inteligências desencarnadas. Ninguém consegue ocultar o que pensa e sente dentro do seu plano vibratório.

Tive a inspiração de procurar um encarnado, pois seria curioso encontrar um projetor, colega, funcionando. Sai perguntando onde descobrir um. Calculei que ali deveria haver porque a atmosfera parecia ainda muito ligada à Terra.

Circulei um pouco entre os grupos. Muitos abanavam a cabeça, negativamente, à minha indagação. Outros apenas se viravam para o meu lado, a maioria continuava indiferente.

Um homem passando, brincou, rindo e provocando o riso de muitos transeuntes:

— Eu sou de carne e osso! Pelo menos, desejaria ser... Esse humor insinuava que a entidade queria reencarnar-se, mas nem sempre esse é um recurso disponível aos habitantes daquela esfera?

Até que uma jovem pegou-me pelo braço e afirmou incisiva:

— Vou lhe apresentar alguém humano!

Num instante, dentro do parque mesmo, levou-me até uma adolescente nos seus 14 de idade, vestida de vermelho, toda deformada, parecendo cega, a cabeça enorme alterada pela hidrocefalia, os cabelos ruivos bem penteados, partidos ao meio. Estava rodeada por três entidades.

Tentei me aproximar e senti, antes de perguntar qualquer coisa, que ela estava afastada do físico pela força libertadora do sono. Para confirmar, indaguei mentalmente e ela me respondeu, permanecendo no mesmo lugar, sem mexer, as pálpebras mal fechadas nas órbitas também deformadas.

— Sou da Terra sim.

E arrematou, brincando, e todos se entreolharam e sorriram:

— Somos companheiros, amigos, irmãos...

Comecei também a rir ao identificar o verso da melodia espírita, "Canção da Alegria Cristã" e quis saber mais, de onde era, o que fazia, mas a entidade atalhou-me e esclareceu apenas:

— Sou interna de uma casa assistencial, mas lá não "apito" nada, sou uma semi-morta...

Compreendi imediatamente que na qualidade de encarnada, ao voltar ao físico, as suas condições ainda eram piores, obscurecida pela provação evidente, do que a liberdade que estava desfrutando ali, naqueles momentos, com os três amigos ou conhecidos.

Depois de agradecer-lhe, despedi-me dela e dos circunstantes, num clima de bom humor, e deixei o parque.

Sai para uma rua com passeio e calçamento como se fosse na Terra. Será que transitava algum veículo naquela pista? Não vi nenhum.

Ao observar uma dupla de homens, intentei abordá-los, mas em chegando perto, percebi logo que estavam tão ensimesmados em seus mundos íntimos que desisti. Evidentemente eram entidades doentes, o que dava indício da população mista da colônia.

Ao chegar a uma praça ampla, assisti a espetáculo diferente e chocante. Vi numeroso magote de entidades que se uniam, fazendo até movimentos ondulatórios, como se fossem de danças, e se satisfaziam umas às outras, aos abraços e beijos, com a maior naturalidade possível, parecendo uma

troca grupal de fluidos ou doação de vibrações através das transfusões pelo contato direto, numa promiscuidade, a meu ver, de péssimo gosto. O fato produziu profunda impressão de orgia, em meu íntimo.

Manifestava-se uma conotação franca de sexo em tudo aquilo, sem nenhuma idéia de maldade. Era um fato natural. Como entender isso dentro de nossa organização social terrestre e dos atuais preconceitos humanos? Como emitir julgamento ético acerca dessas práticas que extrapolam a compreensão de nossos hábitos e costumes? Seria isso um uso ou procedimento espiritual correto, naquele distrito extrafísico, dentro da moral cósmica? Alguma coisa ali me fazia lembrar cenas do teatro avançado da atualidade.

Deixei a verdadeira onda viva humanóide que circulava serpenteando por toda a praça, saí dali e entrei por uma comprida viela, cheia de curvas, com singelas casas nos dois lados, ao modo de distinto arrabalde de cidade do Interior brasileiro. O ambiente era mais limpo que os demais. Podem me perguntar, os outros estavam sujos de quê? Não sei, mas sentia e via a sujeira existente.

Havia ladeiras suaves e muitas curvas arredondadas nas construções, nos lugares em que deveriam existir esquinas quando começassem as ruas laterais. Engraçado, era a primeira vez que via ruas dividindo quarteirões sem esquinas! Todos os blocos eram arredondados, sem ângulos.

Ficou inesquecível, na minha memória, o colorido azulado ou arroxeadado da maioria das habitações, muitas geminadas, algumas com jardineiras floridas. As cores não eram teias, mas até pitorescas, e não me lembro de nenhum lugar terrestre ou ambiente humano pintado com aqueles matizes inéditos.

As edificações pareciam tão sólidas quanto as materiais. Curioso, as casas humanas, às vezes quando fora do físico, eu as vejo por dentro, transparentes. Ali surgiram casas, mas todas opacas e indevassáveis. Igualmente, senti que não poderia passar através das paredes daquelas residências porque eram formas que atingiram estranho grau de substancialidade.

O problema da densidade no plano extrafísico é muito sério. O poder modelador e organizador do pensamento assusta. A influência da mente para formar e moldar o próprio meio-ambiente predomina em qualquer esfera da vida e, com isso, cria resultados impressionantes.

Numa das ruas, alguns transeuntes me abordaram ao passar, como se quisessem abraçar-me com tranquilidade e a intenção de receberem energias, carentes que estavam de resistência ou defesa íntima. O recurso foi estender os braços e pensar firme na emissão de energias, como se estivesse dando passes, sem me encostar neles. Fiz isso com quatro grupos de dois e três espíritos de cada vez. Eles já sabiam que qualquer encarnado poderia doar-lhes as forças materiais que precisavam naquelas circunstâncias, sem nenhum sentido de viciação.

Um pouco adiante, examinei um local público com arquibancadas, como se fossem de cimento e percebi logo que o "povo" espiritual ali estava se reunindo para melhorar e harmonizar os pensamentos em conjunto. Pareciam convalescentes do processo liberatório da desencarnação. Muitos oravam, outros apenas meditavam. Alguns olhavam absortos à frente como se nada enxergassem.

Próximo às arquibancadas divisei uma espécie de ginásio com imensas grades, que lembravam um pouco os andaimes ou jiraus, essas estruturas metálicas usadas para fazer pinturas em edifícios, mas desmesuradamente altas. Ia perguntar alguém para quê era aquilo quando, examinando mais atentamente as entidades escalando por dentro as armações gradeadas, entendi num átimo o que se passava e a sua finalidade. Os espíritos exercitavam a volitação. iam subindo dentro dos jiraus com a força do pensamento e se apoiavam nas travessas quando se sentiam cansados, fazendo pausas de repouso.

O ambiente ali, realmente, não era dos melhores para a volitação. Antes de deixar o local, experimentei, por curiosidade sadia, só para sentir as possibilidades e somente consegui um vôo baixo dentro dos jiraus, após decidido esforço da vontade. Seria só a densidade da atmosfera e do psicossoma que não deixava a gente parar livre no espaço? Se for isso, há forte influência da força da gravitação na colônia espiritual.

Como situar esse distrito espiritual de transição numa escala de avaliação evolutiva, dentro dos ciclos, esferas e planos ascensionais?

Depois disso, pensei em voltar para a base física, preocupado com a longa fieira e a seqüência exata dos fatos que presenciara até ali e o esforço que teria que despender para me lembrar de tudo e fazer este registro. Parece que consegui transmitir aqui as cenas principais das ocorrências no aglomerado espiritual. Pelo menos, houve boa vontade. Incrível como é possível o encarnado viver e atuar fora do corpo denso na infinita, desconhecida e transcendente Espiritualidade!

Despertei-me na posição de decúbito dorsal, e consultei o relógio, 3,26 da madrugada. As lembranças surgiram na minha cabeça com nitidez admirável. Levantei-me e vim grafar estas notas.

Valem aqui algumas considerações sobre a lembrança. As observações díspares do projetor deambulante, os percursos diversos cobertos pela projeção, a manutenção da estabilidade do psicossoma livre e em trânsito, a recuperação da debilidade orgânica do corpo físico durante o desprendimento, e o impacto da volta ao cérebro, encerrado no crânio, sobre o banco de memória, são os fatores mais poderosos para obstacular a lembrança. E, além de tudo isso, torna-se necessário haver uma boa circulação cortical.

Os registros mnemônicos fiéis que permitem trazer de volta as observações só podem ser obtidos, seja de súbito, em bloco, ou gradativamente em fragmentos, pelo projetor que goste das atividades extrafísicas e queira lembrar-se, com profunda autocrítica, antepondo-se com vontade granítica aos lapsos de consciência e às amnésias parciais. Não há outra solução e ninguém pode ajudar sempre, porque as diferenças entre o cérebro humano e a mente livre, o plano físico e o espiritual, os condicionamentos terrestres da mente finita coincidente e a expansão do pensamento liberto são enormes, intensos e permanentes. Existem milhares e milhares de projetores sem o saberem, porque são semiconscientes, ou seja, têm a consciência no plano extrafísico, mas não conservam a lembrança dos eventos a que assistem ou participam.

52 - ATMOSFERA GELADA

13 de dezembro de 1979, quinta-feira. A última vez que examinei o relógio passavam alguns minutos da 1 hora da noite. Posição no leito: deitado para o lado esquerdo. A temperatura estava a 26 graus e a umidade a 52%, com o ar condicionado indireto.

Reconheci-me com a lucidez plena da consciência ao lado de uma entidade desconhecida, a quem cumprimentei e que me revelou que iria comigo a um local incomum no plano terrestre mesmo.

Deixei o Rio. A volitação através do espaço, a grande velocidade, ofereceu uma visão indefinida e confusa da área percorrida.

Como pensamento e ação se equivalem na prática espiritual, dentro de pouco tempo entrávamos, sobrevoando uma atmosfera humana gelada. Era gelo por toda parte, dentro da noite escura, sem estrelas, onde se enxergava apenas essa luz natural, extrafísica, que aparece suavemente em qualquer distrito.

Num átimo, quis observar a mim mesmo e vi que estava vestido com o meu costureiro uniforme de projetor, pijama azul de gola cavada, sem mais nem menos, em meio às geleiras sem fim.

Em certos trechos via-se a água, possivelmente de mar, correr e blocos de gelo flutuarem, até que ao longe divisei uma luz que foi aumentando até aparecerem outras artificiais e consegui discernir habitações e postes iluminados.

Com o Amparador do lado, em momentos entrávamos numa casa de forma atarracada, semelhante a um laboratório recheado de aparelhos, onde se viam fotos dependuradas numa parede e, dentro uns senhores louros, um deles fumando sem parar. Pouco se falavam em inglês. O ambiente interno dava a impressão de estufa.

Não vi nenhuma entidade desencarnada e, por isso, perguntei ao companheiro de excursão:

— Não têm espíritos livres por aqui?

— Têm, sim, mas a região é escassamente povoada por homens e espíritos de qualquer condição.

Havia mapas e gráficos espalhados. Uma das fotos dependuradas mostrava navio quebra-gelo com um oficial de marinha, ereto, no convés.

A região polar parecia que fora pintada de branco para alguma inauguração. Tudo parecia limpíssimo.

Saindo dali, encontramos uma entidade desencarnada que fazia assistência no local. Curioso é que envergava roupas grossas e botas enormes como se fosse humano e trabalhasse num frigorífico.

Por minha parte continuava com o meu pijama leve e, por incrível pareça, não me sentia contagiado pelo frio ambiente. Não ventava, parecendo que o ar estava parado num silêncio eterno e respeitável.

Pelo diálogo mental havido, fiquei sabendo que o espírito que prestava assistência àqueles homens, havia desencarnado ali mesmo, há muito tempo e conhece tudo a respeito da vida naquele cenário porque vivera nele.

Vimos ainda um local para os residentes fazerem exercícios com bolas e mais adiante um conjunto de focas e alguns leões marinhos.

Sinceramente, para mim que visitava o local extracorporeamente, não sentia frio, em compensação não via nenhum atrativo naquela solidão gelada. Viver em tais condições é respirar num desterro. Deve ser uma provação para a maioria daqueles raros habitantes.

O mais importante foi identificar a assistência espiritual que está em toda a parte, independentemente do meio-ambiente adverso.

Daí a pouco, deixamos o local volitando e, em pouco tempo, voltava ao ambiente da base física e do ar condicionado funcionando.

Despertei-me no físico e consultei o relógio, 2,47 da noite, no instante mesmo em que as lembranças começaram a nascer-me na memória, fragmentariamente, junto com um banho de energias. Levantei-me, peguei o termômetro na parede e li no escritório: 26 graus centígrados. Viva o calor e o verão antecipado do Rio de Janeiro!

Alguns processos psicológicos que realmente ajudam a projeção aos principiantes:

- 1. Querer ardentemente projetar-se.*
- 2. Afastar em definitivo o medo de sair fora do físico.*
- 3. Meditar intensamente sobre a projeção.*
- 4. Manter consciência perfeita da existência de si mesmo, do próprio "eu" e do corpo físico.*
- 5. Conhecer tudo o que já se sabe sobre o corpo espiritual.*
- 6. Visualizar o percurso "físico" que a consciência no psicossoma fará, ao se ver fora do corpo denso.*
- 7. Criar o hábito de pensar sobre a projeção no período antes de dormir.*
- 8. Ler sobre projeção antes de ir dormir.*
- 9. Desejar sonhar com uma projeção.*
- 10. Saturar a mente com a idéia da projeção consciente.*

53 - VOGANDO PELO CÉU

14 de dezembro de 1979, sexta-feira. Terceiro sono às 11 horas e 4 minutos da noite. Temperatura ambiente, 26 graus. Umidade, 50%. Deitei-me do lado esquerdo, sem nenhuma cobertura por cima. O ar condicionado indireto funcionava no escritório.

Minhas reminiscências começam quando me vi sozinho, infinitamente livre em pleno espaço. O meu processo interpretativo de raciocínio e inteligência mostrava-se agudo com enorme potencial autocrítico. Não percebia nenhuma incongruência, incoerência ou anacronismo nas circunstâncias. Conhecia e sabia indiscutivelmente que estava projetado. Como chegara até ali? Que acontecera? Não sei dizer.

Olhei para o alto e vi a Lua, mais nítida e maior à frente, e deu-me a vontade de voar em sua direção. Comecei a cruzar o espaço rumo àquele astro com incrível velocidade.

Sentia que a Terra ficava pequenina atrás de mim. Via algumas estrelas. Olhei para trás e me senti tão só e insulado no espaço imenso que resolvi voltar imediatamente, desistindo do trajeto pré-selecionado, a idéia-alvo de atingir a Lua. Tinha a certeza de que, se quisesse, estaria lá em pouco tempo.

Retornando em grande velocidade, fui rompendo algumas nuvens, igual a um avião que descesse procurando um campo de pouso improvisado. Saí em cima do topo de vários prédios e edifícios. Um deles, mais baixo, tinha ameias. Desci mais e vi que era a torre mais alta de um castelo. Estava deserto lá em cima, a noite apresentava-se profunda e tranqüila. Sobressaíam luzes esparsas de cidade. Não estava no Brasil.

Dali passei em cima dos telhados de vários prédios e depois descí até uma das ruas.

O lugar desusado para mim era agradável, parecendo presépio bem construído e limpo.

Havia calma na via pública em plena noite alta. Poucos carros circulavam pelo calçamento, em certos trechos empedrados. Em uma ou outra casa térrea havia luz. Perto de praça triangular se ajuntavam seis táxis estacionados. Não eram veículos brasileiros, parecendo modelos antigos, diferentes. Próximo aos carros, uma CASC noturna mantinha o luminoso aceso. Não o li.

Ao deslizar pela rua, o espírito de uma senhora, junto com outra entidade de aparência feminina, fez reparo à minha fisionomia extrafísica. Não saberia dizer que idioma falavam naquele lugar. Entendi os pensamentos das desencarnadas. Examinei eu mesmo e vi que estava inteiro, bem conformado, trajando a blusa do pijama azul claro com três bolsos. Não achei nada de especial. Talvez tenha sido o uso da gola cavada ou algum reflexo visível do cordão de prata.

O que aconteceu depois, não me recordo. Sei que recebi sugestão de alguma origem imprecisa para voltar ao físico. O meu controle mental sofria forte abalo. Suponho que volitei rapidamente até o apartamento, porém não tenho lembranças disso.

Minha memória recomeça quando me despertei. Estava do lado esquerdo, sentia-me enregelado e com o nariz obstruído, numa condição de meia-sufocação. Mudei de posição, fui até o banheiro e voltei ao leito. Consultei o relógio, 11 minutos depois da meia-noite, e o termômetro, 26 graus, tudo isso seguindo os meus hábitos rotineiros das projeções. Deitei-me do lado direito para dormir de novo, envolvendo-me numa coberta branca.

Ao encostar a cabeça no travesseiro, as reminiscências vieram-me fragmentariamente. Sem dúvida, a condição fria do físico impôs o retorno, prejudicando-me o despertar e a rememoração. Isso é raro acontecer comigo. A projeção no espaço, a longa distância, contribuiu para enregelar o corpo de carne e ossos? Acho que não. A temperatura máxima desta sexta-feira foi a maior da primavera, 39,5 graus centígrados. Este foi um caso típico de rememoração retardada, o que constitui exceção dentro dos processos mnemônicos comuns.

54 - SENTADO NO AR

16 de dezembro de 1979, domingo. Às 19 horas e 3 minutos começaram os exercícios de exteriorização de energia. Um Amparador transmitiu autopasses na área do plexo solar. A este respeito, quero esclarecer que a constipação intestinal, com a conseqüente intoxicação orgânica, representa sério obstáculo no processo da projeção consciente, dificultando a circulação de energias abaixo do diafragma, ou área do homem-animal, especialmente nos centros esplênico e umbilical, e a libertação do psicossoma na área do plexo solar. Além disso, acima do diafragma, ou área do homem-espiritual, prejudica a concentração mental por aumentar a salivação e deixar o psicossoma de ânimo intranquilo para alcançar o entorpecimento do físico.

Na fase hipnagógica, nos pródromos do sono, a constipação intestinal predispõe ao surgimento de repercussões físicas pela interiorização súbita de uma perna ou braço extrafísicos, quando a consciência, no psicossoma indócil, igual a ginete fogoso pronto para sair galopando pela pista, fica fora da coincidência apenas parcialmente, em razão de estar preso pelas rédeas do plexo solar.

Nesses casos é sempre recomendável a aplicação de auto passes na área abdominal, executados obviamente pelo projetor ou patrocinados por um Amparador, o que provoca a neutralização dos efeitos tóxicos ou permite a exoneração dos intestinos, na fase preparatória, desobstruindo o desenvolvimento natural do processo da projeção.

Depois de algum tempo dedicado aos exercícios, levantei-me para escrever e só recolhi-me ao leito às 11 horas e 22 minutos. A temperatura estava a 26 graus com o ar condicionado indireto. Havia tensão atmosférica, chovendo firme lá fora, fazendo barulho na cobertura do aparelho do ar condicionado. O vento uivava no andar alto. A umidade no ambiente estava em 54%. Deitei-me em decúbito dorsal e fiquei rígido e imóvel, sem nenhuma cobertura por cima.

A minha consciência permaneceu por um bom tempo dentro do físico imobilizado, numa catalepsia física. Comecei a sentir, num crescendo, as forças poderosas do estado vibracional. Eu me julgava um dínamo emitindo força. Tentei desligar-me deliberadamente do físico.

Numa decolagem vertical, clássica, de segundos, fiquei com a consciência transferida para o psicossoma estirado acima do físico. Pararam as oscilações do psicossoma que se estabilizou logo abaixo do teto. Consegui sentar-me no ar, observando a situação, experimentando as sensações poderosíssimas dos laços vibrantes que prendiam o psicossoma ao corpo de carne.

Estava com os sentidos mais aguçados do que o comum. E comecei a pensar, não é fácil o encarnado morrer; ou seja, desvencilhar-se do cordão fluidico, porque a união existente é muito bem feita e estável. Ainda sentado, em pleno ar, quis sair para um lado e para outro, mas foi impraticável. Estava preso ao corpo. Veio-me a idéia da sensação de certos espíritos recém-desencarnado. A emoção que vivem é aquela ali, sem tirar nem pôr; ou seja, estar consciente, querer sair; mas não poder. Há liames invisíveis que seguram e coíbem a liberação do psicossoma.

E continuei a filosofar, sentado no ar, sobre o corpo físico na cama. Como o projetor conhece e sabe indiscutivelmente quando está projetado! Essas sensações naturais distinguem perfeitamente a projeção do sonho. Não sou só observador; sou participante e objeto da experiência, integralmente alerta

quanto ao desenrolar dos fatos que transcorrem sem nenhuma incongruência ou discrepância do raciocínio lógico.

Prosseguia com a meditação extrafísica. A saída do psicossoma é um fato anímico e não fenômeno mediúnicos ou espírita. No entanto, num caso igual a este, aparentemente estou fazendo uma autoprojeção consciente, mas tenho a certeza da assistência invisível junto a mim o tempo todo. Tem mediunidade ou não tem no processo!?

Nesse ponto resolvi.

— Tenho de obter a minha liberdade para esta projeção. Vou sair com um pulo.

Reuni todas as forças, com imbatível determinação da vontade, e dei um pulo para a direita até ao corredor do apartamento. Nesse instante surgiu uma luminosidade pálida e agradável que se irradiou mais fortemente por toda parte. Na hora, pareceu-me ser azulada. As dependências estavam enormes. As paredes pareciam que haviam sido afastadas umas das outras.

Não vi nenhuma entidade, mas continuava cômico de estar sendo auxiliado por intangível escolta. Igualmente não observei no corredor o volume que vira há uns dois meses atrás (Cap. 32).

Cheguei até o quarto do meu filho e, logo em seguida, voltei ao físico na intenção de treinar a conservação da consciência com a vigília contínua, o mais difícil de se obter nas experiências da projeção.

Deitei-me no corpo físico, fui absorvido por ele, experimentei pouco a pouco as sensações orgânicas, abri as pálpebras e quebrei o entorpecimento, com a consciência seguindo todo o tempo sem hiato.

Consultei o relógio, 24 minutos depois da meia-noite, já na segunda-feira. A chuva continuava barulhenta lá fora.

55 - OS CALIDOSCÓPIOS DOS DESEJOS

17 de dezembro de 1979, segunda-feira. Temperatura: 26 graus. Umidade: 62%. Deitei-me em decúbito dorsal, às 7 horas e 12 minutos da noite, depois de ouvir, pelo monólogo psicofônico, algumas instruções de Transmentor.

Senti perfeitamente o entorpecimento do físico e uma destra invisível pressionando a minha testa. Sobreveio uma pressão na base do crânio e nada mais me recordo da vigília.

Minhas reminiscências extrafísicas começam quando entrava numa organização espiritual, vasto salão com pisos mais altos e mais baixos, com mais de quinhentas crianças entre 2 e 13 anos, pelos meus cálculos. Os espíritos pareciam crianças mesmo, com mentalidade infantil, muitos querubins de beleza, outras com aparências desgraciosas por motivos diversos, incluindo seqüelas de doenças e deformidades.

As dependências se assemelhavam a um play-ground coberto, de pé-direito elevadíssimo, onde, sem dúvida, o ambiente mostrava-se melhor que a média dos mini-habitantes.

De modo geral, os pequeninos se portavam mais quietos, sem traquinagens, todos contemplando o que se sucedia, a cada momento, sobre as suas cabeças, ou seja, acima, no espaço aéreo do ambiente. É difícil descrever as ocorrências. A idéia mais aproximada seria um espetáculo pirotécnico onde, ao invés de apenas estrelas, bolas de luzes e raios multicoloridos, rebentassem ou se partissem no ambiente, calidoscópios fantásticos ou galáxias materializando sonhos e desejos, frutificando-se em devaneios consistentes, insuflando vida em brinquedos, máquinas e fantasias tridimensionais.

Percebi logo que as criações eram formas-pensamentos, incrivelmente vividas e reais, nascidas de inteligências poderosas, verdadeiras varinhas de condão invisíveis descerrando arca de tesouros, bolsas de Papai Noel, cornucópias de riquezas, caixas de surpresas, lâmpadas mágicas, cosmoramas e dioramas de encantamento, vídeos de histórias sem fim e mananciais de prodígios, saciando todos os caprichos, realizando todas as aspirações com sementes de pensamentos, concepções e imagens fertilíssimas, lindas e extravagantes.

Presenciava a maior prova de capacidade da consciência exteriorizar forças suscetíveis de modelar, plasticamente no espaço, as figuras produzidas em sua imaginação através das substâncias extrafísicas.

Por trás, invisível, deveria existir um batalhão de inventivos e experientes Carnots (Cap. 2) trabalhando intensamente. Não distingui aparelhos ostensivos. Tudo parecia brotar do nada.

A essa altura, no meu canto, pensava como o Mundo Extrafísico vasto, complicado e extenso, apresenta infinitas possibilidades de exploração e está ainda aguardando seus Colombos, bandeirantes e pesquisadores para se desvelar por inteiro.

A espécie de injeção fortificante na imaginação dos espectadores mirins dilatava-lhes a inteligência no rumo do amadurecimento consciencial.

Os brinquedos choviam sobre os pequeninos, recheados de graças, melodias, danças, enredos, carinho e amor, em suas formas e em seus movimentos, e desapareciam antes de tocar-lhes as cabeças. Se algum pequerrucho se interessava, no mesmo instante recebia a materialização das suas preferências, em suas mãos. O aparente nada mostrava-se capaz de criar tudo.

Era como se houvesse em pleno espaço da instituição, parques de diversões, circos de cavalinhos, fontes de brinquedos, pomares de árvores de Natal, projetores imaginativos, mil e uma invenções e parafernalias de tudo o que o espírito arejado já concebeu e forjou. Tudo palpitante de vida, luz, animação, dimensões e beleza, nascendo e voando espiraladamente num surgimento incessante.

O resultado de tudo aquilo consistia numa fascinação impressionante das crianças extrafísicas. E aí residia o segredo de sua aparente tranqüilidade. O show acalmava pela grandeza e magnitude, através da exacerbação da imaginação no silêncio do íntimo.

As crianças, dentro em pouco, estavam, cada qual, com os frutos de sua escolha, como se tivessem recebido prêmios e troféus.

Curioso é que as mais avançadas histórias apareciam contadas em pleno espaço. Presenciei chuvas lindíssimas, com nuvens de cores, veículos, edificações de todos os tipos, numa feira interminável de narrativas que seguiam desfilando uma após outra, harmônicas, arrebatadoras, empolgantes, maravilhosas, em múltiplos cenários e montagens coexistentes e interpenetrantes.

Acho difícil descrever o que vi esta noite. Acabo de reler o que escrevi até aqui e achei tudo tosco, cru e paupérrimo, ante a realidade do espetáculo multiface e magnificente. Que mais posso fazer com as palavras?

Quero deixar ainda registrados alguns instantâneos. Muitos garotos morenos estavam praticamente translúcidos de tanta luz. Umas crianças em melhores condições assistiam outras menores, de aspecto perturbado. Notei que a maioria dos espíritos, naquele estágio de aparência humana infantil, não volitava. Fora daquela espécie de estádio coberto, estendiam-se jardins belíssimos.

Pelo que deduzi, a recuperação da mentalidade dos espíritos naquela organização parece ser bem rápida, mas não acho que todos voltem diretamente a ficar adultos. Muitos seguem para a reencarnação no meio do caminho do crescimento extrafísico.

A atmosfera espiritual era profundamente agradável. Julguei que ocorriam mais sons, ali, nas transmissões mentais, do que ordinariamente fora do físico. Talvez seja aquele o local extrafísico onde escutei a maior carga sonora.

Lembro-me que saí de lá volitando com indisfarçável alegria, mas não me recordo da chegada ao apartamento.

Despertei-me no físico entorpecido, parecendo ter as articulações desidratadas, às 8 horas e 43 minutos da noite.

56 - A PROVA DO CORPO MENTAL

19 de dezembro de 1979, quarta-feira. Deitei-me de costas no leito, às 3,53 da madrugada, depois de escrever por algum tempo no escritório. Temperatura: 25 graus. Umidade: 72%. Lua: nova, às 5 horas e 24 minutos.

De consciência alerta, com a atenção, comparação e juízo aptos para todas as operações psíquicas, experimentei o estado vibracional e decidi firmemente sair do físico na vertical.

Depois de algum tempo, percebi a saída da mente para cima, sobre a cabeça material. O psicossoma estava ainda dentro da forma orgânica, eu o sabia e sentia. E aconteceu aquela iluminação que não vinha de parte alguma visível, banhando o ambiente, onde os meus poderes de percepção visual surgiam enormemente aumentados.

Procurando manter o meu papel de observador impessoal, examinei a parede defronte à cama, pelo lado dos pés, que parecia mais distante e mais alta. A luz não me deixava ver os três posters

afixados na parede, que julguei estarem ofuscados ou diluídos na claridade. A iluminação extrafísica mostrava-se mais intensa e reverberante.

Assinalei mentalmente: encontro-me consciente e enxergando tudo, sem estar completamente corporificado, em cima e atrás de mim mesmo. Sou uma sede mental transferida para o vazio. Sou uma consciência sozinha, separada de tudo, incorpórea e viva. E foi aí que consegui conscientizar-me da extensão da realidade, afirmando para mim mesmo:

— Eis aqui uma prova das possibilidades e da existência do corpo mental que se desloca sozinho! Sou, realmente, um "eu" incorpóreo! Estou só no corpo mental com a consciência móvel dentro do meu quarto!

Há muito alimentava essa idéia-alvo: experimentar a existência isolada da mente ambulante atuando lucidamente, sem o resto do corpo espiritual. Continuava a olhar para a parede, vendo a cabeça, o tronco, os braços e as pernas estirados, rígidos, brilhando intensamente no lado esquerdo da cama de casal, quando assisti à saída de meu braço direito extrafísico, como um clarão sugerindo fosforescência, tremendo e oscilando para cima e, logo em seguida, o braço esquerdo se ergueu nas mesmas condições. As oscilações continuavam. Até os dedos das mãos vibravam e tremiam iguais a chamas de velas. Os braços estavam nus, sem as mangas da blusa do pijama. A essa hora, será que toda a cabeça do psicossoma estava constituída em mim? Não o saberia dizer com certeza. Julgo que o psicossoma estava deixando o físico e seguindo até o corpo mental, para absorvê-lo, numa interiorização inversa, atraído pela consciência. Que ligação promove esta operação?

Houve a interiorização rápida e despertei-me incontinenti, de certo modo contra a minha vontade, contudo, prosseguindo mantendo a consciência contínua.

Tudo se passou em minutos breves, e a minha capacidade crítica inteiramente desperta. Não observei o cordão de prata nem qualquer formação de fumaça ou nevoeiro circundante, como às vezes acontece. Senti e gravei na memória que tudo sucedeu, nesta projeção efêmera, sem a exteriorização das pernas e do tronco de meu corpo espiritual, inclusive da área do plexo solar, que permaneceram coincidentes, e nem os elementos exteriorizados chegaram a se estabilizar fora do físico.

No meu caso, é muito raro acontecer, como nesta noite, a exteriorização da cabeça, ou seja, o corpo mental, antes dos membros e do tronco. Quase sempre sinto a ocorrência do psicossoma na ordem inversa, ainda de pálpebras cerradas no físico, sem enxergar nada. Isso atesta que a exteriorização e a interiorização podem ocorrer de várias maneiras, com dois tipos básicos de projeção, do corpo mental isolado e do psicossoma, com o mesmo projetor, na mesma oportunidade, tudo dependendo dos fatores atuantes nas circunstâncias. E que fatores foram esses que funcionaram esta noite? Um deles, certamente, foi a baixa densidade do psicossoma.

Vale registrar aqui que apenas a saída da cabeça do psicossoma, no caso, o corpo mental, deixando o físico, ou seja, um desprendimento parcial, permitiu-me usufruir da iluminação extrafísica. Não detectei a presença visível de nenhum Amparador.

Daí a pouco, ativando o físico, revi o relógio, 4 horas e 1 minuto da madrugada. Tempo total do episódio inteiro do afastamento da consciência do físico: 8 minutos.

O controle do pensamento para aquele que está projetado é prioritário. Fora do físico, o projetor jamais deve se esquecer da sua condição de consciência exteriorizada para aproveitar a oportunidade do período extrafísico. Por exemplo, se ele se deixar absorver excessivamente pelo interesse num fato ou assunto a que fixe a atenção em demasia, pode acabar perdendo o controle mental da experiência pelo emocionalismo, se estiver de psicossoma, diminuindo a sua lucidez e ocasionando o retorno ao físico, na interiorização prematura, além de prejudicar, em certos casos, a rememoração posterior.

Merece ressaltar como estudo que, nesta projeção, ocorreram duas interiorizações distintas: primeiramente, a interiorização inversa do corpo mental no psicossoma, atraído pela consciência fora do físico. Em segundo lugar, a interiorização rotineira posterior do psicossoma na forma orgânica. Esta foi uma projeção mista, ou seja, no mesmo processo aconteceram uma projeção do corpo mental e, logo a seguir, uma projeção parcial do psicossoma.

57 - LIÇÃO DE FRATERNIDADE

19 de dezembro de 1979, quarta-feira. Temperatura: 25 graus. Umidade: 68%. Deitei-me de costas no leito, às 10 horas e 11 minutos da noite.

Eu me vi fora do físico com a consciência clara e o raciocínio tranqüilo e fui conduzido, a longa distância, por um amigo até junto de uma entidade noutra país e noutro continente, que me recomendou apenas segui-la, confiantemente, por onde ela fosse, sem sair de perto.

A entidade desencarnada feminina, parecendo estar sempre concentrada, numa serenidade inabalável, vestia traje simples de monja e comunicou-me logo influxo agradabilíssimo de energia, apenas com a presença.

Uma sensação de liberdade, deslumbramento e senso de fraternidade indescritíveis me invadiram, numa exaltação espiritual incrivelmente contida. Embora na Crosta Planetária, usufruía de leveza invulgar do psicossoma. Senti logo que estava diante de um Espírito de elevado nível espiritual. Tudo em sua personalidade transpirava harmonia e bem estar; no entanto, daí a pouco viria a saber, no íntimo, sofria muito com a dor humana.

Experimentei, nas entranhas do eu, a dor de todo o mundo ao tentar aproximar-me ainda mais da psicósfera daquela inteligência extraordinária.

Chegamos a lugar paupérrimo, tomado de casas e pequenos quintais com árvores mirradas. O ambiente diverso do Brasil, era bem primitivo e necessitado, claramente visível no dia claro.

A entidade raramente ficava com o psicossoma ereto. de pé. Por toda parte, mesmo durante a volitação daqui para ali ou deslizando pelos lugares terrestres mais íngremes, ela seguia como se estivesse sentada com as pernas cruzadas, numa posição típica à moda ioga, talvez procurando manter as energias em disponibilidade pelo esforço da meditação. Só movia os braços mansamente.

Procurei fazer o mesmo, dentro de minhas possibilidades, por onde íamos.

Estivemos em dezenas de tugúrios, onde a benfeitora visitava os doentes, em zonas rurais de difícil acesso, num descampado onde se reunia uma multidão sob a luz do sol, numa espécie de creche com crianças enfermas, numa instituição de irmãs religiosas parecendo católicas, numa prisão abarrotada de homens maltrapilhos, sujos e barbudos, em grande promiscuidade.

Por toda a parte, a mensageira, num silêncio absoluto que tudo compreendia, espalhou inspirações e energias para a melhoria da saúde, dos ânimos, da pacificação, do entendimento fraterno, que se experimentava fluindo da sua personalidade. Senti, ao seu lado, o meu íntimo pleno de compaixão, júbilo, ternura, compreensão, humanidade, abnegação, e todas as idéias e os sentimentos elevados e construtivos de que ainda não sou capaz de produzir por mim mesmo.

Aonde chegávamos, os espíritos desencarnados presentes se afastavam, reverentes, em silêncio, à aproximação da Amparadora, inclusive rebeldes obsessores e enfermos mentais. Não presenciei nenhuma confrontação vibratória, habituais aos trabalhos de desobsessão extrafísica e assistência espiritual. Parecia que chegava com a emissária do bem, uma varredura dos infortúnios enxaguando com água viva as consciências e os elementos. É fantástico o poder do amor puro!

Não sei expressar, sinceramente, a profundidade do que vivenciei durante a excursão com essa Amparadora, verdadeira trajetória de luz e paz. Intriga-me o fato de que nada perguntava, somente socorria. Já chegava sabendo tudo, a respeito de todos, melhorando almas e ambientes, como se fosse por mágica.

Ela dispunha de metodologia precisa para auxiliar, colocando-se acima de todas as desavenças, rótulos, fronteiras e emoções terra-a-terra, como se fora uma bênção que se projetou do infinito e materializou-se, ali, em meio ao sofrimento e à incompreensão.

Mais uma vez, os fatos extrafísicos confirmam: o emocionalismo constitui desequilíbrio-involução e a serenidade atesta o equilíbrio-evolução. Estranho, mas o amor puro é tranqüilo.

Não posso esquecer aqui um incidente. Ao avistar algumas criações humanas negativas junto a uma construção, em meio às quais distingui cartazes e alguns instrumentos parecendo armas, a entidade estendeu simplesmente os braços e, em segundos, todo o material ardia fisicamente num fogo brando que se apagou logo e toda a parafernália dos trastes humanos desaparecera, ficando em seu lugar. as manchas escuras das labaredas. Como explicar o fato e enquadrá-lo dentro das leis conhecidas? O acontecimento constituiu a maior prova de que a matéria densa e as construções extrafísicas são substâncias derivadas da mesma fonte. Falta a nós, humanos, o know how, ou o modus faciendi, e a energia para operar prodígios, sem nenhuma derrogação dos princípios universais, manipulando a matéria, ou vice-versa, simultaneamente.

Como sempre, a projeção consciente leva o indivíduo a ter contato com graus variados de experiências supranormais, fora de toda previsão. Que energia extraordinária possui um espírito superior? Quanto esforço essa estrela-usina-de-força-mental-vibratória-ambulante não deve ter despendido para chegar a tal ápice de desenvolvimento?

Uma das crianças, com alguns dias de vida, das que estavam no interior da creche rústica, assistida especialmente pela entidade, recebeu uma transmissão de fatores nutrientes vibratórios tão fortes que pareceu crescer de tamanho sob a minha observação. Uma enfermeira ao entrar, notou a diferença das condições físicas da recém-nascida e saiu para o pátio, alegre, com o bebê nos braços.

Outra criança nos seus 7 de idade, que estava naquela instituição, entreviu a presença da Amparadora, porque ficou extática, fixando a direção dela, até que, compadecida, a entidade apôs-lhe a destra na cabeça. A garota sorriu, feliz, e deixou o recinto cantarolando e dançando.

Não ouvi, durante todo o período de visitas extrasfísicas, nenhum diálogo transmental da entidade, que não perdeu um momento sequer de auxílio sob todas as formas, acionando o seu dínamo interior de afeto puro para as criaturas de todas as condições e procedências que deparou pela frente. Talvez que essa tenha sido a maior lição de fraternidade pura que já recebi nesta encarnação. A entidade devia saber isso ao me despedir, em silêncio, apenas com a paz dos meus pensamentos de gratidão.

Despertei-me no físico e verti lágrimas sentidas por alguns minutos, quando me lembrei do relógio. A existência humana exigia continuação. Eram 11 horas e 43 minutos da noite. Levantei-me para grafar as reminiscências da projeção que chegaram à minha memória imperturbavelmente nítidas.

58 - COMBATE NO ESBARRANCADO

26 de dezembro de 1979, quarta-feira. Deitei-me do lado esquerdo para o segundo sono à zero hora e 9 minutos. A temperatura estava a 25 graus e a umidade a 72%.

Recobri a consciência junto de uma entidade com aparência de mulher alta. Pela fisionomia espiritual, deveria ter um metro e noventa de altura por um de largura, porém muito simpática, vestida de branco. Senti que a Amparadora ajudara o meu despertar extrasfísico através de passes. Disse-me, mentalmente, com rapidez incrível nos pensamentos, que iríamos ver uma área de barrancos. Em momentos, estávamos aterrissando na beira de enorme boca de esbarrancado.

A entidade ficou à minha frente e, ao observá-la pelas costas, fixando os cabelos, lembrei-me de alguém que conhecera na infância. A condição espiritual da entidade é muito boa, possuindo vigorosa capacidade energética.

Apontando o esbarrancado profundo, pediu-me para examinar o ambiente e se despediu, sem mais nem menos, desaparecendo num átimo.

Pela atmosfera parecia estar no plano material. Dentro do esbarrancado, a certa distância, caía uma espécie de tempestade circunscrita, borbulhando manchas estranhas e exalando cheiros nauseantes. Fixei ainda mais a visão extrasfísica, tentando apurá-la, e distingui um pouco melhor o que acontecia. Por incrível pareça, dois espíritos desencarnados se engalfinhavam numa contenda sem tréguas!

Na verdade havia tantas deformações instantâneas em suas aparências que faziam pensar em muitas imagens: amebas informes a se entredevorarem, bombas inextinguíveis que se inter-explodissem

continuamente, labaredas vivas numa fogueira crepitante, dragões em luta encarniçada entre urros e ruídos desagradáveis.

Sucediam mudanças relampagueantes de lugar e posição dos adversários, com variações de cores desagradáveis naquela formação exótica e instável de vida.

E o espetáculo melancólico da dupla de feras, ao mesmo tempo inspirando repulsa e infundindo compaixão, continuava observado por longa fileira de espectadores, seres caprichosos e agitados, dentro do esbarrancado. E vieram-me interrogações à mente. O que fazer? Até quando isso seguirá?

Nesse momento, ouvi uma voz ressoante esclarecedora:

— Uma batalha dessas, constituindo o epílogo infeliz de pelejas de consciências, segue, indefinidamente, até à exaustão dos contendores que acabam perdendo as formas humanóides e se fechando em si próprios, imantados por muito tempo pela perda recíproca de energia vital.

Prosegui observando as cenas, cogitando para mim mesmo, que jamais havia pensado, visto ou lido nada igual, quando a voz retomou a emissão dos pensamentos.

— Nas fases iniciais, quando os parceiros ainda dispõem de energias suficientes e os efeitos são mais espetaculares, freqüentemente surgem testemunhas que se agitam no acompanhamento mórbido, ávidas de emoções fortes. É o que vemos aqui. E as transformações vão se sucedendo, gradativamente, até desbordarem para a involução das formas, movidas pelo fogo do ódio e manipuladas pela força das mentes em desequilíbrio. Eis aí o suicídio temporário das formas envenenadas pelos pensamentos, no desvario das mais altas faculdades da psique. Tenha pensamentos de paz para todos esses companheiros em demência e siga o seu caminho.

Emiti meus pensamentos-preces-vibrações-de-paz-e-fraternidade para todos aqueles que ali se achavam, tentando entender o evento insólito, a maior confrontação vibratória que já presenciei fora do físico. Lamentá-los era tudo o que eu podia fazer.

A contemplação do triste combate não me desencadeou qualquer estado crítico nas emoções. E concluí: que diferença com outras vezes, se a gente mesmo muda tanto de uma projeção para outra, o que dizer de um projetor para outro?

Cada personalidade tem sua escala vibratória e, ao exteriorizar-se, vivenciará as ocorrências, antes de tudo, num mundo dela própria, de tal forma que dois experimentadores jamais alcançarão resultados e constatações precisamente idênticos. O plano extrafísico é a mentolândia e o universo mental de cada espírito é único, diferente de todos os outros.

Da beira do esbarrancado, resolvi seguir a sugestão da voz e saí volitando pelo campo que se avistava por um bom trecho. Dei braçadas possantes pelo ar afora. Distante do esbarrancado, varei ondas de energia em plena atmosfera, entre as nuvens, como se fossem turbulências obstaculando a volitação. Porém, experimentei imenso bem estar devido à sensação de libertação infinita fora do físico. Nada se compara a uma volitação de vez em quando no espaço aberto. Agindo, pensando e existindo sem a limitação de um corpo denso, estava num perfeito estado de espírito: feliz, tranqüilo e sem euforia.

Levei muito mais tempo para voltar do que para ir.

Daí a minutos, entrava no apartamento, atravessando a janela do quarto e, suavemente, me interiorizava no físico, uma das duas silhuetas estiradas na cama de casal. O psicossoma movera-se no mesmo eixo que o físico, das costas para a frente.

A minha consciência conservou-se naturalmente, sem ter havido alteração durante o processo do despertar, quando me senti alerta, de imediato, sem nenhuma impressão de sonolência ou do estado de sono. Voltara da projeção com a consciência mais ativa.

O relógio marcava zero hora e 42 minutos. Estava começando a chover lá fora. Será que as ondas de turbulência foram causadas pelas nuvens da chuva?

59 - UMA PERGUNTA PERTINENTE

27 de dezembro de 1979, quinta-feira. Deitei-me do lado direito para o segundo sono, à zero hora e 3 minutos. A chuva mansa fazia barulho na janela. Temperatura: 25 graus. Umidade: 72%.

A minha consciência surgiu no saguão de um hotel desconhecido, olhando as flores do jardim interno, dentro do edifício. Não vi nenhum Amparador. Será que assistiram alguém no hotel?

As imagens estavam admiravelmente nítidas para mim. Os hóspedes passeavam entrando e saindo. Desejei deixar o local para explorar fora. Não tinha preparado, evidentemente, nenhum tema de estudo. Para deixar o saguão tomei impulso e me atirei de encontro a um vitró alto, varando-o rapidamente e atingindo o céu.

Comecei a voitar passando no meio de muitos passarinhos cantando e, com a consciência dilatada, pensei comigo:

— Aqui não está chovendo. O dia está lindo. Deve ser umas cinco ou seis da manhã.

Concluí logo que não estava no Brasil em vista das discrepâncias óbvias em matéria de tempo. Não mais prisioneiro do próprio corpo, sentia sensação de prodígio ao varar paredes, voitar pelo espaço, usar e apreciar os poderes ampliados da consciência livre, e afirmei, convicto, com extrema vontade:

— Preciso controlar os meus pensamentos, porque ainda não desejo voitar.

Mentalmente, eu estava aconselhando a mim mesmo, pois, às vezes é muito difícil dominar completamente os pensamentos durante a projeção.

Continuei voando pelo céu azul quando vi embaixo uma espécie de fazenda e, extasiado, não pude reprimir a exclamação:

— Que beleza!

As cores, as plantas, um canal de irrigação, as cercas, as estradas confluentes, tudo na paisagem bucólica parecia um cartão postal escolhido entre mil.

Sobrevoei a fazenda e, deixando de lado o espírito aventureiro do místico, em favor do interesse sincero do investigador, resolvi descer para examinar as construções entre as árvores. Vi uma vaca

enorme com manchas naturais arredondadas. Engraçado é que a vaca parecia emitir luz para fora da pele de todo o corpo, ao ruminar dentro da construção limpíssima.

Perto, descobri um cavalo alto e lindo, meio amarronzado e ao chegar perto, ele me viu e arreganhou o focinho, levantando a cabeça. Cheguei mais próximo, pensei, como se falasse carinhosamente, passando a mão direita sobre a cabeça dele, sentindo o seu calor, e o animal se aquietou, satisfeito. Para ele, agora, eu era um homem de carne e ossos igual a qualquer outro.

Ainda dei uma volta por cima do cenário e resolvi voltar ao apartamento.

Ao encostar-me no físico, descerrei as pálpebras, consultei o relógio, 15 minutos para 1 hora. A chuva continuava do mesmo jeito. Levantei-me para fazer este registro com a lembrança integral das ocorrências e a alegria de quem fizera uma boa e rápida viagem ao Exterior.

Os fatores que mais influem na qualidade da projeção são os pensamentos imediatamente anteriores à decolagem, as condições do corpo físico e as emoções no plano extrafísico.

Eram 2,26 da manhã quando me deitei de novo, em decúbito dorsal, e pressenti outra projeção. Havia como que um capacete de ferro cobrindo os meus ouvidos e todo o crânio.

Senti que estava fora do físico, mas não enxergava direito. Pensei firmemente era ver e nasceu uma luz suave por toda parte. Estava mais consciente do que no estado anterior de vigília, dentro de enorme salão com muitas pessoas.

Um rapaz desencarnado, moreno, alto, chamou a minha atenção junto à porta de saída do recinto.

Aproximei-me, vi que o conhecia, cumprimentei-o e perguntei mentalmente:

— Lembra-se de mim?

— Sim. Lá no Centro. Você já morreu há muito tempo? Comecei a rir e respondi num jato à pergunta extremamente desusada:

— Eu, não! Estou vivo, sou encarnado. Moro lá no Rio. "Estou sonhando..."

O Espírito do rapaz, antigo conhecido de Uberaba, arregalou os olhos, que pareceram irradiar luz, e aproveitei para acrescentar:

— Não acha incrível, vou voltar para o corpo e me lembrar de tudo isso!?

O rapaz levou a mão direita à boca, num gesto bem humano, como se não acreditasse. Numa disposição alegre, falei mentalmente para explicar ainda mais:

— Veja, aqui sou mais ou menos igual a você. Vou atravessar aquele homem lá.

Saí na direção de um homem de pé, que acendia um cigarro naquele momento, conversando com outro, na rua iluminada, perto de um poste, e o transpassei em segundos. Voltei e afirmei para o rapaz, agora bem perto do homem, ainda insistindo na penetrabilidade dos corpos:

— Veja como se dá uma rasteira!

Com a perna direita do psicossoma passei através das pernas do mesmo homem, duas vezes seguidas, como se lhe desse cambapés, simples simulacros das ações físicas. Ele não demonstrava a mínima consciência de minha presença.

O rapaz, vestindo camisa esporte, de quem não me foi possível lembrar o nome, começou a rir, enquanto eu me despedia com um abraço final, rindo também, sentindo-me como se fosse espírito zombeteiro.

Ignoro o local fora do Rio de Janeiro. Voltei para a base física logo em seguida.

Abri as pálpebras com pena. Se quisesse, sairia de novo, mas preferi escrever as cenas de perfeita vivacidade que estavam na minha cabeça, antes que as esquecesse. Não poderia perdê-las.

O relógio assinalava 3 horas e 34 minutos da manhã. Chuviscava lá fora.

Não vi o Amparador que me ajudou esta noite para agradecer-lhe os experimentos com êxito, de alta qualidade para mim, e de incrível consistência nas observações. O simples fato espontâneo de um desencarnado lúcido julgar-me desencarnado também emprestou mais crédito às experiências do que qualquer outro detalhe. Estaria eu com o psicossoma menos denso?

Eis uma análise perfunctória das fichas técnicas deste livro. Alguns desses dados são inéditos no campo das pesquisas das projeções, pelo menos para mim. Estudando o calendário das projeções aqui descritas, não encontrei padrão que prove terem os dias da semana interferido na sucessão dos desprendimentos. Aconteceram saídas astrais em todos os dias da semana, em certos períodos mais em determinados dias, mas não houve nenhuma repetição prolongada por muito tempo. Ocorreram mais projeções nas quartas e menos nas segundas em todo o período.

As seqüências das projeções escolhidas foram diárias, muito raramente, em dias alternados algumas vezes. Pela periodicidade aquilata-se a intensidade das tarefas extrafísicas. As projeções relatadas atingiram a incidência média de uma a cada três dias, durante o período de 163 dias, ou menos de 6 meses. Domingos e feriados não pesaram nos dias da seleção feita. Um fator que se pode assinalar como de influência consistente nos horários foi a ocupação do tempo de trabalho pessoal do projetor, o que representa o óbvio.

As projeções consecutivas aconteceram em diversos dias da semana sem nada de especial. Em certos meses, deixaram de ocorrer projeções em determinados dias, o que também variou mês a mês, ou seja, segundas, sextas e sábados, em agosto; segundas e sábados, em setembro; segundas, terças e sextas, em outubro; domingos e terças, em novembro; o que nada estabelece de especial. Projeções que se deram uma de madrugada e outra à noite, no início e no fim das 24 horas do mesmo dia: 25 de julho, Cap. 6 e 7; 19 de dezembro, Cap. 56 e 57.

Em certos períodos, as experiências diárias permitem intensa freqüência nos desprendimentos. Basta ver que as projeções de 9 capítulos, 2 a 10, ocorreram em apenas 12 dias consecutivos de julho; as de 10 outros capítulos, 48 a 57, em somente 13 dias seguidos de dezembro.

A maioria das projeções aconteceu dentro dos horários da angústia humana, entre as 7 e 10 horas da noite, o que era de se esperar tendo em vista as características assistenciais dos serviços dos Amparadores.

As fases da Lua não apresentaram nenhum padrão particular de observação. Isso atesta que as chamadas influências dos astros não atuam nas projeções.

O físico geralmente não se move durante a saída do psicossoma. Todas as vezes a consciência encontrou a mesma posição deixada antes da decolagem, em períodos médios de uma hora de ausência.

Quanto à posição do projetor no leito, houve o predomínio absoluto do decúbito dorsal, a melhor de todas. Não vi nenhum, significado na posição da cabeça na direção do norte geográfico.

A temperatura ambiente entre 20 e 25 graus centígrados estabeleceu a média dos dias das experiências entre julho e dezembro. Esclareço que a vida sexual do projetor transcorreu em perfeita harmonia com as projeções e numa coexistência pacífica natural com as atividades dos Amparadores.

Sucederam vários tipos de projeções durante o período: projeções prolongadas, 6, 7, 24, 36, 38 e 51; curtas, 30, 32, 35, 54 e 56; consecutivas, 3, 25, 27, 30, 32, 39, 41, 50 e 59; prévias, ou de preparo do projetor para outras projeções, 38, 39 e 41; parciais, 23, 32, 50 e 56; autoprojeções, ou desprendimentos induzidos voluntariamente pelo projetor, 23, 30, 31, 45 e 50; projeções nascidas da visão ampliada do psicossoma, 8 e 31; dentro do raio de 4 metros de distância do físico, sob a influência intensiva do cordão de prata, 20, 32 e 35; recorrência de local, 31: comandadas por inteligências extrafísicas, 32, 41 e 47; projeções-desobsessões, 15, 27 e 44; projeção diurna, ou na claridade do dia, 42; noturnas, a maioria das experiências descritas.

Foram realizadas ainda três projeções em corpo mental, capítulos 19, 56 e 60.

Na análise geral das projeções, observa-se que existem planos, esferas ou distritos extrafísicos de naturezas diversas, conforme a densidade vibratória do ambiente e das condições dos corpos espirituais de quem vive ali. Existem os locais extrafísicos interpenetrantes com a crosta terrestre (Cap. 20), as colônias onde não se pode voitar com facilidade (Cap. 12, 51), as áreas terrestres de volitação desimpedida (Cap. 17, 21, e outros), os planos sem forma e tempo (Cap. 60).

As formas do psicossoma variam conforme o grau de equilíbrio da mente e a força de vontade (Cap. 1, 3, 20, 22, 29, 30, 51, 60, além de outros). A comunicação mente a mente se faz livremente, sem problemas (Cap. 3, 9, 18, e outros), e com problemas de entendimento (Cap. 24). Por aí se vê que há espíritos em piores condições como desencarnados do que se estivessem encarnados, o que valoriza sobremodo o estágio da encarnação. Bem como existem atmosferas que extrapolam as possibilidades de entendimento de nossa mente finita quando encerrada no cérebro físico.

Todas essas observações conduzem a uma conclusão geral: o ego é o pensamento. Do pensamento nasce a decisão, a atuação e o transporte do espírito. O controle do pensamento constitui o auto-controle. Por isso, há espíritos desencarnados e encarnados projetados que são e não são luminosos; que respiram e não respiram; que articulam e não articulam a fala; que sofrem e não sofrem influência do tempo, da gravitação, da forma, do espaço, dos hábitos, dos instintos, e dos reflexos condicionados, de acordo com o grau de lucidez íntima na graduação vibratória que os colocam mais densos ou mais

rarefeitos, na posição de animais crosta-a-crosta (o homem é um animal) ou de consciências cósmicas a caminho do Infinito.

60 - O ESPÍRITO PURO

25 de janeiro de 1979 (°), quinta-feira, zero hora e 20 minutos, segundo sono. Quarto do apartamento em Ipanema, Rio de Janeiro. Recolhi-me ao leito, deitei-me do lado esquerdo, aparentemente como qualquer outra noite, com algum cansaço físico, às 23,15. Não aconteceram exercícios de exteriorização de energias e nem retive rememoração da decolagem.

A consciência nasceu-me fora do físico num distrito espiritual evoluído, no esplendor de beleza transcendendo os locais costumeiros nas imediações da Crosta Terrestre. Minhas percepções detectavam apenas luzes e cores vivas não circunscritas por formas definidas. Nenhum sinal de habitação, completa ausência de edificações. Tinha a sensação apenas da mente. Não sentia a forma do psicossoma. Estava invisível até para mim mesmo.

Mais leve que o normal fora do corpo denso, a atitude interior de confiança com pensamentos de superioridade moral, fazia o meu íntimo aspirar energias de inequívoca sublimação, num contentamento indefinível e tranqüilo.

Não havia formas nem fisionomias humanas, apenas centros de irradiação de energia constituindo personalidades conhecidas entre as quais algumas marcantes pelo que realizaram como os médiuns Fernando de Lacerda, Aura Celeste e Eusápia Paladino. E todos convertidos em pura luz. Não possuíam nomes, nem os identificava pelos formatos, mas os conhecia e estava unido a eles por uma experiência em comum.

Surgiu-me a certeza de estar numa assembléia, embora sem forma ou aparência, apenas focos mentais incorpóreos, massas de energia na atmosfera nirvânica, impossíveis de imaginar na elevação mental, inabordáveis a descrições terrestres, indefiníveis nos termos conhecidos.

Estariam minhas percepções imperfeitas perturbadas pelo meio-ambiente perfeito? Como falar o infalável, descrever o indescritível, além da prosa, da poesia, dos jogos de palavras convencionais? Como achar o idioma das origens, o denominador comum, o nível universal para situar-me na assembléia sem forma, entender a falange não antropomórfica e penetrar os mistérios inexcedíveis?

Julgo que vibravam naquele plano ou esfera somente os corpos mentais das inteligências. Uma constatação sobressaía: o meu conhecimento exato de quem era cada qual naquele lugar que não existe no tempo, mas existirá na eternidade. Ali, num lugar inexistente, não existia nada, mas estava existindo tudo. No entanto, as idéias me assomavam palpáveis, as certezas indiscutíveis, as emoções serenas indescritíveis, o bem estar nunca sentido, sonhado ou dimensionado.

5 Relato retirado da cronologia do diário das projeções para compor o capítulo final.

Era patente para mim que uma Entidade Maior se manifestaria através de todos que ali serviam de médiuns. E foi o que aconteceu suavemente.

A presença dos eflúvios dessa personalidade intangível, dotada de atributos ignotos, projetou-me a consciência às culminâncias do sentimento, dando impacto profundo de entendimento substituindo as estruturas de todas as emoções.

Sem abalo nem euforia, a paz estrutural definitiva falava que aquela realidade constituía o maior acontecimento da encarnação. Tudo valeu e todo sacrifício valerá só para viver "aquilo", vindo de alguém que chegou a um ápice supremo de existência espiritual.

Como dizer? De que modo dar idéia? Como descrever? "Quem" descrever? Experimento, mais do que nunca, o pauperismo das palavras e expressões. Gota d'água feliz dentro do sol, explosão galáctica de paz, avalanche cósmica sem encosta para despençar, universo sem fim para expandir, os motos vorticosos desconhecidos do infinito, a torrente oceânica na gota de mar? Tudo apenas palavras. Na verdade é impossível descrever-se algo que não tenha padrão de referência anterior estocado no banco de memória, ou concepções estranhas ao entendimento da consciência física. E não se pode estabelecer fronteiras para o infinito.

Fatos e não palavras. Uma certeza: era um espírito puro. Centro consciente de irradiação energética vibrante, livre de matéria, forma e espaço, e do ciclo de reencarnações na Crosta, que não enverga mais o psicossoma no conceito comum. E todo espírito puro há de ser semelhante na posição de multigênio da evolução, num estágio inconcebível neste planeta, em condições inapreciáveis ao cérebro humano, com sentimentos universalistas inacessíveis às nossas percepções, tradições e condicionamentos?

Que nome? Por que nome? Quem? De onde? Não importa a etiqueta. Que forma? Há forma? Como entender? Que o contemporâneo de evolução ofereça-lhe o nome que escolher. Raio de Luz Fotônico, Ponto Inexistente, Anti-energia, Pré-Deus? Eis o simples complexíssimo.

Um orgasmo-nirvânico-sub-intrante-permanente atirava os princípios espirituais na paz do turbilhão das nebulosas. Cada qual parecia ter a potência de fecundar larga porção do Universo, sendo o centro-e-a-periferia-a-parte-e-o-todo. Um criador em função. Cada personalidade ali presente, encarnados e desencarnados, detinha a impressão de receber individualmente a manifestação exclusiva do espírito puro, vivendo o momentum indescritível e emudecedor.

A eloqüência sem palavras do discurso que aparentemente não houve, ouvida na voz do silêncio do íntimo, surgiu-me tão fugaz e perdura sempre. O influxo provinha de uma inteligência invisível, impessoal, super-humana, com uma sabedoria serena, sem nenhum emocionalismo.

A mensagem enfatizava o aproveitamento da experiência dos encarnados amadurecidos, adquirida na vida humana, no amparo aos encarnados jovens, a fim de evitar o desperdício da formação intelectual multiface dos idosos, tendo em vista o aumento crescente e predominante da humanidade moça nesse atual período terrestre.

Ocorreu um fenômeno de expansão intelectual, numa ampliação omnidirecional, surgindo uma certeza erudita, tranqüilizadora, supra-física, supra-racional, nessa esfera de conscientização. Não

escutei nada, nem aconteceu transmissão de pensamento comum. Sucedeu a projeção em bloco das idéias fundamentais, de uma só vez. Todos sentiram e compreenderam tudo, até às últimas conseqüências, num átimo. Alguém esteve lá, ninguém viu, mas todos notaram. Transmitiu a mensagem, ninguém ouviu, mas todos entenderam.

Após o retorno ao físico, emergiram do meu íntimo apenas os soluços da compreensão e as lágrimas da intraduzível euforia de quem deseja fazer o mundo feliz, inundando a Terra, se possível for, com a melodia desses soluços e a doçura dessas lágrimas.

Embora minhas experiências anteriores nos campos da psicografia, psicofonia, vidência, precognição, efeitos físicos e até mesmo centenas e centenas de outras projeções conscientes de muitas naturezas, "trailers" reais da vida espiritual próxima, nada existiu antes nesta encarnação para comparar com o deslumbramento da "visão-sem-enxergar" e da "emoção-da paz-estrutural", "vista" e "sentida" nesse desprendimento de consciência plena após o despertar. Hoje, a minha atual existência divide-se em dois períodos distintos: antes e depois da visão do espírito puro. Foi o divisor de águas, o marco incomparável, o momento da grande paz.

O relógio marcava zero hora e 42 minutos. Como estabelecer parâmetros à duração dessa assembléia? A passagem do tempo nada tem a ver com a experiência: o tempo deixara de existir. Em 22 minutos de sono, aconteceu o milênio de realidade. Na cronologia humana foram alguns momentos, na mente valeram séculos. Foi o segundo milênio. A percepção consciente do projetor, numa curiosa distorção da dimensão espaço-tempo, passara do nível temporal e espacial para o nível cósmico, num grau ilimitado fora de todas as restrições materiais e entaves corporais.

Tudo me aconteceu com naturalidade de nascer do sol, vida familiar, regato correndo, capim verde esvoaçando à brisa, chilrear de passarinhos, mansidão bucólica, mar tranqüilo, nuvens no azul, mas tudo foi transcendente. O fato impregnou-me a mente com a certeza das verdades básicas tornando-as "imanescentes" ao ser.

O meu desejo de ficar lá suplantava todos os outros anseios e aspirações, mas um comando irresistível ordenava voltar e continuar. Nasceu-me a vontade de deixar o físico e seus liames para aquela dimensão-pacífica-turbilhohantè-gloriosa-desconhecida-conhecida-indescritível. A coerência, contudo, jamais me permitiria relaxar o entusiasmo de agir com dignidade até o fim do veículo celular. E as obrigações maiores me ordenaram continuar com a felicidade profunda da certeza do futuro próximo, futuro-presente, ou presente-já-futuro, dentro da relativa ilusão do tempo terráqueo, sabendo que no amanhã, na dependência do esforço próprio, aquela realidade será conquista para ser usufruída permanentemente.

Após a visão, sentia-me o super-homem, mas um super-homem sem violência, sem incertezas, sem vontade de parlamentar, apenas pensando-falando-fazendo-o-possível-para-o-bem-de-todos-e-tudo, com um otimismo-certeza-absoluta, uma euforia-doce-contida, uma convicção-indignação-comigo-próprio. Sem nenhuma amargura quanto ao passado-presente-futuro-pessoas-animais-plantas-fatos-coisas-circunstâncias. De vigília comigo, em paz com tudo, apareceu outro acréscimo de responsabilidade no

cumprimento de um trato. Quando, em qual reencarnação, intervalo reencarnatório ou paragem futura, ocorrerá outra visita igual e outra visão idêntica, no presente estágio de desenvolvimento? Tudo dependerá do esforço próprio e assim será sempre, para todos.

Antes da visão, a natureza, a Astronomia, a Astronáutica, os chamados discos voadores, a ficção científica, a Física, a música erudita e a fantasia imaginativa dos grandes artistas de todos os tempos eram para mim as demonstrações máximas do campo avançado das realidades futuras da evolução do espírito. Agora, com toda admiração e respeito, surgem muito caricatas ainda. Ante o futuro sem o tempo e a forma conhecidos, tudo isso desaparece qual cenário que se desmorona. Mais do que nunca há razão para a existência da Filosofia e da Poesia como os únicos ramos do pensamento da mente corporificada na Terra que se libertam mais da deficiência humana transitória na ânsia de se expandirem para mais próximo da realidade permanente. Nunca surgira tão profunda, dentro de mim, a importância da Revelação sobre os estudos racionais.

Os catorze bilhões de células do cérebro permitem apenas uma filtragem infinitesimal da realidade do espírito puro, por mais se use a elaboração mental, a memória, a imaginação, o juízo crítico, a comparação, os milhões de zonas corticais existentes, cada qual servindo a uma função definida, e os outros milhões de conexões, agrupamentos, interações e interdependências. Será possível a experiência ou a visão amíuade de ocorrência espiritual dessa natureza? Os mecanismos biológicos do homem dispõem de recursos capazes de resistir aos impactos dessa "paz" ou desse "bem estar"? Os videntes, através dos séculos da História Humana, usaram inconscientemente o misticismo e os rituais quais muletas íntimas ou fugas emocionais das realidades que entreviram ou tiveram intuição permanente para suportar melhor o próprio corpo físico daí em diante. Mas esse expediente não é o ideal. Não apareceu nenhum traço de misticismo na manifestação do espírito puro.

Julgo compreender um pouco melhor, agora, a visão panorâmica retrospectiva de toda uma existência, recapitulação de lembranças vistas em bloco, ao mesmo tempo, nos relatos dos desencarnados, dos doentes terminais e dos fronteirizos à passagem da morte. Ocorre, nesses casos, a projeção fora do tempo e do espaço dentro do centro mnemônico ou banco de memória integral da personalidade, sem interferências externas, ao modo de grande computador que visse, num átimo, a própria biografia com todos os dados que traz programados.

A mente livre reúne o passado, o presente e o futuro numa só realidade. O desprendimento da personalidade desencadeia fora do físico a mais ampla alteração do estado de consciência do encarnado que, por vezes, influi no campo biogravitacional e atua até sobre a curvatura do espaço com o pensamento deslocando-se mais rápido que a luz.

O êxtase espiritual, tão comentado há séculos, parece pálido para exprimir a realidade da visão do espírito puro. Há expansões de emoções e repercussões de idéias que superam o êxtase, a iluminação, a superconsciência temporária e sem forma, o profundo "samadhi" ou consciência cósmica. Tem-se a prova de que o espírito domina a matéria e suas aparentes leis imutáveis, além de todo espaço, tempo, sentimentos, pensamentos, expectativas ou compulsões de mudanças.

O corpo físico, a aura, o cordão de prata, o psicossoma e suas transformações, as expansões da consciência, bem como o corpo mental ou a consciência que age isoladamente, são fatos inegáveis para mim que já os experimentei. Baseado nisso, acho que o corpo mental é a condição permanente do espírito puro.

A ocorrência demonstrou também um fato curioso: os espíritos, encarnados e desencarnados, apenas com o corpo mental, podem funcionar como médiuns no plano extrafísico.

Imitando o astrônomo que consegue prever a existência de um corpo celeste desconhecido, através das leis da gravitação e das disposições das órbitas dos astros, podemos aplicar o princípio da analogia nos estudos extrafísicos. Em Biologia Geral encontramos o fato da "homologia" que o dicionário registra como sendo a "semelhança de estrutura e de origem, em partes de organismos taxionomicamente diferentes". Sabemos, com certeza, de que entre um corpo físico, o da mãe, e outro corpo físico, o do filho, existe uma primeira ligação constante, física, que é o cordão umbilical. Igualmente, não ignoramos que entre os corpos físico e espiritual existe uma segunda ligação constante, semi-física ou semi-espiritual, palpável, que sob certo aspecto, tem volume e ocupa espaço, que é o cordão de prata. Será que, por homologia, existe uma terceira ligação constante, etérea, ou cordão quintessenciado, de outra natureza, entre o corpo espiritual e o corpo mental? Onde? Como? De que natureza?

Deixo aqui esta hipótese de trabalho aos projetores e pesquisadores do futuro. Se a suposição for correta, vem explicar claramente que a encarnação ocorre com o corte do cordão umbilical; a desencarnação com o seccionamento do cordão de prata; e o surgimento do espírito puro, no ato de desvestir o perispírito, psicossoma ou corpo espiritual, acontece com a "ruptura" do cordão quintessenciado, deixando-o de corpo mental apenas.

Igualmente, pode-se dar o nome de corpo mental à consciência agindo isoladamente e de modo temporário; e a denominação de corpo causal à consciência agindo isoladamente e de modo permanente, ou à condição daquele que chamamos de espírito puro.

Por aí se vê que os "renascimentos" do Espírito são múltiplos e variados. Mas isso constitui apenas uma questão secundária de palavras ou denominações para a melhoria do entendimento.

A visão faz a voragem do pensamento dar mais idéia da profundidade do passado e do infinito do futuro, alcançando, revolvendo e interagindo em todas as direções. Desaparecem as incoerências, as contradições, os paradoxos. Surgem elaborações retilíneas de pensamentos em todos os campos. O impossível torna-se realidade. Identifica-se, mais do que nunca, as taras da córtex instintiva e as suas influências sobre os atos racionais, compreendendo-se a causa do surgimento da doutrina da não-violência e das chamadas ocorrências sobre-humanas de todos os tempos. A noção aproximada da realidade do espírito puro, vivendo num momentum optimum continuum, talvez seja mais importante que a idéia exata da energia e do buraco negro.

Sem dúvida, visões iguais a essa lançaram os alicerces em que se erigiram todas as crenças religiosas através dos milênios.

A visão viva trouxe possibilidades de atingir várias conclusões, pensando alto. Todos os seres inteligentes próximos, no futuro oportuno, viverão sem forma e sem a influência do tempo, num mundo mental.

Sendo assim, não haverá sexo, o maior esporte humano, mas para que, se viverão num estado orgásmico permanente? Não haverá comida, mas para que, se não existirá nem estômago nem fome? Não haverá apêndices locomotores, mas para que, se a consciência pode se manifestar aonde deseja? Livre da escravidão do corpo, organismo pelo qual o encarnado passa cuidando a maior parte da vida humana, irá viver sem a necessidade do sono, sentir-se eufórico numa vigília contínua, concientizar-se além dos dias e das noites. Esta será a existência de todos que viverão, sem exceção, com os pensamentos, enfrentando as conseqüências dos atos, às claras, num processo impossível de fugir, ocultar ou disfarçar. Será a vida total, sem simulações, convencionalismos e hipocrisias. Estarão todos despojados das aparências, rótulos e quaisquer excrescências da matéria.

E, mais tarde, libertar-se-ão, igualmente, do psicossoma para existir sem forma e sem a influência do tempo, num processo agora, na condição de homens, decididamente impossível de conceber até como utopia. Só mesmo através da projeção consciente.

Não usando nenhum dos padrões de medidas, unidades de peso, distâncias e avaliações conhecidas na problemática humana, a realidade entrevista do espírito puro é mais autêntica e inesquecível do que tudo o mais tido como real numa vida inteira.

Doenças, desarmonias físicas, fracassos, carências, egoísmo e temores foram minimizados a uma existência microscópica por outra verdade imensa que sobrepara. Não há razão de ser, nem valem a pena o radicalismo, a intransigência, a ortodoxia, os excessos. Por que as situações conflitantes, os choques por razões mínimas as insensatezes de um minuto, as vaidadizinhas, as obstinações negativas na vida humana passageira? Melhor a orientação política liberal, o otimismo perante a vida, a participação no esforço da comunidade, a independência perante a opinião pública, a mente aberta ante as renovações, a maturidade plena de coerência nas atitudes.

Como conciliar essa realidade candente e constante com as triviais atribulações? Como conviver com os hábitos diuturnos e as exigências do físico? A força da meditação cresce de importância, tudo deriva do pensamento. As maiores dores e percalços da existência humana de tão insignificantes desaparecem como ridículas, infantis, fantochicas à frente dessa paz pura e dessa felicidade gratuita. Tudo está sob controle onipresente e onisciente. Abaixo a lágrima, viva o sorriso. A poesia da dor caducou. Há bom humor até na espiritualidade. Além das reprises do Evangelho, há de se aprofundar as teses evolutivas universalistas. Imperioso preparar-se para a vida cósmica, na convivência com o Universo, renunciando ao bairrismo planetário. O desentendimento religioso perde a sua razão de ser em qualquer nível. A criatura não mais acredita, ela sabe. Não tem apenas a crença ou a fé, ela dispõe do conhecimento no rumo da consciência contínua.

OBRAS PSICOGRAFADAS PELO AUTOR

- Almas em Desfile* (Parceria com F. C. Xavier) — Hilário Silva — FEB— 3.^a edição.
- Antologia dos Imortais* (Parceria com F. C. Xavier) — Diversos — FEB.
- A Vida Escreve* (Parceria com F. C. Xavier) — Hilário Silva — FEB — 3.^a edição.
- Bem-Aventurados os Simples* — Valérium — FEB — 3.³ edição. *Conduta Espírita* — André Luiz — FEB — 6.^a edição. *Cristo Espera Por Ti* — Balzac — CEC.
- De Coração Para Coração* — Maria Celeste — FEB — 2.^a edição.
- Desobsessão* (Parceria com F. C. Xavier) — André Luiz — 3.^a edição.
- Entre Irmãos de Outras Terras* (Parceria com F. C. Xavier) — Diversos — FEB — 3.^a edição.
- Espírito da Verdade, O* (Parceria com F. C. Xavier) — Diversos — FEB — 3.^a edição.
- Espírito de Cornélio Pires, O* (Parceria com F. C. Xavier) — FEB — 2.^a edição.
- Estude e Viva* (Parceria com F. C. Xavier) — Emmanuel e André Luiz— FEB — 3.^a edição.
- Evolução em Dois Mundos* (Parceria com F. C. Xavier) — André Luiz — FEB — 5.^a edição.
- Ideal Espírita* (Parceria com F. C. Xavier) — Diversos — CEC — 7.^a edição.
- Juca Lambisca* (Parceria com F. C. Xavier) — Diversos — Casemiro Cunha — FEB.
- Leis de Amor* (Parceria com F. C. Xavier) — Emmanuel — FEESP — 9.^a edição.
- Mecanismos da Mediunidade* (Parceria com F. C. Xavier) — André Luiz — FEB — 4.^a edição.
- Opinião Espírita* (Parceria com F. C. Xavier) — Emmanuel e André Luiz — CEC — 4.^a edição.
- Seareiros de Volta* — Diversos — FEB — 3.^a edição.
- Sexo e Destino* (Parceria com F. C. Xavier) — André Luiz — FEB — 6.^a edição.
- Sol nas Almas* — André Luiz — CEC — 3.^a edição.
- Sonetos de Vida e Luz* — Diversos — CEC.
- Técnica de Viver* — Kelvin Van Dine — CEC — 3.^a edição.
- Timbolão* (Parceria com F. C. Xavier) — Casemiro Cunha — FEB.
- Trovadores do Além* (Parceria com F. C. Xavier) — Diversos — FEB — 2.^a edição.

OUTRAS

- Conducta Espírita - André Luiz - 18 de Abril - Argentina. Desobsesión* (Parceria com F. C. Xavier) — Clínica Allan Kardec — Argentina.
- World of the Spirit, The* (Parceria com F. C. Xavier) — Philosophical Library — U. S. A.

ANÁLISES-CRÍTICAS

Análises-críticas, transcrições, referências, sugestões e notícias publicadas na imprensa sobre a primeira edição deste livro:

1. Andrade, Hernani Guimarães; Seção "Estante Espírita"; Ilustração; Folha Espírita; Jornal; Mensário. S. Paulo, SP; Ano VIII; N.º 89; pág. 06; Agosto de 1981.

2. *Carvalho, Antônio César Perri de; Seção "Livros Novos"; O Clarim; Jornal; Mensário; Matão, SP; Ano LXXVI; N.º 11; pág. 07; 15 de junho de 1981.*
3. *Carvalho, Helena M. C; "Projeções da Consciência — I"; Alavanca; Jornal; Mensário; Campinas, SP; Ano 26; N.º 270; pág. 07; Setembro de 1981.*
4. *Carvalho, Helena M. C; Seção "Espiritismo"; Diário do Grande ABC; Jornal; S. André, SP; Caderno A; pág. 13; 12 de julho de 1981*
5. *Carvalho, Helena M. C; Seção "Espiritismo"; Diário do Grande ABC: Jornal; S. André, SP; Caderno A; pág. 13; 12 de julho de 1981.*
6. *Espiritismo e Ciência; Revista Bimestral; Juiz de Fora, MG; Redação; "A Mais Terrível das Armas"; Ilustração; N.º 04; 23 cm.; pág. 04; Outubro de 1981.*
7. *Espiritismo e Ciência; Revista Bimestral; Juiz de Fora, MG; Redação; "Projeções da Consciência"; N.º 04, 23 cm.; pág. 23; Outubro de 1981.*
8. *Imbassahy, Carlos de Brito; "Projeções da Consciência"; Ilustração; RIE — Revista Internacional de Espiritismo; Mensário; Matão, SP; Ano LVI; N.º 07; 26,5 cm.; pág. 195, 196; Agosto de 1981.*
9. *Informação; Revista; Mensário; S. Paulo, SP; Redação; Seção "Ciência"; Ano V; N.º 53; 23,5 cm.; pág. 13-16; Abril de 1981.*
10. *Luz, A; Jornal; Mensário; Maceió, AL; Redação; "Projeções da Consciência": 4.ª Fase; N.º 39; pág. 04; Julho de 1981.*
11. *Martins, Celso; "Ocorrências no Mundo Espiritual"; Desobsessão; Jornal; Mensário; Porto Alegre, RS; Ano XXXIII; N.º 403; pág. 07; Setembro de 1981.*
12. *Mundo Espírita; Jornal; Mensário; Curitiba, PR; Redação; Seção "Notícias Diversas — Novos Livros"; Ano XLVI; N.º 1.162; pág. 11; 30 de abril de 1981.*
13. *Paula, F. de; "Um Livro Fantástico"; Desobsessão; Jornal; Mensário; Porto Alegre, RS; Ano XXXIII; N.º 400; pág. 02; Junho de 1981.*
14. *Planeta; Revista; Mensário; S. Paulo, SP; Redação; Seção "Livros"; Ilustração; N.º 106; 28 cm.; pág. 60; Julho de 1981.*
15. *Ranieri, Rafael A.; "A Volta de Waldo Vieira"; Ilustração; Jornal Espírita; Mensário; S. Paulo, SP; Ano VII; N.º 76; pág. 04; Outubro de 1981.*
16. *SEI — Serviço Espírita de Informações; Boletim Semanal; Rio de Janeiro, RJ; Redação; Seção "Livro é Notícia"; N.º 681; pág. 03; 18 de abril de 1981.*